



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Vitória Tassara Costa Silva

**Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal
entre Libras e português**

Florianópolis

2021

Vitória Tassara Costa Silva

**Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal
entre Libras e português**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução.

Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos da Tradução e da Interpretação

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues

**Coorientadora: Profa. Dra. Norma Barbosa de
Lima Fonseca**

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Vitória Tassara Costa
Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em
interpretação intermodal entre Libras e português / Vitória
Tassara Costa Silva ; orientador, Carlos Henrique
Rodrigues, coorientadora, Norma Barbosa de Lima Fonseca,
2021.
201 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Direcionalidade em
Interpretação. 3. Interpretação Simultânea Intermodal. 4.
Libras-português. 5. Perspectiva Empírico-Experimental. I.
Rodrigues, Carlos Henrique. II. Fonseca, Norma Barbosa de
Lima. III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

Vitória Tassara Costa Silva

**Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação
intermodal entre Libras e português**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof.^a. Dr.^a. Arlene Koglin
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof.^a. Dr.^a. Aline Lemos Pizzio
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução.

Prof.^a. Dr.^a. Andréia Guerini

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues
Orientador

Florianópolis, 02 de março de 2021.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à minha mãe, um alicerce fundamental em todas as facetas de minha vida, especialmente pelo apoio e amparo em todas as etapas do percurso acadêmico, me incentivando sempre a seguir meus sonhos e respeitar meus limites, sendo assim um pilar indispensável em todo o processo do mestrado.

Ao meu orientador, Dr. Carlos Rodrigues, por todos os momentos enriquecedores, desde aulas, orientações e risadas nos momentos tensos, pelo exemplo de tranquilidade, por sempre acreditar no meu potencial e por me incentivar a sempre buscar o melhor em mim.

À minha coorientadora, Dra. Norma Fonseca, por todas as videoconferências de orientação, por toda a preocupação comigo e por me inspirar a ser uma pesquisadora cada vez melhor.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Aos membros da banca de qualificação, Dra. Arlene Koglin e Dra. Neiva de Aquino Albres, pelos conselhos, elogios e sugestões.

Aos professores Dra. Aline Pizzio, Dra. Arlene Koglin e Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento por terem aceitado participar da banca de defesa de mestrado.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais, o InterTrads, pela parceria na pesquisa e nas apresentações de trabalhos em congressos.

Aos colegas do Grupo de Estudos GETRADTEC, pelos momentos de estudo e aprendizado on-line.

Aos professores da PGET, por todas as aulas ministradas e pelos ensinamentos.

Aos amigos que fiz na PGET, pela parceria nos momentos difíceis e pelas risadas de descontração.

À minha amiga e vizinha Luana Sbeghen, que foi essencial para meu processo de mudança para Florianópolis e se tornou uma das melhores amigas que uma pessoa pode ter.

Ao Eduardo Majer e à Fabiana Holz, por toda a inspiração de uma vida com mais leveza.

Ao Álvaro de Farias, por todo o auxílio matemático, e por nossa amizade há mais de 13 anos, trazida à tona novamente pela vida acadêmica.

Ao Gabriel Gouveia e ao André Bueno por dividirem os momentos de ansiedade, e pelas conversas de madrugada em noites de insônia.

À Franciele da Silva, minha professora de Pilates que foi essencial nos momentos finais da escrita, me ajudando a aliviar o estresse e a tensão.

Aos meus amigos surdos de Pelotas e de Florianópolis, que sempre me receberam muito bem e me incentivam todo dia a ser uma versão melhor de mim mesma.

E a todos e todas que contribuíram de alguma forma, direta ou indiretamente, com esses dois anos e meio de pesquisa: o meu muito obrigada!

RESUMO

Considerando a perspectiva empírico-experimental nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), nesta pesquisa propomos uma discussão teórico-metodológica a partir da realização de um estudo piloto em ambiente experimental de duas tarefas de interpretação simultânea (IS) de duas fábulas no par linguístico Libras-português, na direção inversa (PT→Libras) e direta (Libras→PT), realizada por um tradutor e intérprete de Libras-português (TILSP) profissional. Realizamos a gravação das tarefas, assim como a aplicação de protocolos verbais retrospectivos livres e a realização de uma entrevista semiestruturada. Desenvolvemos nossa discussão a partir do estudo piloto e analisamos a influência da direcionalidade (PAVLOVIĆ, 2009; NICODEMUS; EMMOREY, 2013) no processo de IS intermodal, baseando-nos em alguns elementos: (a) os indicadores de esforço cognitivo nesse tipo de tarefa (SIPLE, 1993; CHACON; SHULZ, 2000; DRAGSTED, 2004; JENSEN, 2001); (b) os efeitos de modalidade na interpretação simultânea intermodal (RODRIGUES, 2013; 2018); (c) as estratégias interpretativas intermodais (LEESON, 2005; GILE, 2009; LI, 2013; BARBOSA, 2020); e (d) a Competência Tradutória Intermodal (CTi) de tradutores/intérpretes de línguas de sinais (PACTE, 2003; 2017; RODRIGUES, 2018). Além disso, a partir da aplicação de um questionário on-line aos TILS brasileiros levantamos alguns dados sobre o perfil linguístico, acadêmico e formativo dos respondentes. Obtivemos alguns dados sobre a percepção dos respondentes sobre qual direção interpretativa oferece maior dificuldade e qual a preferência deles na interpretação: direta ou inversa. Observou-se que a maioria dos respondentes (46,3%) afirma preferir a direção inversa (sinalização) para interpretar e que 52,1% afirmam ter mais dificuldade na direção direta (vocalização). Esses resultados, ao serem cruzados com o participante do estudo piloto, não necessariamente vão de encontro ao que nossas análises demonstram, visto que dado o perfil de nosso participante e seus relatos sobre as tarefas interpretativas, ele afirma ter tido mais dificuldade na direção PT→Libras, devido ao tema da narrativa e à necessidade de utilizar classificadores para animais. Entretanto, descobrimos que as pausas na direção direta corresponderam à 6,1% da tarefa total, ao passo que apenas 1,5% da interpretação inversa se constituiu de pausas indicando, inicialmente, menos problemas de tradução nesta direção. Também descobrimos que as pausas na IS intermodal são principalmente motivadas pelo monitoramento do texto-fonte (TF) e não apenas como indicador de acesso a bloco reflexivo; o que mostra a necessidade do estabelecimento de critérios específicos para medição de esforço cognitivo em interpretação intermodal. Analisamos o uso de estratégias interpretativas, que foi diferente em cada direção: houve grande uso de omissões na direção direta e mais paráfrases na direção inversa. Descobrimos que um dos efeitos de modalidade da direção Libras→PT é a linearização de informações e da direção PT→Libras é a construção imagética no espaço de sinalização; o que está intimamente ligado com a construção de uma habilidade corporal-cinestésica do intérprete que trabalha entre modalidades, convergindo para a manifestação da CTi. Esperamos que as discussões metodológicas sobre o desenho experimental e sobre os componentes analisados aqui se constituam como uma contribuição para o campo disciplinar dos ETILS.

Palavras-Chave: Interpretação Simultânea Intermodal. Libras-português. Direcionalidade. Perspectiva Empírico-Experimental.

ABSTRACT

Considering the empirical-experimental perspective within the Sign Language Translation and Interpreting Studies (SLTIS), on this research we propose a theoretical-methodological discussion based on a pilot study conducted on experimental environment of a simultaneous interpreting (SI) task of two fables, on the inverse direction (PT→Libras) and direct (Libras→PT), performed by a professional Brazilian sign language (Libras)/ Portuguese translator and interpreter (TILSP). Video recordings of the interpreting tasks, interviews and retrospective think-aloud protocols were used. We developed our discussion based on the pilot study and analyzed the directionality influence (PAVLOVIĆ, 2009; NICODEMUS; EMMOREY, 2013) on the intermodal SI process. For this, we established the following elements: (a) cognitive effort indicators on this type of tasks (SIPLE, 1993; CHACON; SHULZ, 2000; DRAGSTED, 2004; JENSEN, 2001); (b) modality effects on the intermodal SI process (RODRIGUES, 2013; 2018); (c) intermodal interpreting strategies (LEESON, 2005; GILE, 2009; LI, 2013; BARBOSA, 2020) and (d) the Intermodal Translation Competence (iTC) of sign language translators and interpreters (PACTE, 2003; 2017; RODRIGUES, 2018). Furthermore, based on the application of an online questionnaire to Brazilian Sign Language Interpreters, we collected some data about the respondents' linguistic, academic, and formative profile. We obtained the respondent's perception of which interpretative direction (inverse or direct) offers more difficulty: most of the respondent's (46,3%) prefer the inverse direction (signing) and 52,1% state that they have more difficulty on the direct direction (vocalization). When crossing these results with the data from the pilot study participant, the data do not show the same tendency, given our participant profile and his perceptions about the interpreting tasks, he states having had more difficulty on PT→Libras direction, given the theme of the narrative and the need to use animals' classifiers on Libras. However, we have found that pausing on the direct direction corresponded to 6,1% of the task, whereas 1,5% of the inverse interpreting corresponded to pauses, initially indicating less translation problems on this direction. However, we have discovered that pausing on intermodal SI is also motivated by the monitoring of the source-text (ST), and not only as an indicator of access to a reflexive block; highlighting the need to establish specific criteria to measure cognitive effort on intermodal interpreting. We have analyzed the use of interpreting strategies, which was different on each direction: we found a great number of omissions on the direct direction and more paraphrases on the inverse direction. We have also discovered that one of the modality effects in Libras→PT is the linearization of information and in PT→Libras, the imagetic construction on the signing space, which is directly connected to the construction of a body-visual ability, required from the interpreter that works across modalities, converging to the iTC manifestation. We expect that the methodological discussions concerning the experimental design and the analyzed elements may contribute to SLTIS disciplinary field.

Keywords: Intermodal Simultaneous Interpreting. Brazilian Sign Language (Libras)-Portuguese. Directionality. Empirical Perspective.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Holmes.....	15
Figura 2 – Processos Intermodais.....	34
Figura 3 – Modelo holístico de CT do PACTE.....	62
Figura 4 – Capa dos livros usados como insumo para a produção do TF.....	71
Figura 5 – Disposição espacial da tarefa de interpretação simultânea.....	74
Figura 6 – Disposição espacial da coleta dos protocolos verbais retrospectivos livres..	78
Figura 7 – Lebre entregando lenço quadriculado para a raposa.....	150

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro comparativo entre línguas vocais e de sinais.....	31
Quadro 2 – Estratégias apresentadas por Leeson (2005)	52
Quadro 3 – Estratégias de interpretação propostas por Gile (2009)	52
Quadro 4 – Estratégias segundo Li (2013)	54
Quadro 5 – Perguntas da entrevista semiestruturada.....	79
Quadro 6 – Procedimentos realizados no estudo piloto.....	83
Quadro 7 – Esquema de análise.....	84
Quadro 8 – Categorização dos tipos de pausas.....	85
Quadro 9 – Categorias de análise dos efeitos de modalidade.....	88
Quadro 10 – Configuração da TD.....	116
Quadro 11 – Configuração da TI.....	117
Quadro 12 – Duração das pausas.....	119
Quadro 13 – Categorização dos tipos de pausas.....	120
Quadro 14 – Comparação de pausas na TD e na TI.....	128
Quadro 15 – Repetições na TI.....	137
Quadro 16 – Estratégias da TD.....	141
Quadro 17 – Estratégias da TI.....	144
Quadro 18 – Comparação do uso de estratégias em cada direção.....	146
Quadro 19 – Efeitos de modalidade na TD e na TI.....	153
Quadro 20 – Relação das subcompetências (PACTE, 2003; 2017) com a intermodalidade.....	161

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo biológico.....	94
Gráfico 2 – Faixa etária.....	96
Gráfico 3 – Residência na mesma cidade em que trabalha.....	98
Gráfico 4 – Categoria de atuação dos profissionais.....	99
Gráfico 5 – L1 e L2 dos respondentes.....	101
Gráfico 6 – Nível de escolaridade.....	101
Gráfico 7 – Tempo de atuação profissional.....	103
Gráfico 8 – Contextos de atuação.....	104
Gráfico 9 – Conforto em modalidades de interpretação.....	105
Gráfico 10 – Direção interpretada com mais frequência.....	107
Gráfico 11 – Preferência da direcionalidade ao interpretar.....	108
Gráfico 12 – Dificuldade e Direcionalidade.....	109
Gráfico 13 – Experiência em IS intermodal de textos narrativos.....	111
Gráfico 14 – Contextos da IS intermodal de narrativas.....	112
Gráfico 15 – Preparo para traduzir/interpretar gêneros textuais.....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das respostas do questionário por região.....	97
Tabela 2 – Pausas da TD (Libras→PT)	120
Tabela 3 – Duração das pausas na TD.....	121
Tabela 4 – Contexto discursivo da pausa 1 na TD.....	122
Tabela 5 – Contexto discursivo da pausa 2 na TD.....	122
Tabela 6 – Duração das pausas na TD.....	124
Tabela 7 – Pausas da TI (PT→Libras)	124
Tabela 8 – Duração das pausas na TI.....	125
Tabela 9 – Contexto discursivo das pausas 2, 3 e 4 da TI.....	126
Tabela 10 – Contexto discursivo da pausa 6 da TI.....	127
Tabela 11 – Duração das pausas na TI (PT→Libras)	127
Tabela 12 – Hesitações da TD.....	132

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASL – American Sign Language

AUSLAN – Língua de Sinais Australiana

CCE – Centro de Comunicação e Expressão

CL – Classificadores

CODA – Children of Deaf Adults

CT – Competência Tradutória

CTi – Competência Tradutória Intermodal

EI – Estudos da Interpretação

ELAN – EUDICO *Language Annotator*

ET – Estudos da Tradução

ETILS – Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais

IS – Interpretação Simultânea

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda língua

LS – Língua de Sinais

PACTE - *Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació*

PGET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

PosLetras – Programa de Pós-Graduação em Letras

PT – Português

SSL – Língua de Sinais Sueca

TA – Texto Alvo

TAPs – *Think-Aloud Protocols*

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TF – Texto Fonte

TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais

TILSP - Tradutor e Intérprete de Libras-português

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	25
2.1 Modalidade de língua.....	25
2.2 Intermodalidade e efeitos de modalidade	29
2.3 Direcionalidade em tradução e interpretação	36
2.4 Esforço cognitivo	40
2.5 Estratégias interpretativas	48
2.6 Competência tradutória (CT).....	60
2.6.1 Competência tradutória intermodal (CTi)	63
3 METODOLOGIA	67
3.1 Metodologia de coleta.....	67
3.1.1 Os participantes	68
3.1.2 O texto fonte	70
3.1.3 Descrição da tarefa.....	73
3.1.4 Os protocolos verbais retrospectivos livres	76
3.1.5 Entrevista semiestruturada	78
3.1.6 A transcrição dos dados	79
3.1.7 O estudo piloto	80
3.2 Metodologia de análise	84
3.2.1 Esforço cognitivo.....	85
3.2.2 Efeitos de modalidade	87
3.2.3 Estratégias interpretativas	88
3.2.4 Direcionalidade.....	89
3.2.5 Competência tradutória intermodal.....	90
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	93
4.1 Resultados do questionário: perfil linguístico, acadêmico e profissional	93
4.2 Estudo piloto – Tarefa direta (TD) e tarefa inversa (TI)	116
4.3 Esforço cognitivo na TD e na TI.....	118
4.3.1 Pausas na TD e na TI.....	118
4.3.2 Hesitações na TD	130
4.3.3 Repetições de sinais na TI.....	135
4.4 Estratégias na TD e na TI	141
4.5 Efeitos de modalidade na TD e na TI.....	150
4.6 Competência tradutória intermodal (CTi)	156
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	164

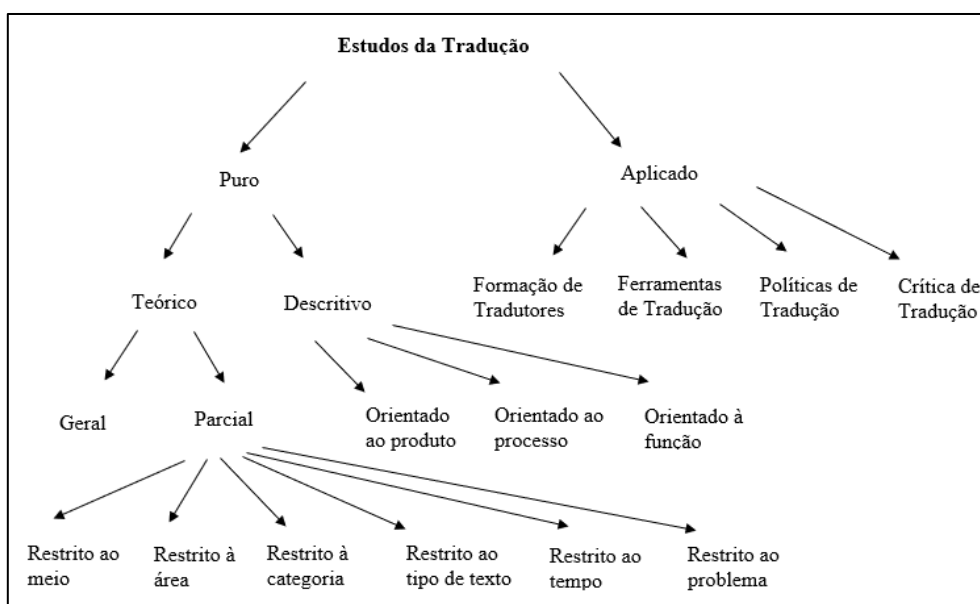
6 REFERÊNCIAS	170
APÊNDICE 1 – Instruções para o participante piloto	180
APÊNDICE 2 – Questionário de perfil linguístico, acadêmico e profissional	182
APÊNDICE 3 – TCLE do Estudo Piloto	188
APÊNDICE 4 – TCLE da produção do TF em Libras	192
APÊNDICE 5 – TCLE da produção do TF em português	195
APÊNDICE 6 – Transcrição do TF em Libras	199
APÊNDICE 7 – Transcrição do TF em português	201

1 INTRODUÇÃO

A consolidação dos Estudos da Tradução (ET) como campo disciplinar tem acontecido gradualmente e se deve à iniciativa de estudiosos que se dedicam a pesquisar o fenômeno da tradução. Como apresentado por Venuti (2002), o marco inicial de consolidação dos ET se deu com a publicação de *The Name and Nature of Translation Studies*, da autoria de James S. Holmes (1972/2000), e desde então pôde-se observar o constante crescimento, expansão e reconhecimento da área.

A partir da gradual consolidação da área, desenvolvem-se pesquisas nos ET com diversas abordagens e que exploram as muitas faces desse campo disciplinar, conforme o mapa proposto por Holmes (1988). E como se pode observar abaixo (Figura 1), na representação do Mapa de Holmes (1988), no âmbito dos ET há diversas possibilidades de objetos de pesquisa, como as ferramentas de tradução, e de diferentes procedimentos de estudo, como pesquisas orientadas ao produto ou ao processo, entre outras.

Figura 1: Mapa de Holmes



Fonte: HOLMES (1988 apud CHESTERMAN, 2014).

No âmbito dos ET, na segunda metade do século XX, gradualmente também se consolidam os Estudos da Interpretação (EI). Os EI se dedicam ao estudo do fenômeno interpretativo e de suas características nos diferentes contextos e modalidades em que a interpretação acontece. Desenvolvem-se, por exemplo, pesquisas sobre as implicações da modalidade das línguas do par linguístico da interpretação (interpretação intermodal e

intramodal); as modalidades de interpretação (simultânea, consecutiva, à prima vista e suas variações), os tipos de interpretação (de conferência, comunitária, midiática, entre outras) e assim por diante.

Franz Pöchhacker, um dos teóricos pioneiros nos EI, contribuiu fortemente com esse processo de consolidação ao estabelecer as especificidades da área. Pöchhacker afirma que “[...] os Estudos da Interpretação distinguem-se claramente por seu objeto de estudo específico, ou seja, a tradução humana em ‘tempo real’, que ocorre em um contexto comunicativo essencialmente compartilhado¹” (PÖCHHACKER, 2009, p. 128).

A definição de interpretação, também pode “corresponde[r] a uma forma de tradução oral humana realizada em um contexto comunicativo compartilhado com pouca ou nenhuma possibilidade de uso de apoio externo” (RODRIGUES, 2018, p. 120). Pöchhacker ainda afirma que uma das características principais desse processo é o tempo de oferecimento do texto fonte (TF) com relação ao *delivery* do texto alvo (TA). (PÖCHHACKER, 2004).

Diferentemente da interpretação, a tradução se configura como um processo que não é totalmente dependente do tempo do *delivery* do TA. Essa distinção se faz presente neste trabalho de forma essencial, pois discutiremos, principalmente, os processos interpretativos.

No âmbito dos ET e dos EI, surgem os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), que ainda estão em processo de consolidação, embora se perceba um crescente interesse por parte dos pesquisadores em investigar esse campo específico. No Brasil, podemos destacar a recente pesquisa de Santos (2018), que reúne estudos realizados no âmbito dos ETILS, assim como o fazem Pereira (2010), Santos (2013) e Rodrigues e Beer (2015). Santos (2018) afirma que:

os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (doravante ETILS) têm-se constituído como uma área fértil e em franca expansão e que pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas. Uma dessas perspectivas refere-se ao crescente número de pesquisas que circulam sobre tradução ou sobre interpretação de línguas de sinais nos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução em nosso país. Não é por acaso a proliferação dessas pesquisas no meio acadêmico, pois diversos fatores contribuíram para que o cenário atual fosse favorável à institucionalização dos ETILS. (SANTOS, 2018, p. 377).

¹ Nossa tradução de: “interpreting studies is clearly distinguished by its unique object of study, that is, ‘real-time’ human translation in an essentially shared communicative context”.

Como apontado pela autora, os ETILS são um campo disciplinar que surgem a partir da necessidade de delimitar as discussões específicas aos pares linguísticos que envolvam pelo menos uma língua de sinais. Visto que o campo está em processo de consolidação e que as pesquisas no âmbito dos ETILS ainda sejam incipientes, podemos perceber, conforme ressalta Rodrigues (2013), a necessidade de pesquisas empírico-experimentais inseridas nesse campo disciplinar:

comprova-se a necessidade e a importância de novos estudos capazes de esclarecer questões vinculadas ao processo interpretativo no par linguístico Português-Libras e de prover novos instrumentais metodológicos para a coleta, transcrição, padronização, informatização e análise de dados envolvendo a tradução e a interpretação em LS [línguas de sinais]. (RODRIGUES, 2013, p. 33).

Dentre as pesquisas que investigam a tradução e/ou interpretação de línguas de sinais usando uma abordagem empírico-experimental, no Brasil, podemos citar as pesquisas de Silvério et al. (2012), Rodrigues (2013), Lourenço (2015), Dos Santos (2019), Ferreira (2019), Martins (2019), Zampier (2019), Santos, J. (2020) e Santos, W. (2020). Esses estudos são essenciais para uma melhor compreensão dos processos tradutórios e interpretativos envolvendo línguas de sinais e, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento e para a consolidação dos ETILS.

Portanto, é necessário o desenvolvimento de pesquisas qualitativas e quantitativas na área, as quais possam se desdobrar em novas e aprofundadas discussões e reflexões sobre, por exemplo: (i) as implicações de se traduzir de/entre/para línguas de modalidade gestual-visual; (ii) a competência específica requerida dos tradutores e/ou intérpretes de línguas de sinais (i.e. a competência tradutória intermodal); (iii) os efeitos da direcionalidade na tradução/interpretação de pares linguísticos que envolvam línguas de diferentes modalidades; e (iv) a influência do percurso formativo dos tradutores/intérpretes de língua de sinais no desenvolvimento da competência tradutória intermodal (CTi). Esse fato é reiterado por Rodrigues (2018), ao afirmar que

de fato, fazem-se necessários estudos empíricos sobre o caráter da competência tradutória intermodal geral no intuito de melhor descrevê-la e, assim, poder contrastá-la às diferentes visões e modelos que se tem de competência tradutória e, com base nessa competência geral, derivar possíveis competências intermodais específicas. (RODRIGUES, 2018, p. 311).

Considerando-se esse fato, neste trabalho, propomos discutir sobre os aspectos operacionais e cognitivos do processo interpretativo simultâneo intermodal de narrativas

no par linguístico Libras²-português³ levando em consideração a direcionalidade do processo. Com isso, almejamos contribuir com as pesquisas no âmbito dos ETILS, além de trazer para o centro do palco a importância de realizar pesquisas empírico-experimentais na área.

Dito isso, a presente pesquisa visa contribuir para esse desenvolvimento e consolidação dos ETILS ao realizar uma investigação metodológica, empiricamente orientada, sobre o processo de interpretação simultânea (IS) intermodal de narrativas, no par Libras-português, nas direções direta (de L2 para L1 / da Língua B para Língua A, nesse caso, o processo de vocalização, da Libras para o português: Libras→PT) e inversa (de L1 para L2 / da Língua A para Língua B, nesse caso, o processo de sinalização, do português para a Libras: PT→Libras).

Para isso, nossa discussão será desenvolvida a partir de cinco pontos principais: (i) a direcionalidade na interpretação simultânea intermodal; (ii) os indicadores de esforço cognitivo nesse tipo de tarefa; (iii) as estratégias interpretativas intermodais; (iv) os efeitos de modalidade na IS intermodal; e (v) a competência tradutória (CT) de tradutores/intérpretes intermodais, nesse caso, a CTi. A seguir, apresentamos uma breve definição de cada um desses pontos.

Direcionalidade, segundo Baker e Saldanha (2009), “geralmente se refere a tradutores trabalhando de uma língua estrangeira para suas línguas maternas, ou vice-versa⁴” (BAKER; SALDANHA, 2009, p. 84). Em nossa discussão, definimos interpretação direta sendo de Libras para português e inversa de português para Libras pensando em participantes que tenham o português como L1 e a Libras como L2 — não consideramos, neste estudo, participantes que sejam CODAs⁵.

Em pesquisas processuais no âmbito dos ET, dos EI e dos ETILS, um dos aspectos que têm sido investigado é o dispêndio de esforço cognitivo em tarefas de tradução/interpretação (Siple, 1993; Pavlović e Jensen, 2009; Rodrigues, 2013; Koglin,

² Utilizaremos no decorrer deste trabalho a abreviatura de Língua Brasileira de Sinais (Libras) com letra inicial maiúscula, pois a abreviatura Libras se configura como um siglema, que são nomes abreviativos formados não apenas pelas letras iniciais das palavras que os compõem, mas também de sílabas, se configurando com um caráter de palavra (PIANCETINI, 2019).

³ De acordo com a norma padrão da língua escrita, a palavra português, quando se refere ao idioma, é grafada com letra inicial minúscula (Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa), regra que seguiremos no decorrer deste trabalho (Fonte: Fundação Alexandre Gusmão).

⁴ Nossa tradução de: “[...] usually refers to whether translators are working from a foreign language into their mother tongue or vice versa”.

⁵ Children of Deaf Adults.

2015; Lourenço, 2015; Ferreira *et al*, 2016; Fonseca; 2016), que, segundo Sjørup (2013), pode ser definido:

[...] como o esforço mental dispendido por um sujeito em um processo mental, por exemplo na leitura ou entendimento de uma sentença, ao produzir uma nova sentença ou tomar uma decisão estratégica sobre quais palavras escolher em uma tradução⁶. (SJØRUP, 2013, p. 8).

Nesse sentido, surge a necessidade de definir indicadores que nos possibilitem medir esse dispêndio de esforço cognitivo na interpretação direta e inversa entre Libras e português. Baseados, principalmente, em Siple (1993) e em Rodrigues (2013), propomos quatro indicadores de esforço cognitivo: as pausas, o desvio de olhar, a repetição de sinais e o prolongamento de sinais. Assim, partiremos desses indicadores para a observação dos dados, buscando depreender outras medidas de análise.

Ainda a partir da direcionalidade do processo, nesta pesquisa, as discussões serão direcionadas com base na compreensão dos efeitos de modalidade do processo de sinalização, como propostos por Rodrigues (2018), a saber,

(i) a possibilidade da sobreposição de línguas durante o processo interpretativo (code-blending); (ii) a performance corporal-visual requerida do profissional na interpretação da língua oral para a de sinais; e (iii) a preponderância da atuação dos intérpretes na direcionalidade inversa, ou seja, na interpretação da língua oral (L1) para a de sinais (L2). (RODRIGUES, 2018, p. 120).

É importante frisar que os efeitos de modalidade sempre acontecem em relação a uma língua de sinais. Outro efeito de modalidade na direção inversa que Rodrigues (2018) aponta é a exposição do intérprete, ou seja, “o corpo do profissional se torna a língua que é transmitida para o público⁷” (RODRIGUES, 2018, p. 308). Já com relação as características específicas que a vocalização apresenta no processo interpretativo intermodal,

é possível inferir, portanto, que a interpretação simultânea da língua de sinais para a língua oral [LO] (i.e., o processo de vocalização) demanda dos intérpretes intermodais um significativo esforço cognitivo e, inclusive, habilidades específicas para unidimensionalizar/linearizar

⁶ Nossa tradução de: “Cognitive effort can be defined as the mental effort spent by the individual on a mental process, which for example could be reading and understanding a sentence, producing a new sentence or making a strategic decision about what words to choose in a translation.”

⁷ Nossa tradução de: “[...] the professional’s body becoming the language that is transmitted to the audience”.

informações multidimensionais/simultâneas. (RODRIGUES, 2018, p. 125).

Dessa forma, os efeitos de modalidade estão vinculados a características específicas da modalidade gestual-visual com a qual o intérprete precisa lidar em seu trabalho, seja ele na direção inversa ou direta. O uso de estratégias interpretativas também pode ser influenciado pela modalidade ou até utilizá-la [a modalidade da língua] como estratégia.

Com base em Leeson (2005), Gile (2009), Li (2013) e Barbosa (2020), classificaremos quais estratégias foram mais utilizadas em cada direção (L1 para L2 e L2 para L1). De acordo com Pavan (2018), estratégias de interpretação podem ser definidas como:

recursos utilizados pelos profissionais para alcançar objetivos específicos durante a interpretação, como forma de atingir o objetivo final que é estabelecer uma comunicação efetiva entre falantes de línguas diferentes, lançando mão delas quando necessário, para ajustar o processo e atingir o sucesso na interpretação, a interação comunicativa. (PAVAN, 2018, p. 22).

Esses recursos e conhecimentos são mobilizados pelo tradutor e pelo intérprete ao se depararem com problemas de tradução. O modo como ele soluciona esses problemas vai depender da CT desse profissional, entendida como “um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores” (HURTADO ALBIR, 2005, p. 19).

Nessa pesquisa, defendemos que essa CT se diferencia de uma competência específica requerida de tradutores e intérpretes que trabalham com modalidades de línguas diferentes (língua vocal-auditiva e gestual-visual), chamada de CTi, que é: “marcada por certa capacidade corporal cinestésica, diretamente ligada à competência linguística e à competência comunicativa. E, portanto, poderia ser concebida como uma competência tradutória intermodal.” (RODRIGUES, 2018, p. 287).

Assim, a partir dos conceitos apresentados, realizamos uma investigação de natureza qualitativa, discutindo os procedimentos de uma pesquisa empírico-experimental envolvendo interpretação de línguas de sinais. Esperamos que através deste estudo seja feita uma contribuição para as futuras pesquisas na área. Por meio da aplicação

de um questionário⁸ a Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais (TILS)⁹ e de um estudo piloto coletado em ambiente experimental, propomos uma discussão metodológica acerca da condução de pesquisas empírico-experimentais em interpretação intermodal. Essa discussão relaciona a direcionalidade com os outros quatro pontos mencionados anteriormente (esforço cognitivo, estratégias interpretativas, efeitos de modalidade e CTi), entre outros aspectos identificados no questionário, como a percepção dos TILS sobre a dificuldade em realizar a interpretação direta e inversa, além da observação e análise de outros elementos durante a execução de duas tarefas (uma inversa e uma direta) em um ambiente experimental de coleta.

Além disso, propomos discussões metodológicas sobre a abordagem processual da tradução, no que se refere, por exemplo, à utilização de ferramentas metodológicas de coleta de dados processuais da interpretação como entrevistas semiestruturadas e protocolos verbais retrospectivos. Discutimos também como relacionar essas ferramentas ao processo interpretativo simultâneo, entre línguas de diferentes modalidades, em ambas as direcionalidades.

Ademais, discutiremos brevemente o impacto da escolha do gênero textual interpretado. Como já mencionamos, todas as reflexões sobre interpretação intermodal serão baseadas na interpretação de duas narrativas (uma na direção inversa e outra na inversa). Assim, alguns aspectos específicos de cada gênero textual, que são trazidos à tona no momento da interpretação, também serão, brevemente, discutidos, neste trabalho, tais como a escolha de estratégias que pode diferir entre gêneros, o próprio comportamento corporal do intérprete, as tomadas de decisão em problemas de tradução, entre outros.

Dessa forma, realizaremos uma investigação sobre o processo de interpretação simultânea intermodal de narrativas, no par Libras-português, nas direções direta (i.e., da Libras para o português, B→A) e inversa (i.e., do português para a Libras, A→B), com o

⁸ Disparamos o questionário on-line para seleção de participantes pois o planejamento inicial da pesquisa seria realizar a coleta de dados com um número N de participantes. Entretanto, em decorrência da pandemia mundial de COVID-19 que impossibilitou a realização da coleta de dados com os potenciais participantes, utilizamos os dados do questionário para realizar um levantamento e análise de perfil dos TILS respondentes.

⁹ Entendemos neste trabalho que a tarefa de tradução e de interpretação diferem. Assim, seria possível utilizar a denominação ILS (Intérpretes de Línguas de Sinais) para nos referirmos aos participantes de pesquisas como esta, ou seja, que abordam o trabalho de interpretação (e não o de tradução) intermodal. Entretanto, a denominação TILS é de comum conhecimento e amplo uso tanto no âmbito acadêmico quanto profissional para se referir tanto à tradutores, quanto à intérpretes. Dessa forma, utilizaremos a sigla TILS, porém deixando claro que nossas discussões são sobre o trabalho de interpretação intermodal, trabalhando com intérpretes (e não tradutores) de línguas de sinais.

objetivo geral de: propor um desenho experimental e identificar componentes de análise que descrevam os procedimentos metodológicos de uma pesquisa empiricamente orientada sobre a influência da direcionalidade na interpretação simultânea intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português.

Como objetivos específicos, esta pesquisa visa:

- investigar os indicadores de esforço cognitivo nas direções inversa e direta da interpretação simultânea intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português;
- relacionar o uso de estratégias interpretativas intermodais com a direção do processo de interpretação intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português;
- verificar os efeitos de modalidade nas direções inversa e direta do processo interpretativo simultâneo intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português;
- identificar os componentes da CTi (PACTE, 2003, 2017; RODRIGUES, 2018), a partir da análise da influência da direcionalidade, da verificação dos efeitos da modalidade, da investigação do esforço cognitivo, da identificação do uso de estratégias interpretativas e da verificação dos efeitos da modalidade no processo de interpretação intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português.

Vale mencionar também que esses objetivos decorrem das seguintes perguntas de pesquisa:

- I) Quais são os possíveis indicadores que podem ser usados para analisar o esforço cognitivo em tarefas interpretativas simultâneas intermodais de narrativas no par linguístico Libras-português?
- II) Quais estratégias são usadas no processo interpretativo intermodal direto e inverso de narrativas no par linguístico Libras-português?
- III) Quais são os efeitos de modalidade no processo de interpretação simultânea intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português?
- IV) Quais são os componentes da competência tradutória intermodal (CTi), considerando-se a interpretação simultânea intermodal de narrativas?

A partir dessas perguntas, levantamos as seguintes hipóteses:

- I) Por se tratar de um processo intermodal, os indicadores de esforço cognitivo nesses processos vão além das pausas, sendo marcados por outros indicadores como desvios de olhar, hesitações, repetição e prolongamento de sinais.
- II) Devido à pressão de tempo que o TILS enfrenta ao interpretar de Libras para português, a adoção de estratégias interpretativas pode variar de acordo com a direção do processo, sendo as estratégias como omissão e condensação mais utilizadas na direção direta do que na inversa no processo interpretativo intermodal.
- III) Por apresentarem especificidades diferentes das línguas vocais, as línguas de sinais apresentam particularidades desde a sua produção até a sua recepção. Além dessas especificidades próprias da língua de sinais, aparecem outras particularidades da tradução ou interpretação entre duas línguas de modalidades diferentes (RODRIGUES, 2018). Os efeitos de modalidade podem incluir: adoção de diferentes estratégias interpretativas e um maior ou menor esforço cognitivo dispendido pelo intérprete a depender da direção.
- IV) Os componentes da CTi incluem uma capacidade corporal cinestésica, como cunhado por RODRIGUES (2018), ou seja, a subcompetência imagético-cinestésica, que é dependente direcionalidade, além das subcompetências listadas pelo grupo PACTE (2003; 2017).

A fim de relatar o desenvolvimento da pesquisa, além desta Introdução, em que apresentamos a justificativa para sua realização, o panorama de inserção dos ETILS nos ET, os objetivos, as perguntas e as hipóteses de pesquisa, no próximo capítulo expomos o Referencial Teórico. Nele, descrevemos e discutimos a literatura que aborda, principalmente, a tradução/interpretação intermodal, a direcionalidade no processo tradutório/interpretativo, a (inter)modalidade (e.g., modalidade de língua e modalidade de uso da língua), o dispêndio de esforço cognitivo em tarefas de interpretação, as estratégias interpretativas intermodais, os efeitos de modalidade e a CTi.

Na sequência, apresentamos a Metodologia, com enfoque nos métodos de coleta, que incluem a aplicação de um questionário e a realização de um estudo piloto, e na metodologia de análise realizada. Na Apresentação e Discussão dos Resultados, descrevemos os resultados obtidos a partir do questionário de perfil e da realização do

estudo piloto. Finalmente, nas Considerações Finais, refletimos sobre as conclusões obtidas em nossa pesquisa, bem como suas limitações e indicamos os possíveis desdobramentos necessários para a realização de um futuro estudo experimental. Por último, listamos as Referências utilizadas e elencamos os Apêndices.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos apoio teórico nos ET, nos EI e, principalmente, nos ETILS. Dessa forma, baseamo-nos em alguns conceitos, como modalidade de língua, intermodalidade, efeitos de modalidade, direcionalidade em tradução e interpretação, esforço cognitivo, estratégias interpretativas, CT e CTi.

2.1 Modalidade de língua

McBurney (2004) define “a modalidade de uma língua como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão nos quais a fonética da língua se manifesta¹⁰” (MCBURNEY, 2004, p. 351). Nessa perspectiva, a modalidade de língua está relacionada com os canais de produção e percepção. Dessa forma, surge a diferenciação entre as línguas de sinais (canais gestual e visual) e as línguas vocais (canais vocal e auditivo).

Assim, pode-se falar de línguas de modalidade vocal-auditiva em contraposição às de modalidade gestual-visual. No que se refere à língua, podemos citar, portanto, língua falada/ sinalizada; língua oral/ de sinais ou mesmo línguas vocais/ gestuais. O termo mais consolidado na atualidade é *língua de sinais*, porém utilizaremos também a oposição língua gestual/ língua de sinais e língua vocal no decorrer deste trabalho.

Brito (1995) trata a questão da modalidade de língua, comparando os parâmetros morfológicos e fonológicos das línguas vocais-auditivas com os das gestuais-visuais. Para ela,

como as línguas orais, as línguas de sinais exibem dupla articulação, isto é, unidades significativas (morfemas), constituídas a partir de unidades arbitrárias e sem significado (fonemas). [...] A diferença básica das duas modalidades [...] está na organização fonológica: a linearidade (línguas orais) e a simultaneidade (línguas de sinais). (BRITO, 1995, p. 35-36).

As características das línguas gestuais-visuais são responsáveis pelos efeitos da modalidade de língua, os quais marcam os processos tradutórios intermodais com uma série de elementos próprios das línguas de sinais que se apresentam no fazer tradutório. Tais características podem ser a simultaneidade, a sintaxe espacial, a visibilidade

¹⁰ Nossa tradução de: “The ‘modality’ of a language can be defined as the physical or biological systems of transmission on which the phonetics of a language relies”.

obrigatória do intérprete de língua de sinais e do tradutor (e.g., quando realizada a tradução para a língua de sinais em vídeo), entre outros.

Nesse sentido, a modalidade gestual-visual oferece ao intérprete a possibilidade do uso de uma gama de estratégias interpretativas que não estão necessariamente disponíveis na modalidade vocal-auditiva. Portanto, a direção da interpretação pode possibilitar ao intérprete usar a modalidade a seu favor, usufruindo de todas as ferramentas que cada língua em sua modalidade apresenta. Essa afirmação é corroborada pelo que é apresentado em Nascimento (2016):

na interpretação de língua de sinais, estão em jogo essas duas modalidades linguísticas, e isso possui efeitos diretos para o ato interpretativo do ponto de vista dos modos de interpretação, da direcionalidade, da compreensão de enunciados, e por consequência, da produção dos discursos feitos pelo intérprete no ato. (NASCIMENTO, 2016, p. 160)

Indo ao encontro dessas características intrínsecas à modalidade da língua, Rodrigues (2013) reitera o papel significativo que a pressão do tempo e a memória do intérprete desempenham em pares linguísticos envolvendo línguas de sinais. O autor afirma que

a memória parece ter um papel fundamental na distinção das duas modalidades, pois na compreensão, análise e retenção do conteúdo da mensagem para sua re-expressão na língua alvo (LA), o intérprete precisa lançar mão de suas habilidades de concentração e processamento da mensagem, visto que enquanto interpreta não pode se descuidar das próximas sentenças ditas pelo orador. (RODRIGUES, 2013, p. 37-38).

Todas essas peculiaridades e especificidades da modalidade de língua — no caso, a gestual-visual — nos permitem refletir sobre suas diferentes implicações no fazer tradutório/interpretativo. Como citado por Rodrigues (2013), a memória é característica importante de intérpretes que trabalham entre modalidades. Porém outras características são de igual importância para utilizar todos os recursos que a modalidade gestual-visual oferece, como por exemplo a utilização do espaço, as expressões faciais e o uso da linguagem corporal (uso do corpo como língua).

Todas essas características fazem parte e constituem, em algum nível, certos parâmetros da Libras. Nesse sentido, Napoli e Sutton-Spence (2014), ao realizarem uma pesquisa revisando a literatura sobre a ordem dos constituintes em línguas de sinais, apresentam alguns *insights* importantes sobre o uso do espaço de sinalização, em

oposição às línguas vocais, nas quais também pode-se usar o espaço para realizar gestos ou expressões, porém de forma diferente das línguas gestuais.

Segundo Napoli e Sutton-Spence (2014, p. 12), o estudo realizado por elas “apresenta que todas as línguas de sinais organizam, de uma forma similar, os sinais no nível da sentença, em parte porque é assim que outras línguas o fazem [...] e em parte porque a modalidade visual permite a criação de *pictures* [cenas imagéticas]¹¹”. Isto é, os sinais são colocados e posicionados no espaço de sinalização de modo a criar a *picture situacional*, ou seja, através da construção imagética utilizando-se, ao máximo, os recursos da visualidade para a comunicação.

Assim, a interpretação intermodal, que será abordada na próxima seção, é perpassada pela modalidade da língua, visto que o intérprete quando realiza seu trabalho de uma língua vocal para uma língua gestual, tem a seu dispor todos os dispositivos próprios da modalidade disponíveis à construção de seu texto alvo — alguns deles, brevemente citados e discutidos acima. E quando realiza a interpretação de uma língua gestual para uma vocal, o profissional precisa ser capaz de ler essa totalidade de informações imagéticas simultaneamente dispostas, linearizando-as com os recursos disponíveis nas línguas vocais.

Ainda no âmbito das discussões sobre modalidade de língua e modalidade de uso da língua, surge o conceito de bimodalidade (também chamado de intermodalidade) com seus desdobramentos. No primeiro caso, quando um falante é fluente em duas línguas de diferentes modalidades (uma vocal-auditiva e outra gestual-visual), ele é o que chamamos de bilíngue bimodal. Sabemos que duas línguas vocais apresentam a impossibilidade de serem proferidas concomitantemente, mas no caso de uma língua vocal e uma gestual é diferente, pois como os canais articulatórios são distintos, não há necessidade de inibir nenhum deles. (BANK; CRASBORN; VAN HOUT, 2016). Sendo assim, é possível falar em português e sinalizar em Libras ao mesmo tempo, ainda que tal uso tenha implicações diretas à acurácia das línguas.

A possibilidade de uso simultâneo das línguas é um fato decorrente da diferença de modalidade, visto que as línguas empregam canais de recepção e produção distintos. Entretanto, salientamos que apesar de as línguas serem produzidas e processadas por canais diferentes, podendo ser usadas ao mesmo tempo, Brito (1995) sugere a

¹¹ Nossa tradução de: “Our study argues that all sign languages will organize signs at the sentence level in a similar way partly because that’s how all languages would do it, all else being equal, and partly because the visual modality entails creating pictures”.

impossibilidade de seu uso/produção concomitante de modo satisfatório.

Para além da modalidade de língua, é salutar abordar a *modalidade de uso da língua*, que se refere ao como a língua se manifesta: em registro escrito ou em expressão oral. Esse conceito tem relação com as dicotomias fala vs. escrita e oralidade vs. Letramento (nesse caso, “cultura escrita”). Marcuschi (1997) esmiúça tais oposições e estabelece que os fatos linguísticos dizem respeito à fala e à escrita, enquanto a oralidade e o letramento correspondem às práticas sociais existentes em uma comunidade.

Assim, a *modalidade de uso* de uma língua vocal-auditiva, o português por exemplo, pode ser indicada na classificação: português escrito e português falado/ oral. Nas línguas gestuais-visuais, por exemplo na Libras, temos a Libras oral/sinalizada (i.e., Libras falada) e a Libras escrita, por exemplo, em *SignWriting*, que é um dos sistemas existentes de Escrita de Sinais. Podemos nos referir também a um monolíngue bimodal, ou seja, aquele falante que é fluente na língua em sua modalidade escrita e falada, e a um bilíngue bimodal, termo que vem sendo empregado, por exemplo, para aquele que é fluente em uma língua vocal-auditiva e outra gestual-visual (ver QUADROS *et al*, 2012).

Outra acepção do termo modalidade diz respeito às *modalidades de tradução*. Como definidas por Hurtado Albir, tais modalidades correspondem ao modo tradutor e dizem respeito às características específicas do modo do texto original e de sua tradução:

as variáveis de modo sempre são introduzidas apenas correspondendo ao texto original, mas não se considera o modo intrínseco da tradução. O modo tradutor impõe alguns condicionamentos específicos em cada caso, que são precisamente o que distingue as diferentes modalidades entre si; cada modalidade também possui determinadas situações de uso e exigem destrezas específicas do tradutor¹². (HURTADO ALBIR, 2001, p. 69-70).

A autora lista, então, quais as principais *modalidades de tradução*: Tradução escrita, Tradução à prima vista, Interpretação simultânea, Interpretação consecutiva, Interpretação de enlace, Interpretação sussurrada, Dublagem, *Voice-over*, Legendagem, Tradução de *softwares*, Tradução de *softwares* multimídia, Tradução de músicas, Legendagem musical e Tradução iconográfica (HURTADO ALBIR, 2001). Vale mencionar que Hurtado Albir (2001) deixa claro que essas não são as únicas modalidades

¹² Nossa tradução de: “Por lo general, si se introduce la variable de modo es sólo con respecto al texto original, pero no se considera el modo que añade la traducción. El modo traductor impone unos condicionamientos específicos en cada caso que son precisamente los que distinguen a las diferentes modalidades entre sí; cada modalidad tiene además unas situaciones de uso determinadas y exige unas destrezas específicas del traductor”.

de tradução existentes, e também se faz necessária a reflexão acerca de modalidades híbridas ou cruzadas, que acontecem quando há a justaposição de características de duas ou mais modalidades de tradução. “Por exemplo, o intérprete simultâneo passa a realizar tradução à prima vista se o orador lê o discurso e o intérprete possui o original por escrito¹³” (HURTADO ALBIR, 2001, p. 71, tradução nossa).

Realizamos essa discussão acerca dos diferentes conceitos atrelados ao termo *modalidade* para então esclarecermos a qual aspecto terminológico de modalidade nos referimos. Ao longo deste trabalho, podemos nos referir a modalidades de tradução, por exemplo, a modalidade de interpretação pertinente neste trabalho, a saber, a interpretação simultânea; que sugere nosso entendimento desse conceito segundo Hurtado Albir (2001). Além disso, é necessário ter em mente a distinção entre modalidade de língua e modalidade de uso de língua para se discutir, a seguir, o conceito de intermodalidade.

2.2 *Intermodalidade e efeitos de modalidade*

A *intermodalidade* em tradução é quando o tradutor/intérprete trabalha com duas línguas de diferentes modalidades. Como já visto, as línguas gestuais possuem características específicas que as diferem das línguas vocais, por exemplo suas condições de produção e recepção. Segundo Rodrigues (2013), as línguas de sinais possuem dispositivos linguísticos específicos, como expressões faciais, classificadores (CL)¹⁴ etc., que influenciam o processo tradutório/interpretativo intermodal — a partir daqui, mencionaremos o termo intérprete intermodal, que é aquele profissional que trabalha entre línguas de distintas modalidades.

Assim, a intermodalidade traz ao trabalho interpretativo o uso de diferentes estratégias, influencia o comportamento do intérprete e apresenta alguns efeitos de modalidade com relação ao processo como um todo. Com relação a essas influências da intermodalidade e dos efeitos de modalidade, Rodrigues (2013) considera que:

o processo de IS entre línguas de modalidades distintas, oral-auditiva e gesto-visual, como um processo singular que se diferencia substancialmente da interpretação entre línguas de mesma modalidade

¹³ Nossa tradução de: “Por ejemplo, el intérprete de simultánea pasa a efectuar traducción a la vista si el orador lee el discurso o conferencia y el intérprete tiene el original por escrito”.

¹⁴ Os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos” (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 93).

no que se refere ao efeito da diferença de modalidade sobre a interpretação [...]. Portanto, além de ser um processo interlinguístico, a interpretação do Português para a Libras é, também, um processo intermodal, fato que traz significativas implicações à atuação dos tradutores e dos intérpretes de Libras-Português. O denominado efeito de modalidade relaciona-se, por exemplo, às diferentes propriedades dos articuladores das LO [línguas orais] e das LS [línguas de sinais], à diferença na taxa de produção dessas línguas e ao uso dos dispositivos linguísticos específicos da LS na atribuição e maximização da semelhança interpretativa [...]. (RODRIGUES, 2013, p. 226).

Assim, devido a essas diferenças, citadas por Rodrigues (2013), a intermodalidade exige do tradutor a mobilização de uma série de recursos, que são exclusivos ao trabalho tradutório/interpretativo intermodal. São apresentados por Rodrigues (2018), a performance corporal-visual e a possibilidade de sobreposição de línguas — o *code-blending*¹⁵. Um fator que se configura como uma influência da direcionalidade nos processos intermodais é o fator tempo. Visto que a taxa de produção das línguas vocais é aproximadamente a metade da das línguas de sinais, o tempo que o intérprete dispõe para a interpretação em cada direção pode mudar em relação ao volume de proposições no que tange ao como cada língua são formalmente apresentadas. Nesse sentido,

a complexidade de construções em língua de sinais, tais como os classificadores, precisam, muitas vezes, ser descritas e explicadas. Portanto, a diferença na taxa de produção de palavras e sinais, a linearidade preponderante das línguas orais em oposição à simultaneidade característica das línguas de sinais, dentre outras diferenças intrínsecas à modalidade, impactam diretamente a direcionalidade da tradução ou da interpretação, principalmente, quando a interpretação é simultânea. (RODRIGUES, 2013, p. 96).

Esses são alguns exemplos da influência da intermodalidade no trabalho do tradutor/intérprete. O tempo, além de ser um efeito da modalidade também é dependente da direcionalidade do processo, ou seja, esses dois fatores geralmente se apresentam juntos ao intérprete intermodal. E com relação a alguns dos efeitos da modalidade, Rodrigues (2013) afirma que:

é possível perceber que interpretar entre línguas de diferentes modalidades traz implicações à operacionalização da tradução e da interpretação, visto que os efeitos de modalidade impactam não somente o texto alvo, mas a forma por meio da qual ele é oferecido ao público da tradução e da interpretação e, por sua vez, percebido por eles. (RODRIGUES, 2013, p. 271).

¹⁵ Produção concomitante de palavras/estruturas de uma língua vocal e de uma língua gestual.

Sobre a performance corporal que é percebida visualmente, Batista (2018, p. 29) afirma que ela “[...] dá-se no espaço de sinalização por meio de movimentos com as mãos e como corpo, os quais produzem língua de maneira quadridimensional [...]”. Além da performance corporal, autores como Padden (2000), Lilo-Martin (2004), Quadros (2006), Wurm (2010), Quadros e Segala (2015), Costello (2015) e Rodrigues (2013; 2018), também contribuem com estudos sobre os efeitos da (inter)modalidade. Além dos já citados anteriormente, podemos citar outros efeitos de modalidade, tais como “a simultaneidade na organização interna dos sinais e na estruturação dos enunciados, o emprego de verbos de movimento e locação, a intensa ocorrência de expressões faciais gramaticais e emocionais, o uso comum de classificadores [...]” (RODRIGUES, 2013, p. 269).

Esses efeitos de modalidade afetam às línguas de sinais e, por sua vez, influenciam o processo tradutório/interpretativo intermodal, visto que ele é dependente das especificidades das modalidades das línguas envolvidas. Nesse sentido, de acordo com Lilo-Martin (2004, p. 244), “afirma-se que línguas de sinais possuem certas características sintáticas que resultam da modalidade visual-espacial¹⁶”. E essas características podem ser de variados níveis e formas. Vejamos, por exemplo, o que Rodrigues (2018) apresenta em um quadro comparativo de algumas características intrínsecas às línguas de sinais e às línguas vocais.

Quadro 1 – Quadro comparativo entre línguas vocais e de sinais

LÍNGUAS ORAIS	LÍNGUAS DE SINAIS
Produção interna ao corpo	Produção externa ao corpo
Articuladores bem menores que os das línguas de sinais	Articuladores muito maiores que os das línguas orais
Articulação praticamente invisível	Articulação visível
Vinculadas diretamente à respiração	Não vinculadas ou pouco vinculadas à respiração
Braços e mãos disponíveis durante a produção da língua	Trato vocal disponível durante a produção da língua
Consolidam-se em sinais acústicos	Consolidam-se em sinais gestuais
Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) menor	Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) maior
Têm como meio basicamente o	Têm como meio a junção tempo-espço,

¹⁶ Nossa tradução de: “There have been claims that sign languages have certain syntactic properties that are a result of the visual-spatial modality”.

tempo, sendo unidimensionais	sendo multidimensionais
Dependem de recepção auditiva (dependência da propagação de sons)	Dependem de recepção visual (dependência da disponibilidade de luz)
Mais antigas e de longo interesse da Linguística	Mais jovens e de recente interesse da Linguística

Fonte: Rodrigues (2018, p. 115)

Além dessas características apresentadas por Rodrigues (2018), podemos falar também da diferença de produção e recepção das línguas à luz da intermodalidade e pensarmos em características específicas de cada modalidade de língua, desde o nível linguístico até o nível pragmático. Geralmente, as línguas de sinais são mais marcadas pela simultaneidade e as línguas vocais pela linearidade. Outro exemplo que podemos citar é a especificidade da marcação no discurso em língua de sinais pela localização de referentes no espaço de sinalização ou mesmo do movimento, visto que

[...] a orientação e a forma do movimento estão codificadas em alguns verbos que são expressos no espaço de sinalização, apresentando informação acurada sobre a localização de entidades em um espaço. Tal informação, geralmente, não é codificada com o mesmo nível de especificidade em línguas faladas, e assim, um dos principais desafios enfrentados por intérpretes de língua de sinais que trabalham a partir de uma língua falada é a acurácia da localização relativa de entidades, a orientação e a forma da interação: onde exatamente na estrada estava o carro quando bateu no homem, e onde exatamente estava o homem quando ele foi atropelado? O homem, deu um tapa, bateu ou deu um soco na mulher? E em qual parte do corpo ela apanhou? Foi um soco ou vários? No mesmo lugar ou em vários?¹⁷ [...] (BAKER; SALDANHA, 2009, p. 275)

Na direção Libras→PT, essas informações altamente enriquecidas nos sinais precisam ser decodificadas pelo intérprete intermodal para a modalidade vocal, o que demanda uma série de habilidades e conhecimentos especializados (o que podemos entender como a CTi, que será abordada na última seção deste capítulo). Como afirma Padden (2000),

¹⁷ Nossa tradução de: “[...] the path of movement and manner of movement are encoded in some verbs that are expressed in signing space, giving very accurate information regarding the relative location of entities in an environment. Such information is not usually encoded with the same level of specificity in spoken languages, and as such, one of the main challenges facing signed language interpreters working from spoken languages is accuracy regarding the relative location of entities and the path and manner of interaction: exactly where on the road was the car when it hit the man, and where exactly was the man when he was hit? Did the man slap, hit or punch the woman? And where on her body was she hit? Was it one punch or many? In the same place or in many places?”

Resumidamente, intérpretes de línguas de sinais precisam gerenciar o tempo durante uma tradução: certo sinal pode requerer mais palavras para traduzi-lo, e inversamente, uma palavra pode não precisar de tantos sinais para ser traduzida. Intérpretes de línguas de sinais muitas vezes aceleram ou diminuem sua velocidade para acompanhar o ritmo enquanto interpretam.¹⁸ (PADDEN, 2000, p. 174).

Dessa forma, é possível afirmar que o profissional da tradução/interpretação de línguas de sinais mobiliza outros tipos de recursos ao traduzir/interpretar, pois esse profissional trabalha entre modalidades e o tempo todo está sendo afetado pela intermodalidade, bem como pela direcionalidade; seja em suas estratégias de utilização do espaço, em seu comportamento — por estarem sempre visíveis diante do público na direção Língua Oral (LO) → Língua de Sinais (LS) —, em seu esforço cognitivo ao lidar com a sobreposição das duas línguas, entre outros.

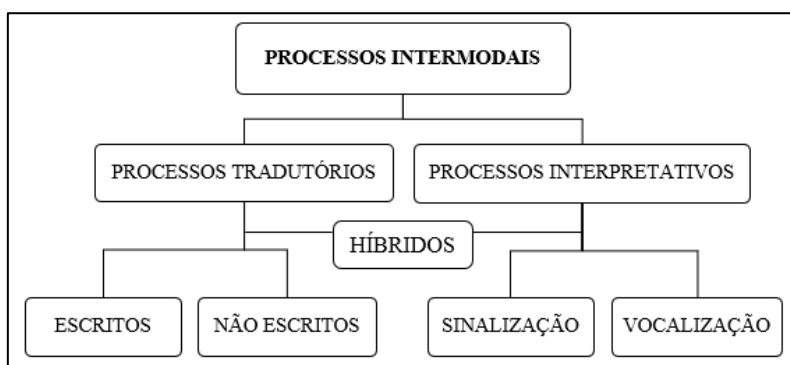
É importante apresentarmos com clareza a terminologia que será empregada, no que diz respeito aos conceitos que perpassam a interpretação simultânea intermodal, ou seja, aquela realizada entre línguas de diferentes modalidades, a saber, vocais-auditivas e gestuais-visuais; em oposição aos processos intramodais, ou seja, aqueles realizados entre línguas da mesma modalidade (i.e., intramodais vocais-auditivos e intramodais gestuais-visuais).

Algumas características são compartilhadas entre os processos interpretativos simultâneos intermodais e intramodais — como a velocidade requerida do intérprete, tanto no processo de compreensão quanto de sua reformulação em outra língua —, semelhanças essas, que guardadas as devidas proporções, nos possibilitam observar quais particularidades são trazidas à tona em cada processo.

É importante nos atermos a essas discussões pois para cada desenho experimental — envolvendo processos intramodais ou processos intermodais — são necessários cuidados metodológicos e reflexões específicas, a depender inclusive caso se trate de um processo tradutório ou interpretativo. A representação, a seguir, evidencia algumas das características dos processos intermodais:

¹⁸ Nossa tradução de: “Briefly, sign language interpreters need to manage timing during translation: A sign might require many words to translate it, and conversely, a word might not need very many signs to translate it. Sign language interpreters often find themselves speeding up or slowing down, trying to pace themselves as they interpret”.

Figura 2 – Processos Intermodais



Fonte: Ferreira (2019, p. 50)

Conforme observa-se na Figura 2, esses distintos processos tradutórios e interpretativos apresentam desafios específicos para o profissional que trabalha entre modalidades. Por exemplo, na sinalização, o tradutor/intérprete pode ter de lidar com recursos visuais ou gestos produzidos pelo locutor — e assim precisa realizar um bom automonitoramento para manter-se “alinhado” com a emissão desses elementos no texto fonte.

Esse aspecto se evidencia mais ou menos a depender do gênero que está sendo interpretado. No nosso caso, dissertamos sobre o processo de interpretação intermodal de narrativas — o que apresenta outras demandas para o profissional na sinalização — como conhecimento prévio do gênero (no caso deste estudo, o gênero narrativo da fábula) para tornar sua sinalização o mais confortável possível para o público (o que envolve tanto o conhecimento do tipo de texto e do gênero tanto em língua vocal quanto em língua gestual, em sua apresentação oral/sinalizada ou escrita e do público-alvo). Este fato é reiterado por De Castro (2012), que investiga a narração de fábulas em língua de sinais e afirma que

partindo do princípio de que surdos são pessoas com experiência visual de vida, a visualidade deveria ser sempre mais enfatizada nas produções em língua de sinais, especialmente na tradução das fábulas e contos, que são textos expressivos e necessitam de componentes imagéticos bem constituídos para a visualização das histórias. (DE CASTRO, 2012, p. 119).

Assim, além de lidar com as demandas apresentadas pela interpretação intermodal no nível da língua, os intérpretes que trabalham entre modalidades também precisam lidar com outras demandas. Elas podem ser cognitivas (de monitoramento), sociais (do

público-alvo), textuais etc. E no caso dos processos intermodais, podemos destacar algumas demandas cognitivas referentes ao fato de ter que lidar com o processamento simultâneo de línguas de distintas modalidades empregando concomitantemente visão e audição, fala e corpo como língua etc.

Algumas especificidades estão presentes nas duas modalidades, como já comentamos. Por exemplo, um intérprete intramodal ou intermodal terá que lidar com as características do gênero textual para o qual estão interpretando. Entretanto, a modalidade das línguas envolvidas, no caso, a intermodalidade, pode perpassar as influências que o gênero textual tem no momento das tomadas de decisão do intérprete, visto que contar oralmente uma fábula em língua vocal não é o mesmo que sinalizar uma fábula em língua gestual, a modalidade de língua oferece possibilidades distintas, as quais passam a caracterizar o gênero no que se refere à modalidade de língua que o comporta.

Refletir sobre o gênero textual interpretado é de extrema importância para se pensar na intermodalidade e nos efeitos de modalidade, visto que os últimos podem se apresentar de diferentes formas a depender do gênero interpretado. As discussões mais detalhadas sobre o gênero textual utilizado neste estudo, e seus possíveis impactos na interpretação intermodal, estão presentes no capítulo 3 dessa dissertação.

Como já mencionado, os efeitos de modalidade estão atrelados à modalidade visual-gestual e, então, partimos do pressuposto de que a interpretação simultânea intermodal apresenta características que a diferem da intramodal vocal-auditiva. E dessa forma, a direcionalidade do processo também trará implicações sobre a intermodalidade. Para Rodrigues (2018),

além de todos os conhecimentos, habilidades e estratégias requeridas de um bom intérprete para vocalizar com acurácia, intérpretes de língua de sinais precisam ter boas habilidades visuais para entender o que está sendo sinalizado e uma boa habilidade para produzir na língua oral. Entretanto, quando estão sinalizando, os intérpretes precisam ter boas habilidades de escuta para entender o que está sendo falado e boas habilidades visuais e de performance para a produção na língua de sinais¹⁹. (RODRIGUES, 2018, p. 311).

¹⁹ Nossa tradução de: “In addition to all the knowledge, skills and strategies required from a good interpreter to vocalize accurately, sign language interpreters must have good visual skills in order to understand what is being signed and a good ability for producing in the oral language. However, when signing, the interpreter must have good listening skills to understand what is being spoken and good visual performance ability for producing in sign language”

A partir do que se apresenta na literatura, é sabido que a direcionalidade pode exercer um papel importante no processo interpretativo (seja ele intermodal ou intramodal). Na próxima seção, apresentamos os pressupostos teóricos sobre direcionalidade em tradução e interpretação.

2.3 Direcionalidade em tradução e interpretação

Considerando o escopo deste trabalho, podemos dividir as pesquisas no âmbito dos ET que abordam o tema direcionalidade em três grandes nichos: (i) direcionalidade em tradução; (ii) direcionalidade em interpretação; e (iii) direcionalidade em tradução e interpretação de línguas de sinais. No nosso caso, abordaremos principalmente aquelas abordagens pertinentes ao último nicho citado.

Entretanto, independentemente do par linguístico ou das modalidades envolvidas, existem algumas características específicas da direcionalidade inversa e da direta, desde a mobilização de estratégias diferentes para cada direção até uma maior demanda cognitiva do tradutor. Mais especificamente, em se tratando da interpretação simultânea intermodal, seu histórico social indica uma demanda maior da interpretação da língua vocal para a de sinais, o que resulta na maior atuação do intérprete intermodal na direcionalidade inversa, isto é, de sua L1 para a sua L2/ de sua língua A para sua língua B (NICODEMUS E EMMOREY, 2013; PADDEN, 2000; RODRIGUES, 2013; 2018).

As pesquisas existentes na esfera da tradução intramodal entre línguas vocais mostram que na maioria dos casos, a tradução inversa apresenta desafios de outra natureza ao tradutor/intérprete, o que é agravado pelo fato de, historicamente, o tradutor ser incentivado e formado para traduzir para sua língua materna, sua L1. Desafios esses, que, segundo Pavlović (2013), não se limitam apenas à direcionalidade da tradução, pois envolvem a competência na L2, a motivação, o tipo de texto traduzido, a familiaridade com o tópico e assim por diante.

Nesse sentido, a formação ocorre, historicamente, para se traduzir para a língua materna. Há muitas discussões sobre o que seria a tal língua materna, a L1; sobre quem seria esse falante nativo; e sobre o que caracterizaria um falante bilíngue. Então apresentaremos definições de língua nativa e de tradução para língua nativa propostos por Pokorn (2005), bem como as definições presentes no Dictionary of Translation Studies, organizado por Shuttleworth e Cowie (2014).

Shuttleworth; Cowie (2014, p. 42) definem direcionalidade como sendo “um

termo que se refere à tradução que ocorre de ou para a língua nativa do tradutor (ou língua de uso habitual)²⁰”. Assim, a língua nativa ou língua-mãe do tradutor se caracteriza como a sua L1, ou ainda, sua Língua A, como já mencionamos brevemente acima.

Com relação ao conceito de língua materna, em contraposição à denominação de primeira língua, problematizam-se tais terminologias, pois “em alguns momentos, o termo ‘língua materna’ é substituído pelo termo ‘primeira língua’, o que evita a falta de acurácia quando a mãe do indivíduo não é a primeira cuidadora da criança, e denota [...] a língua que a criança aprende primeiro” (POKORN, 2005, p. 2). Essa colocação é pertinente quando pensamos no caso das línguas de sinais, visto que vários intérpretes brasileiros são CODAs e podem considerar ambas as línguas (i.e., português e Libras) como suas línguas maternas. Além disso, Ferreira (2010) e Pokorn (2005) afirmam que a língua materna não é só aquela que o falante adquire através do contato com a mãe, mas, também, através da importância que é dada a tal língua no ambiente no qual o indivíduo faz parte.

Surge então as combinações Língua A, como a primeira língua do falante, e Língua B, como sua segunda língua. Há também o conceito de Língua C, que é a língua passiva, ou seja, aquela que o tradutor/intérprete adquiriu e compreende bem, conseguindo traduzir dela para sua língua A e B, mas não ao contrário. De acordo com Baker; Saldanha (2009), essas combinações são utilizadas pela AIIC²¹ e facilitam o entendimento de tradução direta e inversa em países ou regiões que são oficialmente bilíngues, como a Catalunha; ou em casos que o tradutor/intérprete trabalha de uma língua estrangeira para outra — C para B ou B para C (BAKER; SALDANHA, 2009).

No caso das línguas de sinais, muitas pesquisas são realizadas comparando-se a performance de intérpretes CODAs e não CODAs. Entretanto, é sabido que intérpretes de língua de sinais que receberam uma formação adequada, têm as mesmas chances de se tornarem experts em seu campo de atuação (RODRIGUES, 2013). É importante destacar que, nesta pesquisa, não se tem como foco a discussão de intérpretes intermodais CODAs, visto que nosso objetivo é descrever a direcionalidade ($A \rightarrow B$ e $B \rightarrow A$), ou seja, não exploraremos o processo interpretativo realizado por intérpretes que tenham tanto o português quanto a Libras como sua Língua A.

Sabe-se que uma dessas influências na direção direta ($LS \rightarrow LO$) refere-se à

²⁰ Nossa tradução de: “A term which refers to whether translation occurs into or out of the translator’s native language or language of habitual use”.

²¹ Associação Internacional de Intérpretes de Conferência.

densidade de informações que podem ser apresentadas em língua de sinais simultaneamente, as quais, ao serem transpostas para o fluxo oral da língua vocal demandam habilidades e estratégias específicas do intérprete intermodal. Isso não acontece no cenário contrário, visto que na direcionalidade inversa (LO→LS) o intérprete intermodal teria, em tese, mais tempo para organizar sua linha de raciocínio e enriquecer sua produção em língua de sinais (RODRIGUES, 2013).

Outro estudo que aborda a questão da direcionalidade em tradução é o de Pavlović e Jensen (2009). Os autores exploram a direcionalidade a partir de um estudo com rastreamento ocular no par linguístico inglês-dinamarquês, com participantes tradutores profissionais e alunos, traduzindo para suas respectivas L1 e L2, testando hipóteses acerca de dispêndio de esforço cognitivo nas tarefas diretas e inversas. Entre outros achados, os autores confirmam a hipótese que o processamento do TA requer mais esforço cognitivo do que processar o TF.

Em outra pesquisa, Pavlović (2007) aplica um questionário para tradutores e intérpretes profissionais da Croácia com o objetivo de descobrir mais informações sobre a prática profissional em tradução inversa. Os resultados da autora indicam que mais de 70% dos trabalhos de tradução dos respondentes são de tarefas inversas e que apenas um terço desses consideram essa direção mais fácil do que a outra [a direta]. Esses estudos são importantes para fomentar replicações utilizando outros pares-linguísticos inseridos em outros contextos, por exemplo, a investigação sobre TILS que trabalhem no par linguístico Libras-português.

Diferentemente do trabalho realizado por Pavlović e Jensen (2009) e Pavlović (2007), sabe-se que no caso da interpretação intermodal, outras hipóteses são levantadas e outras etapas de análises são realizadas. Entretanto, os trabalhos citados apresentam um considerável refinamento metodológico com indicadores de análise muito bem alinhados e que podem, sim, ser considerados quando pensamos nesse tipo de pesquisa, mesmo tendo que considerar as especificidades de processos intermodais.

Com relação às especificidades que a interpretação intermodal apresenta em oposição à interpretação intramodal, o trabalho de Rodrigues (2018) apresenta algumas características que podem ser as responsáveis pela especificidade da interpretação intermodal. De acordo com Rodrigues (2018),

em relação aos aspectos linguísticos e aos efeitos de modalidade, é possível inferir, portanto, que a interpretação simultânea da língua de

sinais para a língua oral (i.e., o processo de vocalização) demanda dos intérpretes intermodais um significativo esforço cognitivo e, inclusive, habilidades específicas para unidimensionalizar/ linearizar informações multidimensionais/ simultâneas. (RODRIGUES, 2018, p. 125).

Outro estudo que analisa essas especificidades citadas por Rodrigues (2018), é a pesquisa de Nicodemus e Emmorey (2013), que a partir de um estudo com intérpretes intermodais do par linguístico inglês-ASL (*American Sign Language*) aprofunda essa discussão, e apresenta resultados que corroboram a preferência de intérpretes intermodais em trabalhar na direção inversa (inglês para ASL). Diferentemente dos intérpretes intramodais de línguas vocais, que geralmente preferem atuar na direção B→A, aparentemente a maioria dos intérpretes intermodais preferem interpretar da língua vocal (sua L1) para a língua de sinais (sua L2), ou seja, na direção A→B, isso devido a uma diversidade de fatores linguísticos e não linguísticos, como, por exemplo, a possibilidade de uso de alguns recursos que facilitam a produção em língua de sinais quando não se sabe como traduzir algo, como o *mouthing* (i.e., articulação labial de palavras) e a datilologia.

Ainda em Nicodemus e Emmorey (2013), vemos que as autoras levantam inquietações acerca da modalidade das línguas envolvidas e das especificidades de cada língua. Elas propõem que o uso da datilologia como estratégia, em caso do desconhecimento de um sinal, seja uma das razões pelas quais alguns TILS preferam trabalhar na direção A→B. Lourenço (2018) reafirma essa colocação, ao considerar que

apesar de ainda não termos pesquisas dessa natureza com intérpretes de Libras-português, posso afirmar, a partir de minha própria trajetória em cursos de formação e capacitação desses profissionais, que grande parte apresenta dificuldades em realizar tarefas de interpretação-voz. É possível, até mesmo, encontrarmos profissionais que atuam unicamente na direção português-para-Libras. (LOURENÇO, 2018, p. 4).

Nicodemus e Emmorey (2013) também discutem as possíveis razões para essa preferência citada por Lourenço (2018). As autoras mencionam a grande ênfase dada ao ensino da Língua B (língua gestual) em detrimento da Língua A (língua vocal) nos cursos de formação e a maior demanda social por interpretação para a língua de sinais, entre outros fatores.

Dessa forma, julgamos salutar realizar discussões empiricamente orientadas sobre o papel da direcionalidade no processo interpretativo intermodal. Por ser um tema pouco

pesquisado, acreditamos que, a partir das reflexões propostas neste estudo, pode-se desdobrar discussões sobre como, nos cursos de formação, podem ser aperfeiçoadas e aplicadas as tarefas de interpretação inversa e direta, além de acender futuras reflexões de como a formação tem abordado a questão da direcionalidade e de seu impacto na atuação profissional.

Assim, investigamos o papel da direcionalidade na interpretação simultânea intermodal, a partir de uma perspectiva de análise empírico-experimental, e discutimos uma das variáveis que têm sido evidenciada nos estudos experimentais envolvendo línguas de sinais: o *esforço cognitivo* despendido por TILS em cada direção. Na próxima seção apresentaremos o embasamento teórico pertinente a essa temática.

2.4 *Esforço cognitivo*

Analisar o dispêndio de esforço cognitivo na atividade tradutória se mostra uma ferramenta valiosa nos estudos processuais da tradução, como demonstrado e utilizado em Alves (2001; 2003), Ferreira (2010), Lourenço (2015), Koglin (2015), Fonseca (2016), Ferreira *et al* (2016), Zampier (2019), entre outros.

Os estudos envolvendo o dispêndio de esforço cognitivo em tarefas interpretativas intermodais ainda são incipientes, assim nossas discussões também serão embasadas por estudos que se debruçam no esforço cognitivo em processos tradutórios/interpretativos intramodais, utilizando aquelas reflexões que poderiam ser adaptadas aos processos intermodais. Koglin (2015) realiza um estudo sobre tradução e pós-edição de metáforas no par linguístico inglês-português. Apesar de se tratar de uma pesquisa que aborda a tradução intramodal entre línguas vocais, e baseada numa perspectiva relevantista, a autora nos apresenta uma definição de esforço cognitivo que também podemos utilizar em nossas reflexões. Para ela,

o esforço de processamento consiste do esforço despendido pelo sistema cognitivo para chegar a uma interpretação satisfatória do estímulo recebido. Esse processo envolve tanto o acesso ao conjunto adequado de suposições contextuais como a realização de inferências baseadas no estímulo recebido e nas suposições existentes. Os efeitos cognitivos, por sua vez, constituem o resultado da interação produtiva — isto é, relevante — entre o estímulo e o conjunto de suposições armazenadas no sistema cognitivo. (KOGLIN, 2015, p. 27).

É importante deixar claro que estamos tratando do esforço cognitivo despendido na *interpretação*, visto que “interpretar um discurso não é traduzir uma língua” (FREIRE, 2008, p. 168). Assim, nesta seção, trataremos principalmente das formas presentes na literatura para medição do esforço cognitivo na *interpretação simultânea*.

Já definido o que é esforço cognitivo e tendo em mente que os efeitos no processamento²² cognitivo dos profissionais da tradução em uma dada tarefa tradutória é de outra ordem quando consideramos as diferenças entre tarefas tradutórias e tarefas interpretativas, esses efeitos podem diferir ainda mais quando se trata de uma tarefa interpretativa *intermodal*.

Há que se pensar, também, sobre o esforço cognitivo na interpretação simultânea intermodal de narrativas. Como já mencionado, a interpretação do texto narrativo do gênero *fábula* também exige do TILS a mobilização de conhecimentos de outra ordem. Assim, parece-nos que a combinação de todos esses fatores (i.e., simultaneidade, intermodalidade, direcionalidade, tipo de texto, gênero, encargo) também influenciem um dispêndio maior ou menor de esforço cognitivo.

Existem várias formas pelas quais mede-se o esforço cognitivo em uma dada tarefa tradutória (entendida em seu conceito mais amplo). No âmbito dos ET, a abordagem processual inicia as discussões metodológicas de como seria possível descobrir o que se passa na mente do tradutor enquanto ele realiza uma tarefa tradutória. Essas formas de medir o esforço cognitivo se dão através de marcadores de esforço de processamento que podem ser acessados através de métodos específicos que quando aplicados ao tradutor em performance podem nos ajudar a observar variadas formas pelas quais o esforço cognitivo se manifesta (velocidade de leitura, tempo de processamento do TF e do TA, dilatação da pupila, entre outros).

Essas formas são aplicadas em pesquisas que utilizam certas ferramentas metodológicas para alcançar o objetivo de acessar o esforço cognitivo de tradutores no ato de traduzir. Essas ferramentas, muitas vezes, são combinadas entre si criando o que chamamos de triangulação de dados, quando o mesmo fenômeno é analisado por diferentes perspectivas e através de diferentes ferramentas metodológicas. Existe a possibilidade de triangulação tanto na coleta de dados quanto em sua análise.

No caso da análise do esforço cognitivo de tradutores, as ferramentas mais utilizadas são o rastreamento ocular, a gravação da tela de trabalho, o registro de toques

²² Utilizamos neste trabalho os conceitos de esforço cognitivo e esforço de processamento de forma intercambiável.

no teclado e no mouse e os protocolos verbais. A partir dessas ferramentas, pode-se obter uma série de informações, marcadores e indicadores de esforço cognitivo. Contudo, é preciso observar que cada pesquisa apresenta seu escopo e suas especificidades, ficando a critério do pesquisador determinar quais ferramentas metodológicas melhor atendem os objetivos da pesquisa.

Nesse sentido, nas pesquisas sobre interpretação simultânea intermodal, os aspectos a serem considerados quando da escolha de métodos de pesquisa empírica são de muita importância. Por exemplo, utilizar o rastreador ocular requer uma calibração do olho do participante para ter acesso a indicadores como dilatação da pupila, fixação do olhar, entre outros. Então, é preciso acessar outros estudos que tenham utilizado essa ferramenta em intérpretes de línguas de sinais, visto que esse profissional precisa fazer movimentos com seu corpo e utilizar expressões faciais, o que desafia ainda mais a utilização desse método.

Um dos indicadores de esforço cognitivo no âmbito dos Estudos Processuais da Tradução, e que utilizaremos nesta pesquisa para investigar o esforço cognitivo na interpretação simultânea intermodal são as *pausas*: as quantidades totais, os tipos e as durações das pausas. No escopo deste estudo, utilizaremos a definição de pausa como apresentada por Crannell (1987), que são “uma parada temporária na verbalização, mas com uma continuação do raciocínio²³” (CRANNELL, 1987, p. 233 apud SIPLE, 1993, p. 150). Entretanto, essa é uma definição de pausa que utilizaremos ao pensar no texto vocalizado em português oral. Com relação às línguas de sinais, temos que as pausas funcionam:

aproximadamente da mesma forma como nas línguas faladas, entretanto, a forma da pausa é muito diferente. Como Covington (1973) nota, a permanência das mãos sem movimento ou em posição de “descanso” constituem uma pausa na conversa sinalizada. Assim, a pausa no final de uma sentença pode acontecer através da sustentação da mão na configuração do último sinal produzido. Baker (1977) encontrou que pausas em sinais não são reguladas apenas pela suspensão do sinal, mas também pelo olhar; e.g. uma pausa com a intenção de continuar falando será composta por um sinal suspenso e a ausência de contato visual com o interlocutor. Uma pausa no final de uma frase com a intenção de troca de turno será sinalizada com as mãos em descanso e quando o contato visual é mantido²⁴. (SIPLE, 1993, p. 151).

²³ Nossa tradução de: “it is a temporary stop in verbalization, but with a continuation of thought”.

²⁴ Nossa tradução de: “Pauses function in sign language much the same way as in spoken languages, however, the form of the pause is very different. As Covington (1973) notes, the hands remaining

O indicador pausa é majoritariamente estudado em tarefas tradutórias intramodais que envolvem a escrita e é acessada por *softwares* como o *Translog*®, por exemplo, que calcula o número de pausas feitas pelo tradutor no TF e no TA. E, assim, um maior número de pausas em uma tarefa ou em uma direção indicaria um maior dispêndio de esforço cognitivo. Vemos na literatura pertinente que a quantidade de pausas e a duração das pausas são relevantes. Como explica Fonseca (2016),

no estudo de Jensen (2001), o autor utiliza dados fornecidos pelo Translog®, um programa que permite registrar o processo tradutório em tempo real e, por conseguinte, as pausas do processo. Com base na duração dessas pausas, ele as classifica em dois tipos. O primeiro tipo tem a duração de no máximo três segundos e está relacionado à velocidade de digitação e à coordenação motora do participante. Já o segundo tipo engloba as pausas com duração de três a cinco segundos e que seriam as indicadoras de esforço cognitivo. [...] Nesse sentido, quanto maior a duração de uma pausa para um processo de solução de um problema ou de tomada de decisão em um processo tradutório, maior será o dispêndio de esforço cognitivo. (FONSECA, 2016, p. 33).

Vemos então que uma possível categorização das pausas é a sua *duração*. Jensen (2001) define que pausas de no máximo 3s tem relação com a velocidade de digitação ou coordenação motora, não indicando esforço cognitivo. Sendo assim, apenas as pausas entre 3s e 5s seriam indicadores de esforço. Já Dragsted (2004) divide as pausas em curtas (até 5s), longas (entre 5s e 10s) e excepcionalmente longas (superiores a 10s). Lembramos que os dois autores mencionados trabalham com a tradução escrita de um par linguístico intramodal, levando-nos a procurar também outras categorizações de pausas que deem conta da especificidade da intermodalidade e do discurso oral/falado.

Assim, partimos de Rodrigues (2013) que define pausas como espaços de silêncio maiores que 100 milésimos de segundo. E, também, nos baseamos em Chacon e Shulz (2000), que estudam a relação das pausas no discurso falado com a fluência, apresentando categorizações da duração mais condizentes com nossa pesquisa. Os autores definem as pausas muito breves (até 0,19s), breves (0,20s – 0,79s), médias (0,80s – 1,30s), longas (1,40s – 1,99s) e muito longas (mais de 2,00s). Dessa forma, essa classificação parece ser a mais apropriada para o caso da IS. Na IS intermodal, as pausas podem ser desencadeadas

motionless or in a "hold" position constitute a pause in conversational signing. Thus, the pause at the end of a sentence can be accomplished **by** sustaining the hand configuration of the last sign produced. Baker (1977) found that pauses in sign are not only regulated **by** holding the sign but also **by** gaze; e.g. a pause with the intent of continuing to speak will be composed of a held sign and the absence of eye contact with the addressee. A pause at the end of a sentence with the intention of yielding the turn will be signaled when the hands drop relaxed and eye gaze is maintained”.

por diversos fatores. Um deles é o tempo e fluxo de fala/produção dos falantes envolvidos num processo de interpretação intermodal. Segundo Rodrigues,

os sinais ao serem enriquecidos com informações gramaticais ou incorporarem as qualidades de um referente, especificando movimento ou posição de pessoas e objetos ou, até mesmo, descrevendo tamanho e forma, demandam um tempo maior dos intérpretes para sua interpretação em português oral. (RODRIGUES, 2013, p. 96).

Para o autor, os efeitos decorrentes da diferença de modalidade das línguas exigiriam maior esforço cognitivo na interpretação da Libras para o português, visto que as complexas construções em língua de sinais, tais como os classificadores, exigiriam, muitas vezes, descrições e explicações em português, sem as quais não fariam sentido para o público-alvo, e poderiam requerer do profissional a produção de pausas, anterior ou posteriormente ao trecho do discurso que será interpretado.

Além da categorização das pausas por duração, podemos encontrar na literatura e, mais especificamente, em Siple (1993), Chacon e Shulz (2000) e Almeida (2009), outras categorizações que dizem respeito ao seu tipo: as preenchidas (*filled pauses*), que são gestos, expressões faciais ou sinais não específicos que o intérprete produz na direção inversa e a elocução de *eh* ou *uh* na direção direta; e as não-preenchidas (*empty pauses*), momento em que o intérprete não produz nenhum sinal nem gesto manual e mantém as mãos em posição de descanso na direção PT → Libras e se mantém em silêncio na direção Libras → PT. (SIPLE, 1993; CHACON E SHULZ, 2000; ALMEIDA, 2009).

Além das pausas, para investigar o dispêndio de esforço cognitivo na IS *intermodal*, é necessário levantar outros indicadores de esforço, que deem conta dos efeitos da modalidade que a interpretação entre duas modalidades diferentes acarreta. Assim, com base na literatura, outros possíveis indicadores de esforço cognitivo na IS intermodal foram identificados, são eles: repetição de sinais, desvio de olhar (*gaze shifts*), repetições de sinais e prolongamento de sinais (*held signs*).

Marcuschi (1997, p. 97) define repetições como “a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”. Essa definição pode estar ligada a qualquer fenômeno comunicativo, sendo importante pensarmos nos diferentes papéis que a repetição pode desempenhar, e baseados em Marcuschi (2006), Andrade, Aguiar e Madeiro (2011) afirmam que,

por apresentar uma maleabilidade funcional, a repetição assume um variado conjunto de funções: pode dar ênfase; reiterar um fato; contribuir para a organização discursiva e a monitoração da coerência

textual; favorecer a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; dar continuidade à organização tópica e auxiliar nas atividades interativas (MARCUSCHI, 2006 apud ANDRADE; AGUIAR; MADEIRO, 2011, p. 245).

Novamente, reiteramos que essas colocações trazidas por Marcuschi (2006) podem dizer respeito a qualquer ato comunicativo, em línguas de quaisquer modalidades. Focando, então, no papel da repetição em discursos sinalizados, podemos trazer para o debate Ferreira (2001). Para a autora há uma diferenciação entre repetição e reduplicação de sinais.

É preciso deixar claro que a partir de agora estamos falando de línguas de modalidade gestual-visual, ou seja, a comunicação acontece no espaço de sinalização e as informações são apresentadas através de sinais que estão corporal e espacialmente dispostos. De acordo com Ferreira (2001), em línguas de sinais, há a repetição do mesmo sinal com as duas mãos, apresentando uma simetria, e a repetição no tempo de um sinal para expressar uma ação, visto que

[há] a possibilidade de se considerar um mesmo significado funcional repetido, isto é, reaparecendo duas vezes de forma simultânea em um enunciado, através do uso de entonação e de expressões formais tais como as que expressam polidez e atribuem força ilocucionária aos enunciados. (FERREIRA, 2001, p. 17).

Considerando a presença da repetição de alguns sinais no fluxo de sinalização, seja para realizar a marcação do plural, dar ênfase a alguma ação ou indicar automonitoramento, partindo de Rodrigues (2013), é possível inferir que repetições de sinais podem indicar a identificação de problemas interpretativos — no que se refere aos processos de interpretação simultânea intermodal para a língua de sinais. De acordo com Rodrigues (2013),

verificou-se que a identificação dos problemas de interpretação não se relaciona diretamente ao protocolo de pausas, visto que o ILS se utiliza, também, de outros mecanismos para lidar com os problemas, além de manter, em diversos momentos, as hesitações e pausas presentes no TF. Além disso, existem algumas outras evidências desses problemas (*verificou-se ser comum, diante de problemas, o prolongamento da duração de um sinal ou sua repetição*, enquanto se reflete sobre um problema, dentre outras marcações corporais). (RODRIGUES, 2013, p. 82, grifos nossos).

Então, consideramos, neste trabalho, as repetições de sinais como um possível indicador de esforço cognitivo do profissional que interpreta entre modalidades. As repetições de sinais são entendidas, de acordo com Rodrigues (2013, p. 173), como

“estratégias de monitoramento de fluxo de recebimento do TF em relação à produção do TA”.

E além desse indicador como forma de aguardar a produção iminente do TF e uma possível identificação de resolução de problemas, podemos citar outro possível comportamento que indique um acesso ao bloco reflexivo²⁵ e, conseqüentemente, um maior dispêndio de esforço cognitivo: o prolongamento dos sinais.

Especificamente nas línguas gestuais-visuais, os prolongamentos de sinais se dão, por exemplo, quando o sinalizante suspende a produção do sinal por alguns segundos no tempo-espaço ou quando o movimento do sinal se mantém por mais tempo. Em uma situação comunicacional, esse prolongamento pode ocorrer devido a troca de turno do interlocutor, ou até mesmo devido a uma distração do sinalizante. Todavia, quando se trata do processo interpretativo, uma das motivações para esse prolongamento de sinais,

é a necessidade de ganhar tempo para a tomada de decisão. Diante de problemas de interpretação, o ILS [intérprete de língua de sinais] prolonga sinais como uma estratégia de monitoramento da interpretação. Nesses casos, enquanto prolonga o sinal, o ILS está refletindo acerca de como solucionar o problema encontrado, sendo que em algumas situações o problema de interpretação pode ser precedido ou seguido por uma interrupção dos insumos do TF, fazendo com que o ILS prolongue ainda mais o sinal. (RODRIGUES, 2013, p. 135).

Dessa forma, neste estudo, entendemos o prolongamento de um sinal como um possível indicador de acesso ao bloco reflexivo para solução de problemas e, conseqüentemente, podendo acarretar um maior dispêndio de esforço cognitivo por parte do intérprete intermodal. Em se tratando da modalidade gestual-visual, considera-se que ela:

favorece, em alguns casos, o significativo prolongamento de sinais, dito de outro modo, a realização de sinais mais lentamente, com uma duração maior. [...] Isso porque é possível, inclusive, que se congele um sinal ou que se mantenha seu movimento por um período maior, sem a necessidade de interromper sua realização com pausas, que nesse caso seriam momentos de parada/repouso dos braços, sem emissão de sinais. Nesse sentido, assim como as pausas têm um papel central na organização e planejamento da produção da LO [língua oral], podendo expressar inclusive, intensificação de processamento cognitivo, no caso do processo de interpretação, acreditamos que o *prolongamento do sinal* ou sua imediata *repetição*, podem evidenciar elementos do

²⁵ O bloco reflexivo “está relacionado à memória de longo prazo (MLP), que é o apoio interno disponível na mente do tradutor ou a apoios externos (pesquisas em dicionários, Internet etc.)”. (CARVALHO, 2007, p. 55)

processamento cognitivo da interpretação por parte dos ILS. (RODRIGUES, 2013, p. 131, *grifos nossos*).

Os prolongamentos e as repetições podem, muitas vezes, acabar por se interconectarem e se confundirem. Dessa forma, baseando-nos, principalmente, no experimento de Rodrigues (2013), utilizaremos as distinções entre os dois conceitos que são apresentadas pelo autor. No caso dos prolongamentos, não há configuração de um novo sinal, mas apenas o aumento de sua duração, já as repetições pressupõem a finalização do sinal seguida de sua nova realização, representando assim o uso do sinal mais de uma vez.

Finalizando a discussão sobre possíveis indicadores de esforço cognitivo na interpretação simultânea intermodal, nos baseamos principalmente em Siple (1993), e Rodrigues (2013), para considerar o desvio de olhar como indicador de esforço cognitivo, de modo a construir uma discussão sobre como o desvio de olhar em intérpretes intermodais pode indicar acesso a bloco reflexivo e, conseqüentemente, evidenciar uma tentativa de resolução de problemas.

Siple (1993) define que “desvios na movimentação ocular são quaisquer movimentos que o olho do intérprete realiza, incluindo o piscar de olhos²⁶”. (SIPLE, 1993, p. 155). A autora afirma ainda que na pesquisa realizada em 1993 com vinte intérpretes de ASL, o “desvio de olhar foi considerado sempre que o olhar se movimentasse de um determinado local para outro²⁷” (SIPLE, 1993, p. 155).

Nesse estudo, acataremos a definição de desvio de olhar como apresentada por Siple (1993) e, seguindo os postulados da pesquisa da referida autora, separaremos os conceitos de *desvio de olhar* e de *piscar de olhos*. Como consta, “desvios na movimentação ocular geralmente foram separados da ocorrência de piscar de olhos, que também ocorreram na categorização²⁸ [da pesquisa]” (SIPLE, 1993, p. 155).

Levando em conta também as pesquisas sobre movimentação ocular e os estudos descritivos sobre rastreamento ocular em tradução, podemos iniciar uma discussão acerca do possível uso de desvios de olhar como um indicador de esforço cognitivo em intérpretes intermodais. De acordo com Siple (1993), “a suspensão de sinais e o desvio

²⁶ Nossa tradução de: “Shifts in eye gaze are defined as any movement of the interpreters' eyes including blinks”.

²⁷ Nossa tradução de: “An eye shift was judged to occur when the eyes moved from one defined location to another”.

²⁸ Nossa tradução de: “Shifts in eye gaze were often separated by eye blinks which were also noted in the coding”.

de olhar sem dúvida serão utilizados pelo intérprete como forma de ganhar tempo para o processamento²⁹ [...]” (SIPLE, 1993, p. 152).

Dessa forma, utilizaremos o desvio de olhar como último possível indicador de esforço cognitivo em processos interpretativos intermodais. Como mencionado anteriormente, outros autores como Siple (1993) e Koglin (2015) que se dedicaram a estudar a movimentação ocular e o uso de rastreadores oculares no âmbito dos Estudos Processuais da Tradução também serão utilizados como forma de embasamento teórico. É importante também atentar para o fato de que no decorrer das análises dos dados, novos indicadores de esforço cognitivo podem surgir.

Apresentamos essa discussão, nesta seção, para que com base nos achados do estudo piloto seja proposto um caminho metodológico para pensarmos indicadores de esforço cognitivo na IS intermodal em congruência com os efeitos de modalidade e as influências da direcionalidade do processo, contribuindo assim para futuras pesquisas empírico-experimentais que envolvam a interpretação intermodal. Encerra-se aqui a seção sobre esforço cognitivo e, na próxima seção, apresentamos a teoria pertinente sobre estratégias interpretativas.

2.5 Estratégias interpretativas

Diversos autores já realizaram discussões acerca de estratégias de tradução (entendida em seu sentido geral). Dentre eles, podem-se citar Aubert (1998), Chesterman (1997), Molina e Hurtado Albir (2002), Napier (2004), Leeson (2005), Gile (2009), Lemos (2012), Carneiro e Nunes (2013), Li (2013), Barbosa (2014; 2020), Pym (2017), entre outros.

Ao longo da consolidação dos ET, dos EI e dos ETILS, o estudo sobre estratégias, apresenta, a depender do autor, do período e do escopo do estudo, diferentes perspectivas e definições sobre o que seriam estratégias e sobre o como categorizá-las. Jääskeläinen (1993), Séguinot (1989) e Lörcher (1991) as dividem em estratégias globais e de localização; Chesterman (1997) as categoriza em estratégias de compreensão e de produção; Venuti (1995) classifica as estratégias em domesticadoras e estrangeirizantes; Molina e Hurtado Albir (2002), dividem as estratégias tradutórias em processuais e textuais; e assim por diante (BAKER; SALDANHA, 2009).

²⁹ Nossa tradução de: “Held signs and gaze shifts will undoubtedly be utilized by the interpreter a way [sic] to add time for processing”.

Assim, é importante especificar em qual bloco de categorização se analisa o uso de estratégias de tradução. E ainda mais importante é definir o que são estratégias de tradução. Como já definido nas seções anteriores, neste trabalho lidamos especificamente com o evento interpretativo, de modo que daqui em diante, trataremos de estratégias interpretativas (sua definição e sua categorização).

Definimos, neste trabalho, que estratégias interpretativas são técnicas ou formas que o intérprete utiliza como meio de resolver algum problema interpretativo. Uma mudança no olhar ou um aceno de cabeça poderia ser uma estratégia de interpretação, dependendo de como foi empregada e por qual motivo. Em Rodrigues (2013), no que concerne às estratégias interpretativas intermodais, o autor apresenta as pausas, o prolongamento e a repetição de sinais como estratégias de interpretação. Assim, daqui em diante, e, levando em conta o escopo deste trabalho, discutiremos e analisaremos algumas das estratégias interpretativas presentes na literatura pertinente à IS e, especialmente, à IS intermodal.

Pöchhacker (2016) apresenta a distinção entre *estratégias processuais* e *estratégias direcionadas ao produto*. Esses dois grupos de estratégias se dedicam a solucionar problemas específicos de cada tipo de encargo interpretativo. As estratégias processuais:

têm sido fortemente associadas às dificuldades que surgem a partir do *input* que o intérprete recebe. Especialmente fluxo alto de *delivery* [...] e complexidade estrutural [...] têm sido citados como fatores que induzem a alta carga de processamento e assim requerem estratégias de *coping*, especialmente sob fatores limitantes de aspecto temporal e cognitivo da IS³⁰. (PÖCHHACKER, 2016, p. 127).

Assim, quando se trata do evento interpretativo, do tipo de interpretação, do encargo tradutório, do público que receberá a interpretação, do ambiente na qual o intérprete está inserido para realizar o trabalho, entre outros fatores, pode-se afirmar que a tomada de decisão do profissional e, conseqüentemente, o uso de diferentes estratégias interpretativas serão afetadas por esses fatores. Corroborando o que é apresentado em Pöchhacker (2016), Lourenço (2017) aponta que:

³⁰ Nossa tradução de: “Has been closely linked with difficulties arising from the interpreter’s input. In particular, high delivery speed [...] and structural complexity [...] have been cited as factors inducing high processing loads and thus requiring coping strategies, especially under the temporal and cognitive constraints of SI”.

em uma interpretação simultânea, o intérprete precisa lidar com duas línguas que possuem duas gramáticas distintas, em um curto período de tempo. Línguas que são mais distantes gramaticalmente entre si impõem um desafio adicional, exigindo a adoção de estratégias específicas. (LOURENÇO, 2017, p. 8).

Nesse sentido, no âmbito de estudos sobre os processos interpretativos intermodais simultâneos evidencia-se na literatura a pesquisa sobre estratégias que deem conta dos impactos específicos que a modalidade apresenta aos intérpretes. Primeiramente, podemos citar Barbosa (2014), que realiza um estudo acerca do uso da omissão em interpretações de conferência no par linguístico Libras-português.

No trabalho de Barbosa (2014), é evidenciado que o TILS precisa se valer de uma série de estratégias interpretativas que correspondam à natureza de seu trabalho. Um contexto de interpretação simultânea apresenta desafios tradutórios de outra ordem, no qual o intérprete precisa mobilizar seu conhecimento e tomar decisões em questão de segundos.

A simultaneidade dessa tarefa contribui para o uso de outras estratégias que não aquelas que um tradutor intramodal vocal-auditivo precisaria mobilizar, por exemplo. Como já foi explicado anteriormente, o trabalho do tradutor e do intérprete difere-se, nesse caso, pois o tradutor muitas vezes não precisa lidar com a simultaneidade do processo, e o intérprete precisa realizar a tomada de decisão imediatamente e com pouca possibilidade de recorrer a apoio externo.

Ainda, a depender da direção, o intérprete intermodal, quando lida com a espontaneidade da fala, recebe uma série de informações elaboradas e com um ritmo, muitas vezes, acelerado, com grande densidade lexical, necessitando assim renderizar essas informações em um discurso sinalizado ou falado, em poucos segundos. Wehrmeyer (2013) explica sobre os tipos de estratégias que a teoria dos esforços de Gile propõe:

de acordo com a noção de esforços de Gile, as estratégias usadas por intérpretes de Línguas de Sinais são classificadas como i) estratégias de compreensão, se são relacionadas a como os intérpretes gerenciam a mensagem recebida, ou ii) estratégias de produção, se são relacionadas a como os intérpretes gerenciam a mensagem de chegada³¹. (WEHRMEYER, 2013, p. 67).

³¹ Nossa tradução de: “In accordance with Gile’s notion of efforts, strategies used by SI interpreters are classified either as comprehension strategies if they relate to how interpreters manage the incoming message or production strategies if they relate to how interpreters manage the outgoing message”.

Dessa forma, essa classificação da teoria dos esforços de Gile e reapresentada por Wehrmeyer (2013) pode nos levar a refletir sobre a relação da direcionalidade e dos efeitos de modalidade com a seleção de estratégias. De acordo com Rodrigues (2018), existem alguns elementos de ordem interpretativa que são inerentes à sinalização e à vocalização. Dentre esses elementos está o uso de estratégias. A interpretação direta (i.e., vocalização) requer do intérprete a mobilização de uma série de conhecimentos e habilidades necessários à percepção e à decodificação das informações gestuais, especialmente codificadas, para que, então, se possa realizar a linearização dessas informações em língua vocal no momento de sua interpretação. Já a sinalização (i.e., interpretação inversa) demanda conhecimentos e habilidades para a percepção e decodificação de informações auditivamente recebidas para, então, codificá-las gestual e especialmente em língua de sinais.

Nesse sentido, vamos apresentar aqui, baseando-nos na literatura pertinente (CHESTERMAN, 1997; LEESON, 2005; GILE, 2009; LEMOS, 2012; LI, 2013; BARBOSA, 2014; 2020, entre outros), algumas estratégias interpretativas intermodais que analisaremos a partir dos dados do estudo piloto e que são pertinentes à discussão. Além disso, discutiremos o uso de estratégias a depender da direcionalidade do processo e com relação à intermodalidade e aos seus efeitos no processo interpretativo.

A partir de um breve levantamento bibliográfico, selecionamos quatro pesquisas principais que embasarão nossas reflexões sobre estratégias interpretativas. São eles: Leeson (2005), Gile (2009), Li (2013) e Barbosa (2020). Realizaremos um breve cotejamento entre as principais estratégias apresentadas por esses autores, que servirão de base para nossas análises. Apresentaremos as principais estratégias citadas por cada um dos autores e em seguida faremos uma discussão final sobre os grupos de estratégias.

O primeiro estudo é o de Leeson (2005), no qual a autora apresenta uma discussão sobre estratégias interpretativas intermodais como sendo uma forma de resolução de problemas previamente desencadeados pelas tomadas de decisão anteriores ao surgimento desses problemas. Utilizando a tradução presente em Barbosa (2020), observa-se que a autora apresenta quatro estratégias principais:

Quadro 2 – Estratégias apresentadas por Leeson (2005)³²

Estratégia	Definição
Omissão	É utilizada pelos intérpretes de forma conscientemente, principalmente quando o texto na língua-fonte apresenta redundâncias
Adição	É utilizada pelos intérpretes quando eles identificam que a informação na língua-fonte não está clara, dessa forma ele opta por adicionar uma informação (sem desviar da mensagem da língua de partida) com o objetivo de entregar um texto mais claro para os receptores do texto de chegada.
Substituição	É utilizada pelos intérpretes quando, por exemplo, o fluxo de informação que estão recebendo aumenta, decidindo por um termo ou frase que seja mais precisa, com o intuito de recuperar o tempo de atraso (<i>lag time</i>) de maior conforto. Essa estratégia é a combinação da omissão com a substituição.
Parafraseamento	É utilizada pelos intérpretes quando a informação recebida na língua-fonte não é reconhecida ou o intérprete não encontra este conceito na língua-alvo.

Fonte: Leeson (2005) apud Barbosa (2020, p. 77)

A autora apresenta as omissões, que segundo ela são usadas pelos intérpretes de forma consciente, para suprimir um trecho do TF no TA. As adições se constituem como uma forma de explicitar, a partir do acréscimo de informações, a mensagem do TF; as substituições, podendo ser agrupadas como estratégias de compressão, se dedicam a transferir o significado de uma informação para uma outra entrada semelhante, e as paráfrases, ocorrem nos casos que o intérprete parafraseia informações não-reconhecidas no TF.

O próximo estudo citado é da autoria de Gile (2009), no qual o autor discute um grupo de oito estratégias interpretativas. Utilizando a tradução presente em Barbosa (2020), dentre as estratégias apresentadas por Gile (2009), selecionamos quatro estratégias que são relevantes para esse estudo³³.

Quadro 3 – Estratégias de interpretação propostas por Gile (2009)

Estratégia	Definição
Substituição	Quando intérpretes se encontram momentaneamente incapazes de compreender um segmento de fala ou reformulá-lo na língua-alvo, uma possível solução é reformular a mensagem de maneira menos precisa ao usar um termo superordinário no caso de uma única palavra, ou construir um segmento mais geral no caso de uma cláusula completa ou uma frase. Essa tática, que requer pouco tempo, leva a perdas de informação no discurso na língua-alvo. Isso não significa necessariamente que a informação é perdida; ela pode ser repetida em uma frase no discurso, ou já ser conhecida da audiência.

³² Tradução de Barbosa (2020).

³³ Tradução de Barbosa (2020).

Explicação e Parafaseamento	Intérpretes podem entender um termo, mas não ter um equivalente disponível ou apropriado na língua-alvo, caso em que podem explicar em vez de traduzir. Em uma conferência sobre os primeiros dias da microcomputação, nos anos 1980, o termo <i>tableur</i> (planilha) foi interpretado como “aquele programa que define campos e colunas e permite calcular”. Essa tática pode ser eficiente para fins de informação, mas tem dois problemas: um é a quantidade de tempo e capacidade de processamento que ela exige, e a outra é o fato de que pode chamar a atenção da audiência para o fato de que o intérprete não conhece o termo adequado na língua alvo, possivelmente reduzindo sua credibilidade e o impacto do discurso.
Naturalização Instantânea	Quando intérpretes não conhecem o termo apropriado na língua-alvo, eles podem naturalizar o termo na língua-fonte, adaptando-o para as regras morfológicas ou fonológicas da língua-alvo. Essa tática pode se provar eficiente quando os léxicos da língua-alvo e da língua fonte são morfológicamente semelhantes, como é o caso da terminologia médica em inglês e francês e quando existe muitos empréstimos de termos entre as línguas naquela área específica, por exemplo em tecnologia da informação, onde o inglês empresta termos para a maioria dos países não anglófonos.
Omitir o conteúdo de um segmento de fala	Intérpretes podem perder informações sem sequer perceber porque não tiveram capacidade de processamento suficiente disponível para os Esforços de Ouvir e Análise quando o segmento de fala estava sendo emitido. Eles também podem omitir informações porque elas desaparecem da memória de curto prazo. A tática de omissão discutida aqui se refere ao caso onde um intérprete decide deliberadamente não produzir as informações presentes no discurso-fonte em seu discurso-alvo. Isso pode acontecer quando uma peça de informação parece ter pouco valor e outras informações com mais valor requerem a atenção do intérprete e podem ser perdidas se a parte não-importante for produzida, por exemplo quando o intérprete detecta um alto risco de saturação. Em entrevistas de TV interpretadas, onde a sincronicidade é essencial, omitir a última parte de uma afirmação pode ser a melhor escolha se o intérprete estiver um pouco atrasado em relação ao orador, especialmente quando essa diferença leva a alguma sobreposição entre a última parte da produção do intérprete e o começo da próxima frase de outro orador.

Fonte: Gile (2009) apud Barbosa (2020, p. 78-80)

Gile (2009), assim como Leeson (2005), apresenta as omissões, os parafaseamentos (também chamados de explicação) e as substituições como estratégias interpretativas. Além disso, o autor introduz uma estratégia que ele chama de naturalização instantânea, que também pode se associar com a definição de parafaseamento de Leeson (2005), ou seja, devido a um não (re)conhecimento do termo/sinal no TF, o profissional naturaliza (GILE, 2009) ou parafaseia (LEESON, 2005; GILE, 2009) essa informação no TA.

O terceiro estudo apresentado aqui é da autoria de Li (2013), em que é apresentado uma pesquisa realizada com alunos em cursos de formação de intérpretes. Com isso, várias estratégias são listadas: um total de 16 estratégias. A pesquisa de Nascimento (2016), apresentada a seguir, reproduz a listagem de estratégias apresentadas por Li

(2013). Utilizando a tradução presente em Nascimento (2016), dentre essas, selecionamos aqui as mais relevantes para nossa discussão³⁴:

Quadro 4 – Estratégias segundo Li (2013)

Estratégia	Definição
<i>Compression/condensation</i> (Compressão/condensação)	Produz versão mais concisa sem informações repetidas.
<i>Omission/skipping</i> (Omissão/elipse)	Omite parte da mensagem por problemas de compreensão, memória e outros.
<i>Text expansion/addition</i> (Expansão/adição)	Adiciona informações ao discurso fonte para esclarecer a mensagem
<i>Approximation</i> (Aproximação)	Não encontra equivalente ideal e produz sinônimo, hiperônimo, versão menos precisa
<i>Repetition</i> (Repetição)	Repete elementos já interpretados na forma de sinônimos ou equivalentes

Fonte: Li (2013) apud Nascimento (2013, p. 196-197)

Li (2013) define a estratégia de aproximação/condensação (uso de hiperônimos, por exemplo) de forma similar à definição de Leeson (2005) e Gile (2009) para a estratégia de parafraseamento. O uso de substituição é apresentado pelos três autores, assim como a omissão. O parafraseamento de Leeson (2005) pode ser associado à naturalização de Gile (2009), como já explicado, e à aproximação de Li (2013). A estratégia de adição é apresentada por Li (2013) e por Lesson (2005). E a estratégia citada apenas por Li (2013) é a repetição.

Baseando-nos em Leeson (2005), Gile (2009) e Li (2013) apresentaremos as cinco estratégias que serão discutidas individualmente nesta seção. São elas: *Omissão*, *Condensação/Aproximação*, *Adição*, *Substituição* e *Paráfrase/Naturalização*.

Leeson (2005), Gile (2009) e Li (2013) apresentam a estratégia de omissão como relevante para os estudos sobre o tema. Assim, a primeira estratégia abordada será a omissão. Baseando-nos no conjunto de definições dos três autores e, também, em Barbosa (2020), utilizaremos a definição de omissão como sendo uma retirada total ou parcial de informações presentes no TF. É importante lembrar que a omissão pode ocorrer por diversos fatores, desde a economia linguística até como falta de compreensão do que foi proferido no TF.

Ela também pode ser adotada pelo intérprete devido a um fluxo muito denso de informações no TA, ou até mesmo devido ao não entendimento de fragmentos do

³⁴ Tradução de Nascimento (2016).

discurso. Napier (2004) realiza um estudo com intérpretes trabalhando no par inglês-Auslan (Língua de Sinais Australiana), buscando identificar:

os diferentes tipos de omissões que os intérpretes realizam — aquelas que podem ser definidas como estratégicas e outras que podem ser identificadas como potenciais erros. Baker (1992) reconhece a necessidade ocasional de intérpretes “traduzirem por omissão”, e assim, a partir de seu reconhecimento metalinguístico, intérpretes podem escolher conscientemente produzir omissões como uma estratégia linguística de modo a oferecer uma interpretação semanticamente equivalente³⁵. (NAPIER, 2004, p. 373).

Nesse sentido, adotaremos a perspectiva apresentada por Chesterman (1997), Napier (2004) e Barbosa (2014) acerca do uso da omissão como estratégia tradutória/interpretativa, e não apenas como indicativo de erros de tradução. A categorização proposta por Napier (2004) entre omissões conscientes (deliberadas) e inconscientes (acidentais) também poder ser considerada na análise do uso dessa estratégia relacionada com a direcionalidade do processo. Barbosa (2014) explica que:

alguns autores, tais como Napier (2004) e Pym (2008), em linhas gerais, não dizem que as omissões não são prejudiciais, mas também não as rotulam como erros, e ainda concordam que elas podem ser utilizadas de forma positiva durante a IS, estrategicamente, por exemplo, omitindo algumas informações para tornar a mensagem mais eficaz, trazendo-a para mais perto da cultura do público-alvo. (BARBOSA, 2014, p. 22).

Nesse sentido, o intérprete simultâneo intermodal precisa realizar tomadas de decisão acerca de quais informações omitir e em quais momentos omitir (partindo de uma omissão consciente). Da perspectiva inconsciente, podem surgir o não entendimento da mensagem fonte (simplesmente por não ouvir ou não entender claramente). Outro caso seriam os momentos com a presença de muita informação em pouco tempo, de modo que o intérprete prioriza certa informação em detrimento das que serão omitidas.

E, nesse mesmo sentido, apresenta-se a segunda estratégia: as *Condensações/Aproximações*. A condensação de informações, estando principalmente ligada ao nível sintático da produção, pode acontecer, por exemplo, quando há muita

³⁵ Nossa tradução de: “the different types of omissions interpreters make—those that could be defined as strategic and others that could be identified as potential errors. Baker (1992) recognizes the occasional need for interpreters to ‘translate by omission’; therefore, by drawing on their metalinguistic awareness, interpreters may consciously choose to produce omissions as a linguistic strategy in order to provide a semantically equivalent interpretation”.

informação condensada em um bloco informativo, levando o intérprete a *generalizar* ou a *comprimir* alguns pontos presentes no discurso, por exemplo, através do uso de hiperônimos.

Algumas estratégias de processamento de conteúdo, especialmente as do tipo “de redução”, foram inicialmente analisadas como formas de lidar com as restrições de processamento. Isso se aplica especialmente às estratégias de compressão, ou “abstração”, como resposta a um alto *input* de velocidade e/ou densidade de informação no modo simultâneo³⁶. (PÖCHHACKER, 2016, p. 129).

Assim, partimos do pressuposto de que algumas estratégias podem se agrupar em categorias de redução, ou como citado, em estratégias de “contenção do processamento”, como é o caso das omissões e condensações. Outros autores como Cokely (1986) e Lawrence (2007) criam uma categoria de estratégia que chamam de *estratégias de redução*, configurando-se como uma forma de apresentar menos detalhes ao público-alvo, devido à pressão de tempo, por exemplo.

No caso de situações interpretativas intermodais, principalmente na direção da língua vocal para a língua de sinais, Lemos (2012) afirma que:

essa particularidade de “condensação” ou de síntese de sinais seja favorecida por causa da modalidade gesto-visual de realização da língua. A estrutura organizacional dos sinais no espaço permite a realização sequencial e, ao mesmo tempo, simultânea dos signos, todos os parâmetros (fonemas) se realizam no mesmo instante, podendo o falante fazer uso de sinais complexos, envolvendo simultaneamente diversas partes do corpo do sinalizador. (LEMOS, 2012, p. 50).

Como apresentado em Lemos (2012), a condensação/aproximação não somente está ligada à pressão de tempo, mas também à modalidade da língua para a qual a interpretação está sendo feita. Dessa forma, o intérprete pode utilizar a própria modalidade da língua como uma estratégia para aplicar de forma mais contundente a condensação de informações, se julgar necessário.

Indo no caminho oposto ao da pressão de tempo, a terceira estratégia abordada aqui é a *adição*. Ela é amplamente utilizada, mas não somente, quando o intérprete, tendo

³⁶ Nossa tradução de: as some content-processing strategies, particularly of the ‘reductive’ kind, have been analyzed primarily as forms of coping with processing constraints. This applies especially to the strategy of compression, or ‘abstracting,’ in response to high input speed and/or information density in the simultaneous mode.

tempo (ou não) adiciona informações ao TF, o complementa, entregando assim uma informação mais compreensível ou até mais detalhada para o público-alvo. De acordo com Wehrmeyer (2013, p. 65):

para a interpretação de língua de sinais, Stone (2009:167) argumenta que as normas surdas priorizam a re-estruturação e a contação do TF a partir da perspectiva da pessoa surda, i.e. que a domesticação dita o conteúdo assim como a língua (cf. Napier 1998). Assim, estratégias como a adição de informação que está implícita no TF ou na gravação visual, a utilização de implicaturas e omissões de informações irrelevantes na língua de sinais de modo a criar uma mensagem coerente e compreensível são encorajadas³⁷ [...].

Novamente, reitera-se a importância de levar em conta a modalidade das línguas envolvidas no processo quando da seleção de estratégias, além é claro de questões culturais e de aspectos sociais da cultura-alvo. É possível que alguns países/línguas/culturas não sejam tão propensos a aceitar muitas adições em traduções/interpretações, ao passo que, como aponta Wehrmeyer (2013), no caso da interpretação LO→LS, esse comportamento é encorajado.

No meio termo entre omissão e adição estão as *substituições*. As substituições são abordadas por Leeson (2005) e por Gile (2009). O segundo afirma que a substituição requer “pouco tempo, [e] leva a perdas de informação no discurso na língua-alvo. Isso não significa [...] que a informação é perdida; ela pode ser repetida em uma frase no discurso, ou já ser conhecida da audiência³⁸” (GILE, 2009, p. 206 apud BARBOSA, 2020, p. 78).

Com base em Leeson (2005) e em Cokely (1992), Barbosa (2020) afirma que a substituição:

é utilizada por intérpretes quando, por exemplo, o fluxo de informação que estão recebendo aumenta repentinamente e decidem substituir um termo ou frase que seja mais precisa (mais direta), com o intuito de recuperar o tempo de atraso (*lag time*) e ter segurança em continuar o fluxo de interpretação. Essa estratégia pode ser utilizada como processo anafórico, com a mesma premissa de compensar o tempo gasto na produção de informações anteriores para a língua de sinais. Por exemplo, pode ser acionada mesmo quando a informação na língua de

³⁷ Nossa tradução de: “for sign language interpreting, Stone (2009:167) argues that the Deaf norm prioritises restructuring and retelling the ST from a Deaf person’s perspective, i.e. that domestication dictates content as well as language (cf. Napier 1998). Thus strategies such as judicious addition of information that is implicit in the ST or visual footage, utilisation of natural sign language implicature and omission of irrelevant information in order to create a coherent, comprehensible message are encouraged (Antonsen 2006:104-5; Stone 2009:86,172)”

³⁸ Tradução de Barbosa (2020).

partida estiver completa. Dessa forma, o intérprete poderá utilizar o apontamento para um espaço onde aquela informação já foi produzida. Essa estratégia é a combinação da substituição com a omissão de baixo risco. (COKELY, 1992; LEESON, 2005 apud BARBOSA, 2020, p. 83).

Assim, as substituições se apresentam também como estratégias relacionadas ao tempo do processo, podendo ser utilizadas como uma forma de adequação ao contexto-alvo ou como uma forma de compensação de tempo. No caso das línguas de sinais, a alta densidade lexical linearizada na língua vocal pode ser substituída na modalidade gestual-visual por formas mais simplificadas (caso de combinação de estratégias, condensação/simplificação/aproximação + substituição).

A última estratégia abordada aqui refere-se a *Paráfrases/Naturalização*, na qual a informação é recombinaada em outras formas sintáticas. As paráfrases são amplamente estudadas nas áreas de Letras, tanto como figuras de linguagem quanto como estratégias de tradução/interpretação. No caso da IS intermodal, a paráfrase se configura como estratégia importante e muito útil em momentos de não compreensão ou de falta de reconhecimento da mensagem fonte.

Wehrmeyer (2013, p. 71) afirma que o “termo paráfrase, em alguns momentos, é usado nos EI para indicar reformulações sintáticas³⁹”. Complementando-se à colocação de Wehrmeyer (2013) e se pensando no caso de interpretações intermodais, a reformulação sintática poderia ser configurada como uma reorganização ou recombinação dos sinais quando o TA é uma língua gestual.

No caso das línguas de sinais, o intérprete pode realizar uma paráfrase utilizando-se de vários sinais para traduzir a mensagem fonte. Como Barbosa (2020) apresenta, baseado em Leeson (2005) e Gile (2009), a paráfrase

é utilizada pelos intérpretes quando a informação recebida na língua de chegada não é reconhecida ou o intérprete não encontra este conceito na língua de chegada. Por exemplo, quando a palavra ou frase em português é entendida pelo intérprete, mas não há ou ele não acha equivalentes para representá-lo(s) em língua de sinais. Nesse caso ele utiliza vários sinais para que a informação chegue aos receptores. (LEESON, 2005; GILE, 2009 apud BARBOSA, 2020, p. 83).

Dessa forma, vê-se que utilizar a paráfrase pode ser uma rica fonte de se utilizar

³⁹ Nossa tradução de: “The term paraphrase is sometimes used in Interpreting Studies to indicate syntactic reformulations”.

da modalidade gestual-visual para enriquecer a interpretação. Além das cinco estratégias já abordadas acima, outro caso importante de se mencionar, quando se fala de estratégias, é o que muitos autores chamam de antecipação, podendo ser realizada através da reestruturação do TA por meio da antecipação ou da segmentação. “A antecipação é definida especificamente quando a produção de uma sentença do intérprete simultâneo se constitui anteriormente à aparição do correspondente no *input* da língua-fonte⁴⁰”. (PÖCHHACKER, 2016, 128). E a segmentação e/ou reestruturação pode envolver “a extração ou renderização de *inputs* de segmentos no nível frasal ou de oração antes do final do *input* de uma estrutura complexa⁴¹” (PÖCHHACKER, 2016, p. 127).

Esse conjunto de estratégias podem estar ligadas em uma situação de interpretação onde o intérprete apresenta um determinado *lag time* da enunciação do TF e, muitas vezes, pode antecipar o próximo bloco informativo, reestruturando ou segmentando a informação anterior à sua produção no TF. Com relação à segmentação de unidades como estratégia,

Meuleman e Van Besien (2009), por exemplo, analisaram as estratégias adotadas por 15 profissionais intérpretes lidando com uma passagem sintaticamente complexa (Francês-Holandês). Eles observaram que oito dos dez intérpretes que produziram uma renderização aceitável das oito camadas da construção sintática utilizaram segmentação, enquanto os outros dois recorreram ao “tailing”, ou seja, usaram uma sintática similarmente complexa na língua de chegada⁴². (PÖCHHACKER, 2016, p. 128).

Isso nos mostra que a definição de uso de estratégia na IS depende de uma série de fatores, entre eles a direção e o par linguístico do processo interpretativo. Por exemplo, se pensarmos em um par linguístico como espanhol-português, há uma maior presença de falsos cognatos nessas duas línguas do que no par francês-holandês, por exemplo, de modo que a estratégia da antecipação provavelmente seria empregada com mais cautela.

O grupo de estratégias que compreende a segmentação e o *lag time* do intérprete, se considerado um par linguístico como alemão-português, também teriam seus usos

⁴⁰ Nossa tradução de: “A anticipation is defined specifically as the simultaneous interpreter’s production of a sentence constituent before the corresponding constituent has appeared in the source-language input”

⁴¹ Nossa tradução de: “[...] extracting and rendering independent input segments at phrase or clause level before the end of a complex input structure”.

⁴² Nossa tradução de: “Meuleman and Van Besien (2009), for example, analyzed the strategies adopted by 15 professional interpreters in coping with a syntactically complex passage (French–Dutch). They observed that eight out of the ten interpreters who produced an acceptable rendering of the eight-layer-deep syntactic construction did so using segmentation, whereas the other two resorted to ‘tailing’, that is, using similarly complex syntax in the target language”.

modificados, visto que a ordem da sentença do alemão apresenta os verbos, em muitos casos, no final da frase, sem contar que, no geral, o alemão pode apresentar um maior número de caracteres por palavra se comparado ao português.

Se pensarmos em um par linguístico intermodal (uma língua vocal e uma língua de sinais), há que se considerar também a influência na seleção e uso das estratégias interpretativas. A apresentação de informações enriquecidas visualmente e apresentadas em um curto período, requerendo a linearização por parte do intérprete na vocalização, ou a incorporação dos interlocutores na sinalização, pode requerer estratégias de condensação ou de simplificação, a depender do escopo, do encargo tradutório (função ou propósito da tradução), do contexto, entre outros fatores.

Juntamente com os impactos da direcionalidade, do par linguístico e da intermodalidade, outro fator que influencia a seleção de estratégias interpretativas (dentre as cinco apresentadas acima) é o gênero textual. No caso desse trabalho, o gênero fábula narrado na modalidade de uso oral das línguas abordadas aqui, Libras e português, foi considerado em um estudo piloto, assim podemos dar o pontapé inicial em nossas discussões sobre quais os impactos que uma interpretação intermodal simultânea do gênero narrativo fábula teria na escolha de estratégias interpretativas. Como apontado por De Castro (2012, p. 119),

nessa composição imagética [sinalização de narrativas], é fundamental a utilização de recursos e estratégias narrativas [...] recursos estes que constituirão os meios para a visualização das histórias, com seu tempo e espaço próprio, seus personagens, a concatenação dos fatos e o encadeamento dos acontecimentos, além da determinação do ritmo da narrativa e até mesmo a ênfase que se queira dar a determinada passagem.

A partir dessas colocações, almejamos contribuir para a homogeneidade terminológica e conceitual das discussões sobre estratégias interpretativas, e, conseqüentemente, favorecer a visibilidade e o incentivo às pesquisas no campo. Finalizamos aqui a seção sobre estratégias interpretativas e, na próxima seção, discutiremos a CT.

2.6 *Competência tradutória (CT)*

A partir dos anos de 1980, a CT começa a ser mais bem estudada. Desde então, muitos grupos e pesquisadores têm se dedicado a pesquisar o que um bom

tradutor/intérprete possui e, por sua vez, o que o diferencia dos demais sujeitos bilíngues não tradutores. O que já está estabelecido dentro dessa temática é que nem todo falante bilíngue possui a CT, apesar de apresentar a competência comunicativa nas línguas que domina (HURTADO ALBIR, 2005). Além disso, há um importante questionamento acerca de como deve acontecer a avaliação dos tradutores, ou seja, o que define um tradutor/intérprete competente e como mensurar sua competência (tradutória ou interpretativa). Muitos pesquisadores e estudiosos dos ET já se dedicaram/têm se dedicado a estudar a CT (BELL, 1991; ALVES, MAGALHÃES, PAGANO, 2000; KELLY, 2002; PYM, 2003; HURTADO ALBIR, 2005; GONÇALVES, 2005 etc.), apresentando pontos convergentes e divergentes em suas definições e reflexões.

Um dos grupos pioneiros na investigação empírica da aquisição e desenvolvimento da CT é o grupo PACTE (*Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació*), da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. A pesquisa desse grupo contribuiu para o avanço dos ET no que se refere ao seu diálogo com a Didática da Tradução. Além do desenvolvimento de um modelo componencial de CT e de outras tantas contribuições para a área da tradução, o grupo vem promovendo reflexões sobre a aquisição da CT nos cursos de formação para tradutores e intérpretes.

Neste trabalho, nos apoiaremos na definição de CT como proposta pela pesquisadora líder do grupo PACTE, Hurtado Albir (2001; 2011; 2016). Ela apresenta a CT como uma série de habilidades, atitudes e conhecimentos, situacionalmente localizados, acerca do fazer tradutório.

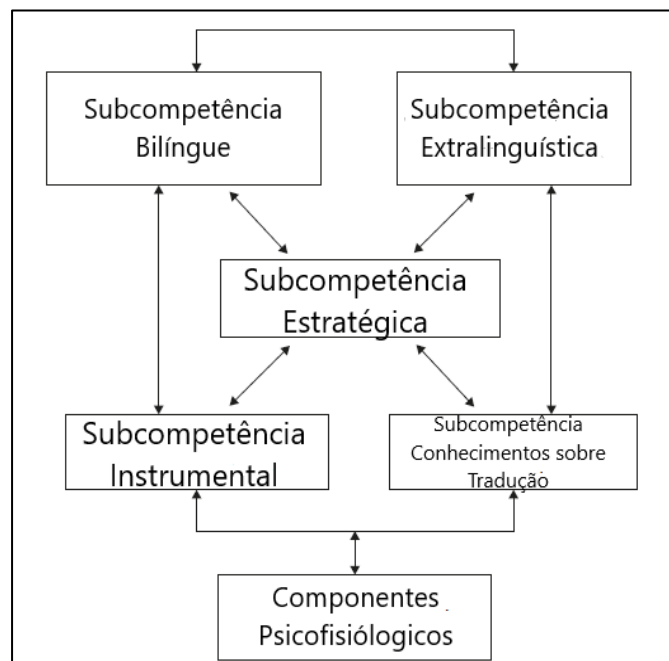
A CT seria então esse conhecimento especializado, o saber-como ou saber-como-fazer situacional, resultante de um conjunto de conhecimentos declarativos, procedimentais e atitudinais. De forma geral, a CT se caracteriza pelo conhecimento altamente especializado e situacionalmente localizado enquanto uma habilidade para lidar com diversos contextos e situações.

Diferenciando então o falante bilíngue de um indivíduo que possui ou está em processo de aquisição da CT, o PACTE propôs um modelo da CT que é composto por um sistema subjacente de conhecimentos: as subcompetências. São elas: bilíngue, extralinguística, de conhecimentos sobre tradução, instrumental, estratégica — que se encontra no centro do modelo, pois é responsável por mobilizar todas as outras subcompetências e suprir suas deficiências — e os componentes psicofisiológicos⁴³.

⁴³ O modelo aborda os componentes psicofisiológicos não como uma subcompetência, mas sim como um componente do modelo de CT.

O PACTE afirma que a interação entre as subcompetências é variável segundo: (i) a direcionalidade (direta ou inversa); (ii) a combinação linguística (línguas mais próximas e mais distantes etc.); (iii) a especialidade (técnica, literária, jurídica etc.); (iv) a modalidade (escrita, à prima vista, legendagem, simultânea etc.); (v) o grau de experiência do tradutor; e (vi) o contexto situacional (HURTADO ALBIR, 2017). A seguir, apresentamos o modelo holístico de CT como proposto por PACTE (2003; 2017).

Figura 3 – Modelo holístico de CT do PACTE



Fonte: Traduzido de PACTE (2017, p. 41)

A subcompetência bilíngue diz respeito a conhecimentos de ordem mais linguística; a subcompetência extralinguística apresenta os conhecimentos ligados à informação geral — geralmente declarativos —; a subcompetência conhecimentos sobre tradução dá conta de conceitos sobre a atividade e do comportamento profissional do tradutor; a subcompetência instrumental representa a operacionalização do uso de fontes de documentação e de tecnologia por parte do tradutor; e a subcompetência estratégica é àquela que integra todas as demais. Os componentes psicofisiológicos são aqueles inerentes ao ser humano (desde elementos de cognição, comportamentais etc.) e que se vinculam diretamente ao processo tradutório.

Assim, se evidencia a importância de se trabalhar a aquisição e o desenvolvimento da CT nos tradutores em formação. Nessa visão, aprendizes desenvolvem essa competência, essencialmente procedimental, através da prática deliberada — o que também é objeto das discussões do grupo PACTE.

No caso dessa pesquisa, realizaremos algumas discussões mais metodológicas e de cunho reflexivo sobre a CT. E, mais especificamente, integraremos e guiaremos a discussão sob a luz da competência em interpretação intermodal, que será abordada na seção seguinte.

Em conclusão, o grupo PACTE realiza pesquisas empiricamente orientadas sobre o processo de aquisição, desenvolvimento e avaliação da CT em tradutores intramodais e propõe aplicações didáticas para suas descobertas. As pesquisas realizadas por esse grupo dão abertura para uma nova perspectiva de reflexão, dando margem para se abordar a competência tradutória requerida de tradutores e intérpretes intermodais, que como apresentado por Rodrigues (2018), seria a competência tradutória intermodal. Na próxima seção, apresentaremos algumas discussões atuais sobre esse conceito.

2.6.1 Competência tradutória intermodal (CTi)

É importante pensarmos sobre a aquisição e o desenvolvimento da CT do profissional que trabalha entre modalidades — a CTi. Propomos discutir a CTi e como ela é influenciada pela modalidade e pela direcionalidade das línguas envolvidas na tradução/interpretação, visto que os tradutores/intérpretes

[...] precisam de uma série de conhecimentos que podem ser declarativos (teóricos, saber o quê), procedimentais (práticos, saber como), explicativos (saber o porquê), atitudinais (saber como agir) e, até mesmo, temáticos (conhecimento de mundo, saber assuntos diversos e conteúdo específicos); de um conjunto de habilidades sociais, culturais, interacionais, expressivas, de uso de tecnologia etc.; de capacidades (linguísticas, pragmáticas, discursivas, sociais, cognitivas etc.). (AGUIAR, 2018, p. 19).

Esses conhecimentos somados podem se tornar então os componentes de um modelo de competência tradutória/interpretativa (intramodal ou intermodal). Como discutido no subitem anterior, realizar pesquisas sobre os modelos de CT são de grande importância no âmbito dos ET, porém, como nos mostra Cavallo (2019), os modelos de competência em interpretação são escassos. Segundo ela,

diferentemente dos modelos de competência existentes para a tradução escrita, os modelos elaborados para a interpretação são de quantidade muito inferior. [...] Embora não seja uma novidade falar em “competências” do intérprete,

poucos pesquisadores trataram do assunto de forma orgânica, empírica e com vistas a estabelecer um modelo unitário de competência em interpretação. (CAVALLO, 2019, p. 50).

Nesse sentido, é necessário incentivar pesquisas, partindo de uma abordagem empírico-experimental por exemplo, de modo a preencher essa lacuna apontada por Cavallo (2016) sobre modelos de competências em interpretação. E indo ainda mais a fundo, pesquisas que desenvolvam um modelo de competência em interpretação intermodal também estão em fase de amadurecimento nos ETILS.

Isso quer dizer que alguns estudos, discutindo de forma mais teórica, metodológica e revisando outras pesquisas, estão sendo produzidos no âmbito dos ETILS, como o de Rodrigues (2018), de Zampier (2019), o de Ferreira (2019), e o de Santos, W (2020). Reitera-se, então, a necessidade do fomento de discussões sobre a CTi e sobre quais são os conhecimentos e habilidades necessários a um intérprete intermodal. Partindo do pressuposto da importância de desenvolver pesquisas focadas no desenvolvimento e aquisição da CTi, Rodrigues (2013) afirma que

embora existam significativas pesquisas relacionadas à tradução e à interpretação em línguas de sinais, poucas são aquelas que se dedicam ao estudo do processo interpretativo em si ou à investigação das competências, habilidades, conhecimentos e estratégias necessários aos ILS. (RODRIGUES, 2013, p. 13).

As reflexões empíricas acerca da CTi, configuram-se assim, como um terreno explorado de forma escassa no âmbito dos ETILS. Entretanto, é salutar mencionar que pesquisas, mesmo sem apresentar uma abordagem empírico-experimental, que discutem as competências requeridas de TILS nos trabalhos de interpretação intermodal, são de extrema importância, relevância e significância para a área. Assim, as discussões sobre a aquisição e o desenvolvimento da CTi são importantes no que se trata das reflexões acerca da formação desse profissional. Além disso, pesquisas de recepção com o público da interpretação também podem complementar as reflexões sobre desenvolvimento da CTi.

De acordo com o PACTE, a CT engloba alguns conhecimentos específicos (declarativos, procedimentais e atitudinais) na esfera da tradução escrita entre duas línguas vocais. Entretanto, vale questionar: o que se modificaria no modelo, em se tratando de tradução/interpretação entre línguas de diferentes modalidades, uma vocal-auditiva e outra gestual-visual? Esse é um dos aspectos para o qual gostaríamos de obter

dados que nos possibilitem refletir sobre quais são as características e os elementos que de fato comporiam a CTi.

Esse aspecto evidencia a necessidade de se discutir e de se investigar acerca das competências tradutórias específicas, inclusive aquelas demandadas de tradutores/intérpretes que trabalham entre línguas de diferentes modalidades, na direção inversa e/ou em áreas temáticas de especialidade, por exemplo. Como defende Rodrigues (2018),

ainda que nenhum dos modelos de competência tradutória faça referência direta às línguas de modalidade gestual-visual ou aos tradutores e intérpretes de línguas de sinais — pode-se dizer que a competência tradutória seria afetada, inclusive, pela modalidade das línguas envolvidas no processo de tradução. (RODRIGUES, 2018, p. 303).

Considerando a necessidade de se explorar mais profundamente as pesquisas sobre a competência de tradutores que trabalham entre modalidades, ou seja, a competência tradutória/interpretativa intermodal, propomos também a realização de reflexões relacionadas às influências da direcionalidade nesse trabalho interpretativo intermodal e, por sua vez, o impacto da direcionalidade na competência tradutória/interpretativa.

É interessante notar que o desenvolvimento da CT e da CTi podem se dar em diferentes níveis e dentro de nichos específicos da tradução/interpretação. Isso é dizer, por exemplo, que um tradutor pode ser experto em uma determinada área (em sua área de atuação) e não demonstrar a mesma expertise em outra, visto que fatores como área de atuação, gênero textual, encargo, direcionalidade, entre outros, podem influenciar a aquisição, automatização e desenvolvimento da CT, seja ela intermodal ou não.

Segundo Rodrigues (2018), “é possível verificar que a modalidade gestual-visual, ao ter efeitos sobre a língua de sinais, afeta necessariamente os processos tradutórios e interpretativos intermodais e, também, intramodais gestuais-visuais [...]” (p. 311). Assim, cabe mencionar a necessidade de reflexões capazes de iluminar as maneiras por meio das quais a modalidade de língua: (i) poderia ser relacionada aos diferentes componentes da competência tradutória; (ii) seria capaz de influenciar na interação que há entre eles; e, inclusive, (iii) poderia influenciar a maneira de compreendê-los e de defini-los.

Em conclusão, a relação entre modalidade de língua e CT ainda precisa ser investigada empiricamente. Para tal fim, é necessário que cada pesquisa apresente um

escopo de análise. Por exemplo, observar como o tradutor intermodal se comporta em situações de interpretação comunitária (contextos médicos, jurídicos) e como ele mobiliza os componentes psicofisiológicos; ou analisar as estratégias de documentação do intérprete intermodal no contexto de conferência (subcompetência estratégica) etc.

Nesse sentido, essa pesquisa se propõe a descrever o processo interpretativo intermodal sob a perspectiva da direcionalidade, para então relacioná-la a uma possível modelagem da CTi. Realizamos, então, uma espécie de “roteiro metodológico” de um desenho experimental para realização de pesquisas empíricas envolvendo a interpretação intermodal. É importante realizar pesquisas empírico-experimentais envolvendo a interpretação de línguas de sinais, pois a partir de insumos processuais é possível refletir ainda mais sobre os atributos e componentes de uma CTi. E esses procedimentos para esse tipo de pesquisa serão apresentados no próximo capítulo.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, descreveremos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Eles incluem a elaboração e aplicação de um questionário que foi respondido por tradutores e intérpretes de língua de sinais e a realização de um estudo piloto, em que um TILS profissional realiza tarefas de interpretação de narrativas no par linguístico Libras-português nas duas direções (inversa e direta). Neste capítulo, apresentamos a *Metodologia de Coleta* e a *Metodologia de Análise* dos dados do questionário e do estudo piloto.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na elaboração e posterior aplicação de um questionário para a seleção prévia de participantes para o estudo experimental. Utilizamos os dados do questionário não somente para a seleção de potenciais participantes da configuração inicialmente planejada da pesquisa, mas como forma de levantamento do perfil dos TILS respondentes. O questionário incluiu perguntas sobre o perfil pessoal, acadêmico e profissional dos respondentes visando garantir uma maior homogeneidade entre aqueles que participariam da pesquisa experimental inicialmente planejada, além de perguntas sobre a percepção dos respondentes sobre os níveis de dificuldade na interpretação direta ou inversa.

Através dos dados do questionário, é possível levantar discussões pertinentes sobre as variáveis abordadas neste trabalho e relacionar as repostas obtidas sobre os níveis de dificuldade na interpretação direta ou inversa com o possível dispêndio de esforço cognitivo nessas tarefas; além de levantarmos cuidados metodológicos importantes quando se organiza a seleção de participantes nesse tipo de pesquisa, como, por exemplo, a importância da homogeneidade de participantes. Dessa forma, na primeira seção deste capítulo — Metodologia de coleta —, descrevemos a metodologia empregada para a coleta de dados do questionário e do estudo piloto. Na segunda seção — Metodologia de análise —, explicamos os procedimentos de análise.

3.1 Metodologia de coleta

Com o objetivo de coletar e analisar o perfil dos potenciais participantes da pesquisa experimental e os dados processuais gerados com a realização de tarefas de interpretação intermodal simultânea direta e inversa realizadas, utilizamos as seguintes ferramentas: (i) questionário, conforme Apêndice 2; gravação de duas tarefas de

interpretação (direta e inversa); iii) protocolos verbais retrospectivos livres; (iv) entrevista semiestruturada; e (v) anotador linguístico para transcrição de dados, os quais são descritos posteriormente nesta seção. A seguir, descreveremos o desenho experimental da pesquisa, que inclui a descrição da seleção dos potenciais participantes e do participante que realizou o estudo piloto, do TF, das tarefas interpretativas e das ferramentas utilizadas para a coleta dos dados.

3.1.1 Os participantes

Os critérios para seleção de participantes em pesquisas processuais no âmbito dos ET, geralmente, são estabelecidos levando em conta a variável analisada na pesquisa. No caso da pesquisa descrita aqui, ao mostrarmos as etapas para a realização de uma pesquisa sobre IS intermodal que analisa a direcionalidade como variável principal, elencamos alguns critérios de seleção de participantes aos quais devemos nos atentar ao realizar esse tipo de pesquisa. O questionário disparado de forma on-line teve a função de selecionar os participantes para a coleta de dados inicialmente planejada, objetivando a obtenção de dados para obtermos um perfil mais homogêneo para os participantes do estudo e assim reduzir a quantidade de variáveis de análise na pesquisa.

Os critérios estabelecidos para a seleção de participantes a partir das respostas às perguntas do questionário⁴⁴ foram os seguintes: (i) ser ouvinte e ter o português como L1 e a Libras como L2; (ii) não ter preferência pela interpretação intermodal direta ou inversa; (iii) ter a interpretação como principal atividade profissional; (iv) possuir experiência em interpretação Libras-português de, no mínimo, cinco anos; (v) possuir alguma vivência em interpretação intermodal no par linguístico português-Libras de textos narrativos; (vi) realizar trabalhos de interpretação nas duas direções com frequência igual ou aproximada; e (vii) residir em Florianópolis ou na região metropolitana dessa cidade, abrangendo as cidades de São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos, Águas Mornas e São Pedro de Alcântara.

Nosso objetivo, com esses critérios, era o de minimizar, ao máximo, a influência de outros fatores que poderiam influenciar a direcionalidade, buscando-se analisá-la mais diretamente. Nesse sentido, se um dos participantes indicar que tem preferência por uma direção na interpretação (direta ou inversa), isso já pode indicar algum impacto em sua

⁴⁴ Disparamos o questionário de março/2020 a julho/2020 e obtivemos 142 respostas. Após excluídas as respostas não válidas, obtivemos um total de 121 respostas válidas.

performance interpretativa na direção que menos prefere.

Outra questão é o tempo de atuação, o qual está intimamente ligado ao fato de se ter ou não a interpretação como principal atividade profissional. Se selecionarmos participantes já experientes, as variáveis que advêm do fato de o intérprete ser novato (e.g., falta de segurança, desconhecimento de questões comportamentais e psicofisiológicas etc.) serão evitadas tanto na interpretação direta quanto na inversa.

A L1 dos participantes precisaria, obrigatoriamente, ser o português. Além disso, eles teriam que ser ouvintes, visto que somente assim podemos ter um grupo de participantes atuando nas duas direções: inversa e direta. Esse aspecto é fundamental, pois se os participantes, embora ouvintes, têm o português e a Libras como L1, seu comportamento não se dará da mesma maneira, já que não será possível precisar e distinguir direção inversa e direta no par linguístico Libras-português.

Esse é o caso dos CODAs, que são majoritariamente falantes bilíngues que cresceram com constante exposição tanto à língua vocal quanto à língua de sinais de seu país. Assim, ao realizarem uma interpretação na direção português-Libras, não estariam em uma interpretação inversa, visto que atuam de uma língua A para outra língua A. Devido a isso, os intérpretes CODAs seriam orientados a não fazer parte do grupo de participantes da pesquisa.

Os participantes (bilíngues, que tenham o português como sua L1 e a Libras como sua L2) devem realizar a interpretação nas duas direções. É importante trazer à tona a questão da ordem de tarefa. Outros estudos já mostraram que a ordem em que a tarefa é realizada pode influenciar os resultados. Por exemplo, em Ferreira (2010), vemos que a realização de uma segunda tarefa exige mais esforço cognitivo do que a primeira, mesmo sendo realizada em menos tempo. Na segunda tarefa, os participantes já possuem uma familiarização maior com todo o contexto, influenciando assim tanto seu dispêndio de esforço cognitivo como sua performance de forma geral.

A partir das respostas do questionário, disponibilizado em formato digital e divulgado por meio de redes sociais, como Facebook e por e-mail, decidiu-se inicialmente que seriam selecionados um número N de participantes para a pesquisa e que eles seriam organizados em dois grupos, a partir da ordem em que a direção da tarefa seria considerada. Um grupo de TILS realizaria primeiro a interpretação direta e, em seguida, a inversa; e o outro grupo realizaria primeiro a interpretação inversa e, então, a direta. Na seção 3.1.3, serão abordados mais detalhadamente os procedimentos metodológicos da tarefa de interpretação para coleta de dados deste tipo de pesquisa.

Assim, atentando-nos para o perfil pessoal, o perfil profissional, e a homogeneidade do grupo de participantes, encerramos aqui as considerações sobre participantes desse tipo de pesquisa, passando a seguir para as informações sobre o TF utilizado em nossas tarefas de interpretação simultânea intermodal.

3.1.2 *O texto fonte*

Refletimos sobre as características que o TF deveria apresentar para não comprometer a observação da influência da direcionalidade na tarefa interpretativa simultânea intermodal. Iniciamos com a criação de dois TFs, escolhendo textos que apresentassem características aproximadas (densidade lexical, extensão, conteúdo, complexidade), minimizando a variável “gênero textual”. Os TFs utilizados no estudo piloto estariam então sinalizados em Libras oral (para coletar dados da interpretação direta) e vocalizados em português oral (para coletar dados da interpretação inversa). De modo a controlar as variáveis que partem da subjetividade do texto a ser traduzido⁴⁵, chegamos à conclusão de que a narração/tradução de um mesmo texto imagético para Libras e para o português serviria como o insumo de partida de nossos participantes.

Os dois insumos que serviram de base para a construção dos TFs foram dois livros ilustrados sem texto escrito, releituras de fábulas de Esopo, com conteúdo, complexidade e extensão similares. Com base nesses livros, o TF em Libras⁴⁶ foi produzido espontaneamente por uma pessoa surda sinalizante que tem a Libras como língua A, e o TF em português oral⁴⁷ foi produzido espontaneamente por uma contadora de histórias ouvinte que tem o português como sua língua A e que não se comunica em nenhuma língua de sinais.

Assim, nossos TFs foram produzidos espontaneamente por meio de uma interpretação intersemiótica⁴⁸, respectivamente, por um sinalizante de Libras e um falante de português. Nesse processo de criação do TF, por se tratar de uma tradução que parte de um sistema de signos imagéticos para um sistema linguístico, foi realizada uma tradução intersemiótica. Todavia, não discutiremos esse processo nem suas implicações

⁴⁵ Dois insumos para a criação dos TFs que sejam drasticamente diferentes e não espontâneos podem influenciar desde as estratégias em cada direção até o próprio comportamento do participante ao interpretar.

⁴⁶ Transcrição do TF em Libras disponível no Apêndice 6 - Apresentamos a transcrição do TF em Libras dos sinais proferidos com a mão direita (Sinais D), pois somente alguns sinais foram feitos apenas com a mão esquerda.

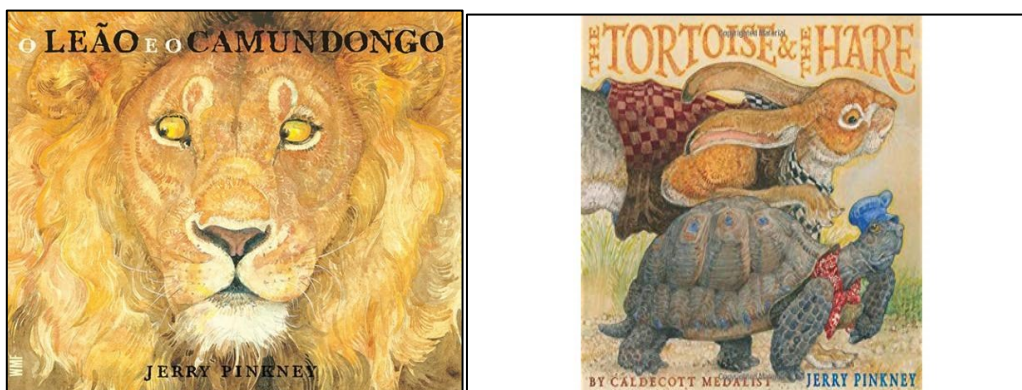
⁴⁷ Transcrição do TF em português disponível no Apêndice 7.

⁴⁸ Processo intersemiótico, pois, partiu-se de um sistema imagético (fábula contada em ilustrações apenas) para um sistema verbal (Libras e português).

para a produção do texto em Libras e em português, visto que este não é o enfoque da pesquisa.

Ambos os livros das fábulas que serviram como insumo para a produção dos TFs são da autoria de Jerry Pinkney e correspondem a uma releitura de duas fábulas de Esopo. Um deles é intitulado *O Leão e o Camundongo*, publicado no Brasil pela editora WFM Martins Fontes. O livro é uma releitura da famosa fábula de Esopo de mesmo título, porém apresentada por Pinkney por meio de ilustrações apenas, sendo algumas acompanhadas de onomatopeias. O outro livro é intitulado *The Tortoise and the Hare*, publicado pela editora norte-americana *Little, Brown and Company*, que apresenta uma releitura em imagens da famosa fábula de Esopo *A Lebre e a Tartaruga*. A seguir, temos as capas dos livros.

Figura 4 – Capa dos livros usados como insumo para a produção do TF



Fonte: Fotos feitas pela autora

O Leão e o Camundongo conta a história de um leão que demonstra compaixão ao não devorar um camundongo que cruza seu caminho. O mesmo leão, posteriormente, é pego em uma armadilha de caçadores, e o camundongo o salva ao roer as cordas daquela armadilha. *A Tartaruga e a Lebre* é a famosa história da tartaruga que desafia a lebre para uma corrida. A lebre, devido ao seu orgulho e superioridade, no meio do percurso resolve deitar-se para descansar, o que leva a tartaruga a ganhar a corrida.

Vale explicar que os TFs (em português e em Libras) precisam reunir características similares entre si e, por isso, procedemos a escolha de dois livros do mesmo autor, com número de páginas e traços similares. Além disso, é importante que seja um gênero textual de comum circulação no contexto brasileiro, assim como na comunidade surda (em escolas, em encontros informais, em apresentações teatrais etc.). Devido a isso, optamos pelo texto narrativo do gênero fábula.

Esses dois livros de fábulas da autoria de Jerry Pinkney constituem-se como *narrativas visuais*, que são aquelas narrações que utilizam apenas, ou majoritariamente, imagens como forma de contação da história. Dentro do grande grupo de narrativas, apresenta-se o gênero textual fábula. A fábula é um gênero que apresenta sequências de diálogos breves e econômicos. Pereira (2005) apresenta discussões sobre esse gênero e explicita a questão alegórica presente neles. Além disso, temos que na fábula “evidencia-se a dimensão narrativa e mimética do gênero” (ALLEAU, 1989, p. 77 apud PEREIRA, 2005, p. 22). Essa característica quase alegórica se evidencia nas interpretações por meio da riqueza de detalhes presentes nos textos que podem (ou não) serem traduzidos e se apresentarem (ou não) no TA.

Pereira (2005) afirma que a fábula “apresenta ingredientes dramáticos e sua famosa unidade de tempo, ação e espaço, assim com o propósito crítico, satírico e didático que preside à sua produção” (PEREIRA, 2005, p. 22). Deste modo, a manifestação de tempo e espaço presente na fábula vincula-se a suas outras características, como a personificação dos animais, o ritmo cortado e rápido da narrativa e a “moral da história” ao final. Esses elementos podem ser favoráveis à análise dos processos de retextualização intermodais, devido aos recursos e elementos específicos oferecidos pelas línguas envolvidas em cada direção no que tange à sua modalidade.

Assim, nossos dois TFs constituíram-se como duas fábulas, uma narrada em Libras oral/sinalizada (usada para a interpretação direta) e outra em português oral (usada para a interpretação inversa). O TF em Libras foi gravado em vídeo, com uma duração de 02 minutos e 51 segundos. O TF em português também foi gravado em formato de vídeo e teve uma duração de 03 minutos e 31 segundos. Para a realização do estudo piloto, trabalhamos com os seguintes TFs: versão em Libras oral/sinalizada de *O Leão e o Camundongo* e versão em português oral de *A Tartaruga e a Lebre*.

É possível que os TFs favoreçam a observação de algumas características na interpretação simultânea intermodal na direção inversa e direta como, por exemplo: (i) a forma pela qual o intérprete lida com a riqueza de detalhes do TF, segundo a direção da interpretação; e (ii) como se dá a mobilização de estratégias para a incorporação de personagens, para o uso de omissões, condensação de informações etc. em cada direção. Assim, ao observarmos essas características a partir das tarefas interpretativas propostas aqui, seria possível contribuir com os estudos sobre direcionalidade envolvendo interpretação de narrativas de/para línguas de sinais.

Na direção Libras→PT, o intérprete recebe em Libras uma gama de informações

majoritariamente complexas, detalhadas e visualmente codificadas, que, muitas vezes, estão para além da língua em si, as quais precisam ser devidamente compreendidas e retextualizadas de modo mais unidimensional e linear em português, utilizando conjunções, preposições, artigos, entre outros elementos da língua vocal que, muitas vezes, não compõem a língua de sinais.

Dado o gênero textual selecionado para o desenho experimental, o intérprete precisa mobilizar uma série de conhecimentos declarativos (referentes ao “saber o que fazer”, como o conhecimento extralinguístico relacionado ao modo como se inicia uma fábula em português, por exemplo, com a locução “era uma vez”) e procedimentais (referentes ao “saber como fazer”, incluindo como lidar com as informações visuais presentes no TF, com a visualidade em si e como traduzi-las para a oralidade do português). Seguindo isso, ao se deparar com uma quantidade enorme de informações em língua de sinais, sob a pressão de tempo da interpretação simultânea, o intérprete muitas vezes pode optar por utilizar estratégias para ganhar tempo, as quais serão também analisadas e discutidas neste trabalho.

Inversamente, na direção PT→Libras, ao ser exposto a um texto oral produzido em língua vocal com uma grande densidade de informações, por exemplo, interessa-nos observar como o intérprete se comporta com relação à riqueza de detalhes acessíveis ao público ouvinte. Em Libras, ele pode se valer da iconicidade, do uso do espaço e de outros recursos, além dos linguísticos, bem como optar por omitir certos detalhes/informações. Todos esses elementos se evidenciam no momento das tarefas de interpretação direta e inversa, que descreveremos a seguir.

3.1.3 Descrição da tarefa

Optamos por construir o desenho experimental partindo da perspectiva empírico-experimental em interpretação, utilizando, como já mencionado, a triangulação dos dados como abordagem metodológica, provenientes das respostas do questionário, do processo de interpretação direta e inversa, dos protocolos verbais retrospectivos livres e da entrevista semiestruturada. Essa escolha metodológica tem como objetivo realizar a investigação dos dados obtidos utilizando diferentes métodos e perspectivas, o que aumentaria a possibilidade de sucesso da pesquisa (ALVES, 2001, 2003; RODRIGUES, 2013) graças aos diferentes métodos de análise se convergindo para o mesmo objeto de pesquisa.

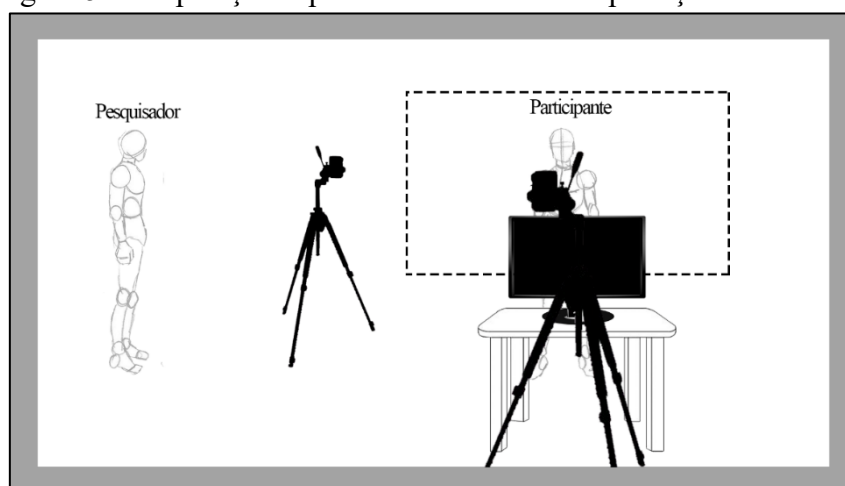
Alguns cuidados metodológicos, assim como a realização de um estudo piloto, tornam a pesquisa mais refinada e favorecem sua validade ecológica. Com a realização desse tipo de estudo, é possível observar detalhes, tanto de preparação metodológica quanto de aplicação prática da tarefa e dos instrumentos de coleta e de análise de dados, o que leva a uma coleta de dados realizada de forma mais precisa, evitando possíveis problemas metodológicos.

Propomos, então, a execução de dois tipos de tarefas: (i) uma tarefa interpretativa simultânea intermodal direta; e (ii) uma tarefa interpretativa simultânea intermodal inversa, ambas no par linguístico português-Libras. A interpretação se realiza individualmente, em estúdio. O processo é registrado em vídeo, de acordo com um roteiro a ser seguido, conforme apresentado a seguir.

Primeiramente, o TF é disponibilizado em vídeo para o intérprete, que terá um tempo máximo para se familiarizar com ele, podendo assisti-lo novamente quantas vezes achar necessário, porém mantendo-se dentro do tempo limite de preparação da pré-tarefa⁴⁹. O vídeo-fonte ficou disponível no computador durante o período da familiarização do intérprete; no momento da tarefa de interpretação, ele é exibido em um monitor de televisão.

Após a preparação, o intérprete se posicionaria em frente ao monitor de televisão, que exibia o vídeo-fonte, com uma câmera de frente para captação da interpretação e outra câmera foi posicionada lateralmente para captar a exibição do TF concomitantemente à realização da interpretação. A disposição espacial para o momento da gravação da tarefa se encontra na Figura 5 a seguir.

Figura 5 – Disposição espacial da tarefa de interpretação simultânea.



Fonte: Elaborada pela autora

⁴⁹ Oferecemos ao intérprete o dobro do tempo total do TF para a etapa da familiarização.

Finalizada a tarefa interpretativa, o intérprete tinha contato com o produto final da interpretação assistindo no *notebook* ao vídeo com a interpretação que havia acabado de realizar. Então, procedeu-se a coleta dos protocolos verbais retrospectivos livres, os quais também são gravados em vídeo. Após esse passo, seguiu-se à entrevista semiestruturada.

É importante ressaltar dois pontos sobre a realização da tarefa: a ordem escolhida para a interpretação nas duas direções e a validade ecológica do experimento. Sabemos que a ordem escolhida para a tarefa (primeiro a sinalização e depois a vocalização, ou vice e versa) influencia o processo interpretativo. Tais influências vão desde o desempenho do participante, do esforço cognitivo no momento da segunda interpretação, até a adaptação ao ritmo da narrativa, à maneira de falar/sinalizar do autor do TF etc.

Como consta em Ferreira (2010), em um estudo sobre direcionalidade na tradução, realizado com tradutores do par linguístico português-ínglês, indica que “a ordem de realização surge como efeito facilitador e permite que os tradutores diminuam o tempo de dedicação quando da segunda tarefa, ao aproveitarem o conhecimento adquirido durante a tradução da primeira tarefa” (FERREIRA, 2010, p. 64).

Ainda de acordo com Ferreira (2010), em sua pesquisa, “verificou-se que o uso de textos não-correlatos elimina o efeito facilitador durante a segunda tarefa — seja TD [tradução direta] ou TI [tradução inversa] [...]” (FERREIRA, 2010, p. 67-68). Para minimizarmos essas outras variáveis, sugerimos organizar a tarefa da seguinte forma: a coleta de dados de cada participante seria realizada no mesmo dia, sendo que um grupo faria primeiro a interpretação direta seguida da inversa e o outro grupo, a inversa primeiro, seguida da direta.

Com relação à validade ecológica do experimento, levando em consideração o que já sabemos sobre a atuação profissional na área, é comum ser requerido dos intérpretes a tradução/interpretação desse tipo de gênero textual para utilização em salas de aula, em apresentações, para produção de vídeo-livros etc., com ou sem a presença de público. Assim, podemos afirmar que as condições simuladas para a produção da tarefa proposta aproximam-se de situações reais de interpretação desse gênero textual específico. Finalizada a gravação das tarefas interpretativas, passou-se para a aplicação dos protocolos verbais.

3.1.4 Os protocolos verbais retrospectivos livres

Utilizamos procedimentos metodológicos que nos permitem descrever o processo interpretativo intermodal, visto que a abordagem processual busca desvendar o que se passa na mente do tradutor e/ou do intérprete durante a realização da tarefa. Dessa forma, os protocolos verbais, que se constituem como uma profícua ferramenta de coleta de dados processuais, são empregados nesta pesquisa, como já mencionado anteriormente. É bom esclarecer que não existe apenas um tipo de protocolo verbal, cuja aplicação é feita com fins específicos, a depender do objetivo do pesquisador.

Os protocolos verbais, em inglês *Think-Aloud Protocols* (TAPs), são uma técnica de coleta de dados que consiste no relato do participante acerca de uma determinada tarefa que está sendo realizada ou já foi realizada por ele. De forma geral, o participante pode fazer os TAPs concomitantes, ou seja, ele relata em voz alta quais foram seus pensamentos, suas reflexões, suas impressões, seus sentimentos e suas decisões durante a realização de uma certa tarefa, ou os protocolos verbais retrospectivos, sendo estes realizados após a conclusão de uma tarefa.

Originalmente, os protocolos verbais foram empregados em pesquisas da área da Psicologia com o objetivo de obter dados acerca dos pensamentos, sentimentos e impressões de um indivíduo que não são diretamente observáveis (ERICSSON; SIMON, 1980). Ao considerarmos o crescente interesse dos estudos processuais da tradução de acessarem a “caixa preta” do tradutor durante a sua tarefa tradutória/interpretativa, os protocolos verbais têm sido um dos métodos mais empregados para esse fim (RODRIGUES, 2015; JAASKELAINEN, 1998; DORNYEI, 2007). Os relatos fornecidos através da coleta dos protocolos verbais “fornecem pistas para as inferências do pesquisador sobre os processos cognitivos e inferenciais que subjazem [...] a tarefa tradutória” (RODRIGUES, 2015, p. 49).

Podemos dividir os protocolos verbais em dois grandes grupos em consonância com o *momento* no qual são realizados: os retrospectivos e os concomitantes. O primeiro acontece após a realização da tarefa de tradução e no segundo os participantes relatam e verbalizam ao mesmo tempo em que realizam a tarefa. Alguns pesquisadores como Rodrigues (2013), Koglin (2015) e Fonseca (2016) utilizaram essa ferramenta metodológica em suas pesquisas, constituindo-se como fontes de informação sobre os detalhes da usabilidade dessa ferramenta.

Nesse sentido, há discussões na literatura acerca da sobrecarga cognitiva que os

protocolos verbais concomitantes podem ter sobre o tradutor durante a execução de sua tarefa. Se pensarmos na interpretação simultânea, intramodal ou intermodal, fica inviável a aplicação desse tipo de ferramenta, visto que o intérprete não pode parar de proferir a sua interpretação para relatar. Existem outros métodos que consistem em pequenas interrupções da tarefa para que o intérprete (ou em alguns casos o tradutor) possa relatar suas impressões sobre o que está acontecendo durante a interpretação simultânea. Contudo, “além dessa verbalização ser inviável no caso da interpretação simultânea, há também o fato de que a simples interrupção do processo já o altera⁵⁰” (SHLESINGER, 2000 apud RODRIGUES, 2015, p. 51).

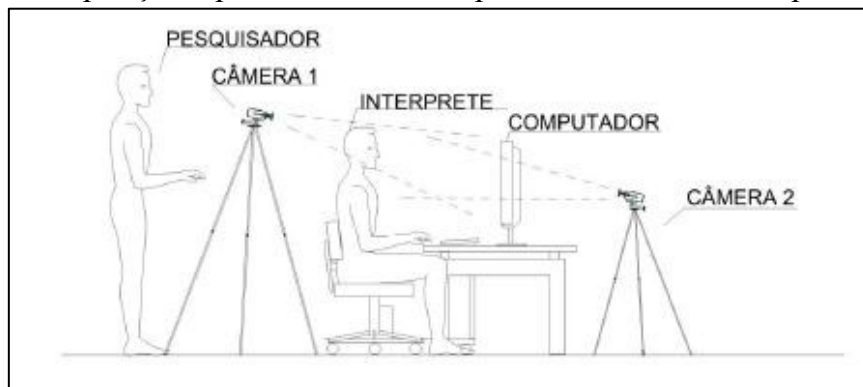
Dessa forma, usamos os protocolos verbais retrospectivos, que não interferem no ritmo cognitivo dos intérpretes, visto que são coletados após a realização da tarefa, sem interrompê-la. Então, para a coleta, os intérpretes têm acesso ao produto de sua interpretação como insumo e o registro em vídeo do relato é feito para fins de análise, considerando-se o relato do intérprete enquanto na tela do *notebook* é exibido o produto da interpretação sobre o qual ele relata.

Os protocolos verbais também podem ser divididos em relação aos *tipos* e em como o pesquisador interfere na sua aplicação. Por exemplo, há protocolos verbais livres, nos quais os participantes assistem à sua interpretação e podem falar livremente sobre quaisquer aspectos que julguem necessários. Há também os protocolos verbais guiados/dirigidos, nos quais o pesquisador realiza perguntas ou comentários sobre trechos específicos da interpretação enquanto os participantes assistem ao vídeo da interpretação realizada.

Em nosso estudo piloto, utilizamos protocolos verbais retrospectivos livres. A coleta foi registrada em vídeo para fins de análise e transcrição dos dados. A disposição espacial foi feita de acordo com a proposta de Rodrigues (2013) apresentada a seguir:

⁵⁰ Tradução de Rodrigues, 2013, p. 74.

Figura 6 – Disposição espacial da coleta dos protocolos verbais retrospectivos livres.



Fonte: Rodrigues (2013, p. 92)

Os protocolos verbais são uma ferramenta útil para a obtenção de dados referentes ao processo interpretativo simultâneo. Os intérpretes podem relatar suas dificuldades e impressões em cada direção da interpretação; assim é possível, além de descrever o processo interpretativo, propriamente dito, refletir sobre o processamento cognitivo e a operacionalização da interpretação.

Além dos dados coletados através do questionário e dos protocolos verbais retrospectivos livres, ambos já descritos nesta seção, discutimos também a aplicação de uma entrevista semiestruturada. Apresentamos, a seguir, as informações metodológicas relevantes sobre a aplicação da entrevista no ambiente de coleta experimental desta pesquisa.

3.1.5 Entrevista semiestruturada

As entrevistas semiestruturadas têm o objetivo de traçar o perfil profissional, obter informações mais gerais sobre a formação, a atuação e as perspectivas profissionais. A entrevista caracteriza-se como um momento em que os intérpretes poderão apresentar seus pontos de vista e suas impressões sobre o processo interpretativo como um todo a partir de perguntas preestabelecidas pelo pesquisador.

De acordo com Gil (1997), as entrevistas semiestruturadas são instrumentos flexíveis que requerem uma certa preparação por parte do pesquisador, para conseguir conduzir a entrevista adequadamente.

As entrevistas são realizadas individualmente com cada participante, após a realização dos protocolos verbais retrospectivos livres. A condução da entrevista é feita pelo pesquisador e gravada em vídeo com perguntas elaboradas previamente, e com

perguntas adicionais quando algum esclarecimento extra for necessário. Pensando no escopo descrito aqui, propomos algumas perguntas, apresentadas no Quadro 5 a seguir:

Quadro 5 – Perguntas da entrevista semiestruturada

-
- 1) Qual das duas tarefas de interpretação (Libras para português ou português para Libras), você achou mais difícil interpretar? Por quê?
 - 2) As estratégias que você utilizou para executar as duas tarefas de interpretação (Libras para português e português para Libras) foram iguais? Por quê?
 - 3) Os textos que você interpretou são fábulas, um gênero narrativo. Se fosse outro gênero textual, você teria utilizado estratégias diferentes para fazer a interpretação? Por quê?
 - 4) Na sua opinião, qual(is) é(são) o(s) maior(es) desafio(s) da interpretação simultânea Libras para o português e da interpretação português para Libras? Por quê?
 - 5) O tempo que você utilizou para preparar-se para a interpretação de Libras → português e para português → Libras foi suficiente? O que você mudaria na sua preparação para melhorar o seu desempenho nas duas tarefas de interpretação?
 - 6) Qual foi o papel dos vídeos da etapa da familiarização para as tarefas de interpretação?
 - 7) Você costuma trabalhar em equipe ou sozinho para executar tarefas de interpretação? Se você tivesse tido um intérprete de apoio para executar cada uma das tarefas de interpretação, você teria solicitado ajuda dele em algum momento da execução dessas tarefas? Por quê?
 - 8) Na sua opinião, o que é necessário para que um tradutor e intérprete de Libras-português seja um profissional competente na sua área de atuação?
-

Fonte: Elaborado pela autora

Essas perguntas propõem uma visão bem ampla das opiniões e impressões do participante. Um dos objetivos na triangulação é relacionar as respostas da entrevista com os relatos dos protocolos verbais retrospectivos livres e com os dados obtidos a partir das respostas fornecidas no questionário. Após a execução dessas etapas, os dados coletados foram transcritos, conforme detalhado na seção a seguir.

3.1.6 A transcrição dos dados

No primeiro momento da transcrição dos dados, trabalhamos com duas etapas: (i) a transcrição do português oral (vocalização) para o português escrito; e (ii) a transcrição da sinalização em Libras para um Sistema de Notação de Palavras (BRITO, 1995). Segundo Marcuschi (2000), “o essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados” (MARCUSCHI, 2000, p. 9).

Realizamos a transcrição do português oral para o português escrito, por acreditar que é importante chamar atenção para as marcas da oralidade, as quais precisarão estar presentes também no texto escrito por meio das convenções de transcrição

(MARCUSCHI, 2000). No momento da transcrição dos dados, nos apoiamos na discussão previamente abordada sobre modalidade de língua e modalidade de uso de língua para definir qual seria o melhor sistema de transcrição para cada modalidade.

A transcrição dos dados da vocalização e da sinalização foram feitas com o auxílio do *software* ELAN (EUDICO *Language Annotator*), um programa gratuito e compatível com os principais sistemas operacionais que foi desenvolvido pelo *Max Planck Institute of Psycholinguistics*. No endereço <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/> é possível ter acesso ao programa e baixá-lo para o computador.

O ELAN é uma ferramenta que possibilita anotar dados linguísticos, assim como sistematizar e informatizar dados em vídeo. O *software* permite a inserção de diferentes produtos multimídia, possibilitando a sincronização de mais de um vídeo do mesmo evento e permitindo a visualização de diferentes categorias do mesmo evento (o TF, as glosas em Libras, comentários etc.).

Além disso, podemos utilizar o ELAN para verificar as frequências, recorrências, durações e repetições de dados estatísticos, pois é uma ferramenta muito útil nas pesquisas quantitativas nas áreas da Linguística, Linguística Aplicada e também nos ETILS. Além disso, ele possibilita a exportação dos dados em diversos formatos, permitindo que o pesquisador escolha aquele que mais se adequa às suas necessidades. Nessas áreas, vários pesquisadores já têm utilizado o ELAN como ferramenta de informatização dos dados. Na área da Libras, podemos citar Quadros e Pizzio, (2007), Rodrigues (2013) e Ferreira (2019), entre outros. Dessa forma, nessa pesquisa, o *software* é utilizado para transcrição dos dados do estudo piloto, que será explicado em detalhes na próxima seção e, por sua vez, para comparação e descrição do processo interpretativo direto e inverso.

3.1.7 O estudo piloto

Com o objetivo de garantir o refinamento metodológico das discussões propostas, foi realizado um estudo piloto em novembro de 2019, com um participante. O participante piloto é TILS profissional há mais de quinze anos, e atualmente cursa Doutorado em Estudos da Tradução. A seguir, descrevemos as etapas do estudo piloto e as adequações ao desenho experimental propostas após sua realização.

Primeiramente, foi feito um “roteiro” do piloto, constando todas as etapas devidamente descritas — desde o agradecimento ao participante, até seu posicionamento no estúdio em que o estudo piloto foi realizado (o espaço físico se trata de estúdio

devidamente equipado com isolamento acústico e *chroma-key* para filmagem).

Para que a coleta de dados acontecesse como o planejado, foi necessário o uso de alguns equipamentos e espaços propícios para a realização das tarefas, como um *notebook* (para a disponibilização do TF no momento de preparação do intérprete); um televisor com sistema de volume adequado e de tamanho apropriado à sua visualização a distância (para a exibição do TF durante a interpretação simultânea); câmeras e tripés para a gravação em vídeo das tarefas interpretativa e dos protocolos verbais retrospectivos livres; e fones de ouvido para a coleta dos protocolos verbais (para evitar sobreposição do áudio interpretado com o áudio dos protocolos).

No dia agendado para a realização do piloto, o participante recebeu em mãos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE),⁵¹ e teve o tempo necessário para lê-lo e para esclarecer suas dúvidas. A assinatura do TCLE se deu em duas vias — uma para o participante e uma para a pesquisadora. O piloto foi realizado no Estúdio de Videoconferência do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina (CCE-UFSC), o qual contém todas as dimensões e características propícias para gravações em áudio sem ruído, assim como câmeras profissionais para gravações em vídeo de altíssima qualidade.

O participante se familiarizou com o TF que interpretaria em seguida. O primeiro TF exibido foi a fábula *O Leão e o Camundongo* em Libras oral/sinalizada. O participante recebeu as seguintes instruções oralmente: “Você terá o dobro do tempo da duração total do TF para se familiarizar com ele. Você não poderá usar nenhum apoio ou fonte externa no momento da familiarização. Você interpretará essa história para alunos ouvintes fluentes em português dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola do município de Florianópolis. Durante o processo de interpretação, você não contará com o auxílio de outro intérprete”. Após a ciência das informações acerca das condições das tarefas de interpretação e do encargo, no *notebook*, foi feita a exibição do primeiro TF, o qual o participante poderia pausar e/ou adiantar sua exibição, contribuindo assim para a sua familiarização com o texto.

Um momento crucial no estudo piloto foi o posicionamento das câmeras para a gravação da familiarização do participante com o TF e para a gravação da tarefa de interpretação. Visto que nesses dois momentos o participante se posiciona em locais diferentes do estúdio, foi necessário mover as câmeras e reposicioná-las. A partir dessa

⁵¹ Um modelo do TCLE entregue ao participante piloto está disponível no Apêndice 3.

dificuldade encontrada no estudo piloto, é aconselhável tomar as devidas precauções para que, na coleta definitiva de dados, o posicionamento das câmeras já esteja previamente assinalado com uso de marcas no chão indicando qual será a posição exata delas em cada etapa.

Ainda com relação às questões técnicas, o estudo piloto possibilitou que nos certificássemos que certas medidas de segurança, com relação as câmeras, deveriam ser tomadas para a coleta. Isso inclui, por exemplo, possuir uma bateria extra caso ocorra algum problema com as mesmas e, da mesma forma, observar a altura adequada dos tripés para o enquadramento correto do espaço de sinalização do participante.

Primeiramente foi realizada a tarefa de interpretação direta. Após a etapa da familiarização com o TF, foi requisitado ao participante que interpretasse a fábula *O Leão e o Camundongo* da Libras para o português. O participante posicionou-se em frente à TV — em que o TF seria exibido — e realizou a interpretação. Duas câmeras captaram a tarefa — uma exatamente a frente do participante e outra na lateral. Na tarefa direta, percebemos a necessidade de utilizar um microfone de lapela, pois, em alguns momentos, se o participante abaixar muito seu tom de voz, apenas o sensor das câmeras não capta sua fala em alto e bom som.

Após a realização da primeira tarefa de interpretação direta, ou seja, da Libras para o português, realizamos o protocolo verbal retrospectivo livre. As instruções para sua realização foram fornecidas ao participante, conforme o Apêndice 1.

As mesmas etapas foram seguidas para a realização da segunda tarefa de interpretação, a inversa, do português para Libras. A fábula narrada em português foi *A Tartaruga e a Lebre*. As mesmas etapas de familiarização, gravação da tarefa e da aplicação protocolo verbal retrospectivo livre foram seguidas.

A última etapa do estudo piloto foi a entrevista semiestruturada, conforme a seção 3.1.5. O participante não demonstrou dificuldade em responder as perguntas. Por fim, agradecemos ao intérprete pela sua disponibilidade e participação.

A seguir, apresentamos um roteiro com os passos seguidos no estudo piloto, desde a chegada do participante até a finalização. O roteiro completo utilizado no estudo piloto está disponível no Apêndice 1. O objetivo do quadro a seguir (Quadro 6) é apresentar de forma resumida, para uma consulta rápida, os passos realizados no piloto.

Quadro 6 – Procedimentos realizados no estudo piloto

Etapas do estudo piloto	Procedimento
Passo 1: Chegada do participante no estúdio para realização do estudo piloto	Dar as boas-vindas; Assinatura do TCLE em duas vias: uma arquivada pelo pesquisador e uma entregue ao participante.
Passo 2: Familiarização do participante com o primeiro TF	TF 1, em formato de vídeo, rodado no notebook e assistido pelo participante por, no máximo, o dobro de tempo de sua duração, sem a possibilidade de uso de apoio ou fonte externa.
Passo 3: Instrução para a realização da tarefa de interpretação	Informar ao participante o público-alvo de sua interpretação, e se contará ou não com o auxílio de outro intérprete de apoio.
Passo 4: Gravação da tarefa de interpretação simultânea intermodal	Exibição do TF em monitor de televisão em frente ao participante. Posicionamento de no mínimo duas câmeras para a gravação da tarefa: uma exatamente em frente ao participante e outra na lateral (captando os sinais de forma mais completa e gravando a interpretação e a exibição do TF concomitantemente)
Passo 5: Aplicação do protocolo verbal retrospectivo livre	Exibição no notebook da interpretação feita pelo participante. Explicar ao participante que à medida que assiste, pode descrever, com total liberdade, todos os pensamentos, reflexões e ideias que passaram pela sua cabeça durante a execução da tarefa.
Passo 6: Replicar dos passos 2, 3, 4 e 5 aplicados à execução da tarefa de interpretação inversa	Seguir os passos 2, 3, 4 e 5 executando a tarefa inversa.
Passo 7: Realização da entrevista semiestruturada	Explicar ao participante que a entrevista visa obter informações mais gerais sobre suas experiências e perspectivas profissionais. Explicar que o participante poderá apresentar seu ponto de vista e suas impressões sobre o processo interpretativo como um todo. Pesquisador senta-se a frente do participante, posicionamento da câmera em frente a ambos, e realiza as perguntas da entrevista.

Passo 8: Finalização	Questionar se o participante tem alguma outra pergunta ou comentário sobre o estudo piloto; Agradecer ao participante pela participação.
-----------------------------	--

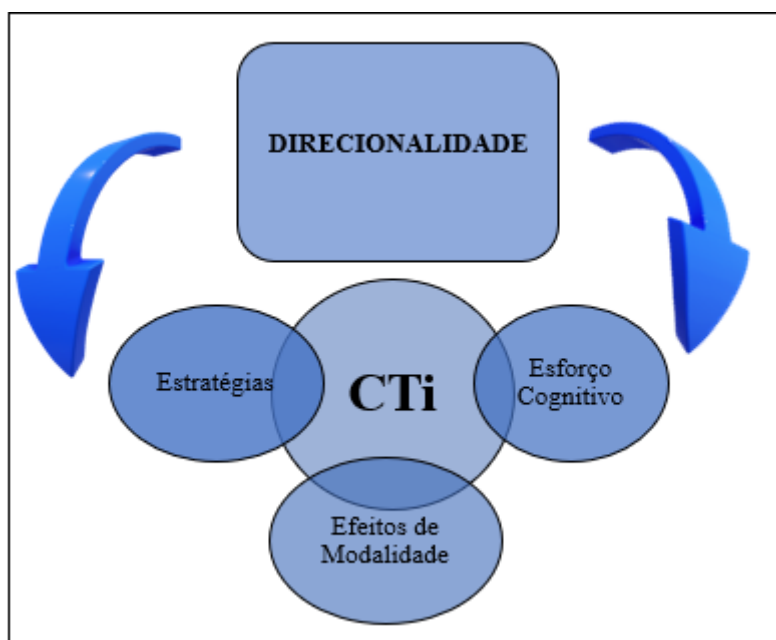
Fonte: Elaborado pela autora

Devidamente descritas as etapas e os procedimentos realizados no estudo piloto, na próxima seção, descreveremos os métodos de análise para alcançarmos os objetivos propostos na pesquisa. Encerramos aqui a seção da Metodologia de Coleta, passando então para a descrição da Metodologia de análise.

3.2 Metodologia de análise

Nesta seção, explicaremos a metodologia de análise de cada aspecto (esforço cognitivo, estratégias interpretativas, efeitos de modalidade e CTi) no âmbito de uma pesquisa empírico-experimental envolvendo a interpretação intermodal de narrativas e tendo como variável principal a direcionalidade do processo, como explicitado no Quadro 7 a seguir.

Quadro 7 – Esquema de análise



Fonte: Elaborado pela autora

Como esboçado nesse esquema de análise, todas as análises estão relacionadas com a influência da direcionalidade em cada um dos aspectos pesquisados: (i) esforço

cognitivo; (ii) estratégias interpretativas; (iii) efeitos de modalidade; e (iv) CTi. Abordaremos, a seguir, cada aspecto separadamente partindo dos resultados do estudo piloto.

3.2.1 Esforço cognitivo

Como esclarecido no referencial teórico, investigamos diferentes indicadores de esforço cognitivo no processo de interpretação simultânea intermodal direta e inversa do estudo piloto. Realizamos a análise do esforço cognitivo com base em três blocos: (i) indicadores de esforço cognitivo em tarefas interpretativas intermodais — pausas, hesitações, repetição de sinais, desvio de olhar e prolongamento de sinais —; (ii) análise dos protocolos verbais e sua relação com o dispêndio de esforço na interpretação direta e inversa; e (iii) relação de respostas do questionário e da entrevista sobre a dificuldade em cada direção de interpretação.

As pausas serão analisadas conforme seu número total, sua duração e seu tipo (preenchidas, não-preenchidas). Em nossa investigação, relacionamos o número de ocorrências das pausas em relação à sua duração e ao seus tipos nos processos da interpretação simultânea intermodal direta e inversa.

É importante mencionar que as pausas que naturalmente fazem parte do discurso, tanto na interpretação direta quanto na inversa, não serão consideradas na análise. Analisaremos as razões das ocorrências das pausas e consideraremos o contexto discursivo das ocorrências, podendo assim inferir algumas das situações que indicam acesso ao bloco reflexivo (RODRIGUES, 2013). Reiteremos que utilizamos a categorização da duração das pausas seguindo Chacon e Shulz (2000): pausas muito breves (até 0,19s), breves (0,20s – 0,79s), médias (0,80s – 1,30s), longas (1,40s – 1,99s) e muito longas (mais de 2,00s). Com relação aos tipos de pausas, elas são classificadas conforme as categorias indicadas no Quadro 8.

Quadro 8 – Categorização dos tipos de pausas

Tipos de Pausas	
Interpretação Direta (Libras→PT)	Interpretação Inversa (PT→Libras)
Preenchidas: utilização de <i>eh</i> , <i>uh</i> prolongado	Preenchidas: sinal prolongado
Silenciosas: Sem preenchimento vocalizado.	Não-preenchidas: Mãos em posição de descanso.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Siple (1993) e em Chacon e Shulz (2000)

As interpretações foram transcritas no ELAN. Após a transcrição, o número total de pausas foi contabilizado, a duração média calculada e o tipo de pausas identificado, analisado e relacionado com os outros indicadores de esforço cognitivo descritos a seguir.

Outro indicador de esforço cognitivo analisado são as repetições de sinais. É importante lembrar, como evidenciado no referencial teórico, que as repetições podem ser feitas com a finalidade de construção de sentido, e não apenas como indicador de esforço ou estratégia para resolução de problemas. Sobre essas repetições, Rodrigues (2013) salienta: “a repetição de sinais tem, não somente a função de monitoramento do TF, mas também de enriquecimento do sinal” (RODRIGUES, 2013, p. 223).

Assim, analisamos as repetições dos sinais realizadas durante o processo de interpretação direta e inversa baseando-nos em Ferreira (2001) e em Rodrigues (2013). Para isso, utilizamos o sistema de transcrição do ELAN, em que elas são anotadas e analisadas a partir dos blocos de informação presentes no contexto do maior número de ocorrência de repetições, averiguando-se e diferenciando-se o número de ocorrências de repetições como indicação de problemas ou como parte natural da construção oral/sinalizada.

Nesse mesmo sentido, são analisados os prolongamentos de sinais. Com base nos dados das interpretações inversa e direta e por meio das anotações feitas com o *software* ELAN, os sinais que apresentarem um prolongamento que não seja sua produção habitual são contabilizados em números de ocorrência e localizados no contexto da interpretação. O desvio de olhar é analisado de acordo com as pausas de produção do TF. Observa-se que, nesses momentos, o intérprete pode estar demonstrando maior esforço cognitivo, pois poderia estar acessando bloco reflexivo em seu ambiente cognitivo. Anotamos as ocorrências de desvio de olhar sempre que o intérprete movimentar o olhar para um ponto diferente do definido inicialmente (SIPLE, 1993). Outros indicadores de esforço cognitivo que eventualmente surgirem no decorrer da análise dos dados serão explicados no Capítulo 4.

Com relação aos resultados obtidos com os protocolos verbais retrospectivos livres após a realização do estudo, as análises se configuraram da seguinte forma: (i) transcrição para o português dos trechos dos relatos do participante sobre as principais dificuldades de cada uma das direções da interpretação intermodal; (ii) análise desses trechos relacionando-os com o esforço cognitivo e com as especificidades do gênero interpretado (narrativas visuais – fábulas); e (iii) reprodução de alguns trechos do relato do participante do estudo piloto em consonância com os outros dois aspectos de análise

descritos acima (i e ii).

Finalmente, relacionamos as respostas do questionário que dizem respeito à dificuldade de interpretação em cada uma das direções com os indicadores de esforço cognitivo analisados no estudo piloto. Por exemplo, a pergunta 11 do questionário é: “em qual direcionalidade você sente mais dificuldade para interpretar?”. Dos 121 respondentes, 63 afirmaram ter mais dificuldade na vocalização, ou seja, da Libras para o português. Esse resultado pode apontar para uma possível relação entre uma maior dificuldade ou maior dispêndio de esforço cognitivo em uma dada direção.

As respostas a essa e outras perguntas podem servir como base para a análise conjunta de elementos que indicam maior ou menor dispêndio de esforço cognitivo em cada direção da interpretação simultânea intermodal. Com isso, esperamos ampliar o horizonte para futuros pesquisadores na área que utilizem uma metodologia empírico-experimental com o objetivo de investigar o esforço cognitivo de intérpretes intermodais. A seguir, apresentamos como foram analisados os efeitos de modalidade.

3.2.2 Efeitos de modalidade

Sabe-se que os efeitos de modalidade estão sempre atrelados às características de uma língua gestual-visual. (RODRIGUES, 2013, 2018). Como já abordado, a atividade tradutória/interpretativa intermodal requer que o profissional lide com efeitos específicos da modalidade da língua gestual-visual envolvida no processo. Além dos efeitos da modalidade serem perpassados por mais ou menos esforço cognitivo e uso de diferentes estratégias em cada direção, esboçamos também duas possíveis categorias de análise para os efeitos de modalidade, uma para cada direção. Para a interpretação inversa, analisamos a construção imagética das informações a partir da exploração dos recursos linguísticos específicos das línguas de sinais. Para a interpretação direta, analisamos o desempacotamento e a linearização de informações enriquecidas por características intrínsecas à modalidade gestual-visual.

Assim, para cada uma dessas duas categorias, é elencada uma série de elementos que podem ser vistos como potenciais efeitos da modalidade quando do processo interpretativo direto ou inverso. Nesse sentido, analisamos a modalidade em relação com a direcionalidade, complementando nossa discussão com as informações presentes nos protocolos verbais e na entrevista realizada com o participante do estudo piloto. Esclarecendo as duas categorias de forma mais clara, podemos pensar especificamente na

construção imagética e no desempacotamento e linearização de informações como apresentado no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 – Categorias de análise dos efeitos de modalidade

Direção	Categoria	Descrição da categoria
Interpretação inversa	Construção imagética	Narração do TF em português apresentando informações imagéticas, como descrição do ambiente no qual a fábula se passa, descrição da vestimenta dos animais etc. Como essas informações são construídas visualmente na interpretação?
Interpretação direta	Linearização	Elementos visuais presentes no TF sinalizados, principalmente devido ao gênero textual fábula, são linearizados de que forma no discurso interpretado?

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos resultados do estudo piloto e com os produtos gerados pelas tarefas de interpretação dos TFs devidamente transcritos no ELAN, identificaremos partes no discurso interpretado que apresentam os efeitos de modalidade. No caso do texto em Libras, observamos os trechos do TF que contém uma grande concentração de classificadores, visto que a interpretação desse trecho pode apontar elementos das categorias criadas relacionados aos efeitos de modalidade. A seguir, passamos para a apresentação dos passos para a análise das estratégias interpretativas.

3.2.3 Estratégias interpretativas

Como já explicado anteriormente, elencamos grupos de estratégias que estariam propensos a aparecer nas tarefas de interpretação direta e inversa. Esses grupos de estratégias, também denominados de macroestratégias, foram analisados a partir dos dados transcritos no ELAN e das informações presentes nos protocolos verbais e na entrevista com o participante do estudo piloto.

A partir da análise e comparação minuciosa entre a produção do TF e do discurso interpretado, as estratégias mais utilizadas na vocalização e as mais adotadas na sinalização foram listadas em uma tabela e situadas dentro dos contextos específicos em que ocorreram. Algumas estratégias de automonitoramento podem ocorrer caso o intérprete reduza ou aumente a velocidade de sua interpretação, dependendo da produção do TF. Assim, nos casos em que essa situação seja percebida, é feito o reconhecimento dos elementos que aparecem antes e depois no discurso com a marcação na própria transcrição e com o preenchimento de uma tabela de análise proposta.

Outras estratégias podem ser específicas da direção português-Libras, por

exemplo, a exploração do espaço de sinalização. Nos momentos em que o intérprete realiza uma reprodução imagética em Libras mais evidente (situações discursivas específicas do gênero fábula, como a visualidade e detalhamento do local onde se passa a história, a descrição dos personagens etc.), também é feita a marcação em uma trilha específica nas anotações do ELAN para que se analise o entorno dessa situação e se possa nomear quais macroestratégias o intérprete provavelmente está mobilizando.

Outro caso interessante de se observar com relação ao uso das estratégias são os classificadores. Identificamos as partes do TF em Libras que possuem uma maior concentração de classificadores para analisar esses momentos em busca do uso de alguma macroestratégia. No caso inverso, ou seja, do português para Libras, identificamos trechos com presença do registro oral e analisamos quais as estratégias de interpretação estão sendo mobilizadas pelo intérprete.

Inicialmente partimos de um grupo de estratégias, quais sejam, omissão, condensação/aproximação, adição, substituição e paráfrase/naturalização, e analisamos se foram usadas ou não. Basicamente, as análises das macroestratégias giram em torno desse grupo, e além dessas estratégias, outras categorias podem surgir e serão também analisadas caso sejam identificadas. A seguir, discutimos metodologia de análise da influência da direcionalidade no processo interpretativo intermodal.

3.2.4 Direcionalidade

A investigação experimental da influência da direcionalidade no processo interpretativo intermodal precisa levar em consideração diversos aspectos metodológicos, como a validade ecológica do experimento, a definição de indicadores claros da influência da direcionalidade, uma amostra de participantes e ambiente experimental devidamente construído, dentre outros.

Nesta dissertação, analisamos a tríade (esforço cognitivo, efeitos de modalidade e estratégias interpretativas) para análise da direcionalidade no processo interpretativo intermodal. Inicialmente investigamos: (i) a quantidade de sinais e de palavras nas duas direções; e (ii) a relação da velocidade da interpretação nas duas direções (total de palavras por minuto – total de sinais por segundo).

Com relação à velocidade da interpretação nas duas direções (a média do fluxo de produção de palavras e sinais), consta na literatura que, geralmente, o texto em língua de sinais corresponde à metade da taxa de produção do texto em língua vocal. Em uma

generalização, a enunciação de dez palavras geraria cerca de cinco sinais na interpretação. É interessante analisar esse tipo de informação pois podemos comparar aspectos mais textuais dos TFs em relação aos textos interpretados e realizar, assim, apontamentos da relação entre a direcionalidade do processo interpretativo e o gênero textual interpretado.

Dessa forma, com os dados devidamente transcritos no ELAN, podemos relacionar indicadores de esforço cognitivo, uso de estratégias e efeitos de modalidade para chegarmos a algumas conclusões sobre a influência da direcionalidade nesse processo: (i) qual direção exigiu mais esforço cognitivo por parte do intérprete?; (ii) quais estratégias se destacaram em cada direção?; e (iii) quais efeitos de modalidade se evidenciam mais na vocalização e na sinalização?

Além disso, apoiamo-nos também nos dados obtidos por meio da entrevista, dos protocolos verbais retrospectivos livres e do questionário para fazer inferências sobre a influência da direcionalidade no processo. Dessa forma, as análises baseiam-se na triangulação, contribuindo para futuras pesquisas experimentais envolvendo língua de sinais. A seguir, apresentamos a última seção deste capítulo, em que é discutido a metodologia de análise da CTi.

3.2.5 *Competência tradutória intermodal*

Apresentamos, aqui, o passo a passo da análise e de que forma definiremos os componentes da CTi. Como mencionado anteriormente, ainda são incipientes as pesquisas que analisem a CTi de forma sistemática, o que apresenta desafios para pesquisadores no âmbito dos ETILS que se dedicam a estudar os componentes da CTi, a partir de uma perspectiva empírica.

Com base principalmente nas discussões de PACTE (2003; 2017), de Rodrigues (2018), de Tiselius (2018) e de Wang et al. (2020), apresentamos nossas análises sobre a CTi. O grupo PACTE (2003; 2017), ao apresentar a definição de CT, considera majoritariamente o ofício do tradutor intramodal trabalhando com a língua em sua modalidade escrita. Nesse sentido, surgem novas pesquisas adaptando esse conceito de CT aos intérpretes e, mais especificamente, aos intérpretes intermodais. Rodrigues (2018) afirma que:

um modelo específico de competência intermodal [...] precisa dar conta do impacto da modalidade de língua sobre a competência do tradutor, destacando, no mínimo, algum traço ou componente distintivo relacionado às *habilidades corporais motoras de codificação integrada*

de propriedades gestuais e espaciais e, também, às habilidades visuais de interpretação do conjunto de informações gestual e espacialmente codificadas, as quais se vinculam a uma determinada capacidade corporal cinestésica diretamente ligada à competência linguística e à competência comunicativa (RODRIGUES, 2018, p. 312, grifos do autor).

Nosso objetivo é realizar uma discussão sobre a CTi baseada nas outras variáveis analisadas, neste estudo, a saber: (i) indicadores de esforço cognitivo em interpretação intermodal; (ii) estratégias interpretativas; e (iii) efeitos de modalidade. Como já explicado, essas variáveis foram analisadas a partir do estudo piloto e alguns apontamentos metodológicos foram feitos como forma de definir um roteiro para esse tipo específico de pesquisa no âmbito dos ETILS. Ainda, com base nos resultados obtidos com as análises, realizamos uma discussão teórico-metodológica sobre a modelagem de CTi nas duas direções interpretativas.

Como Rodrigues (2018) afirma, há especificidades da CTi que perpassam principalmente a modalidade de língua envolvida no processo interpretativo. Nesse sentido, analisamos a CTi com base nos resultados dos indicadores de esforço cognitivo na interpretação intermodal, enfocando a solução dos problemas interpretativos.

Partindo ainda da resolução de problemas, visto que um dos componentes do modelo holístico de CT do PACTE é a subcompetência estratégia (estando no centro do modelo), é feita uma discussão de cunho mais teórico e descritivo sobre o uso de estratégias para resolução de problemas de tradução. Ou seja, há uma diferença entre ter um conhecimento teórico ou até mesmo procedimental de uma gama de estratégias tradutórias e aplicá-las no momento da tomada de decisão no processo interpretativo. Assim, o uso das estratégias para a resolução de problemas em cada direção também pode ser relacionado com a aquisição e o desenvolvimento da CTi de forma mais descritiva e teórica, visto que nossos dados não são suficientes para realizarmos generalizações.

Os efeitos de modalidade e a influência da direcionalidade no processo de interpretação simultânea intermodal de narrativas podem ser relacionados à habilidade de lidar com essas duas variáveis. Ou seja, conjectura-se que um intérprete que possua a CTi de forma mais desenvolvida saiba lidar melhor com os desafios que a modalidade da língua apresenta no momento da interpretação simultânea. Isso vale para a influência da direcionalidade no processo, visto que a direção da interpretação, direta ou inversa, acarreta diferenças no processo e, portanto, o desenvolvimento da CTi seria uma forma de saber lidar melhor com essa influência e desafios impostos pela direcionalidade.

Ressaltamos novamente que nossas discussões sobre a CTi se dão de forma teórico-metodológica partindo de uma abordagem mais descritiva, visto que os dados decorrem de um único participante. Encerramos aqui o capítulo da Metodologia e a seguir prosseguimos para a Apresentação e Discussão dos Resultados.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos com a aplicação de um questionário para seleção de participantes e da realização de um estudo piloto. Além disso, discutimos alguns refinamentos metodológicos do desenho experimental e da metodologia de análise e apontamos direcionamentos sobre as análises de esforço cognitivo, do uso de estratégias, dos efeitos de modalidade e da modelagem da CTi em pesquisas empíricas envolvendo a interpretação intermodal. Esse capítulo se divide em cinco seções: (i) resultados obtidos com a aplicação do questionário; (ii) análise dos indicadores de esforço cognitivo; (iii) estratégias utilizadas nas duas direções; (iv) análise dos efeitos de modalidade; e (v) discussão sobre a CTi.

4.1 Resultados do questionário: perfil linguístico, acadêmico e profissional

Tivemos dois objetivos com a aplicação do questionário: um principal, que foi a seleção de participantes para o estudo experimental sobre IS intermodal; e um secundário, que foi obter informações sobre o perfil dos TILS brasileiros. Entretanto, devido à ocorrência da pandemia mundial de COVID-19, fomos impossibilitados de efetivar a coleta de dados dos participantes selecionados por meio do questionário. Nesse sentido, temos os dados do questionário e do estudo piloto (realizado antes da pandemia) como principais insumos para discussão. Assim, apresentamos nesta seção os resultados do questionário, bem como discussões e reflexões sobre o perfil dos TILS respondentes que podem ser depreendidas a partir de amostragem.

No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), alguns estudos inseridos nos ETILS já discutiram o uso do questionário como forma de seleção de participantes e/ou como forma de levantamento do perfil de TILS brasileiros. Podemos citar Martins (2019), Ferreira (2019) e Santos, W. (2020). Outros estudos como o de Zampier (2019) e Santos, J. (2020), filiados ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (PosLetras/UFOP), também apresentam em suas metodologias o uso do questionário.

Dessa forma, fica claro que o uso do questionário no âmbito dos ETILS se evidencia cada vez mais como uma ferramenta profícua de coleta de dados e de discussões sobre o percurso formativo e o perfil profissional dos TILS no Brasil. Apresentaremos então os dados obtidos com a aplicação do questionário, que está disponível no Apêndice

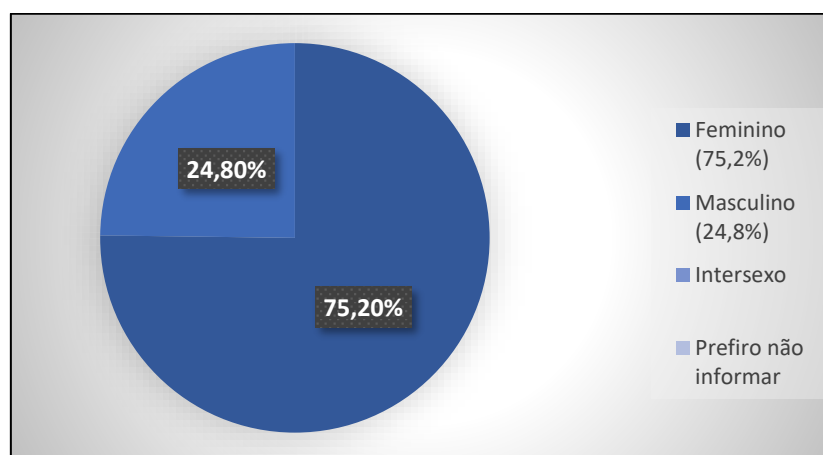
2, realizando cotejamentos com estudos anteriores que utilizaram essa mesma ferramenta metodológica.

Realizamos a pilotagem do questionário em meados de outubro de 2019. Após a validação do instrumento, selecionamos um respondente que correspondia ao perfil e critérios estabelecidos em nosso escopo para ser participante do estudo piloto, realizado em novembro de 2019.

Disparamos o questionário pelas redes sociais entre março de 2020 e junho de 2020, obtendo 142 respostas. Excluindo-se as respostas não válidas (de respondentes que não eram TILS ou que não concordaram em continuar a responder o questionário) e as repetidas, chegamos a um total de 121 respostas. Nosso questionário se dividiu em duas seções: *Seção 1 – Perfil do respondente*, que apresentava perguntas mais gerais sobre o perfil dos TILS, como o sexo biológico, a faixa etária, a atuação profissional e a localidade; e *Seção 2 – Formação e experiências*, apresentando perguntas sobre o percurso formativo, as preferências interpretativas e a experiência em interpretação. O questionário não foi limitado a uma determinada área de atuação de TILS e aceitamos respostas tanto de surdos quanto de ouvintes.

Quando perguntados sobre sexo biológico, 91 respondentes afirmaram ser do sexo feminino e 30 do sexo masculino, como podemos constatar no Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 – Sexo biológico



Fonte: Elaborado pela autora

Como mostrado no Gráfico 1, 91 respondentes (75,2%) são do sexo feminino e 30 (24,8%) do sexo masculino. As opções “intersexo” e “prefiro não informar” não receberam nenhuma resposta. Em estudo de Lacerda e Gurgel (2011), no qual as autoras realizam um levantamento do perfil de TILS que atuam no âmbito do Ensino Superior

brasileiro, a mesma tendência foi encontrada: de 37 intérpretes, 70% das respostas vieram de mulheres e 30% de homens (LACERDA; GURGEL, 2011).

Martins (2009, p, 62) afirma que “durante a idade média [...] a tradução era vista como um dos poucos campos de produção literária abertos ao sexo feminino”, sendo possível estendermos essa reflexão para a área de interpretação. Ademais, de acordo com o INEP (2007), o número de mulheres atuando como TILS no Ensino Superior no Brasil tem aumentado. No âmbito estadunidense, Artl (2015) também corrobora a mesma tendência ao afirmar que “a maioria dos intérpretes de ASL-inglês são do sexo feminino, como aparece no relatório de membros do Registro de Intérpretes para Surdos e é publicado no Relatório Anual (2013)⁵²” (ARTL, 2015, p. 7).

Constatamos assim a propensão de encontrarmos um maior número de profissionais mulheres no âmbito da interpretação de língua de sinais em dois países distintos. Entretanto, ao afirmar a tendência de que a maioria de TILS atuando no Brasil são do gênero feminino, é necessário também refletir sobre o contexto de atuação desse profissional.

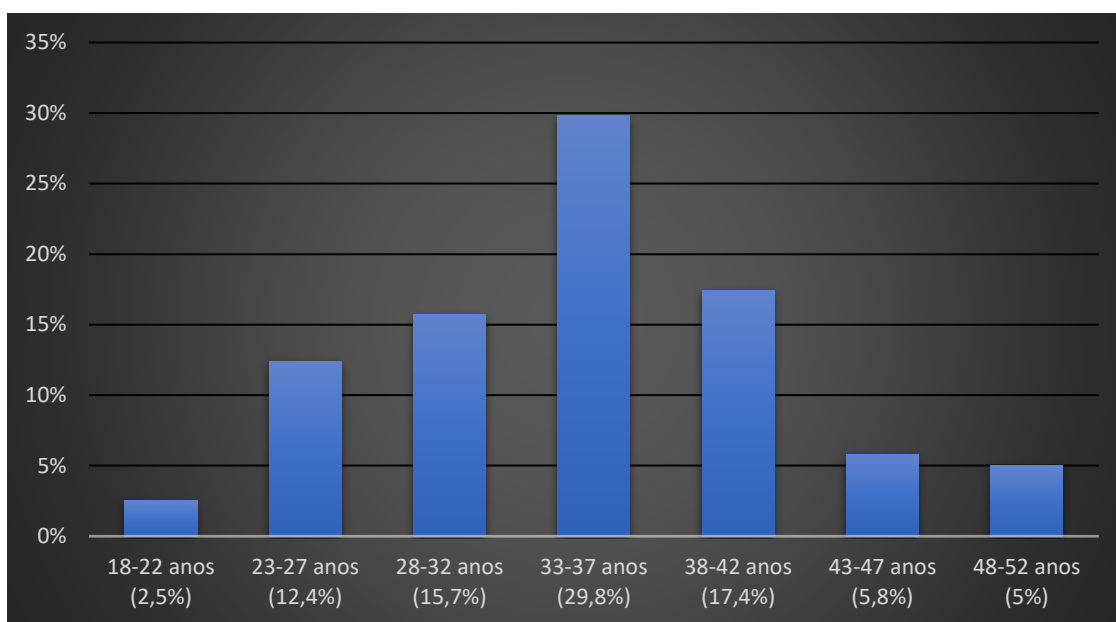
Santos, W. (2020) relatou que, em sua pesquisa sobre perfil de TILS que atuam em debates políticos televisionados, dentre uma amostra de 55 respondentes, 50,9% deles são homens e 49,1% mulheres. O autor explica que isso provavelmente ocorre devido ao fato de que “a política e o contexto que a circunda serem um espaço tradicionalmente ocupado, preponderantemente, por homens [...]” (SANTOS, W., 2020, p. 91). Dessa forma, ao indicar tendências, são necessários rigor metodológico, reflexão histórica e consciência do contexto no qual a pesquisa está inserida.

Em nosso questionário, não definimos nenhuma área específica dentro do qual os TILS respondentes deveriam obrigatoriamente estar inseridos, como foi o caso de Santos, W. (2020), que definiu a área “debates políticos televisionados”, e Martins (2019), por exemplo, que estabeleceu a área da saúde, como específicas de suas pesquisas.

Com relação a faixa etária de nossos respondentes, obtivemos um maior número de respostas de TILS entre 33-37 anos de idade (36 respostas) e o menor número entre 18-22 anos (3 respostas), conforme o Gráfico 2 a seguir.

⁵² Nossa tradução de: “The majority of American Sign Language – English interpreters are female, as is reflected by the reporting membership of the Registry of Interpreters for the Deaf and published in their Annual Report (2013)”.

Gráfico 2 – Faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora

Os maiores percentuais da faixa etária foram 36 respondentes (29,8%) entre 33-37 anos de idade, e 21 (17,4%) entre 38-42 anos. Os menores percentuais foram de 6 respostas (5%) de TILS entre 48-52 anos e apenas 3 respondentes (2,5%) entre 18-22 anos de idade.

Nossos resultados corroboram os de Santos, W. (2020), em que 29,9% dos respondentes têm a faixa etária entre 33-37 anos de idade. O autor afirma que, no contexto de atuação pesquisado por ele, os debates políticos televisivos, a idade do TILS inserido nesse nicho estaria ligada com a experiência de saber lidar com os níveis altíssimos de exposição que esse contexto de atuação apresenta.

Já Lacerda e Gurgel (2011) encontram a maioria dos respondentes na faixa etária entre 21 e 35 anos de idade. Como o contexto de atuação pesquisado pelas autoras era especificamente o Ensino Superior, elas explicam que o perfil da maioria desses profissionais TILS seria “[...] com idade semelhante aos estudantes que frequentam este nível de ensino. A semelhança de faixa etária pode ser um fator que colabore para a aproximação dos alunos no que se refere às vivências e maturidade” (LACERDA; GURGEL, 2011, p. 485). Assim, como bem apontado por Santos, W. (2020) e Lacerda e Gurgel (2011), a faixa etária também parece estar ligada ao contexto específico de atuação. Como nossos respondentes não estavam restritos a uma área específica, podemos relacionar a faixa etária também à profissionalização dos TILS em decorrência do

reconhecimento da Libras como língua em 2006 e da criação de cursos superiores na área (aproximadamente nas últimas duas décadas).

Os respondentes também indicaram sua região de atuação. Profissionais das mais variadas regiões do Brasil responderam ao questionário. A região que mais foi expressiva nos dados foi o Centro-Oeste, com 35,5% de respostas. De alguns estados como Rondônia (RO), Roraima (RR) e Pernambuco (PE) não obtivemos respostas, conforme se pode constatar na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Distribuição das respostas do questionário por região

Região	Estado	Quantidade	Total
Norte	Acre (AC)	1 (0,8%)	16 (13,2%)
	Amapá (AP)	1 (0,8%)	
	Amazonas (AM)	4 (3,3%)	
	Pará (PA)	10 (8,3%)	
	Rondônia (RO)	-	
	Roraima (RR)	-	
	Tocantins (TO)	-	
Nordeste	Alagoas (AL)	-	4 (3,3%)
	Bahia (BA)	-	
	Ceará (CE)	1 (0,8%)	
	Maranhão (MA)	2 (1,7%)	
	Paraíba (PB)	1 (0,8%)	
	Pernambuco (PE)	-	
	Piauí (PI)	-	
	Rio Grande do Norte (RN)	-	
	Sergipe (SE)	-	
Sudeste	Espírito Santo (ES)	7 (5,8%)	25 (20,8%)
	Minas Gerais (MG)	6 (5%)	
	Rio de Janeiro (RJ)	2 (1,7%)	
	São Paulo (SP)	10 (8,3%)	
Centro-Oeste	Distrito Federal (DF)	31 (25,6%)	43 (35,5%)
	Goiás (GO)	10 (8,3%)	
	Mato Grosso (MT)	1 (0,8%)	
	Mato Grosso do Sul (MS)	1 (0,8%)	
Sul	Paraná (PR)	10 (8,3%)	33 (27,3%)
	Rio Grande do Sul (RS)	13 (10,7%)	
	Santa Catarina (SC)	10 (8,3%)	
Total			121

Fonte: Elaborada pela autora

A região menos expressiva em nossos dados foi o Nordeste, com apenas 4 respondentes. A mais expressiva foi o Centro-Oeste com 43 respostas. Esse tipo de resultado pode ser influenciado pela forma de divulgação do questionário e, principalmente, por sua abrangência e seu alcance nessa era digital.

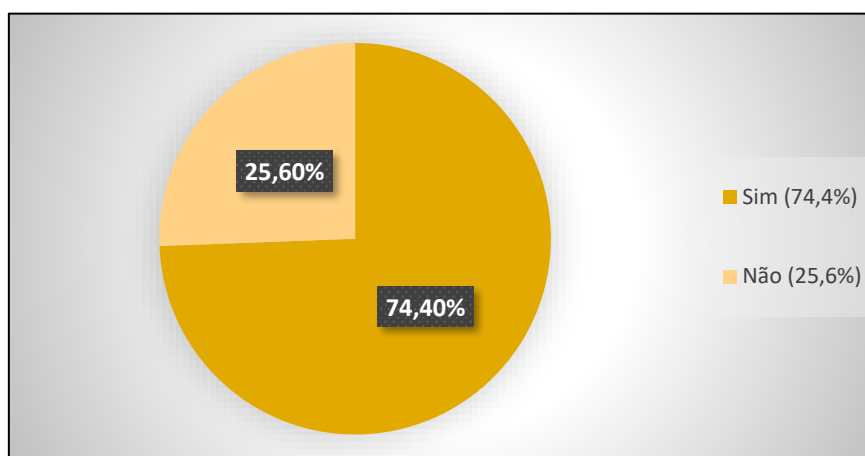
A localidade a partir da qual disparamos o questionário aparentemente não influenciou esses resultados. Santos, W. (2020), que se insere no mesmo Programa de Pós-Graduação e tem o mesmo ponto de partida do que o desta pesquisa, apresentou

resultados diferentes sobre as regiões dos respondentes. O autor obteve mais respostas da região sul (aproximadamente 38,1%), com mais da metade dessas vindas do estado de Santa Catarina. O menor número de respostas ficou igual para as regiões Norte e Centro-Oeste (aproximadamente 10,9%). Assim, não necessariamente a localidade a partir da qual o questionário é lançado on-line definirá a região com mais respondentes. Isso pode se dever à alta viralização de informações e à rápida propagação de materiais em redes sociais (Facebook, WhatsApp e E-mail), nas quais nosso questionário foi divulgado.

Como os orientadores deste trabalho possuem contatos em outras regiões que não a Sul, como Centro-Oeste e Sudeste, talvez se explique a boa distribuição das respostas nessas regiões. Além disso, a região Norte, mais precisamente o estado do Amazonas, conta com alunos do mesmo orientador deste trabalho, o que explicaria o auxílio com a divulgação do questionário e uma porcentagem razoável de respostas advindas dessa região (13,2%).

Perguntamos também acerca do local de moradia dos TILS e se eles trabalhavam na mesma cidade em que residiam. Essa informação pode contribuir para a reflexão sobre as condições de trabalho do profissional, considerando-se fatores como deslocamento e tempo de trajeto de sua residência até o local de trabalho. Com relação a essa pergunta, a maioria dos respondentes afirma morar na mesma cidade em que trabalha, conforme o Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Residência na mesma cidade em que trabalha



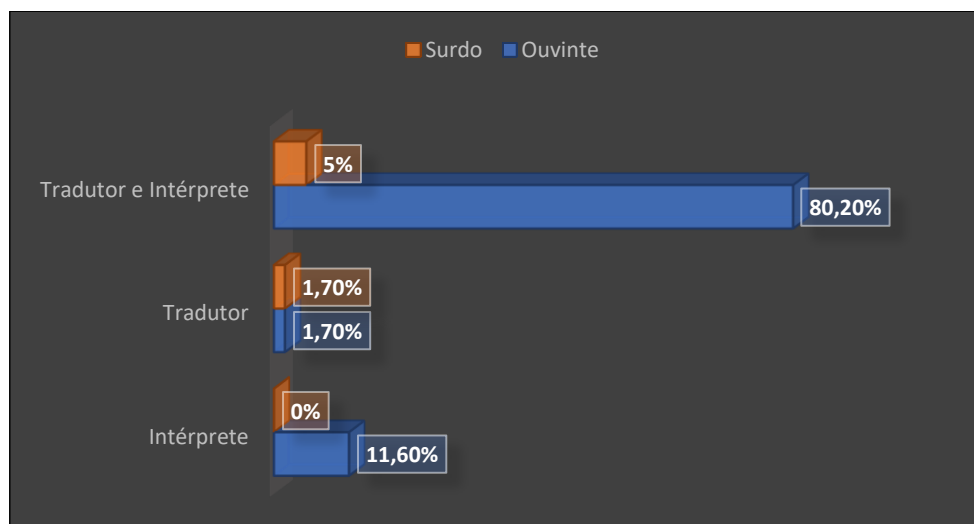
Fonte: Elaborado pela autora

Como é apresentado no Gráfico 3, 90 respondentes (74,4%) residem na mesma cidade em que trabalham, ao passo que 31 (25,6%) não moram na mesma cidade que

trabalham. Questões como o deslocamento desses profissionais, gastos com moradia e transporte podem influenciar essas respostas. Por exemplo, muitas vezes a abertura de concursos públicos para a contratação temporária de TILS em outras cidades poderia levar o profissional a estabelecer um deslocamento, por um tempo determinado, da cidade de sua residência para o local de trabalho.

Finalizando a *Seção 1 – Perfil do respondente*, perguntamos sobre a categoria de atuação. Diferenciando as categorias de Tradutor de Língua de Sinais, Intérprete de Línguas de Sinais (ILS) e Tradutor e Intérprete de Línguas de Sinais (TILS), dentre surdos e ouvintes, o maior número de respostas adveio da última categoria, com 97 respondentes (80,2%) afirmando serem Tradutores e Intérpretes ouvintes de Língua de Sinais, conforme Gráfico 4:

Gráfico 4 – Categoria de atuação dos profissionais



Fonte: Elaborado pela autora

O trabalho do intérprete de línguas de sinais está atrelado ao imediatismo da tarefa, o que se difere da atuação do tradutor — realizando a tradução para Libras em vídeo ou de Libras para *SignWriting*. Entretanto, considerando que os concursos públicos e as demandas da sociedade de forma geral tendem a não diferenciar essas duas atividades, muitas vezes, o mesmo profissional, denominado então Tradutor e Intérprete de Línguas de Sinais, o TILS, realiza as duas tarefas de forma intercambiável.

Entretanto, de forma a delimitar bem o perfil dos respondentes, dividimos as perguntas em tradutor, intérprete e tradutor e intérprete. Obtivemos então apenas 14 respostas (11,6%) de intérpretes de língua de sinais contra o número expressivo de 97

respostas (80,2%) advindas de tradutores e intérpretes de língua de sinais. Assim, como já explicamos, há uma certa confusão com a diferenciação de TILS e ILS, uma vez que os concursos no geral são para as duas funções e consequente execução das duas funções; o que reforça cada vez mais a necessidade de sempre explicitar quando tratamos de tradutores ou de intérpretes, sejam eles de quaisquer línguas.

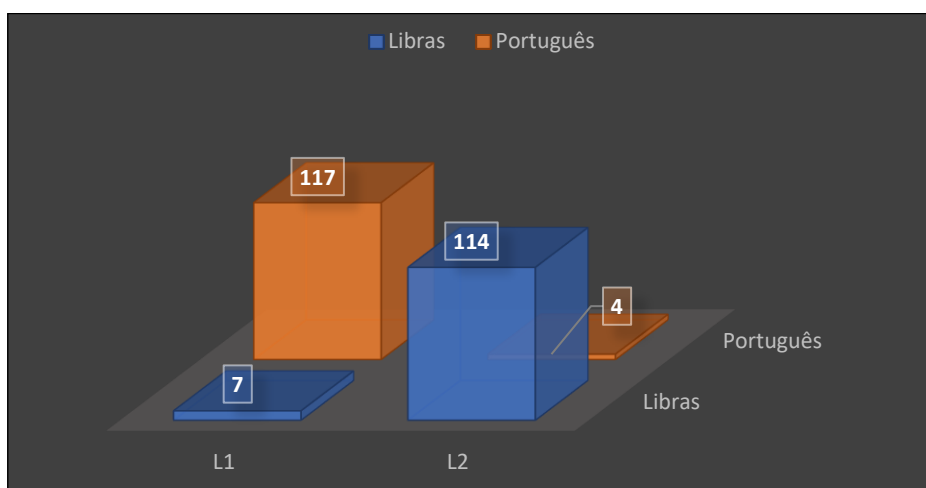
Uma das formas de contribuir para essa diferenciação poderia ser a partir dos cursos de formação, ao abordarem essas duas atividades de acordo com seus desafios específicos na atuação do TILS. Assim, “[...] os desenhos curriculares dos cursos superiores de formação de TILS devem prever as discussões das diferenças entre os processos de tradução e de interpretação, como as questões de intermodalidade e de intramodalidade [...]” (ZAMPIER, 2019, p. 71).

De forma a sermos mais abrangentes com as perguntas, aceitamos respostas tanto de participantes surdos quanto ouvintes, conforme já mencionado, além de diferenciar o trabalho de intérpretes e de tradutores. Essa também é uma forma de dar visibilidade aos diferentes profissionais, surdos e ouvintes, que constituem a área dos ETILS.

Ferreira (2019) pesquisa sobre intérpretes surdos e afirma a importância de mais pesquisas sobre o perfil desse profissional. Recebemos no total 6,7% de respostas advindas de profissionais surdos, em comparação com 91,8% de respondentes ouvintes. Nossos potenciais participantes seriam os intérpretes ouvintes para que eles pudessem desempenhar as duas tarefas de interpretação, e o que observamos foi uma alta porcentagem de respostas desses profissionais. Isso pode indicar que a demanda por TILS no mercado é atendida principalmente por pessoas que atuem em ambas as funções: tradutor e intérprete. Tal fato não exclui a necessidade de realizar mais pesquisas de perfil com intérpretes surdos atuantes no Brasil (FERREIRA, 2019) e de incluí-los nesse mercado de trabalho.

Outro dado importante para a seleção de participantes era a definição de suas respectivas L1 e L2. A maioria dos respondentes afirmou ter a Libras como sua L2, de acordo com o Gráfico 5 a seguir:

Gráfico 5 – L1 e L2 dos respondentes

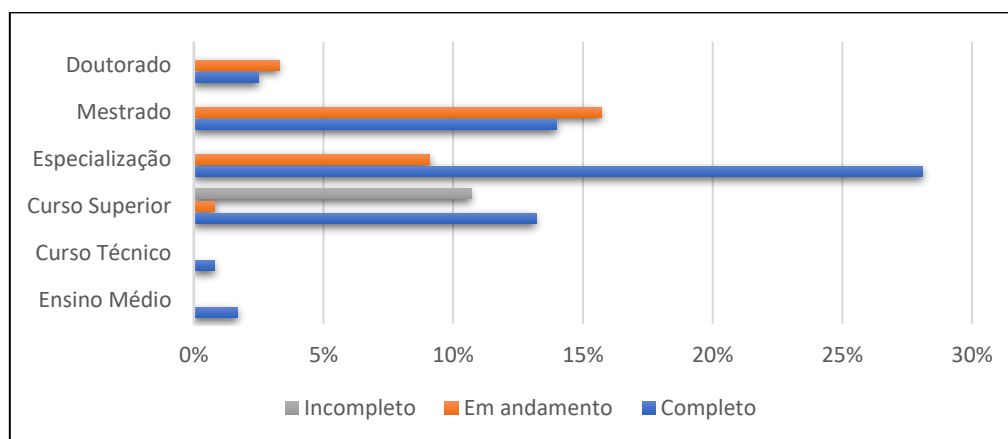


Fonte: Elaborado pela autora

Como exibido no Gráfico 5, dos 121 respondentes, 117 afirmaram ter o português como L1 e apenas 4 como L2; 114 afirmam então ter a Libras como L2 e apenas 7 como L1. Dessa forma, observamos que o perfil que se estabelece até as respostas dessa pergunta que é o de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais, ouvintes, com o português como L1 e a Libras como L2.

Na sequência, perguntamos sobre o nível de escolaridade dos respondentes. A escolaridade e o tempo de atuação podem levantar discussões inclusive sobre a CTi, haja visto que, geralmente, a CTi seria mais desenvolvida em TILS mais experientes, ou seja, com mais tempo de atuação e teoricamente com formação na área. No Gráfico 6, apresentamos os resultados referentes ao nível de escolaridade:

Gráfico 6 – Nível de escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora

Obtivemos maior número de respondentes afirmando terem completado especialização, com 28,1% de respostas (24 participantes). A conclusão da formação de nível mais alto, o doutorado, obteve 3 respostas (2,5%) e para o doutorado em andamento obtivemos 4 respostas (3,3%). Com mestrado completo obtivemos 17 respondentes (14%) e em andamento 19 (15,7%). O curso superior incompleto obteve 13 respostas (10,7%) e o completo 16 respostas (13,2%). Com relação a Educação Básica, obtivemos apenas 1 respondente (0,8%) afirmando ter o curso técnico completo e apenas 2 (1,7%) respostas para ensino médio completo.

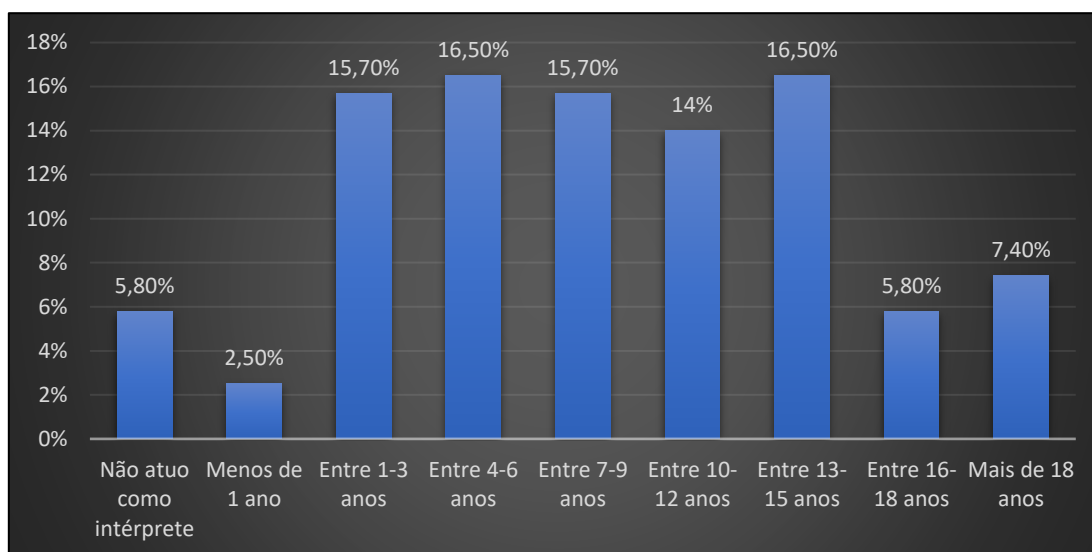
As opções de ensino médio e curso técnico contemplariam os respondentes que não possuíssem qualquer outra formação de maior nível, como especialização, curso superior, mestrado e doutorado. Assim, como obtivemos apenas três respostas marcadas nessa formação mais básica, podemos inferir que os profissionais TILS estão buscando se aperfeiçoar por meio de formações de outros níveis, ainda que o mestrado e o doutorado tenham um maior enfoque na formação de professores e pesquisadores, e não de profissionais da tradução e/ou da interpretação.

Como declara Santos, W. (2020), a profissionalização dos TILS também vai se construindo a partir da oferta e demanda e, também, da legislação vigente no Brasil. O autor afirma que a profissionalização vai:

[...] ganhando incentivos com a sanção da Lei 12.319/2010, assim como ocorreu com o Decreto 5.626/2005 que em seu art. 17 define que “a formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa” (BRASIL, 2005), curso este criado em 2008 como vemos em Quadros (2014). (SANTOS, 2020, p. 95).

Dessa forma, a criação do Bacharelado em Letras-Libras no ano de 2008 estabelece também uma porta inicial para a formação institucionalizada do profissional TILS, lembrando que a formação empírica, não formalizada, também é uma realidade no Brasil. Em relação aos aspectos mais formais do trabalho do TILS, perguntamos sobre o tempo de atuação desses profissionais. Os resultados que obtivemos com essa pergunta podem ser observados no Gráfico 7 a seguir:

Gráfico 7 – Tempo de atuação profissional



Fonte: Elaborado pela autora

Os respondentes que possuem entre 1-3 anos e 7-9 anos de atuação correspondem cada um a 15,7% das repostas (19 repostas cada). Outro período de atuação que obteve empate entre as repostas foi a atuação entre 4-6 anos e entre 13-15 anos com 20 repostas (16,5%) cada. 7 respondentes (5,8%) afirmaram não atuar profissionalmente como intérpretes; apenas 3 respondentes (2,5%) apresentam menos de 1 ano de atuação; 17 das repostas (14%) são de TILS que possuem entre 10-12 anos de atuação; 7 (5,8%) afirmaram ter entre 16-18 anos de atuação e 9 dos respondentes (7,4%) afirmaram ter mais de 18 anos de atuação.

Uma quantidade expressiva de TILS afirmam ter entre 13 e 15 anos de atuação (20 repostas). Além disso, tivemos 9 (7,4%) respondentes com mais de 18 anos de atuação. Conforme destaca Santos, W. (2020):

há mais de 20 anos não tínhamos sequer o reconhecimento legal da Libras enquanto meio de comunicação e expressão da Comunidade Surda, todavia já tínhamos profissionais atuando nas mais diversas demandas interpretativas, [...], tanto que a FENEIS, ainda em 1992, funda o Departamento Nacional de Intérpretes, em 1995, divulga a cartilha *O que é o Intérprete de Línguas de sinais para as Pessoas Surdas* [...]. (SANTOS, W. 2020, p. 104).

Esses profissionais que atuam há mais tempo como TILS vivenciaram algumas viradas no quesito profissionalização e valorização, como as regulamentações jurídicas e criações de leis assegurando os direitos desse profissional.

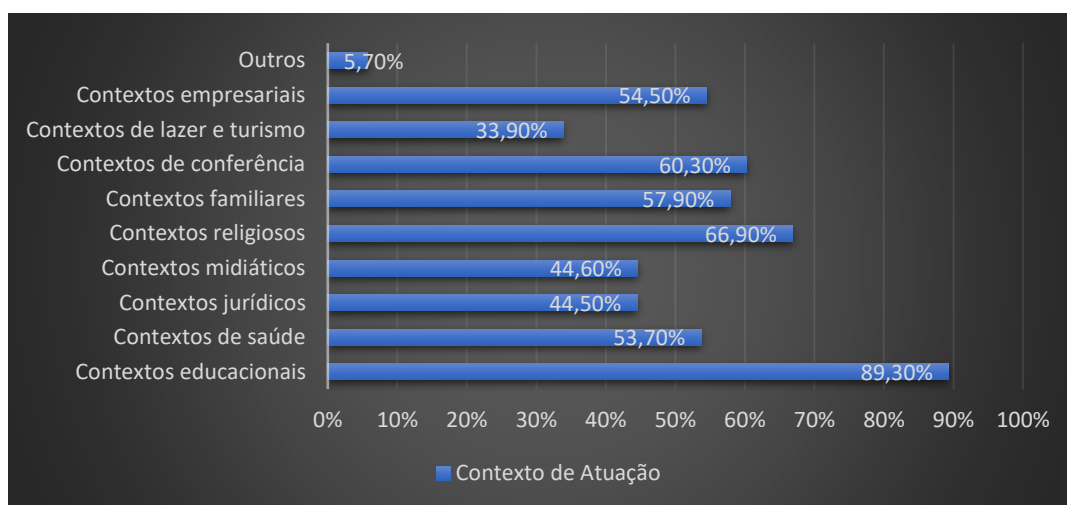
Na pesquisa de Lacerda e Gurgel (2011), 86% dos respondentes tinham entre

menos de um ano e sete anos de atuação na área, período que as autoras afirmam ser de uma atuação relativamente recente no Ensino Superior e explicam que esses resultados podem indicar:

para a abertura de campo e de espaço de trabalho na medida em que as políticas de inclusão educacional foram sendo implantadas. Assim, temos um número maior de sujeitos surdos chegando ao ES com seu direito de acessibilidade linguística reconhecido. (LACERDA e GURGEL, 2011, p. 492).

O tempo de atuação pode também estar ligado ao contexto de atuação. Devido a isso, após perguntarmos sobre o tempo de atuação, questionamos sobre os tipos de contextos nos quais os TILS atuavam. Nessa pergunta, tivemos o objetivo de analisar a recorrência das atividades, e não de trabalhar com porcentagens fechadas em 100%, uma vez que mais de uma opção poderia ser marcada pelos respondentes. O Gráfico 8 apresenta os números de respostas para diversos contextos, podendo o respondente também marcar a opção “Outros”.

Gráfico 8 – Contextos de atuação



Fonte: Elaborado pela autora

Como constatamos no Gráfico 8, o contexto de atuação dos TILS é diverso, partindo desde contextos educacionais (89,3% de recorrência), passando por contextos religiosos (66,9% de recorrência), até contextos de conferência (60,3% de recorrência). A opção “Outros” contou com respostas de TILS que atuam no contexto artístico e político.

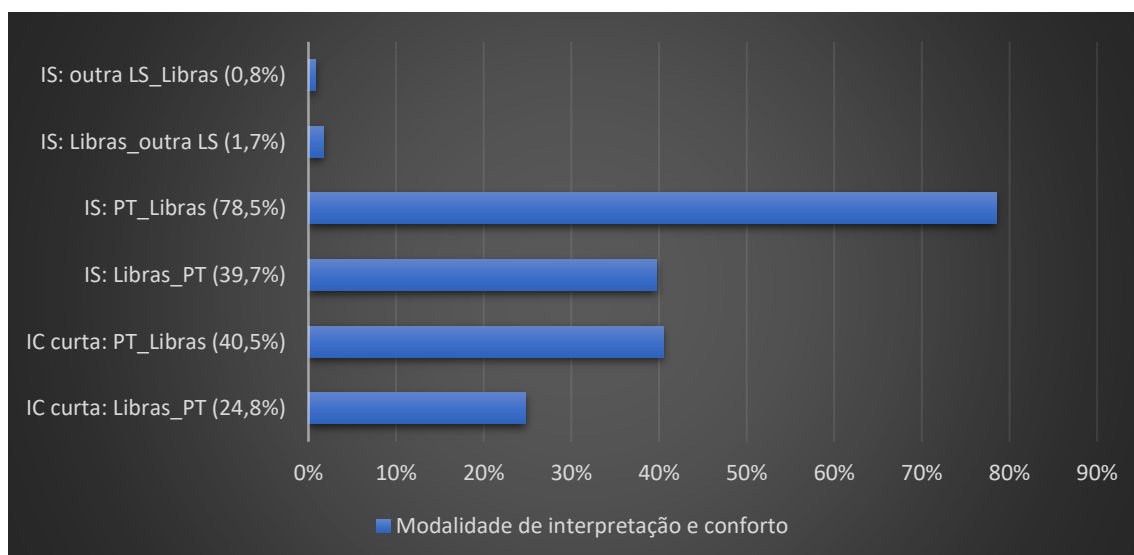
Indo ao encontro do que Lacerda e Gurgel (2011) apresentam sobre a demanda do

TILS no contexto do ensino superior, essa demanda na área de educação faz com que “a esfera educacional [seja] um grande campo de atuação para os tradutores e intérpretes” (ALBRES, 2020, no prelo). Além disso, Martins (2019), ao pesquisar sobre a atuação de TILS no contexto da saúde, afirma que todos os 110 TILS que responderam ao questionário de sua pesquisa já haviam atuado no contexto educacional. O mesmo resultado é corroborado por Santos, W. (2020), em que o autor também obteve um número expressivo de respondentes que afirmavam terem atuado/estarem atuando no contexto educacional, com 49 respondentes afirmando essa experiência, de um total de 55.

Rodrigues (2010; 2013) também afirma que, apesar de os contextos de tradução audiovisual (tradução de materiais por meio da vocalização/legendagem de vídeos e inserção de janela de Libras) mostrarem um movimento crescente de requisição desses profissionais, ainda observamos, na maioria das vezes, uma demanda maior de atuação dos TILS no contexto educacional, religioso e também na mídia televisiva.

Após apresentarmos os contextos de atuação, partimos para a pergunta sobre as modalidades de interpretação que seriam mais confortáveis para atuação, utilizando um tipo de pergunta que aceitava mais de uma resposta. Assim, quando perguntados se havia alguma modalidade de interpretação que se sentiam mais confortáveis para realizar, obtivemos os seguintes resultados apresentados no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Conforto em modalidades de interpretação



Fonte: Elaborado pela autora

Nas opções de resposta, apresentava-se as modalidades de interpretação em IC curta (interpretação consecutiva curta) e IS (interpretação simultânea) intermodal e intramodal, nas duas direções. Como mostrado no Gráfico 9, a IS intermodal entre

português e Libras aparece como a modalidade que os respondentes afirmam se sentir mais confortáveis ao realizar, recebendo 78,5% de respostas. A modalidade que é menos confortável para os respondentes, por sua vez, é a IS entre uma língua de sinais e a Libras, com apenas uma ocorrência⁵³ (0,8%).

Ao considerarmos as características da IC intermodal e da IS intermodal, é sabido que diferentes habilidades são requeridas para suas respectivas realizações. A IS apresentaria um maior desafio do imediatismo e da necessidade da memória de curto prazo do intérprete. Já a IC demandaria o exercício da memória de médio prazo do profissional.

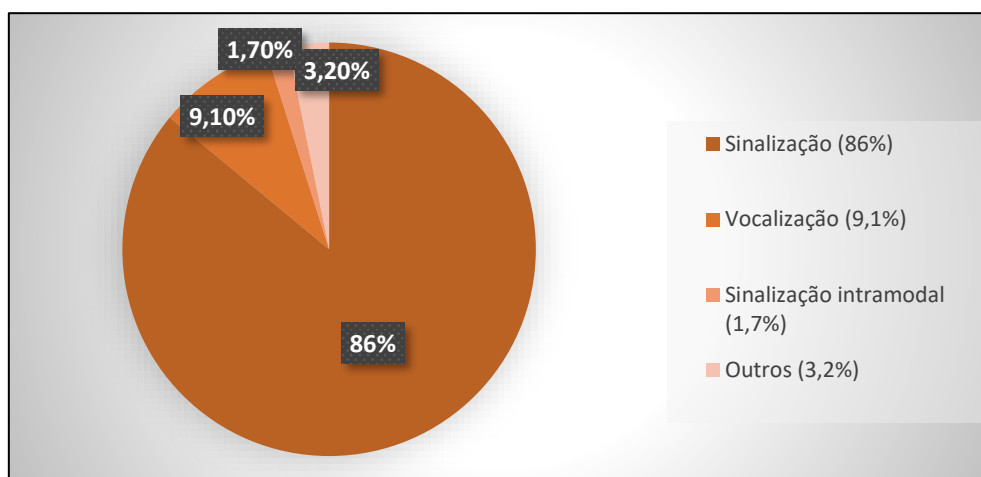
A IS Libras→PT (39,7%) apresentou um número razoavelmente menor de ocorrências do que a direção PT→Libras (78,5%). É possível relacionar essa diferença de ocorrências aos desafios acarretados pelos efeitos da direcionalidade e da modalidade que cada direção apresenta (como a construção imagética e uso de classificadores para Libras e linearização e desempacotamento de sinais para o português).

Hipotetizando que os desafios da interpretação simultânea já estejam mais internalizados pelo profissional (o que explicaria o maior número de ocorrências para a modalidade simultânea e menor para a modalidade consecutiva), restaria lidar com os efeitos da modalidade e da direcionalidade. Dentre esses desafios, podemos exemplificar novamente a construção imagética na direção inversa e a linearização do discurso na direção direta.

De modo a apresentar a visão dos respondentes sobre a direção das tarefas interpretativas, elaboramos questões com enfoque na direcionalidade do processo interpretativo intermodal. Quando perguntados sobre qual era a direção de interpretação realizada com maior frequência, obtivemos os seguintes resultados, consolidados no Gráfico 10 a seguir:

⁵³ Essa resposta adveio de um respondente surdo.

Gráfico 10 – Direção interpretada com mais frequência



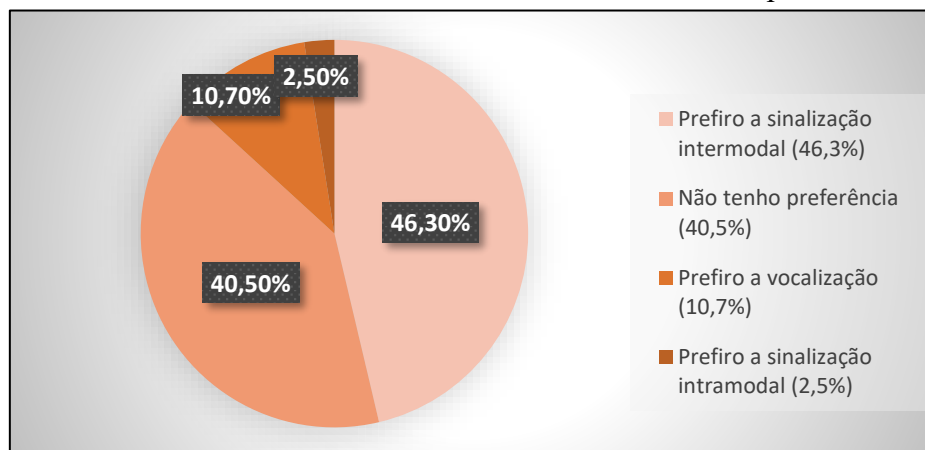
Fonte: Elaborado pela autora

Como apresentado no Gráfico 10, a maioria dos respondentes realiza tarefas de sinalização com mais frequência, com 104 (86%) respondentes, seguidos por apenas 11 (9,1%) que afirmam que a vocalização é a direção mais frequente em sua atuação profissional. 2 respondentes (1,7%) afirmam realizar trabalhos de sinalização intramodal com mais frequência e 4 respondentes (3,2%) optaram pela opção “Outros”, sendo uma (0,8%) dessas respostas afirmando que realiza trabalhos de interpretação nas duas direções com a mesma frequência e outra (0,8%) afirmando raramente realizar atividades de interpretação.

Uma explicação para esse resultado pode estar relacionada à alta demanda da sociedade pela direção PT→Libras, que seria uma forma de “viabilização do acesso das pessoas surdas aos serviços e aos bens sociais” (RODRIGUES, 2013, p. 11). Ademais, graças à criação de cotas para pessoas com deficiência nos Institutos Federais e nas universidades públicas, acaba-se gerando ainda mais demanda pela atuação do profissional na direção PT→Libras. Além disso, devido a maior frequência da sinalização intermodal (PT→Libras), essa direção poderia se modelar de forma mais concreta no trabalho profissional dos TILS. Ou seja, por ser um trabalho mais frequente, a automatização aconteceria e a prática que esse profissional realiza nessa direção poderia gerar maior desenvolvimento da CTi na sinalização do que na vocalização ou até mesmo de uma preferência por trabalhar nessa direcionalidade.

Assim, a maior frequência de realização de um tipo de interpretação pode estar associada à preferência de atuação em uma ou outra direção. Com relação a essa preferência, as respostas a esta pergunta estão indicadas no Gráfico 11 a seguir:

Gráfico 11 – Preferência de direcionalidade ao interpretar



Fonte: Elaborado pela autora

Como é possível observar no Gráfico 11, 56 respondentes (46,3%) afirmaram preferir a sinalização intermodal (do português para Libras ou outra LS), seguidos de 49 (40,5%) que afirmaram não ter preferência entre sinalizar ou vocalizar. Por outro lado, 13 respostas (10,7%) mostram a preferência por vocalizar (da Libras ou outra LS para o português) e 3 respostas (2,5%) colocam a sinalização intramodal (entre Libras e outra LS) como preferência.

Assim, a tendência levantada por esses dados é a de que TILS intermodais prefiram trabalhar na direção PT→Libras, ou seja, de sua L1 para sua L2, exibindo um movimento levemente diferente de tradutores intramodais trabalhando com a modalidade de uso da língua escrita, que geralmente preferem (e são encorajados) a traduzir para sua língua materna.

Dessa forma, os resultados apontam para a preferência da maioria de TILS brasileiros — respeitando os limites de nossa amostragem — em atuarem na direção inversa. Nicodemus e Emmorey (2013) descrevem o mesmo cenário nos Estados Unidos, com intérpretes intermodais de ASL-inglês. Segundo as autoras,

intérpretes de línguas faladas (unimodais) geralmente preferem interpretar a partir de sua língua não dominante (L2) para sua língua nativa (L1). Curiosamente, intérpretes de línguas de sinais (bimodais) expressam a polarização contrária, preferindo interpretar de sua L1 (língua falada) para sua L2 (língua de sinais)⁵⁴. (NICODEMUS; EMMOREY, 2013, p. 624).

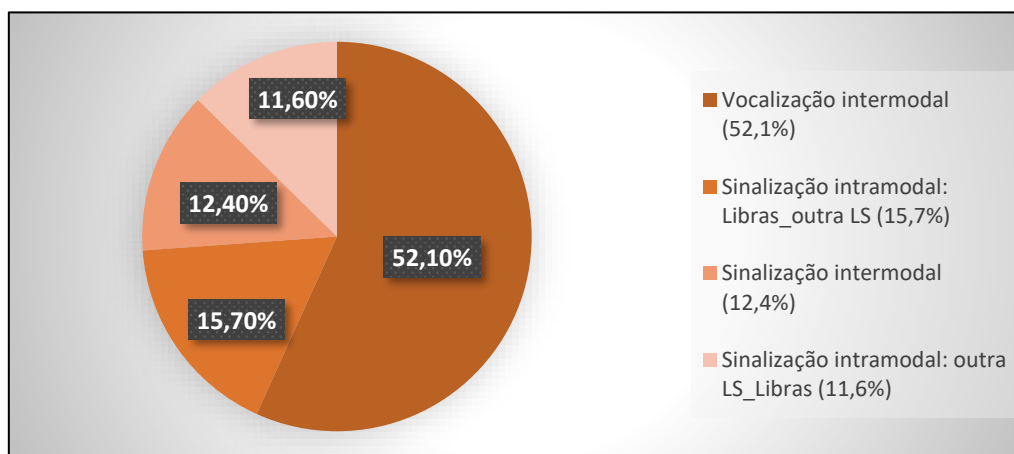
⁵⁴ Nossa tradução de: “Spoken language (unimodal) interpreters often prefer to interpret from their non-dominant language (L2) into their native language (L1). Anecdotally, signed language (bimodal) interpreters express the opposite bias, preferring to interpret from L1 (spoken language) into L2 (signed language).”

A mesma tendência de preferência da interpretação inversa (de uma língua vocal para uma gestual) é apontada no contexto australiano. Em uma pesquisa com intérpretes de língua de sinais australiana e inglês, Napier; Rohan e Slatyer (2005) obtiveram um resultado semelhante, com a maioria dos intérpretes afirmando preferir interpretar para sua L2 (NAPIER; ROHAN; SLATYER, 2005).

Outro número relevante apontado em nossas respostas foi para a opção “sem preferência por uma direção” (40,5%). Esse mesmo comportamento foi encontrado na pesquisa de Santos, W. (2020), na qual o autor obteve 54,6% de respondentes que afirmam não ter preferência por nenhuma direção de interpretação intermodal. Uma possível explicação pode ser depreendida a partir dos resultados do estudo de Wang e Napier (2015), em que os autores argumentam que é possível indicar que “[...] intérpretes que apresentam um equilíbrio entre a qualidade bilíngue estão isentos da influência da direcionalidade⁵⁵” (WANG; NAPIER, 2015, p. 537).

Além de uma pergunta sobre a frequência e a preferência da direção interpretativa, também havia uma pergunta sobre a dificuldade em cada direção de interpretação. Quando perguntados sobre qual direção apresenta mais dificuldade, a maioria dos TILS responderam que a vocalização intermodal é a direção que apresenta mais dificuldade. Todas as respostas podem ser observadas no Gráfico 12.

Gráfico 12 – Dificuldade e Direcionalidade



Fonte: Elaborado pela autora

Como mostra o Gráfico 12, obtivemos 63 respostas (52,1%) apontando a vocalização intermodal (Libras→PT) como a direção que apresenta ao TILS mais

⁵⁵ Nossa tradução de: “[...] suggesting that balanced bilingual interpreters are free from the rule of directionality”.

dificuldade. A sinalização intermodal (PT→Libras) foi apontada por apenas 15 respondentes (12,4%) como sendo a direção mais difícil.

A dificuldade pode ser decorrente de uma série de aspectos da interpretação intermodal, como a pressão de tempo, a exposição do profissional e o gênero textual/oral interpretado. Nesse sentido, Lourenço (2015) afirma que:

uma das dificuldades encontradas no processo de transposição da língua oral para a língua de sinais, e vice-versa, é justamente o fato de as línguas de sinais fazerem uso do espaço de sinalização e de movimentos com as mãos e com o corpo para veicular informações de maneira quadridimensional, enquanto as línguas orais fazem uso de um sistema linear de encadeamento de informações no fluxo de fala. (LOURENÇO, 2015, p. 321).

Assim, um fator dificultador da interpretação na direção Libras→PT que pode ter contribuído para essa direção ser a escolhida como mais difícil por 63 (52,1%) respondentes seria o cuidado de transformar e encaixar as informações quadridimensionais da Libras na estrutura linear do português, como aponta Lourenço (2015). Esse cuidado ocorre porque as línguas de sinais têm maiores características da simultaneidade, ao passo que as línguas vocais apresentam mais construções fonológicas de ordem linearizada (BRITO, 1995).

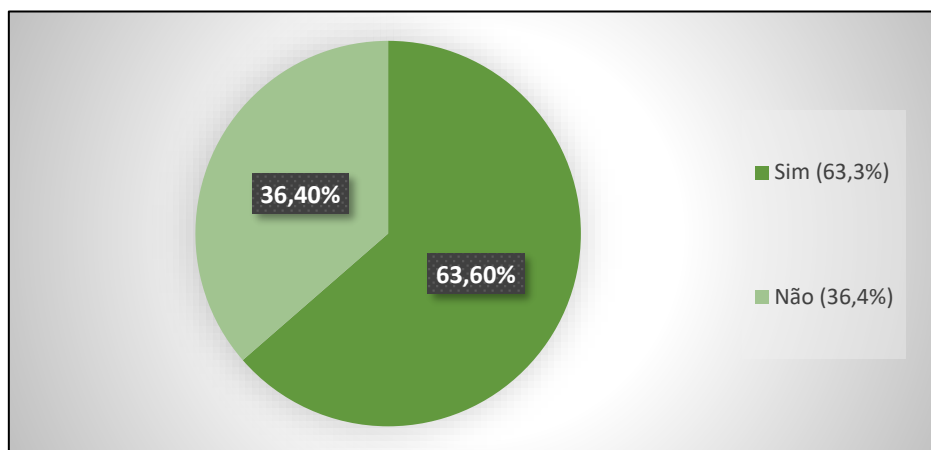
Chaibue e Aguiar (2016, p. 14) afirmam que os “relatos de profissionais da área indicam maior dificuldade de interpretação [na direção direta]”. Ainda que a interpretação da Libras para o português seja para a L1 desses profissionais, a fluência de falante nativo não garante necessariamente o uso adequado de estratégias de interpretação, de adequação ao discurso interpretado nem do emprego de vocabulário/estrutura em conformidade com o gênero sendo interpretado.

E com relação ao gênero do texto utilizado nesse tipo de pesquisa, podemos observar no estudo de Whyatt (2019) realizado com 26 tradutores profissionais sobre o efeito da direcionalidade em tradução, a autora constata que a performance muitas vezes foi mais influenciada pelo gênero textual do que pela direção do processo em si.

Assim, nesta pergunta sobre a dificuldade na interpretação considerando-se as direções direta e inversa não delimitamos nenhum gênero textual. Acreditamos que pesquisas futuras possam reformular essa pergunta especificando diferentes gêneros textuais e solicitando que os níveis de dificuldade sejam indicados para cada gênero

utilizando-se uma escala de *Likert*⁵⁶, por exemplo, pois cada gênero textual apresenta desafios de ordem diferente ao intérprete. Quando perguntados sobre a experiência em interpretação simultânea intermodal de textos narrativos, como crônicas, fábulas, contos, poemas, piadas, histórias etc., a maioria dos respondentes indicou ter experiência, conforme aponta o Gráfico 13.

Gráfico 13 – Experiência em IS intermodal de textos narrativos



Fonte: Elaborado pela autora

Como demonstrado no Gráfico 13, 77 respondentes (63,6%) afirmam ter experiência prévia com IS intermodal de textos narrativos, ao passo que 44 deles (36,4%) não possuem experiência com esse gênero textual. Isso pode decorrer do fato de que obtivemos 89,3% de recorrência dos respondentes, conforme o Gráfico 8, que frequentemente interpretam em contextos educacionais, no qual a interpretação desse tipo de texto pode se apresentar com bastante regularidade.

Como Zampier (2019) afirma, um dos fatores que geraria a metarreflexão em seus participantes, evidenciada principalmente em protocolos verbais, é a questão do gênero textual traduzido/interpretado. Assim, ter conhecimento (ou não) do gênero ou do tipo de texto pode influenciar no desempenho do profissional tradutor e/ou intérprete, inclusive com relação a direcionalidade do processo, ou seja, pode-se levantar a questão de que há impactos metodológicos do tipo textual nos estudos da direcionalidade.

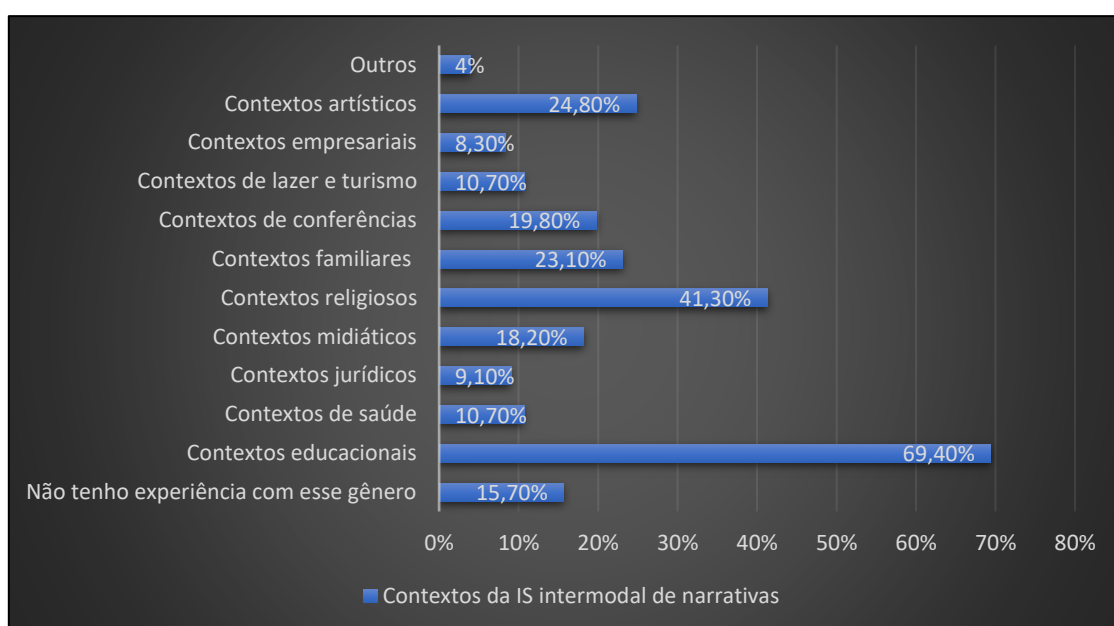
Essa pergunta no questionário também serviu para descobrirmos mais sobre a

⁵⁶ A escala de Likert é uma metodologia para mensurar dados quantitativos. Uma ferramenta que apresenta uma escala de pontos para os respondentes (por exemplo “concordo completamente”, “concordo parcialmente”, “discordo completamente”, “discordo parcialmente”) e possibilita o pesquisador a extrair dados qualitativos de perguntas estruturadas quantitativamente.

experiência prévia dos respondentes em interpretar fábulas — um dos gêneros textuais dentro do tipo de texto narrativo que foi utilizado em nossa pesquisa. E de acordo com as respostas a essa pergunta, vemos que a maioria (63,6%) seriam potenciais participantes da pesquisa.

A penúltima pergunta do questionário foi sobre em quais contextos específicos os respondentes tinham mais experiência na IS intermodal de narrativas, podendo eles assinalarem mais de um contexto. Os resultados consolidados das respostas a essa pergunta são apresentados no Gráfico 14.

Gráfico 14 – Contextos da IS intermodal de narrativas



Fonte: Elaborado pela autora

Como esperado, a maioria das respostas aponta para o contexto educacional (69,4%) como principal área onde acontece a IS intermodal de narrativas, seguido pelo contexto religioso (41,3%) e artístico (24,8%). Os resultados desse gráfico apontam que o principal contexto em que a IS intermodal de narrativas acontece é o educacional. Levando em consideração as práticas lúdicas, educativas e teatrais desenvolvidas no âmbito educacional, explica-se o resultado dessa elevada porcentagem (69,4%), o que evidencia em números a alta regularidade desse tipo de gênero nesse contexto, que já foi mencionada anteriormente. Albres e Rodrigues (2018) destacam os TILS, ao discorrerem sobre os diferentes tipos de profissionais envolvidos na educação dos surdos:

Dentre os profissionais envolvidos diretamente com a educação de surdos que compreendem as especificidades linguísticas e socioculturais desses alunos

estão: (i) os professores bilíngues para atuar na educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental e para o ensino do Português como segunda língua; (ii) os professores de Libras; e (iii) *os tradutores e intérpretes de Libras-Português*. (ALBRES; RODRIGUES, 2018, p. 17, *grifos nossos*).

Desse modo, a presença do TILS na esfera educacional se faz indispensável para o acesso das pessoas surdas a todos os níveis de instrução. Dentre os contextos da educação brasileira nos quais as narrativas têm maior expressividade, podemos destacar o Ensino Fundamental, em que a leitura desse tipo de texto se evidencia.

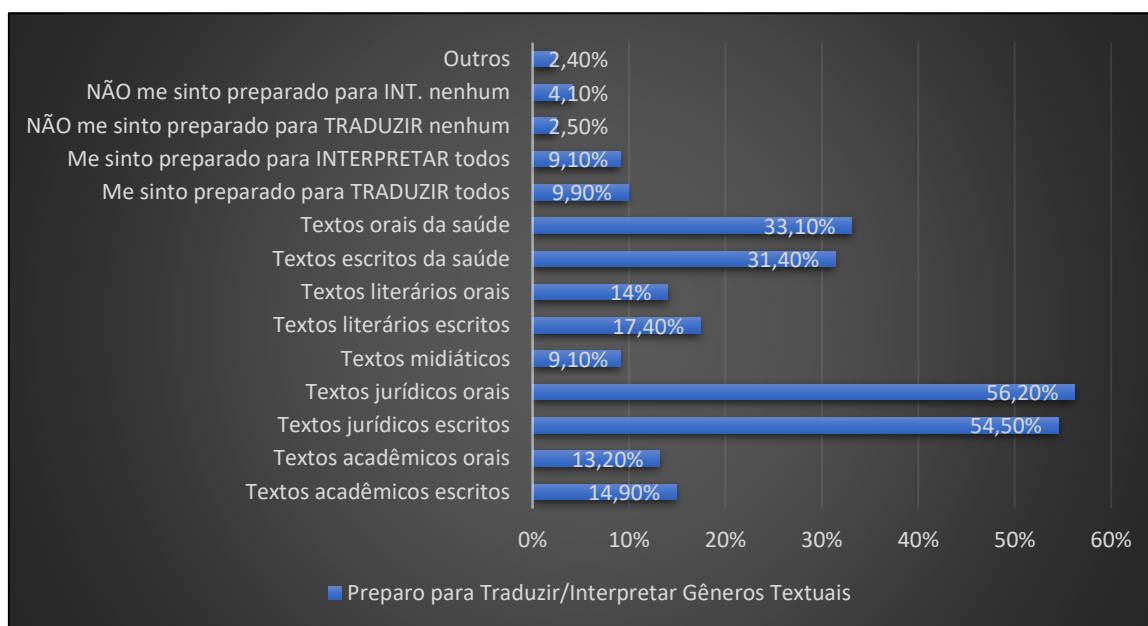
Ozeki (2013), ao apresentar os desafios do Programa de Desenvolvimento Educacional no contexto paranaense, mais especificamente em Londrina, nos apresenta a importância do trabalho com as narrativas visuais na produção didático-pedagógica escolar. O autor apresenta uma proposta de trabalho com alunos da Educação de Jovens e Adultos, em que a produção de narrativas visuais se daria a partir da coleta de fotografias e memórias pessoais como forma de “manifestar seus sentimentos, sua história e mostrar sua cultura através de alguns valores estéticos, como a beleza, harmonia e equilíbrio” (OZEKI, 2013, p. 3).

Esse tipo de proposta pode ser aplicada na educação de surdos, pois, da mesma forma que os alunos ouvintes realizam essa construção visual como forma de manifestação artística e pessoal, os alunos surdos sinalizantes podem fazê-la por intermédio do TILS educacional. Esse é apenas um exemplo do uso de narrativas no contexto educacional, havendo ainda muitos outros usos que podem justificar essa grande ocorrência (69,4%) desse tipo de texto nesse contexto.

O contexto no qual a IS intermodal de narrativas mais ocorre, o educacional, vai ao encontro das respostas do Gráfico 8, pois com uma recorrência de 89,3%, nossos respondentes atuam ou já atuaram nesse contexto. Dessa forma, os desafios enfrentados pelo não conhecimento do gênero narrativo seriam minimizados.

Finalizamos o questionário perguntando aos respondentes qual gênero textual, oral e/ou escrito, eles não se sentem preparados para traduzir/interpretar, sendo permitido assinalar mais de um gênero. A maioria dos respondentes assinalou que não se sentia preparado para interpretar ou traduzir textos do gênero jurídico, conforme o Gráfico 15 a seguir:

Gráfico 15 – Preparo para traduzir/interpretar gêneros textuais



Fonte: Elaborado pela autora

Como demonstrado no Gráfico 15, os textos do âmbito jurídico foram os mais reconhecidos pelos próprios respondentes como havendo falta de preparo dos profissionais, para traduzi-los/interpretá-los: textos orais, 56,2% e textos escritos, 54,5%. De acordo com Santos (2016), “no Brasil, a atuação do intérprete de Libras-português na esfera jurídica tornou-se cada vez mais visível em nossa sociedade nos últimos anos, pois as pessoas surdas têm buscado exercer seus direitos enquanto cidadãos” (SANTOS, 2016, p. 118). E a criação de cursos específicos de formação para interpretação jurídica intermodal aparentemente não acompanhou esse aumento da visibilidade e necessidade de interpretação intermodal na área (haja visto que mais da metade dos respondentes afirmou não ter preparo para interpretar nesse contexto).

Santos (2016) também explica que, além de participar do processo judicial propriamente dito, os profissionais podem ser chamados para atuar em outros momentos e locais, como em tomadas de depoimento e em delegacias. Entretanto, com relação à preparação do TILS para atuar nesses contextos, a autora complementa que é necessário que o intérprete conheça as diferentes demandas que ele apresenta, sejam elas de ordem linguística, comportamental ou psicofisiológica.

Dessa forma, essa preparação estaria fortemente ligada ao acesso a informações relacionadas ao contexto jurídico, que, segundo Santos (2016), no âmbito brasileiro ainda é restrito.

E uma das razões que podem dificultar esse acesso refere-se à falta de investimento governamental na profissionalização (cursos de formação, aquisição da literatura básica da área, desenvolvimento de pesquisas e outros) de intérpretes de Libras-Português que atuam no meio jurídico. (SANTOS, 2016, p. 118).

Dessa forma, percebemos que a esfera jurídica impõe desafios, desde os linguísticos até os emocionais, ao intérprete que atua nessa área, demandando preparação psicológica e estratégica do profissional. Ademais, essas colocações de Santos (2016) contribuem para explicar a grande recorrência do contexto jurídico como contexto no qual a maioria dos nossos respondentes não se sentem preparados para traduzir/interpretar.

O contexto menos assinalado pelos respondentes como o qual não se sentem preparados para trabalhar foi aquele contendo textos midiáticos/audiovisuais (9,1%). Uma possível explicação para esse resultado seria o grande aumento de demandas audiovisuais devido à era digital que vivemos, como a interpretação remota. O segundo contexto menos assinalado foi aquele contendo textos acadêmicos orais (13,2%), resultado que também vai ao encontro das respostas do Gráfico 8 afirmando um grande recorrência (89,3%) de interpretação em contextos educacionais.

Os respondentes da pesquisa de Santos, W. (2020) afirmam que a demanda por interpretação de textos midiáticos e educacionais é vasta, o que, guardada as devidas proporções, mostraria uma tendência semelhante à de nossos respondentes – de sentirem mais preparados para traduzir/interpretar nesses contextos, pois mais recorrência de atuação em um contexto, teoricamente desenvolve-se mais segurança e automatização deste processo.

Encerramos aqui a discussão sobre os resultados de nosso questionário, e observamos que em nosso levantamento obtivemos respostas de TILS com experiências diversas na área de tradução e interpretação de Libras, ou seja, com um perfil diverso. É importante ressaltar que as tendências apontadas, nesta seção, são reflexões que correspondem aos resultados decorrentes das respostas fornecidas no questionário, sendo uma amostragem com limitações. Portanto, é relevante a aplicação de questionários a um maior número de TILS contemplando todas as regiões brasileiras, caso o objetivo seja realizar generalizações sobre essa categoria profissional. Finalizada essa apresentação e discussão dos resultados obtidos com o questionário, passamos agora para a análise dos resultados obtidos com a realização do estudo piloto.

4.2 Estudo piloto – Tarefa direta (TD) e tarefa inversa (TI)

Em um ambiente de coleta experimental, um TILS profissional e experiente realizou um estudo piloto, em que executou duas tarefas interpretativas, uma direta e uma inversa, nessa ordem. O perfil desse participante piloto era o seguinte: i) mais de 15 anos de experiência como TILS; ii) mestre em Estudos da Tradução; iii) doutorando em Estudos da Tradução; iv) atuante como TILS principalmente na esfera audiovisual; v) mesma frequência de realização das duas direções (inversa e direta).

O texto interpretado de Libras para o português foi a fábula *O Leão e o Camundongo*, sinalizada por uma surda que tem a Libras como sua L1. O Quadro 10 apresenta comparações de informações do texto-fonte sinalizado e o texto-alvo oral produzido pelo participante do estudo piloto:

Quadro 10 – Configuração da TD

TEXTO FONTE EM LIBRAS	VOCALIZAÇÃO (TD)
O Leão e o Rato. Duração: 02:51	O Leão e o Rato. Duração: 02:52
Quantidade total de sinais: 169 sinais	Quantidade total de palavras: 405 palavras
Sinais por segundo: 0,99 sinais/s	Palavras por segundo: 2,35 palavras/s

Fonte: Elaborado pela autora

A narração em Libras da fábula durou 02 minutos e 51 segundos e a interpretação contou com um segundo a mais no seu tempo total de execução. A quantidade total de sinais foi um pouco menos da metade da quantidade de palavras: o TF em Libras contou com 169 sinais e a transcrição da TD apresentou 405 palavras. Isso também vale para a taxa de produção: um total de 0,99 sinais por segundo foi calculado para o TF e 2,35 palavras por segundo para a vocalização.

A informação “O Leão e o Rato” foi sinalizada pela narradora e assim foi vocalizada pelo participante — talvez até por desconhecimento da fábula e de seu título cristalizado na sociedade (O Leão e o Camundongo), pois, como o intérprete afirma, nos protocolos verbais, essa história não era de seu conhecimento. Assim, o título da fábula que consta no Quadro 10 segue como “O Leão e o Rato”.

Nas mesmas condições experimentais, o participante piloto interpretou para Libras a fábula “A Tartaruga e a Lebre”, narrada em português oral por uma contadora de histórias nativa em português do Brasil. O Quadro 11 apresenta comparações de

informações do texto fonte em português e do texto alvo sinalizado produzido pelo participante piloto:

Quadro 11 – Configuração da TI

TEXTO FONTE EM PORTUGUÊS	SINALIZAÇÃO (TI)
A Tartaruga e a Lebre. Duração: 03:31	Tartaruga Coelho Fêmea. Duração: 03:34
Quantidade total de palavras: 506 palavras	Quantidade total de sinais: 248 sinais
Palavras por segundo: 2,40 palavras/s	Sinais por segundo: 1,16 sinais/s

Fonte: Elaborado pela autora

A narração da fábula em português durou 03 minutos e 31 segundos e a interpretação para Libras contou com três segundos a mais no seu tempo total de execução. A quantidade total de sinais foi um pouco menos da metade da quantidade de palavras: o TF em português contou com 506 palavras e a interpretação sinalizada apresentou 248 sinais. Isso vale também para a taxa de produção: um total de 2,40 palavras por segundo foi calculado para o TF em português e 1,16 sinais por segundo para a interpretação sinalizada.

O participante afirma nos protocolos verbais que o sinal da palavra “lebre” representou um problema de tradução. Ele inclusive afirmou que, se estivesse trabalhando com um intérprete de apoio, ele provavelmente aguardaria uma contribuição. Como em nosso experimento o momento da familiarização com os TFs não contava com consulta a material externo, o participante optou por realizar a combinação dos sinais usados para “coelho” e “fêmea/mulher” para se referir à “lebre”, por desconhecer o sinal específico para esse animal em Libras.

Como podemos observar, a diferença na taxa de produção entre os enunciados em Libras e em português parecem seguir o padrão de, aproximadamente, 2 para 1, ou seja, a cada 4 a 5 palavras por segundo teríamos 2,3 a 2,5 sinais por segundo. Esse fato é corroborado por Klima e Bellugi (1979), pois ao investigarem a diferença da taxa de produção em ASL e inglês, os autores apuraram que a taxa de articulação dos sinais em ASL é aproximadamente metade da produção de palavras em inglês. A mesma tendência é apontada em Happ e Leuninger (2004), que trabalhando com língua de sinais alemã, também indicam que a taxa de produção das palavras é normalmente o dobro dos sinais (HAPP; LEUNINGER, 2004). Dessa forma, podemos dizer que nossos resultados sobre a quantidade de sinais e palavras nos TFs e nas interpretações seguem as mesmas tendências de pesquisas anteriores.

Passamos agora para a apresentação e discussão das categorias de análise. As

análises das tarefas realizadas se darão com base em três pilares (sempre relacionando-os com a direção da tarefa): (i) indicadores de esforço cognitivo em interpretação intermodal; (ii) estratégias interpretativas; e (iii) efeitos de modalidade. Finalizaremos o capítulo com as discussões sobre CTi.

4.3 Esforço cognitivo na TD e na TI

Os indicadores de esforço cognitivo da interpretação direta (Libras→PT) que analisamos, neste estudo, foram as pausas, as hesitações⁵⁷ e o desvio de olhar. Na interpretação inversa (PT→Libras), discutiremos as pausas, as repetições de sinais e o prolongamento dos sinais. Os indicadores desvio de olhar e prolongamento de sinais (que constam na literatura e também em nossa metodologia de análise) obtiveram ocorrências irrisórias em nossas análises, de modo que optamos por não os analisar; entretanto indicamos sua existência como potenciais indicadores de esforço cognitivo em processos intermodais.

É importante destacar que reproduzimos aqui esses indicadores com base em outros autores dos ETILS, propondo uma forma de analisar o dispêndio de esforço cognitivo em interpretação simultânea intermodal (SIPLE, 1993; CHACON E SHULZ, 2000; RODRIGUES, 2013; FITZMAURICE E PURDY, 2015; LOURENÇO, 2017; entre outros).

4.3.1 Pausas na TD e na TI

Recuperando a explicação apresentada no Referencial Teórico, analisaremos as pausas a partir das categorias: duração, quantidade total e tipo. Consideramos pausas a partir de 100 milésimos de segundo de intervalo de silêncio. Com relação à duração das pausas como indicação de esforço cognitivo no âmbito dos ET, cotejamos três autores que discutem sobre a duração das pausas tanto em tradução escrita (JENSEN, 2001; DRAGSTED, 2004) quanto no discurso oral (CHACON; SCHULTZ, 2000).

Em relação à tradução escrita, Jensen (2001) aponta que pausas de, no máximo, 3s dizem respeito à velocidade de digitação ou coordenação motora, e que, portanto, não seriam indicativo de demanda cognitiva, ao passo que pausas entre 3s e 5s seriam um

⁵⁷ As hesitações em Libras→PT surgiram no decorrer de nossas análises, e consideramos relevante analisá-las de forma mais aprofundada.

indicador de esforço cognitivo. Dragsted (2004) afirma que pausas de até 5s são curtas, as longas entre 5s e 10s e as extremamente longas são aquelas superiores a 10s. Lembrando que essas categorizações dizem respeito às pausas realizadas no processo de tradução escrita. Chacon e Schulz (2000), por sua vez, analisam as pausas no discurso oral e as dividem em um número maior de categorias, com uma menor duração, conforme classificação representada no Quadro 12 a seguir:

Quadro 12 – Duração das pausas

Classificação	Duração
Muito breves	Até 0,19s
Breves	Entre 0,20s – 0,79s
Médias	Entre 0,80s – 1,39s
Longas	1,40s – 1,99s
Muito longas	Mais de 2s

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Chacon e Schulz (2000, p. 55)

Como podemos observar, os autores dividem as pausas utilizando uma categorização que parte de menores durações, quando comparado com que Dragsted (2004) propõe, por exemplo. Levando em conta que nossa pesquisa trata do discurso oral (em português e em Libras) e não das pausas no registro escrito (JENSEN, 2001; DRAGSTED, 2004) decidimos utilizar em nosso estudo a categorização proposta por Chacon e Schulz (2000).

Baseando-nos em Siple (1993), Chacon e Shulz (2000) e Almeida (2009), dividiremos as pausas em dois tipos: *preenchidas* e *não-preenchidas*. Com relação à vocalização em português, as pausas preenchidas acontecem quando há a elocução de sons preenchedores, especificamente o uso de *eh* e *uh* (ALMEIDA, 2009); e as não-preenchidas, também chamadas de pausas silenciosas, que ocorrem quando o falante fica em silêncio, sem emitir qualquer som.

Já com relação à sinalização em Libras, as pausas preenchidas serão classificadas nos casos em que o intérprete realizar o prolongamento de um sinal ou complementar esse sinal prolongado com uma expressão facial ou corporal; já nos momentos em que as mãos do TILS estiverem em posição de descanso, classificaremos como pausas não-preenchidas. Esquematizamos a divisão no quadro a seguir:

Quadro 13 – Categorização dos tipos de pausas

Interpretação Direta (Libras→PT)	Interpretação Inversa (PT→Libras)
Preenchidas: <i>eh, uh</i>	Preenchidas: sinal prolongado
Não-preenchidas: Sem preenchimento vocalizado.	Não-preenchidas: Mãos em posição de descanso.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Siple, 1993; Chacon e Schulz, 2000; Almeida, 2009.

Além das classificações apresentadas nos Quadros 12 e 13, contabilizamos o número total de pausas encontradas na TD e TI. Lembramos de que nossa proposta é analisar as pausas como indicadores de esforço cognitivo na IS intermodal e, ao mesmo tempo, apontar tendências no comportamento das pausas nas duas direções da tarefa por meio de sua classificação e contagem, contribuindo para a compreensão da influência da direcionalidade do processo de interpretação intermodal.

Assim, apresentamos os dados, realizamos análises e indicamos tendências com base nos resultados de pausas da tarefa do participante do estudo piloto. Essas tendências de comportamento de pausas, além de outras análises a serem observadas, podem ajudar na reformulação das hipóteses deste estudo, a serem confirmadas em futuro estudo experimental com mais participantes.

A seguir, apresentamos a classificação das pausas na direção direta (Libras→PT). Mostramos o tempo inicial e final das pausas com relação à duração total do respectivo TF, a duração da pausa em si e, por fim, o tipo (preenchida ou não-preenchida):

Tabela 2 – Pausas da TD (Libras → PT)

Número	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	Classificação	Tipo
1	00:00:08.121	00:00:09.299	1,178	Média	Não-preenchida
2	00:00:32.422	00:00:32.989	0,567	Breve	Não-preenchida
3	00:00:47.922	00:00:49.522	1,60	Longa	Não-preenchida
4	00:00:58.353	00:01:00.244	1,891	Longa	Não-preenchida
5	00:01:13.296	00:01:14.175	0,879	Média	Não-preenchida
6	00:01:24.435	00:01:25.448	1,013	Média	Não-preenchida
7	00:01:36.026	00:01:36.702	0,676	Breve	Não-preenchida
8	00:02:17.459	00:02:18.594	1,135	Média	Não-preenchida
9	00:02:35.622	00:02:36.718	1,096	Média	Não-preenchida
TOTAL			10,035s		

Fonte: Elaborada pela autora

A Tabela 2 aponta que na TD (Libras→PT) encontramos nove pausas, que somadas totalizam 10,035s da tarefa. Lembrando que o tempo total da tarefa de interpretação foi de 2 minutos e 52 segundos, sendo assim o tempo total de pausas

representa 6,1% da interpretação.

Também notamos que as pausas parecem estar bem distribuídas em relação ao tempo total da tarefa, ou seja, não encontramos um bloco único com uma grande concentração de pausas. Excetuando-se a ocorrência da primeira pausa aos 8 segundos e da segunda aos 32 segundos (com um intervalo de aproximadamente 24s sem pausas), todas as outras ocasiões de pausas aparecem de forma homogênea no decorrer da tarefa.

Podemos observar que todas as pausas na vocalização foram classificadas como não-preenchidas, ou seja, nos períodos indicados como pausas, o participante sempre se encontrava em momentos de silêncio. Para realizar o cotejamento e levantar tendências sobre qual a relação entre os tipos e a duração das pausas encontradas em nosso estudo, apresentamos a seguir seu agrupamento com relação à sua duração.

Tabela 3 – Duração das pausas na TD

Muito Breve: até 0,19	Nenhuma ocorrência
Breve: 0,20 a 0,79	Duas ocorrências (0,567; 0,676)
Médias: 0,80 a 1,39	Cinco ocorrências (1,178; 0,879; 1,013; 1,135; 1,096)
Longas: 1,40 a 1,99	Duas ocorrências (1,60; 1,891)
Muito longas: Mais de 2 segundos	Nenhuma ocorrência

Fonte: Elaborada pela autora

Como podemos observar acima (Tabela 3), dentre um total de nove pausas, cinco delas são médias (entre 0,80s a 1,39s). Seguidas por duas ocorrências de pausas breves (entre 0,20s e 0,79s) e duas longas (entre 1,40s e 1,99s). Nenhuma pausa muito breve ou muito longa foi encontrada na direção Libras→PT.

As pausas muito breves (até 0,19s) podem se apresentar como um desafio em sua identificação devido à sua brevidade. Com relação as pausas muito longas (mais de 2s), considerando a análise de um discurso interpretado simultaneamente, nos 2s em que o intérprete realize uma pausa, o TF continua seu seguimento e informações podem ser perdidas. Além disso, dado o perfil do participante, acredita-se que as pausas muito longas podem não ocorrer devido a sua experiência.

Em termos metodológicos, no caso de uma coleta em ambiente experimental em um estudo futuro, sugere-se a organização em grupos com os participantes separados conforme sua experiência; e acredita-se que os menos experientes apresentariam maior número de pausas, pois se consideramos as pausas como indicador de esforço cognitivo e problemas de tradução, espera-se que profissionais novatos apresentem maior número de pausas.

Observamos que a pausa de maior duração (pausa 1, duração de 1.891), ocorre imediatamente após o final do enunciado do título e o início da narração, propriamente dita. Apresentamos na Tabela 4 o contexto discursivo dessa pausa:

Tabela 4 – Contexto discursivo da pausa 1 na TD

Tempo inicial ⁵⁸	03s.400ms	04s.466ms	05s.307ms	06s.270ms	07s.368ms	08s.116ms
TF (sinais)	TEMA	LEÃO	RATO	PAUSA	DIA	CL (lugar-floresta)
Vocalização	-	Essa história conta sobre o Leão e o Rato.				PAUSA 1

Fonte: Elaborada pela autora

Dessa forma, podemos observar que a primeira pausa e, nesse caso, a de maior duração em toda a tarefa, provavelmente serviu como forma de aguardar o desenvolvimento da história e a continuidade da narrativa. Vemos que, ao fazer isso, o *lag time* do intérprete estaria de acordo com seu perfil, visto que já consta na literatura que intérpretes mais experientes apresentam um maior *lag time* na administração do recebimento do TF em relação a oferecimento do TA.

Rodrigues (2013) esclarece que “o ILS precisa aguardar a complementação do enunciado para assim possuir mais insumos e pistas para a resolução dos problemas” (RODRIGUES, 2013, p. 127). Dessa forma, traremos aqui o contexto discursivo das pausas mais destoantes, para averiguar se seria o caso de o intérprete estar aguardando o avanço do TF, ou se poderia ser um possível indicativo de acesso ao bloco reflexivo.

A segunda pausa da TD, para a qual apresentaremos o contexto discursivo, é a pausa número 2, sendo a de menor duração em toda a tarefa. Essa pausa ocorre em 32s.422ms, ponto onde a narração já havia descrito o cenário do Leão e, no momento a seguir, narra o aparecimento do rato, ameaçado por uma águia que queria comê-lo. A pausa 2 ocorre da seguinte forma:

Tabela 5 – Contexto discursivo da pausa 2 na TD

Tempo inicial	27s.843ms	29s.791ms	30s.275ms	30s.940ms	31s.381ms	32s.811ms	33s.271ms
TF (sinais)	CL ⁵⁹	OUVIR	LÁ	ÁGUIA	VOAR	VOCÊ	COMER
Vocalização	-	Um rato começou a andar.				PAUSA 2	-

Fonte: Elaborada pela autora

⁵⁸ O tempo inicial está expresso em segundos e milésimos de segundos.

⁵⁹ CL (rato-andar-olhar-lugar)

O mesmo caso da pausa 1 se repete na pausa 2, visto que, nesse caso, o intérprete aguarda por 0,567s o avanço do TF; e, sabendo que o contexto do rato sendo atacado por uma águia se desenrolará, ele realiza o monitoramento do fluxo de produção do TA em relação ao TF. Assim, as duas pausas mais significativas (maior e menor duração; média e breve) aparentemente serviram como forma de aguardar a produção do TF.

As pausas médias (0,80s a 1,39s), com cinco ocorrências (1,178s; 0,879s; 1,013s; 1,135s; 1,096s), parecem acontecer na troca de cenário da narração ou após um momento de clímax da história. Por exemplo, quando o leão ameaça comer o rato (pausa 5) ou quando no cenário da floresta chegam caçadores que armam uma armadilha para o leão (pausa 6). Comparadas com a pausa 1 e 2 (que já definimos ser uma manifestação do monitoramento do fluxo interpretativo), as pausas médias e longas aconteceram em momentos diferentes e aparentemente podem indicar um acesso ao bloco reflexivo graças a troca de cenário e introdução de acontecimentos novos na história.

Chacon e Schulz (2000), baseados em Lay e Paivio (1969) e em Levin et al. (1967), afirmam que as pausas que são mais longas, especialmente as não-preenchidas, podem acontecer devido à ansiedade produzida pela dificuldade em verbalizar algum item vocabular, ou ainda podem ser associadas a uma situação de fala sob estresse.

Na vocalização (Libras→PT), nenhuma pausa muito longa foi encontrada, porém, podemos inferir que em função do avanço em ritmo relativamente acelerado do TF em Libras, as pausas médias (0,80 a 1,39) poderiam encaixar-se nas constatações de Chacon e Schulz (2000) sobre as pausas que são mais longas e especialmente as não-preenchidas. O estresse sob o qual o intérprete se encontrava nas pausas médias (5 ocorrências) e longas (2 ocorrências), além dos efeitos da modalidade e do avanço acelerado do TF, poderia servir como forma de lidar com o grande número de classificadores que a narradora surda coloca na história, por exemplo.

Como o próprio participante afirma no relato verbal retrospectivo, os classificadores foram especialmente desafiadores, tanto na tarefa direta quanto na inversa. Explicaremos mais sobre o uso dos classificadores na seção sobre os resultados das estratégias interpretativas. Finalizando a exposição sobre os resultados da TD, outras medidas que podem ser calculadas a partir de nossos achados são a duração máxima, média, mínima e a mediana das pausas.

Tabela 6 – Duração das pausas na TD

Duração Mínima	0,567
Duração Máxima	1,891
Duração Média	1,112
Mediana	0,70

Fonte: Elaborada pela autora

Como vemos acima (Tabela 6), há uma diferença de 1,324s entre a pausa de maior duração e a mais curta (respectivamente, 1,891 e 0,567); obtemos também uma média de pausas de 1,112s. Esses valores e o contexto discursivo no qual as pausas mais significativas ocorrem serão, posteriormente, comparados com os resultados obtidos na TI, apresentados a seguir, com o cotejamento e a comparação entre os resultados de cada direção.

Tabela 7 – Pausas da TI (PT→Libras)

Número	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração	Classificação	Tipo
1	00:00:05.709	00:00:06.062	0,353	Breve	Não-preenchida
2	00:00:29.323	00:00:29.469	0,146	Muito breve	Preenchida
3	00:00:32.787	00:00:33.092	0,305	Breve	Preenchida
4	00:00:34.190	00:00:34.635	0,445	Breve	Não preenchida
5	00:01:54.409	00:01:54.674	0,265	Breve	Não-preenchida
6	00:02:23.251	00:02:24.215	0,964	Média	Não-preenchida
7	00:03:08.520	00:03:09.048	0,528	Breve	Preenchida
TOTAL			3,003s		

Fonte: Elaborada pela autora

Como podemos observar na Tabela 7, encontramos 7 pausas na tarefa inversa, as quais somadas resultam em 3,003s. O tempo total da tarefa inversa foi de 3 minutos e 34 segundos, sendo assim o tempo total de pausas representa 1,5% da interpretação.

Com relação a sua distribuição, vemos uma concentração de pausas entre os segundos 29,323 e 34,190 (pausas 2, 3 e 4). Os contextos discursivos dessas pausas serão apresentados em seguida. Além disso, na sinalização encontramos três pausas preenchidas (2, 3 e 7). Aparentemente, nessas pausas o participante estava planejando como continuar o discurso, utilizando o tempo das pausas como momento de reflexão. Com relação à duração, as 7 pausas se configuram da seguinte forma:

Tabela 8 – Duração das pausas na TI (PT→Libras)

Muito Breve: até 0,19	Uma ocorrência (0,146)
Breve: 0,20 a 0,79	Cinco ocorrências (0,353; 0,305; 0,445; 0,265; 0,528)
Médias: 0,80 a 1,39	Uma ocorrência (0,964)
Longas: 1,40 a 1,99	Nenhuma ocorrência
Muito longas: Mais de 2 segundos	Nenhuma ocorrência

Fonte: Elaborada pela autora

Como podemos observar na Tabela 8, dentre um total de 7 pausas, cinco delas são breves (entre 0,20s a 0,79s), seguido por uma única ocorrência de pausa muito breve (até 0,19s) e uma média (entre 0,80s e 1,39s). Nenhuma pausa longa ou muito longa foi encontrada na sinalização.

Podemos perceber que as três pausas preenchidas (2, 3 e 7) são, respectivamente, breves (3 e 7) e muito breves (pausa 2). Isso poderia indicar que, geralmente, as pausas mais breves em Libras são aquelas preenchidas com algum sinal prolongado ou com o uso de alguma expressão facial ou corporal, ou seja, o uso do corpo como língua. Esse fato, guardadas as devidas proporções, corrobora os resultados de Chacon e Schulz (2000), pois os autores constatam que os valores mais altos de duração de pausas, geralmente, acontecem em pausas não-preenchidas. Sabe-se que os autores trabalham com o discurso oral espontâneo em português, e não com o processo interpretativo, porém Rodrigues (2013) explica brevemente sobre o uso de pausas na interpretação para LS, pois em sua pesquisa:

como foram mais comuns o prolongamento de sinais e sua repetição (reprodução do sinal ou de um de seus movimentos internos — que envolvem mudanças da configuração de mãos e/ ou da orientação da palma — ou de seus movimentos externos — que envolvem o deslocamento da mão no espaço de sinalização), como estratégias de monitoramento da velocidade de produção do TA em relação à velocidade de recebimento do TF, é possível inferir que — devido à modalidade gesto-visual da LS e à não necessidade de o ILS pausar a produção do TA para respirar e/ ou para melhor ouvir o TF sem a interferência de sua própria voz, visto não estar usando a fala oral — o uso de pausas na interpretação em LS é essencialmente diferente do uso de pausas na interpretação entre LO. (RODRIGUES, 2013, p. 128).

Assim, na comparação do tipo de pausas nas duas direções, os nossos resultados indicam que as pausas preenchidas tendem a ser as mais breves e as não-preenchidas as médias ou longas, independentemente da direção da interpretação. Quando classificadas a partir da direção, constatamos a tendência de que, na vocalização, as pausas são todas não

preenchidas, ou seja, 100%; na sinalização, as pausas não-preenchidas constituem 57,13% das pausas dessa direção, com uma ocorrência de 5 pausas em um total de 7.

Outro elemento relevante nos dados é a distribuição das pausas ao longo da tarefa. Na sinalização, tivemos uma concentração de três pausas entre os segundos 29,323 e 34,190 (pausas 2, 3 e 4). Neste trecho, a narração se centra em descrever a lebre como um animal que sempre se gabava por ser a mais veloz e que zombava da tartaruga por ser muito lenta. Dessa forma, o uso da expressão facial e corporal se evidencia na interpretação. O contexto discursivo deste trecho era o seguinte:

Tabela 9 – Contexto discursivo das pausas 2, 3 e 4 da TI

Tempo inicial	29s.023ms								34s.190ms
TF (português)	Que <i>tava</i> sempre zombando da tartaruga que era um bicho muito lento. PAUSA. Pois sabe que [...]								
Sinalização	PAUSA	ANIMAIS	SEMPRE	ZOMBAR+	PAUSA	ELA	PENSAR	ENTÃO	PAUSA

Fonte: Elaborada pela autora

Dessa forma, observamos que essa concentração de pausas, neste contexto específico, parece servir como forma de enfatizar as informações do TF. Neste mesmo trecho, houve a ocorrência da repetição do sinal referente à palavra zombar, que o participante, provavelmente, utiliza para dar ênfase ao fato de que a lebre *sempre* zombava da tartaruga. Outro possível fator estaria ligado ao gênero fábula, visto que dessas três pausas, as duas primeiras são preenchidas, principalmente com informações visuais que o intérprete parece adicionar de modo a acompanhar a narração fabulesca e quase alegórica do TF, essa forma de contação de história que apresenta características mais expressivas, com mais traços figurados e emblemáticos.

Outra análise possível é sobre o contexto discursivo das pausas de maior e menor duração. A de menor duração (0.146s, pausa 2) já foi analisada, visto que ficou concentrada com mais duas pausas. A pausa 6 foi a de maior duração, ocorrendo entre 02.23.251 e 02.24.215, e teve 0.946s de duração. O contexto discursivo no qual ela ocorreu foi o seguinte:

Tabela 10 – Contexto discursivo da pausa 6 da TI

Tempo inicial	02:23.251ms									02:24:215ms
TF	[...] a tartaruga continuou, devagar e sempre, mas muito determinada. PAUSA. Passou pela lebre [...]									
Sinalização	TARTARUGA	CONTINUAR	CL ⁶⁰	MAS	PAUSA	FOCO	PAUSA	VER	COELHO	

Fonte: Elaborada pela autora

Como podemos observar, a pausa 6, de menor duração em toda a tarefa inversa, é uma pausa não-preenchida (o participante coloca as mãos em posição de descanso). A possível explicação para esse comportamento seria a finalização de um acontecimento na narrativa e, assim, o intérprete marca a entrada de uma nova “fase na história” ao realizar uma pausa muito breve (até 0,19) e não-preenchida, porém evidente.

De modo a finalizar a apresentação dos resultados da TI acerca das pausas, apresentamos as médias das durações nessa tarefa, como se segue:

Tabela 11 – Duração das pausas na TI (PT → Libras)

Duração Mínima	0.146
Duração Máxima	0.964
Duração Média	0.429
Mediana	0,353

Fonte: Elaborada pela autora

Como podemos ver, a duração média das pausas na TI teve uma diferença de 0,683s em relação às médias das pausas na TD. A duração máxima e mínima das pausas também apresenta certa diferença: na direção Libras→PT a maior foi uma pausa longa e não-preenchida de 1,891s; na interpretação inversa a pausa de maior duração foi uma não-preenchida de 0,964s. Dessa forma, as análises indicam que as pausas em Libras (TI) tendem a ser de menor duração do que as em português (TD).

De modo a apresentar as principais diferenças entre o comportamento das pausas nas duas direções, esquematizamos o número total, a duração média e total das pausas e a porcentagem que elas representam na tarefa no Quadro 14.

⁶⁰ CL (andar-devagar)

Quadro 14 – Comparação de pausas na TD e na TI

Pausas na TD (Libras→PT)	Pausas na TI (PT→Libras)
Total de pausas: 9 pausas	Total de pausas: 7 pausas
Média das pausas: 0,461s	Média das pausas: 1,112s
Duração total de pausas: 10,035s	Duração total de pausas: 3,003s
6,1% da interpretação	1,5% da interpretação

Fonte: Elaborada pela autora

Comparando os dados para cada direção, podemos observar a tendência de que no discurso interpretado para Libras sejam empregadas pausas mais curtas (sejam elas indicativas de problemas de tradução ou ferramenta de organização do pensamento) do que longas. Isso pode se dever ao fato de que na interpretação simultânea (seja ela intermodal ou intramodal) o fluxo da fala é de vital importância para o bom recebimento do TA. Como podemos observar na pesquisa de Fitzmaurice e Kim (2015) sobre pausas disfluentes entre ASL e inglês:

a percepção dos ouvintes [receptores do texto oral] mudaria caso houvesse presença de intérprete e [esse intérprete] gerasse pausas disfluentes. As análises mostraram que pausas atípicas levam o público a avaliar mal o falante [do TF] com relação a uma variedade de qualidades metanotativas. Uma segunda análise indicou que o público que não precisou da presença de um intérprete [para a ocasião] teve percepções diferentes do que aqueles que apenas tiveram acesso a interpretação⁶¹. (FITZMAURICE; KIM, 2015, p. 10).

Vemos então que a interpretação oral está atrelada à qualidade e à recepção do TF por parte do público-alvo, razão pela qual as diretrizes, os parâmetros e a categorização para avaliar os indicadores de esforço cognitivo na interpretação não necessariamente serão os mesmos da tradução escrita. Nesse sentido, percebemos também, devido ao perfil de nosso participante piloto, a preocupação com a fluência de seu texto interpretado, além de adequação com o estilo do gênero fábula e de conformidade de suas escolhas tradutórias com o público-alvo: alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

Fitzmaurice e Kim (2015) ainda complementam quais seriam as consequências de pausas disfluentes na interpretação ASL-inglês, porém são colocações que podemos

⁶¹ Nossa tradução de: “supported the hypothesis that listeners’ perceptions would change if an interpreter were used to convey meaning and if that interpreter generated disfluent pauses. Analysis showed that the atypical pauses led listeners to rate the speaker significantly lower on a variety of metanotative qualities. A second analysis indicated that those listeners who did not have to rely on the interpretation had different perceptions than those listeners who only heard the interpretation”

adaptar para a realidade Libras-português, visto que estamos falando de interpretação intermodal nos dois casos. Segundo os autores,

pausas disfluentes em textos interpretados entre ASL e inglês podem afetar negativamente a avaliação do espectador com relação ao falante. Intérpretes profissionais devem conhecer o ritmo usado no planejamento da mensagem alvo e a fluência de sua renderização para evitar que a opinião do público seja afetada. Especificamente, os profissionais devem ser encorajados a planejar uma unidade sintática completa antes de iniciar a interpretação para a língua-alvo para evitar essas pausas atípicas e se feminizarem com o material antes do tempo quando houver oportunidade. Da mesma forma, formadores de intérpretes devem chamar atenção para o impacto na opinião do público com relação ao falante que as pausas que não sejam naturais na interpretação podem causar, e guiar os alunos na prática de evitar realizar pausas atípicas. (FITZMAURICE; KIM, 2015, p. 11).

Assim, talvez pensando na aceitação por parte do público que receberá a interpretação, o participante piloto aparentemente evitou realizar pausas muito longas — como chamadas por Fitzmaurice e Kim (2015), pausas atípicas ou disfluentes. Percebemos um número relativamente pequeno de pausas na direção PT→Libras (1,5% da interpretação) e um número levemente maior na direção Libras→PT (6,1% da interpretação). Esse fato, provavelmente, se deve às influências já discutidas anteriormente, além da influência da velocidade do TF e às influências da direcionalidade e da modalidade de língua. Também vemos que em nenhuma direção encontramos pausas muito longas (mais de 2s), evidenciando ainda mais a necessidade de categorizações específicas de duração de pausas na interpretação simultânea (intramodal e intermodal).

Levando em conta nossos achados na análise das pausas, podemos indicar algumas tendências: (i) as pausas na interpretação (seja ela intramodal ou intermodal) são geralmente de menor duração do que na tradução escrita devido à velocidade do fluxo de fala do TF e à expectativa do público que receberá a interpretação; (ii) as pausas na IS intermodal de narrativas para um público de aproximadamente 10 anos de idade também pode desempenhar o papel de enfatizar cenas em um clímax na história ou ainda realçar uma mudança de cenário; e (iii) comparando as direções inversa e direta, as menores pausas tendem a ocorrer na primeira, indicando que a direção PT→Libras tenha requerido menor esforço cognitivo, visto que a Libras possibilita o uso de complementos como expressão facial e construção imagética de alguns elementos da narrativa que contribuem para a fluência do discurso, sendo necessário apenas realizar pausas mais curtas.

Além disso, baseando-nos na análise das pausas, a tendência é que o participante

tenha tido maior dificuldade na direção direta (Libras→PT), entretanto ele mesmo afirma na entrevista que teve mais dificuldade na interpretação de português para Libras, devido à necessidade de utilizar os classificadores, que serão abordados nas próximas seções deste capítulo.

Assim, os protocolos sobre pausas não vão necessariamente ao encontro da percepção do próprio participante sobre sua dificuldade, porém é sabido que as pausas são indicativo de alguma manifestação cognitiva no tradutor ou no intérprete. Entretanto, podemos explicar essa divergência devido à modalidade das línguas envolvidas. Baseado em achados de sua pesquisa, Rodrigues (2013) afirma que

verificou-se que a identificação dos problemas de interpretação não se relaciona diretamente ao protocolo de pausas, visto que o ILS se utiliza, também, de outros mecanismos para lidar com os problemas, além de manter, em diversos momentos, as hesitações e pausas presentes no TF. (RODRIGUES, 2013, p. 82).

Dessa forma, Rodrigues (2013) destaca alguns indicadores de análise que discutimos no decorrer deste capítulo, como as hesitações. Finalizamos a seção sobre as pausas como indicadores de esforço cognitivo na IS intermodal, afirmando que elas podem ser um indicativo, porém outros indicadores de esforço próprios da interpretação, especialmente da intermodal, precisam ser considerados quando se analisa o processo de interpretação simultânea intermodal, como é caso do estudo aqui relatado. Dentre esses indicadores de esforço cognitivo específicos da IS intermodal direta e inversa, destacamos as hesitações para a direção direta e as repetições de sinais para a direção inversa, as quais serão analisadas nas duas seções a seguir.

4.3.2 Hesitações na TD

Nesta seção, discutimos apenas as análises da direção Libras→PT, nos focando nas hesitações. A priori, olhamos hesitações iguais ou maiores a 600ms, pois inicialmente, utilizamos a definição de hesitação como proposta por Maclay e Osgood (1959) que explicam que

há uma diferença básica entre pausas e hesitação: as hesitações, como definidas por nós, se referem a eventos mais ‘notórios’ e facilmente observáveis, ao passo que as pausas [...] são de menor duração e mais difíceis de se observar e registrar. Além disso, as hesitações geralmente

interrompem o fluxo de fala⁶²[...]. (MACLAY; OSGOOD, 1959, p.20).

Assim como as pausas partiram de 100ms, inicialmente observamos as hesitações iguais ou maiores que 600ms (de acordo com os autores mencionados, as pausas seriam de menor duração e as hesitações maiores). Dessa forma, observamos as hesitações realizadas pelo participante e as apresentamos aqui como uma forma de tentar hipotetizar os momentos nos quais ele poderia ter tido alguns problemas de tradução, além daqueles marcados pelas pausas.

Nos focaremos principalmente no conteúdo dessas hesitações e não tanto em sua duração, visto que os autores mencionados tecem algumas hipóteses sobre o conteúdo lexical e o contexto discursivo das hesitações, de modo que tentaremos manter essa linha para, inclusive, fins de comparação com alguns resultados de Maclay e Osgood (1959).

Nesse sentido, Maclay e Osgood (1959) definem quatro tipos de hesitações: as repetições, os *false starts* (falsos começos), as pausas preenchidas e as pausas não-preenchidas. Nesta seção, nos focamos nas repetições (R) e nos *false starts* (FS), que chamamos genericamente de hesitações, visto que a análise dos autores Maclay e Osgood (1959) sobre as pausas também inclui espaços de silêncio, classificação que já analisamos neste capítulo.

É importante lembrar que esses autores trabalham com a análise do discurso espontâneo, e não com a elocução interpretativa. Assim, a abordagem deles com relação as pausas é um pouco diferente da forma que as analisamos aqui (visto que abordamos as pausas como indicadores de esforço cognitivo); assim utilizaremos suas discussões sobre as repetições e os FS. As repetições podem “variar desde um único fonema até um alongamento estendido que poderia, teoricamente, ter qualquer duração⁶³” (MACLAY; OSGOOD, 1959, p. 24), já os *false starts* serão definidos como todo e qualquer enunciado locucionado de forma incompleta ou interrompida pelo próprio falante. Assim, partimos para a apresentação dos dados.

⁶² Nossa tradução de: “is one basic difference between pause and hesitation: hesitations, as we define them, refer to events that are relatively gross and easily observable, while the juncture-pauses [...] theory are quite short in duration and much harder to observe and record. In addition, hesitations often interrupt the flow of speech [...]”

⁶³ Nossa tradução de: “a repeat can vary from a single phoneme to an extended stretch that could, theoretically, be of any length”.

Tabela 12 – Hesitações da TD

Num.	Início	Final	TF	Interpretação	Hesitação
1	00:00:20.898	00:00:24.971	SENTAR +BRINCAR+FILHO+CL (muito-filhote-leão) +NOITE	E tinham alguns leões... brincando com seus filhotes	Início: 00:00:22.888 Final: 00:00:23.488
2	00:01:37.991	00:01:44.176	ANDAR+VER-NÃO+CL (muito-fio-deixar-chão) +VER-NÃO+ANDAR+CL (pé-pisar-fio) +CL (muito-frio-prender-leão)	O Leão não viu que tinha uma armadilha traçada ali.	Início: 00:01:41.440 Final: 00:01:42.480
3	00:01:52.581	00:01:59.161	ANDAR+OUVIR+PROCURAR+FLAGAR	[...]viu que...ouviu que o Leão tinha urrado [...]	Início: 00:01:53.480 Final: 00:01:54.920
4	00:02:11.431	00:02:15.181	CL (fio-cortar) +CL (cortar-vários-fios) +CL (fios-cair) +LEÃO+CAIR	Ele foi lá e roeu a ponta de toda aquela...as cordas daquela armadilha.	Início: 00:02:12.920 Final: 00:02:13.960
5	00:02:28.904	00:02:35.621	CL (rato-deixar-fio) + FILHO	[...] e entregou aquela...aquele alimento para todos os seus filhotinhos [...]	Início: 00:02:31.480 Final: 00:02:32.480

Fonte: Elaborada pela autora

Como podemos observar, encontramos cinco ocorrências de hesitações na interpretação direta, indicadas com as reticências na Tabela 12. Percebe-se que as hesitações tendem a ser de menor duração do que as pausas encontradas para essa direção, assim como seu número total, o que vai de encontro à definição de Maclay e Osgood (1959). Uma explicação para esse resultado contraditório poderia ser justamente a diferença da situação enunciativa dos dois estudos: nesta pesquisa analisam-se as características de uma interpretação simultânea intermodal, ao passo que Maclay e Osgood (1959) se dedicam a estudar as hesitações em discursos espontâneos em inglês falado. Dessa forma, mais estudos psicolinguísticos e tradutórios sobre o processo da IS intermodal são necessários para um maior embasamento teórico sobre hesitações e as marcas da oralidade no discurso interpretado de uma língua de sinais para o português.

Portanto, nos dedicamos agora a descrever algumas das hesitações encontradas, principalmente no que se refere ao seu conteúdo e contexto discursivo. Nenhuma das cinco hesitações identificadas foram categorizadas como repetições, visto que, em nenhum dos momentos, o intérprete repete a informação, mas, sim, as corrige. Assim,

todas as cinco hesitações foram classificadas como *false starts* (MACLAY; OSGOOD, 1959). Maclay e Osgood (1959) propõem então uma divisão em dois tipos diferentes de *false starts*: os retraçados (*retraced*) e os não-retraçados (*non-retraced*). “Essa distinção é feita em relação a se o falante retorna [a sua fala original] em uma tentativa de corrigir alguma das palavras que já usou. Padrões de entonação e ordem das palavras são as principais pistas linguísticas para a identificação desse tipo [de hesitação]⁶⁴ (MACLAY; OSGOOD, 1969, p. 24).

Essa distinção se faz muito útil para nossas análises, visto que algumas das hesitações identificadas na TD se caracterizam como *false starts* retraçados, ou seja, o intérprete profere um item lexical e, em seguida, o corrige. É o que acontece nas hesitações 3 e 5. Nesses dois casos, vemos pouca ou nenhuma concentração de classificadores no TF e a interpretação já se aproxima dos primeiros dois minutos. Além disso, no caso da hesitação 3, os sinais de ouvir e flagrar são feitos pela narração de forma quase concomitante, o que pode explicar a confusão do intérprete com os verbos “ver” e “ouvir”. Ele profere a palavra “viu” e, em seguida, corrige-a, proferindo “ouviu”.

O caso da hesitação 5 é comentada pelo participante no protocolo verbal. Ele afirma que nesse momento da narração não conseguiu entender que o rato levava os restos das cordas e fios que prendiam o leão para seus filhotes e os ensinava a roê-los, de modo a ajudar outros animais futuramente. O participante interpreta este trecho e o anterior da seguinte forma: “O ratinho acabou que pegou uma daquelas folhas com seus dentes e foi até a sua toca e entregou aquele alimento para todos os seus filhotinhos que estavam ali dentro” (trecho da interpretação inversa)

Na aplicação dos protocolos verbais livres, em relação a este momento da interpretação, o participante, inclusive, se questiona: “mas ratos comem folhas?”. Isso demonstra que, neste trecho da interpretação, outros raciocínios de ordem sociocultural, ligados ao mundo externo, estavam em ação, o que possivelmente explica a hesitação neste momento. A sinalização em Libras de “fio” feita pela narradora é muito similar ao sinal usado para “folha”, o que pode explicar o equívoco do intérprete, gerando inclusive uma dúvida, o que explicaria a hesitação 5.

No caso das hesitações 2 e 4, vemos uma grande concentração de classificadores no trecho do TF. Sabe-se que a tradução de classificadores para uma língua vocal pode

⁶⁴ Nossa tradução de: “This distinction is made on the basis of whether or not the speaker backed up in an attempt to correct one of the words he had already used. Intonational patterns and word order are the major linguistic cues in the identification of this type.”

apresentar desafios ao intérprete intermodal, principalmente ao que trabalha simultaneamente. Os classificadores são imageticamente apresentados, contendo informação altamente enriquecida e detalhada em relação às características daquilo ao que se refere (formas, movimentos, tamanhos etc.), o que dificulta o processo de linearização simultânea. Assim, a ocorrência das hesitações 2 e 4 pode ser explicada devido a concentração de classificadores nestes trechos.

E, finalmente, na hesitação 1, imediatamente anterior a esse trecho, há a presença de um indicativo de problema de tradução. Presença de um bloco de classificadores: CL (jeito-girafa-andar) e CL (vários-animais-lugar). A hesitação poderia ter relação com o acesso ao bloco reflexivo no trecho imediatamente anterior a esse, visto que nessa situação discursiva específica não há indicativo de problemas de tradução no comportamento, posicionamento, nem nos relatos do participante.

Lembramos que o participante não proferiu nenhum *eh* ou *uh* (pausa preenchida) na direção Libras→PT. Podemos concluir também que uma das explicações do porquê o participante não realizou repetições de palavras em português em sua interpretação, pode estar ligada ao fato de que

análises da distribuição linguística dos fenômenos de hesitação mostram que *false starts* tipicamente envolvem itens lexicais (hesitando após uma escolha lexical e retornando para corrigi-la), as repetições geralmente envolvem função de palavras e ocorrem anteriormente à itens lexicais. Repetições então tendem a ocorrer nos mesmos locais que as pausas e presumivelmente desempenham a mesma função – fornecer tempo para seleção dentre diversas alternativas lexicais.⁶⁵ (MACLAY; OSGOOD, 1959, p. 39).

Devido ao fato de ser uma vocalização e o TF continuar avançando com o passar do tempo, em combinação com os desafios próprios à modalidade de língua, podemos inferir que as hesitações na IS intermodal direta não seguem o mesmo padrão encontrado pelos autores, que definem hesitações como uma interrupção mais notória do fluxo de fala, visto que os autores trabalham com falantes de inglês e com discursos espontâneos e no nosso caso analisamos a interpretação. De modo que encontramos algumas

⁶⁵ Nossa tradução de: “Analysis of the linguistic distribution of these hesitation phenomena shows that whereas False Starts typically involve lexical items (blocking after a lexical choice and returning to correct it), repeats typically involve function words and occur antecedent to lexical items. Repeats thus tend to occur in the same locations as pauses and presumably serve the same function-providing time for selection among diverse lexical alternatives”.

hesitações bem curtas, que podem estar ligadas ao monitoramento do TF, às escolhas lexicais, e as explicações dadas anteriormente sobre cada hesitação.

Isso ocorre também no caso das repetições, pois o participante, consciente de que repetições desnecessárias em português podem ser mal vistas pelo público e até dificultar o entendimento da mensagem, parece evitar realizá-las, dado o fato de que não encontramos nenhuma repetição de palavras na TD.

Dessa forma, nesse caso parece que as hesitações podem estar relacionadas ao acesso do intérprete ao bloco reflexivo, visto que em nossos dados, as hesitações ocorrem em trechos específicos: ou com uma grande concentração de classificadores ou com sinais icônicos ou com informações visualmente enriquecidas. Além disso, dado o perfil de nosso participante, inferimos que ele evita realizar repetições, hesitações e pausas muito longas como uma forma de resguardar a qualidade da interpretação, além de manter o ritmo de acompanhamento do TF. Mais pesquisas sobre hesitações, especificamente no processo interpretativo intermodal, são necessárias com fins de realizar generalizações sobre suas características e causas. Finalizamos aqui a seção específica sobre a TD e, na próxima seção, abordaremos as repetições de sinais na direção PT→Libras

4.3.3 Repetições de sinais na TI

Como definimos as hesitações como categoria de análise própria à direção Libras→PT, vemos na literatura pertinente que o uso de repetições e de prolongamento de sinais poderiam ser um indicativo de acesso ao bloco reflexivo na interpretação PT→Libras. A partir de sua pesquisa, Rodrigues (2013) afirma que “[...] verificou-se ser comum, diante de problemas, o prolongamento da duração de um sinal ou sua repetição, enquanto se reflete sobre um problema, dentre outras marcações corporais [...]” (RODRIGUES, 2013, p. 82).

Como consta em Siple (1993) e em Rodrigues (2013) uma característica possível de análise são os prolongamentos de sinais. Porém, a classificação de pausas preenchidas como definidas em nosso trabalho também poderia ser entendida como e até confundida com os prolongamentos de sinais. Siple (1993), baseada em Baker (1977), define os prolongamentos de sinais como uma subcategoria das pausas. De acordo com a autora,

“as pausas com a intenção de continuar falando serão compostas de um sinal prolongado e a ausência de contato visual com o interlocutor⁶⁶” (SIPLE, 1993, p. 151).

Siple (1993) considera a presença de um interlocutor, porém da mesma forma, vemos a dificuldade de separar analiticamente o que seriam pausas preenchidas e prolongamentos de sinais. Rodrigues (2013) explica que

em algumas situações, os prolongamentos e as repetições coincidem em um mesmo sinal, visto que, numa sequência que se repete, um de seus sinais pode ser prolongado. Além disso, uma das maneiras de se prolongar um sinal é a repetição de seu movimento. [...] Nesse sentido, são necessárias pesquisas capazes de melhor definir o que diferenciaria o prolongamento e a repetição do movimento do sinal, a qual resulta inevitavelmente no aumento da duração do mesmo. (RODRIGUES, 2013, p. 139).

Assim, com base em, Siple (1993) e Rodrigues (2013), nessa pesquisa, decidimos analisar apenas as repetições de sinais como um possível indicativo de problema de tradução e, conseqüentemente, de acesso ao bloco reflexivo, desconsiderando-se assim a ocorrência dos prolongamentos na análise.

Dessa forma, apresentamos, nesta seção, todas as repetições de sinais que ocorreram na TI, discutindo sobre suas possíveis causas e funções na interpretação. Definimos as repetições como um mesmo sinal realizado mais de uma vez, que na transcrição dos dados foi marcado com o número *total* de vezes em que foi proferido.

Nos deteremos, principalmente, nas possíveis motivações das repetições, assim como seu contexto discursivo e comparação com o conteúdo do TF nos momentos das repetições. Diferentemente dos propósitos das pausas, na qual a medida de sua duração foi nosso foco, nas repetições nossa abordagem será diferente, focando na mensagem interpretada e em sua comparação com o TF em português. Encontramos as seguintes repetições de sinais na TI:

⁶⁶ Nossa tradução de: “pause with the intent of continuing to speak will be composed of a held sign and the absence of eye contact with the addressee”.

Quadro 15 – Repetições na TI

Núm.	Minutagem TF	TF	Sinalização
1	Início: 00:00:05.221 Final: 00:00:11.642	Certa vez uma tartaruga <i>tava</i> descansando em cima de um tronco de uma árvore [...]	ENTÃO+ACONTECER+PASSADO+ TER+TARTARUGA+ AQUI+DESCANSAR3 [...]
2	Início: 00:00:23.293 Final: 00:00:29.023	Aquela lebre que <i>tava</i> sempre se gabando, que ela era mais veloz de todos os bichos.	COELHO+MULHER+DE NOVO2+SEMPRE3+ORGULHOSA2 +RAPIDO3+VELOCIDADE4
3	Início: 00:00:29.023 Final: 00:00:32.940	Que <i>tava</i> sempre zombando da tartaruga que era um bicho muito lento.	ANIMAIS+SEMPRE+ZOMBAR4
4	Início: 00:01:05.416 Final: 00:01:11.478	E assim foi a corrida: passaram por pedras, por morros, passaram por um lago [...]	ENTÃO+PROCESSO+CONTINUAR +VELOCIDADE3+PEDRA3
5	Início: 00:01:28.797 Final: 00:01:37.753	E ela parou por ali mesmo. Comeu tanto alface, mas tanto alface que encheu a barriga e precisou descansar um pouquinho.	GOSTOSO+LÁ+FOME4+PEGAR+ COMER-ALFACE+CHEIO- BARRIGA+DESCANSAR2
6	Início: 00:01:37.753 Final: 00:01:46.494	[...] e a lebre ficou lá, descansando, descansando.	TARTARUGA+DEIXAR-PRA-LÁ+ COELHA+MULHER+SENTAR+ DESCANSAR2+DESCANSAR4 ⁶⁷
7	Início: 00:01:53.450 Final: 00:02:01.542	[...] a tartaruga chegou no topo da montanha, olhou lá pra baixo e ficou com um pouquinho de medo.	ACONTECER+O-QUE+TARTARUGA+CL (subir-morro) +VER+MEDO4
8	Início: 00:02:10.684 Final: 00:02:15.032	[...] mas na verdade isso ajudou a tartaruga a chegar mais rápido [...]	MAS+VERDADE+O- QUE+AJUDAR+CONCLUIR +RÁPIDO4
9	Início: 00:02:22.782 Final: 00:02:26.624	Passou pela lebre, que <i>tava</i> ali, dormindo e roncando	VER+COELHO+MULHER +DESCANSAR3
10	Início: 00:02:51.932 Final: 00:02:55.800	[...] <i>tava</i> meio sem folego e tentou alcançar a tartaruga [...]	TAMBÉM+ACORDAR+HORA3 +DEVAGAR3

Fonte: Elaborado pela autora

⁶⁷ Variação do sinal de descansar (mão coçando a parte lateral direita da barriga)

Como podemos observar no Quadro 15, encontramos 10 repetições de sinais na TI, de um total de 248 sinais na tarefa toda, o que corresponde a aproximadamente 4% de sinais com repetição. Não classificamos os sinais que em sua construção morfológica já contenham repetição, com uma ou duas mãos, por exemplo os sinais para se referir a *mesmo*, a *processo*, a *continuar*, pois seus movimentos já apresentam a duplicação da configuração de mão.

Mak e Tank (2011) realizaram um estudo sobre movimentos e repetições de sinais na Língua de Sinais de Hong Kong. Os autores encontraram quatro padrões de repetições de sinais, entre eles está a direção para qual o sinal é repetido, que segundo eles pode ser unidirecional ou bidirecional, ocorrendo repetição de movimentos ou de configuração de mão, ou ambos juntos (MAK; TANK, 2011). Entretanto, em nossa classificação apenas listamos as repetições de sinais que fossem uma exata representação do anterior, ou seja, repetições “perfeitas”, com mesmo movimento e mesma configuração, uma reprodução exata do sinal.

Ao analisar as repetições identificadas na TI, podemos dividi-las em duas categorias principais: (i) repetição para gerar ênfase; e (ii) para o acompanhamento do estilo narrativo da fábula. Das 10 repetições encontradas, podemos observar que 7 delas (2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8), provavelmente, tiveram o objetivo de gerar ênfase. As outras três (1, 9 e 10) apresentam a função de acompanhar o ritmo da narrativa.

Por exemplo, no contexto da repetição número 2, a lebre estava *sempre* se gabando de ser o animal mais veloz, trecho que o intérprete adiciona repetições em cinco sinais diferentes, para enfatizar o quão orgulhosa de si mesma a lebre era — aspecto este que a narradora adiciona em sua entonação do TF em português. A recorrência da zombaria da lebre (repetição 3) é enfatizada através da repetição do sinal *zombar*. E a repetição número 4 provavelmente teve o objetivo de enfatizar o decorrer de um período de tempo, visto que, neste trecho do TF, a corrida se desenrola, ou seja, o tempo passa e, para isso, o participante sinaliza *processo* [da corrida] e repete os sinais de *velocidade* e de *pedra* (artefato pelo qual a lebre e a tartaruga passam no percurso da corrida).

Na repetição 5, no TF, a lebre come “tanto alface, mas tanto alface” que acaba precisando descansar. Na interpretação, o participante enfatiza o tanto de fome que a lebre tem, para então sinalizar que ela comia a alface (verbo comer + alface). E da mesma forma, na repetição 6, a própria narração em português já conta com uma repetição — “[...] e a lebre ficou lá, descansando, descansando” —, ocorrência que leva o intérprete não somente a repetir o sinal usado para *descansar*, mas, também, utilizar outra variação

do mesmo sinal, enfatizando ainda mais que a lebre ficou um tempo considerável descansando.

As duas últimas repetições classificamos como forma de gerar ênfase (repetições 7 e 8). Na primeira, o grande medo da tartaruga, ao se encontrar em um morro alto, é enfatizada pelo intérprete através de 4 repetições do sinal *medo*; e na repetição 8, o tombo que a tartaruga levou e a ajudou a chegar mais rápido (4 repetições do sinal de *rápido* na linha de chegada). Assim, observamos a maioria das repetições sendo usadas para gerar significado e ênfase na narração para Libras.

As repetições 1, 9 e 10, parecem uma forma de acompanhar o ritmo fabulesco e alegórico da narração em português. Na primeira repetição (que ocorre em um dos primeiros trechos da fábula), a narradora em português mantinha um ritmo de voz mais devagar e uma entonação mais tranquila (fazendo alusão com a tranquilidade da lebre descansando em um tronco de árvore), o que o intérprete aplica na narração em Libras, ao realizar a repetição gradual do sinal usado para *descansar*.

O mesmo acontece com a repetição 10, na qual o ritmo da narrativa se acelera em português, visto que, neste trecho, a lebre acorda de sobressalto e tenta desesperadamente alcançar a tartaruga. A interpretação para Libras não necessariamente segue o mesmo ritmo acelerado, mas usa a repetição dos sinais para *hora* e para *devagar* para indicar que a lebre estava lenta ao acabar de acordar, não conseguindo alcançar a tartaruga. Finalmente, na repetição 9, o participante complementa a informação do TF (lebre roncando e dormindo) ao repetir mais devagar o sinal referente a *descansar*, representando um momento relaxado da lebre.

Assim, com relação as repetições em textos literários, independentemente de sua motivação, Sutton-Spence (2005), ao estudar sobre poesias em línguas de sinais — que não deixa de ser um gênero com texto de tipo narrativo — afirma que

a repetição é uma característica central. No texto do poema tanto em língua falada ou sinalizada, elementos (como as palavras ou partes de palavras) podem ser repetidos para criar padrões que se evidenciam como pouco usuais, trazendo assim a língua do poema para o primeiro plano⁶⁸. (SUTTON-SPENCE, 2005, p. 25).

⁶⁸ Nossa tradução de: “Repetition is a key feature of sign language poetry. Within the text of a poem in either signed or spoken language, elements (such as words or parts of words) can be repeated to create patterns that stand out as being unusual, so bringing the language of the poem into the foreground”.

Podemos definir então, a presença das repetições de sinais também como um recurso estilístico, seguindo o ritmo e apresentação do TF (no nosso caso, da fábula). Esse recurso das repetições é explicado por Rodrigues (2013) quando o autor afirma que

enunciados incompletos, interrompidos no TF implicam o emprego de estratégias, tais como o prolongamento e a repetição de sinais, com o objetivo de manter certo *ritmo sequencial na construção da mensagem*, sem imputar a ela interrupções (hesitações e pausas) que possam comprometer a construção do sentido no TA [...]. (RODRIGUES, 2013, p. 227, *grifos nossos*).

Se observarmos as repetições, a maioria delas são de verbos, adjetivos ou advérbios de frequência. E isso poderia se encaixar na explicação de Rodrigues (2013) sobre o objetivo de manter o ritmo adequado para a narrativa. Nos trechos em que o TF apresentava um clímax (momento em que a lebre acorda de sobressalto e tenta alcançar a tartaruga, por exemplo), há ocorrência de repetição de sinais. Um outro exemplo, seriam os momentos mais tranquilos da história, como a introdução dos personagens, no qual a entonação da narradora em português aparentemente influencia o intérprete a repetir os sinais de forma mais lenta, também como forma de acompanhar o ritmo do trecho e aguardar o desenrolar da história. Todos esses fatos são apontados por Rodrigues (2013), cujas análises

evidenciaram o uso de algumas estratégias diretamente relacionadas à modalidade gesto-visual, tais como o prolongamento e a repetição de sinais. Essas estratégias possuem diversas motivações: (i) a necessidade de se ter acesso ao enunciado completo, ao sentido da mensagem, para só então concluir a interpretação; (ii) a necessidade de ganhar tempo para a solução de problemas e para a tomada de decisão e (iii) o propósito de construir outros sentidos para o sinal. (RODRIGUES, 2013, p. 227).

Assim como afirma Rodrigues (2013), muitas podem ser as motivações que causam a repetição de sinais na IS intermodal. Entretanto, quando pensamos na IS intermodal de narrativas, especificamente de fábulas, consideramos que alguns resultados podem ser distintos, sendo as repetições de sinais atreladas ao ritmo, ao estilo e às demais características do gênero textual sendo interpretado.

Em nossos resultados não encontramos evidências que apontassem as repetições de sinais como indicadoras de esforço cognitivo na interpretação inversa, como parece implicar a segunda motivação destacada por Rodrigues (2013) na citação anterior, visto que as ocorrências identificadas no presente estudo apresentam mais um caráter estilístico

para a construção de significados e de exposição visual da narração, ou seja, como uma estratégia, que é o aspecto dos processos de interpretação direta e inversa analisado na próxima seção.

4.4 Estratégias na TD e na TI

Nesta seção, identificamos *as principais* estratégias utilizadas nas duas tarefas de interpretação (direta e inversa). Recuperando as categorias de estratégia que trouxemos no Referencial Teórico, classificamos nossas análises, principalmente, a partir das seguintes estratégias: *Omissão, Condensação/Aproximação, Adição, Substituição e Paráfrase/Naturalização*.

Iniciamos a classificação a partir dos trechos do TF que acreditávamos ter apresentado maiores desafios ao intérprete, a saber: os trechos com alta concentração de classificadores e os que apresentavam mudanças bruscas de cenário/tópico da narrativa. Apresentamos primeiro as estratégias identificadas na TD, seguidas pelas empregadas na TI e finalizaremos a seção com o cotejamento dos resultados entre as duas direções.

Quadro 16 – Estratégias da TD

Núm.	Minutagem	TF	Vocalização	Estratégia
1	Início: 00:00:09.274 Final: 00:00:15.638	ÁRVORE+TER+ ANIMAIS+GIRAFA +ELEFANTE+ CL (vários-animais)	Havia uma grande floresta e vários animais estavam ali naquela floresta.	Omissão
2	Início: 00:00:15.638 Final: 00:00:20.898	PAUSA + ELEFANTE + ANDAR + GIRAFA+ CL (jeito-girafa-andar) + CL (vários-animais-lugar)	Tinha girafa, elefante; andando, passeando, das mais diversas formas	Omissão + Condensação

Nos trechos 1 e 2, aproximadamente nos primeiros vinte segundos da narrativa, ocorre a apresentação de alguns dos animais que compõem o cenário da floresta onde se passa a fábula. Combinamos as análises do trecho 1 e 2 pois eles se complementam, no sentido que no trecho 1 a narradora apresenta os dois primeiros animais (o elefante e a girafa) a comporem o cenário inicial da fábula e eles são retomados, em seguida, no trecho 2. Assim, com relação à interpretação, no primeiro trecho o participante usa a estratégia de omissão, porque ele não menciona a girafa e o elefante, usando apenas o hiperônimo *animais*, provavelmente sabendo que eles seriam retomados em seguida (graças a etapa da familiarização). Então, no trecho 1, ele os omite e, no segundo trecho, condensa o primeiro classificador em “andando e passeando, das mais diversas formas” e omite o segundo classificador, pois no primeiro trecho ele já havia vocalizado o fato de que havia outros animais ali naquela floresta. O próprio participante relata essa estratégia no protocolo verbal no seguinte trecho: *A narradora, ela coloca diversos classificadores. Então uma estratégia que tem que ser aplicada... não dá pra falar de todos os animais. Então eu optei por*

generalizar. Colocar os que eu consegui identificar de maneira mais fácil, que é o elefante e a girafa (aqui o participante fala e faz os sinais em Libras), e depois incluir o hiperônimo animais. Porque não dá pra falar todos, são muitos classificadores. (trecho do protocolo verbal retrospectivo livre).

3	Início: 00:00:26.659 Final: 00:00:30.940	RATO+CL (rato-andar-olhar-lugar) +OUVIR+ LÁ	[...] amanheceu novamente. Um rato começou a andar.	Omissão
---	---	--	---	---------

Neste trecho, acontece a introdução do rato na história. A narradora apresenta em Libras o classificador representando o rato andando e observando os arredores da floresta, quando ouve um barulho (OUVIR+LÁ). Essa última informação é omitida pelo intérprete na vocalização, provavelmente, devido ao fato da narração se desenrolar muito rapidamente para o próximo acontecimento, que é uma águia tentando capturar o rato (do que se trata o barulho), assim o intérprete deu prioridade para o acontecimento *principal* e omitiu uma informação irrelevante para o trecho.

4	Início: 00:00:36.877 Final: 00:00:40.804	CORRER+ CL (buraco-madeira) + CL (rato-entrar-buraco-madeira) +CL (rato-olhar-atrás) +CL (rato-alívio)	[...] começou a correr atrás do rato que prontamente correu e se escondeu numa toca.	Omissão+ Substituição
---	---	--	--	--------------------------

Este trecho conta com uma grande concentração de classificadores, os quais o intérprete lida vocalizando uma *omissão* da sensação de alívio do rato ao ter conseguido entrar em um buraco de madeira e fugir da águia que o perseguiu; e *substituindo* “buraco de madeira” por “toca”, utilizando uma palavra mais direta, que toma menos tempo em sua vocalização, podendo compensar esses segundos em outro trecho da interpretação.

5	Início: 00:00:52.768 Final: 00:00:58.353	RATO + POR-FAVOR+MATAR+EU +POR-FAVOR+NÃO +POR-FAVOR+ CL (leão-segurar-rabo-rato)	E um Leão o encontrou. O Leão falou <i>pra</i> ele: vou te comer. E o Rato: pelo amor de Deus, não faça isso, não me coma.	Omissão+ Paráfrase
---	---	--	--	-----------------------

Neste trecho, a sinalização do TF evidencia a forma pela qual o leão segura o rato ao ameaçar comê-lo: *pelo rabo*, CL (leão-segurar-rabo-rato). Entretanto, essa informação foi omitida na vocalização, apresentando apenas a ameaça do leão ao rato. Um fato interessante é que ao descrever esse bloco, o intérprete incorpora os personagens, utilizando uma narrativa com diálogo direto entre os personagens, estratégia que classificamos como *paráfrase*. Como o participante aponta nos relatos do protocolo verbal, essa foi uma estratégia consciente: *Porque a gente em vários tipos de narrativa. Tem aquela que só tem o narrador: ele conta todas as histórias. Tem aquelas outras que os personagens interagem, e é só diálogos. Eu fiquei na dúvida. Se eu fazia mais o papel de narrado, ou se eu incorporava os animais utilizando como se fosse os travessões: de um falando com o outro. Acabou que ficou uma coisa misturada: ora ficou um, e ora ficou outro.* (trecho do protocolo verbal retrospectivo livre).

6	Início: 00:01:09.273 Final: 00:01:13.294	LEÃO+VER+ DEIXAR +ANDAR+ ACONTECER	E o leão deixou aquilo passar e continuou ali brincando com seus filhotes.	Adição
---	---	------------------------------------	--	--------

Neste trecho da fábula, o leão ameaça comer o rato, porém desiste e volta a caminhar pela floresta. Classificamos aqui o uso da *adição* pois o intérprete vocaliza que o leão deixa isso para lá e *continua brincando com seus filhotes*, acontecimento que não é narrado no TF. Acreditamos que essa adição seja uma forma de dar mais fluidez e continuidade a história; e também de aguardar os próximos acontecimentos, que são uma mudança brusca na narração: quando os caçadores chegam à floresta e traçam uma armadilha para pegar o leão. Assim, a adição também é uma estratégia de monitoramento do TF. Vocalizando o trecho “continuou ali brincando com seus filhotes”, o intérprete ganha alguns segundos para aguardar o avanço do TF.

7	Início: 00:01:26.436 Final: 00:01:36.000	CL (muito-fio) + CL (arrumar-fio-em-árvore) + CL (muito-fio-deixar-chão)	[...] deu um jeito de organizar uma armadilha. Armou uma rede e colocou diversas	Adição
---	---	--	--	--------

		+FOLHA+ CL (arrumar-folha-chão)	folhas por cima dessa rede, para pegar algum tipo de animal.	
--	--	------------------------------------	--	--

Observamos este trecho como um dos mais desafiadores, pois há a concentração de quatro classificadores. Entretanto, vemos que a mesma estratégia do trecho anterior é aplicada, visto que o intérprete adiciona a frase final “para pegar algum tipo de animal”, provavelmente com o mesmo objetivo de aguardar os próximos segundos da narração. Além disso, o participante lineariza as informações de forma inteligível em português, e para isso ele usa palavras como “organizar”, “armadilha” e “rede”, que estão no campo semântico de *armadilhas para pegar animais*, ou seja, ele apresenta um coerência e ligação entre os elementos de sua interpretação. Entretanto, essas escolhas aparentemente não vieram sem planejar, pois o participante afirma nos relatos do protocolo verbal que: *Essa parte aqui eu tive dificuldade de entender, quando eu estava familiarizando com o vídeo. Tive dificuldade de entender por que eu pensei que o caçador estava armando alguma coisa relacionada a um piquenique, porque ela fez assim (sinal de armar/arrumar alguma rede) que é como se fosse uma toalha estendida. Só que depois que veio as cordas, eu pensei: será que é uma armadilha daquela de botar o pé e a rede suspender? Eu tive algumas dúvidas, por isso que na familiarização eu voltei algumas vezes.* (trecho do protocolo verbal retrospectivo livre).

8	Início: 00:01:37.992 Final: 00:01:47.669	ANDAR+VER-NÃO +CL (muito-fio-deixar-chão) +VER-NÃO+ANDAR+ CL (pé-pisar-fio) + CL (muito-fio-prender-leão)	E o leão não viu que tinha uma armadilha traçada ali. Bateu o pé na armadilha e essa armadilha disparou.	Adição
---	---	--	---	--------

Neste trecho, também observamos uma concentração de classificadores para narrar o momento que o leão é capturado pela armadilha. Classificamos a adição nos momentos que o intérprete utiliza verbos do conjunto semântico de armadilha, como “traçada” e “disparar”, ao adicionar essas palavras, a interpretação em português fica rica e coerente com o acontecimento do TF. Acrescentamos o fato de que o intérprete utiliza “pé” para se referir à pata do leão, provavelmente o grande número de classificadores deste trecho tenha contribuído para que todo o esforço estivesse concentrado na linearização e concatenamento da interpretação e detalhes terminológicos como a pata de animais e não pé, tenham passado despercebidos pelo participante. Ele mesmo aponta no protocolo verbal neste trecho que: *leão tem pata, não pé.* (trecho do protocolo verbal retrospectivo livre).

9	Início: 00:02:06.349 Final: 00:02:11.425	LEÃO+VOCÊ +ESPERAR+ CL (rato-roer-fios)	[...] <i>perai</i> que eu vou te ajudar. E o leão: você vai me ajudar? <i>Sim, perai.</i>	Paráfrase/ Naturalização
---	---	---	---	-----------------------------

Classificamos o uso de incorporação dos personagens através do diálogo entre elas como paráfrase, visto que para interpretar o trecho no qual o rato rói as cordas da armadilha onde o leão se encontra preso, o intérprete usa novamente a estratégia de tomar a parte de cada personagem e os narrar a partir de diálogos. Como o próprio participante afirma nos relatos (presente no trecho 5), essa estratégia de diálogo foi consciente, além do que seria uma forma de dar uma natureza de fábula, ou de narrativa alegórica à interpretação.

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar no Quadro 16, dos nove trechos, oito destes tem a presença de classificadores e apresentavam uso explícito de estratégias de interpretação. Dos oito trechos, três deles (3, 4 e 6) são momentos clímax da narrativa ou com algum acontecimento relevante no enredo da fábula. Percebemos que a estratégia mais utilizada foi a *Omissão*, seguida pela *Adição*. E para compararmos esses achados, apresentamos, a seguir, as estratégias empregadas na TI. Os mesmos critérios para categorização das estratégias na TD foram aplicados para a TI.

Quadro 17 – Estratégias da TI

Núm.	Minutagem	TF	Sinalização	Estratégia
1	Início: 00:00:01.486 Final: 00:00:03.694	A tartaruga e a lebre.	TARTARUGA+ COELHO+MULHER	Paráfrase/ Naturalização + Explicitação

Com relação à combinação dos sinais referentes a coelho e a mulher/feminino, o participante indica a dificuldade com o sinal de lebre, optando por combinar dois sinais diferentes para apresentar a ideia de lebre, o que nos leva a classificar essa decisão como uma paráfrase combinada de uma explicitação, visto que ele explicita que o animal em questão é um similar a fêmea do coelho. Nos relatos do protocolo verbal, o participante afirma que: *Lebre, lebre é um sinal problemático, se eu fizer coelho e feminino, não dá a ideia de lebre, dá a ideia de fêmea do coelho, de coelha, não de lebre. Pensei assim: "a lebre é fêmea do coelho?... De qual animal? Você falou que não podia pesquisar... Pronto, ferrou". Porque lebre... Por exemplo, a raposa. A raposa ela é uma... um parente próximo de cachorro, cachorro-domato. Agora, a lebre é uma parente próxima da fêmea do coelho? Fiquei nessa dúvida [...]. Ai optei por usar coelho-fêmea. [...] Não pensei em soletrar... porque se eles tivessem acesso ao livro, eles iam ver que parece o desenho de um coelho, então achei muito mais fácil associar a fêmea do coelho do que a lebre propriamente dita. Não sei se eu fiz uma explicação... ou uma explicitação... É uma explicitação! Achei mais fácil dessa forma.* (trecho do protocolo verbal retrospectivo livre).

2	Início: 00:00:14.834 Final: 00:00:19.020	Tava correndo tão rápido que esbarrou na tartaruga e a tartaruga acordou.	COELHO+MULHER +PASSAR-RÁPIDO+ CL (tartaruga-rolar)	Adição
---	---	---	--	--------

O uso do classificador tartaruga-rolar indica a forma através da qual a lebre esbarra na tartaruga e o que acontece quando ela acorda. De acordo com a interpretação, a lebre passa correndo, esbarra na tartaruga, que sai rolando em seu casco. Entretanto, essa informação não estava presente no TF, dada nossa classificação da estratégia de adição.

3	Início: 00:00:33.815 Final: 00:00:39.127	Pois sabe que naquele dia, a tartaruga resolveu desafiar a lebre para uma corrida	ENTÃO + PAUSA + MAS + CL (aquele-mesmo-dia) + DIA + ACONTECER + ELE + TARTARUGA + ELE + DESAFIAR + A + COELHO + MULHER	Paráfrase
---	---	---	---	-----------

Apresentamos este trecho como exemplo para o caso das *paráfrases*, que ocorreu em vários momentos da narrativa quando o intérprete incorporava os personagens para contar a história. Neste trecho, a tartaruga desafia a lebre para uma corrida, frase que o participante sinaliza posicionando-se de forma a entendermos isso como um diálogo entre elas. Ele aponta essa estratégia neste momento no relato dos protocolos verbais: *Tem a perspectiva do narrador e dos personagens. No vídeo-fonte ela é só narradora, ela só desempenha o papel de narradora. Só que na tradução eu resolvi desempenhar o papel dos personagens também, incorporar os personagens. Acho que foi uma escolha legal porque eu acho que dá mais fluidez pra história do que ser apenas a narrativa de contar a história, acho que fica mais fluído assim se você incorporar os personagens.* (trecho do protocolo verbal retrospectivo livre).

4	Início: 00:00:44.922 Final: 00:00:50.131	[...] entregou pra raposa e perguntou se a raposa não queria ser a juíza daquela corrida.	CL (lenço-quadrado) + DAR + CHAMAR + RAPOSA + PODER + JUÍZ + PODER + VOCÊ + QUERER	Omissão + Paráfrase
---	---	---	--	------------------------

Neste trecho, o intérprete omite a referência repetida à “daquela corrida”, visto que no trecho anterior, já havia sido estabelecido que ocorreria uma corrida. Assim, classificamos essa primeira atitude como uma

omissão sem o prejuízo para sentido — sendo uma estratégia de economia linguística. Classificamos também a estratégia de paráfrase, pois neste mesmo trecho o participante incorpora os personagens ao sinalizar que estaria chamando a raposa para ser a juíza daquela corrida a partir da perspectiva dos animais, e não apenas como um narrador. Além disso, neste trecho, evidencia-se a importância da visualidade nas narrações em Libras, pois o intérprete se questiona nos protocolos verbais: *como era esse lenço quadriculado?* Ele afirma nos relatos que ficou em dúvida em como interpretar essa característica do lenço (e inferimos que ele também refletiu sobre qual a importância do lenço na história). Assim, ele interpreta o lenço como quadriculado com linhas verticais e horizontais, e afirma nos protocolos verbais que: *Como que era o quadriculado desse lenço? Porque tem diferença, por exemplo isso aqui é xadrez, não é quadriculado (o participante aponta para sua própria camiseta xadrez). Então eu fiz como se fosse listras horizontais e listras verticais, optei pelo classificador por não conseguir explicar qual a diferença do xadrez e do quadriculado. Quadriculado é aquele tipo da bandeira da Fórmula 1? Da linha de chegada, aquilo? É quadriculado? Não sei. Pesquisadora: Faz sentido, é uma corrida. Participante: É! Pois é! Então o que eu fiz tá certo, não fiz xadrez, tá certo.* (trecho do protocolo verbal retrospectivo livre).

5	Início: 00:00:58.723 Final: 00:01:03.156	[...] e a tartaruga, devagar e sempre, mas muito determinada. [...]	TARTARUGA + CL (andar-devagar) + MAS+ FOCO	Paráfrase/ Naturalização
----------	---	---	--	-----------------------------

Este trecho se repete pelo menos três vezes no decorrer da narrativa, sendo um bordão que a narradora em português utiliza para referir-se à persistência da tartaruga para ganhar a corrida. Em todos esses casos, o intérprete realiza a sinalização da mesma forma, afirmando inclusive no protocolo verbal que foi uma estratégia consciente, para marcar essa frase como o bordão da história, nos levando a classificá-la como *paráfrase/naturalização*, pois o intérprete combina essas informações em Libras criando os mesmos segmentos interpretativos para todas as ocorrências em português. O participante relata que foi uma estratégia consciente, pois afirma que: *Aqui tinha um bordão “devagar e sempre, porém determinada”. Várias vezes ela repete isso, umas quatro vezes. As quatro vezes eu fiz igual, porque eu achei interessante manter o bordão.* (trecho do protocolo verbal retrospectivo livre).

6	Início: 00:01:41.888 Final: 00:01:46.494	E a lebre ficou lá, descansando, descansando.	TARTARUGA + DEIXAR+ COELHO+MULHER+ ELE+SENTAR+ DESCANSAR	Adição + Explicação
----------	---	---	--	------------------------

Neste trecho, a lebre deixa de se preocupar com a tartaruga e deita para descansar após comer muitos pés de alface. O TF em português apresenta uma entonação mais vagarosa na parte “descansando, descansando”, passando a ideia de que a lebre estava tranquila. Essas informações também são apresentadas na sinalização, pois o intérprete sinaliza “descansar” de forma repetida e vagarosa, utilizando inclusive uma variação do sinal “descansar”, que se constitui com a mão direita coçando a lateral da barriga. E além disso, ele adiciona que a lebre se *sentou* para descansar, informação não necessariamente vocalizada no TF, porém subentendida, que o participante explicita na sinalização, podendo até nos levar a classificar algum tipo de estratégia de explicação, que estaria intimamente ligada à visualidade da língua de sinais.

7	Início: 00:02:02.283 Final: 00:02:10.050	[...] veio um tropeção e a tartaruga saiu rolando, rolando, rolando... e chegou lá embaixo [...]	CL (subir-morro) + CL (tartaruga-cair-rolar) + VELOCIDADE+ CL (tartaruga-rolar) + CHEGAR	Omissão + Paráfrase
----------	---	--	--	------------------------

Neste trecho, a tartaruga chega a um morro, tropeça e cai rolando até o sopé. Na vocalização, o tropeção da tartaruga é evidenciado, fato que não é interpretado na sinalização, dada nossa classificação de *omissão*. Além disso, no trecho que a narradora em português descreve a forma que a tartaruga caiu, “rolando, rolando”, o intérprete também sinaliza da mesma forma, utilizando o classificador tartaruga-rolar, escolha tal que classificamos como paráfrase, visto que o próprio ritmo da narração e da sinalização se complementam: um ritmo acelerado, que mostra a velocidade com que a tartaruga rola morro abaixo.

8	Início: 00:02:22.782	Passou pela lebre que <i>tava</i> ali	PAUSA+VER+COELHO +MULHER+ELE+ DESCANSAR+SILÊNCIO	Substituição
----------	--------------------------------	---------------------------------------	--	--------------

	Final: 00:02:26.624	dormindo e roncando.		
--	-------------------------------	----------------------	--	--

Neste trecho, o intérprete substitui o verbo roncar pela interjeição silêncio, utilizando uma substituição, provavelmente, com a intenção de adequação à língua-alvo, ou como forma de deixar a história mais visual, pensando no público-alvo.

9	Início: 00:02:21.904 Final: 00:02:59.658	E também ela tinha acabado de acordar, <i>tava</i> meio sem fôlego e tentou alcançar a tartaruga [...]	HORA+BARRIGA+BARRIGA+COMER+TAMBÉM+ACORDAR+HORA+DEVAGAR3+TENTAR+VER+JÁ-FOI	Omissão
----------	---	--	---	---------

A narração em português apresenta duas características importantes da lebre neste momento: que ela estava sem fôlego, por acabar de acordar, e que ela tentou alcançar a tartaruga mas não conseguiu. O primeiro fato foi interpretado parcialmente pelo intérprete, que na sinalização apresenta que a lebre estava com a barriga cheia, que tinha acabado de acordar e estava em um ritmo mais lento (sinal devagar3); porém a característica do fôlego, que apesar de estar subentendida na sinalização, estava explícita no português e foi omitida na Libras.

10	Início: 00:03:03.408 Final: 00:03:10.453	E aí não teve jeito, a lebre teve que se render, dar os parabéns para a tartaruga [...]	GANHAR+TARTARUGA + ASSIM + PERDER+COELHA+ OK+PAUSA + PARABÉNS	Paráfrase
-----------	---	---	---	-----------

Novamente, neste trecho, o intérprete incorpora os personagens, sinalizando a lebre dando os parabéns para a tartaruga de forma desapontada e complacente, dada nossa classificação como o uso da estratégia de paráfrase.

Fonte: Elaborado pela autora

Explicitamos possíveis inferências sobre as motivações das estratégias, que apresentamos nos comentários abaixo de cada trecho, bem como a estratégia identificada na interpretação direta e inversa (Quadros 16 e 17). Apresentamos, a seguir, uma breve comparação entre as estratégias encontradas em cada direção e o que elas podem nos dizer sobre as diferentes características que a modalidade apresenta ao intérprete em dada direção. Em uma primeira comparação, observamos as estratégias mais e menos utilizadas em cada direção no Quadro 18:

Quadro 18 – Comparação do uso de estratégias em cada direção

Libras→PT	PT → Libras
Omissão – 5 ocorrências	Paráfrase – 6 ocorrências
Adição – 3 ocorrências	Omissão – 3 ocorrências
Paráfrase – 2 ocorrências	Adição – 2 ocorrências
Condensação – 1 ocorrência	Condensação – Nenhuma ocorrência
Substituição – 1 ocorrência	Substituição – 1 ocorrência

Fonte: Elaborado pela autora

No Quadro 18 apresenta-se um número maior de estratégias do que os números de trechos definidos nos Quadros 16 e 17 pois, algumas vezes, elas aparecem em

combinação entre si. Recuperamos, agora, as definições das estratégias como apresentadas em Leeson (2005), Gile (2009), Li (2013) e Barbosa (2020) e as cotejamos, brevemente, nesta análise.

Percebemos que a omissão (retirada total ou parcial de informações do TF) foi uma estratégia mais usada na direção Libras→PT (cinco ocorrências) do que na inversa (duas ocorrências). Isso pode ser devido ao tempo de sinalização ser menor do que o tempo que o intérprete dispõe para linearizar uma quantidade maior de informações enriquecidas em Libras. Além disso, a grande concentração de informações enriquecidas nos classificadores e nos próprios dispositivos linguísticos da Libras somados à pressão de tempo, leva o TILS a talvez precisar omiti-las.

Nesse sentido, Rodrigues (2013) afirma que “a complexidade de construções em língua de sinais, tais como os classificadores, precisam, muitas vezes, ser descritas e explicadas” (RODRIGUES, 2013, p. 96). E, muitas vezes, o TILS não dispõe de tempo, na interpretação simultânea, para descrever e explicar no português essas construções em Libras, levando-o a realizar omissões.

Devido a essa diferença da taxa de produção e da velocidade do TF em Libras e do TA em português, podemos justificar a primeira motivação do grande uso de omissões na TD. Já na direção PT→Libras, classificamos apenas duas omissões, porém estas com o objetivo de economia linguística através da retirada de informação que já havia sido apresentada, evitando a repetição de informações. Esse fato é corroborado por Rodrigues (2013), visto que o pesquisador aponta que em seus dados uma das causas da omissão é justamente essa, pois “[...] as informações consideradas redundantes ou menos importantes, inclusive para o público da interpretação, podem ser suprimidas, sem que haja perda de informações essenciais à compreensão [...]”. (RODRIGUES, 2013, p. 198)

É sabido que, no caso desta pesquisa, especialmente na direção Libras→PT, essas informações, provavelmente, foram omitidas para evitar a repetição de informação, ou de palavras, que não é bem recebida no português oral. Passando para a segunda estratégia mais utilizada na TD, a adição foi uma estratégia utilizada em ambas as direções, porém mais usada na direção direta (três ocorrências). Percebemos que na interpretação *para* a modalidade gestual, as adições (duas ocorrências) podem se apresentar como uma forma de adicionar informações mais visuais, ou alegóricas, de modo a alinhar a narração em Libras com o TF em português — de uma fábula, com animais falantes e características narrativas. Já na direção direta, o amplo uso das adições ocorre, principalmente, como forma de aguardar o avanço da sinalização do TF.

Assim, como a definimos baseando-nos em Leeson (2005), Gile (2009), Li (2013) e Barbosa (2020), a adição acontece quando o intérprete acrescenta qualquer tipo de informação que não estava presente no TF. No nosso caso, encontramos duas motivações principais para a adição: na TD, aguardar o avanço do TF, como uma forma de monitoramento da sinalização-fonte; e na TI como uma forma de explicitação de alguma informação subentendida em português, porém que se julga necessário adicionar e explicitar na Libras. Com relação a isso, Barbosa (2020) já nos apresenta o que o autor chama de adição por redundância que “ocorre quando o intérprete utiliza dois ou mais sinais com o intuito de entregar a informação para receptores de diferentes localidades do país e até mesmo não gerar dúvidas [...]” (BARBOSA, 2020, p. 152). Vemos isso no trecho 6 da TI, ocorrência que classificamos como adição e explicitação.

A seguir temos as paráfrases como estratégia mais utilizada na direção inversa (seis ocorrências), principalmente devido ao gênero textual da interpretação, visto que o intérprete realiza a incorporação dos personagens da fábula (pensando também no público), realizando um processo de diálogo entre os animais. O mesmo ocorre na direção Libras→PT, porém com menor frequência (2 ocorrências).

As paráfrases — junto às omissões — são as estratégias mais encontradas por Lemos (2012) em uma pesquisa sobre estratégias interpretativas de discursos políticos. Com relação as paráfrases, a autora as considerou como “o uso dos recursos espaciais e visuais disponíveis na língua de sinais, tais como: os classificadores, o espaço e as expressões faciais [...]” (LEMOS, 2012, p. 79). Além disso, a autora apresenta que seus participantes afirmaram utilizar a paráfrase quando acreditavam que soletrar não daria conta da mensagem, que é o que ocorre com a interpretação do próprio título da interpretação inversa.

A condensação ocorreu apenas uma vez na direção direta e não apareceu na TI. Isso, provavelmente, se deve à taxa de produção das línguas de sinais serem aproximadamente metade das línguas vocais e ao fato de o intérprete precisar então condensar algumas informações para dar conta do tempo de elocução. Este fato é corroborado por Wehrmeyer (2013), pois a autora nos apresenta a noção de Shlesinger (1999) de condensação, na qual “ela [a] define como uma estratégia de macro processamento, de modo a produzir significados fundamentais/subjacentes em detrimento

de interpretar todos os segmentos do TF”⁶⁹. (SHLESINGER, 1999, p. 69 apud WEHRMEYER, 2013, p. 123). Indo ao encontro disso, o próprio participante afirma nos protocolos verbais da TI que o ritmo da narração em português estava adequado para acompanhar a interpretação em Libras e que isso não o incomodou. Ainda em relação às formas de adequação, temos as substituições.

A substituição ocorreu apenas uma vez em cada direção e, como explicado acima provavelmente foi usada como uma forma de adequação ao gênero textual e ao público-alvo. Assim, vemos nessas estratégias uma forma de o intérprete adequar o discurso, selecionando léxicos mais específicos para um determinado trecho, que se adequem com o contexto da narração fabulesca. Este fato é corroborado por Wehrmeyer (2013), visto que a autora afirma que as substituições “a nível lexical podem ser relacionadas a estratégias baseadas em normas de aproximações com fins de adequação⁷⁰ [...]” (WEHRMEYER, 2013, p. 127). Assim, consideramos também as substituições como uma forma de adequação.

Outra estratégia que identificamos em nossas análises e que foi evidenciada no protocolo verbal foi a explicitação, que tem a mesma motivação das substituições, quais sejam, a adequação ao gênero textual e ao público-alvo. Segundo Barbosa (2020), no contexto de interpretação de conferências, a decisão de uso dessa estratégia envolve o processamento não apenas de informações verbais:

cabe ressaltar que para a decisão de utilizar essa estratégia, explicitação, o intérprete precisa processar não só as informações verbais, mas também entender de onde parte a fala da palestrante, de qual contexto ela traz essas informações, o que ela quer dizer com isso. E, ainda, avaliar a escolha para os receptores. Se um sinal vai gerar o mesmo entendimento, ou a informação que perpassa por essa tem que ser explicitada naquele momento. (BARBOSA, 2020, p. 138).

Apesar de o contexto investigado por Barbosa (2020) ser a interpretação de conferências, ou seja, ser um contexto diferente do que o investigado nesta pesquisa, a decisão do participante de usar a explicitação pode ser trazida para o contexto da interpretação de fábulas, indo além do processamento das informações verbais. Outro

⁶⁹ Nossa tradução de: “Shlesinger’s (1999:69) *condensation norm*, which she defines as “strategic macro-processing” in order to produce the underlying meaning rather than attempt to interpret every segment of the ST”.

⁷⁰ Nossa tradução de: “substitutions at word level may be related to norm-based strategies of adequate approximations”

ponto que conversa com este, é o trecho da TI no qual o intérprete afirma não saber qual o tipo de lenço quadriculado a lebre entrega para a raposa, o qual nos protocolos verbais ele acaba entendendo. Apresentamos, a seguir, a forma do lenço como presente no livro-imagem.

Figura 7 – Lebre entregando lenço quadriculado para a raposa



Fonte: Livro *The Tortoise and the Hare*. Foto feita pela autora.

Constatamos, nesse caso, a importância da etapa de familiarização, pois nela o participante pode pensar como realizaria a interpretação desse detalhe, explicando de alguma forma e utilizando o classificador de lenço-quadriculado. Entretanto, caso ele não se atenha a esse detalhe nessa etapa, ele pode ter dificuldades para interpretar o trecho. Reiteramos, desse modo, a importância dessa etapa no nosso estudo e da visualidade na interpretação simultânea intermodal de narrativas, visto que esses detalhes enriquecem a narração, além de deixá-la mais fluída e condizente com seu objetivo textual.

Finalizando esta seção, vemos que algumas estratégias são usadas equilibradamente nas duas direções, por exemplo a adição e a substituição e outras tem maior ocorrência em uma direção do que em outra, por exemplo a omissão na direção direta e a paráfrase na direção inversa. Podemos atrelar esse fato às influências da modalidade das línguas na direção inversa devido à grande ocorrência de paráfrases nessa direção, por exemplo. E é nesse sentido que apresentamos, a seguir, a seção sobre os efeitos de modalidade na interpretação simultânea intermodal de narrativas.

4.5 Efeitos de modalidade na TD e na TI

Nesta seção, apresentamos discussões sobre alguns possíveis efeitos de modalidade que observamos nas tarefas interpretativas do estudo piloto. Abordamos

distintas categorias de análise para cada direção, a saber: o desempacotamento e linearização na direção Libras→PT; e a construção/representação imagética e a performance corporal/corpo como língua na direção PT→Libras.

Iniciamos as discussões, apresentando relatos do próprio participante ao final dos protocolos verbais de cada tarefa interpretativa. Com relação à direção direta, o intérprete explica as facilidades e dificuldades na interpretação:

Em suma eu diria que a facilidade foi reconhecer os sinais, são sinais bem claros, não tive problema nenhum de entendimento. Agora a dificuldade é fazer com que o ritmo fique legal e a noção do tempo fique bacana na tradução, porque simultânea sem preparar o texto é muito difícil fazer esse tipo de interpretação. Então a questão do tempo, os classificadores são difíceis de observar e a velocidade da sinalização. Acho que as principais dificuldades são essas. Reconhecer os sinais... tava muito claro, a organização do espaço tava muito clara, muito bem gravado, isso pela qualidade do vídeo ajuda bastante.. e saber o público. Saber o público ajuda bastante na hora de produzir a interpretação. (relatos do protocolo verbal retrospectivo livre do participante piloto).

Em relação à tarefa inversa, o participante afirma ao final dos protocolos verbais:

Eu acho que as dificuldades foram essas: dificuldades com os classificadores pra animais, são muito complexos classificador pra animais, tem que ser bem pensado na hora de estar encenando esse tipo de história... dificultador... não saber o público antes, é um dificultador porque as escolhas podem ser diferentes: se é um público adulto, eu não preciso de classificador pra animais, só o sinal já resolve o problema, agora se ele é mais infantil usar o classificador dá uma ideia melhor. O ritmo não me incomoda... conhecer a história facilita bastante, porque você já sabe pelo menos a estrutura, o enredo da história você já sabe, com outros detalhes que foram adicionados ali né. [...] A fala também estava num ritmo bem legal. As dificuldades são essas: classificador pra animal e o público-alvo. Saber disso antes e ter mais tempo pra preparar os classificadores, ajuda bastante. (relatos do protocolo verbal retrospectivo livre do participante piloto).

Como podemos observar, o participante aponta duas questões comuns a ambas as direções: os classificadores e o público-alvo, respectivamente, um fator linguístico e outro pragmático. Os classificadores estão intimamente ligados ao gênero textual da interpretação, uma narrativa, e à modalidade da língua gestual-visual, que permite o uso de classificadores para enriquecer a contação de histórias, tornando-os mais visíveis e comuns em línguas de sinais que em línguas vocais. Assim, o intérprete precisa lidar com os classificadores independente da direcionalidade, pois na interpretação direta ele

precisa reconhecer esses “sinais enriquecidos”, decodifica-los e, por sua vez, linearizá-los em pouco tempo; ao passo que na inversa ele precisa construir e organizar esses classificadores no espaço de sinalização, baseado em seu repertório linguístico, em seu conhecimento do gênero textual interpretado e em suas habilidades corporais e de exploração do espaço de sinalização.

Com relação ao tempo que o intérprete tem para renderizar esses classificadores na direção PT→Libras, Rodrigues (2013) afirma que:

[...] os sinais ao serem enriquecidos com informações gramaticais ou incorporarem as qualidades de um referente, especificando movimento ou posição de pessoas e objetos ou, até mesmo, descrevendo tamanho e forma, demandam um tempo maior dos intérpretes, assim como maior esforço cognitivo, em sua tradução ou interpretação para uma língua oral. (RODRIGUES, 2013, p. 96).

E é nesse sentido que o participante aponta uma das duas principais dificuldades na direção direta: ter tempo hábil para lidar com a quantidade de classificadores da Libras interpretando-os para o português. Como ele mesmo afirma na entrevista:

Mesma coisa com a LS [Libras → PT], esse tanto de classificador dá pra passar pro português? Dá. Mas precisa de tempo pra fazer isso. Então, às vezes, cortar um pouquinho do final pra enriquecer o início, então tentar dosar isso... (trecho da entrevista do participante piloto).

O participante afirma que sua maior dificuldade nas duas tarefas se relaciona aos classificadores, como ele reitera nesse outro trecho da entrevista:

Mais difícil achei de português pra Libras por causa da questão dos classificadores. Tive muito mais dificuldade de português pra Libras. A outra, de Libras pra português você enxerga os classificadores, você vê, isso não é um problema. (trecho da entrevista do participante piloto).

Reiteramos que interpretar classificadores (tanto construí-los/codificá-los quanto compreendê-los/decodificá-los) se constitui como um desafio para o intérprete e resulta de um efeito da modalidade de língua sobre o processo interpretativo simultâneo intermodal. Podemos até afirmar que lidar com classificadores, independente da direção do processo, seja um dos efeitos de modalidade da interpretação simultânea intermodal. Entretanto, é importante considerar que os classificadores são apenas uma das características que se destacam nas línguas de sinais por evidenciar recursos linguísticos

específicos que essas línguas possuem. Assim, apresentamos, a seguir, um exemplo sobre a questão dos classificadores em cada direção.

Quadro 19 – Efeitos de modalidade na TD e na TI

Efeitos de Modalidade – Libras→PT	
TF	Vocalização
LEÃO + ANDAR + VER-NÃO + CL (muito-frio-deixar-chão) + VER-NÃO + ANDAR + CL (pé-pisar-fio) + CL (muito-fio-prender-leão)	E o leão não viu que... tinha uma armadilha traçada ali. Bateu o pé na armadilha e essa armadilha disparou.
Desempacotamento/linearização: Observamos que o TF em Libras apresenta apenas 5 sinais e 2 classificadores, ao passo que a interpretação-voz contém 20 palavras. Essa relação está ligada à diferença na taxa de produção de cada língua, que se distingue, principalmente, pelo fato da intermodalidade. Temos que a taxa de produção, assim como a alta concentração de informações em poucos sinais, que precisa ser traduzida para o português em “pouco” tempo, também são questões que correspondem aos efeitos de modalidade.	
Efeitos de Modalidade – PT→Libras	
TF	Sinalização
[...] apareceu correndo uma Lebre. <i>Tava</i> correndo tão rápido que esbarrou na Tartaruga e a Tartaruga acordou.	CORRER + COELHO + MULHER + CL (tartaruga-rolar)
Construção imagética: Como podemos observar, ao sinalizar o trecho que a tartaruga rola morro abaixo, o intérprete opta por utilizar um classificador, que representa imageticamente a tartaruga rolando. Essa construção imagética e uso do espaço de sinalização se mostram como uma característica própria da modalidade gestual-visual, sendo caracterizada também como um efeito de modalidade	

Fonte: Elaborado pela autora

Assim, podemos afirmar que a decodificação e, por sua vez, a linearização dos classificadores da Libras para o português e a construção de classificadores, quando da interpretação do português para Libras, oferecem uma evidência dos efeitos de modalidade, além do embasamento pelos próprios relatos do participante e da literatura pertinente. Quadros (2006) explica que

alguns estudos têm se ocupado no sentido de identificar e analisar os efeitos da modalidade da língua na estrutura lingüística. As evidências têm sido identificadas como conseqüências das diferenças nos níveis de interface articulatório-perceptual. Algumas investigações têm ainda levantado algumas hipóteses quanto à possíveis diferenças no nível da interface conceptual implicando em uma semântica enriquecida em função de propriedades visuais-espaciais. (QUADROS, 2006, p. 171-172).

Vale mencionar que os desafios de se lidar com a especificidade dos elementos característicos das línguas de sinais causa efeitos no processo tradutório/interpretativo, independentemente de sua direcionalidade. Entretanto, a direcionalidade do processo demanda habilidades distintas do TILS, visto que, enquanto na direção Libras→PT, há a

necessidade de acuradas habilidades linguístico-cognitivo-visuais para a decodificação do conjunto de elementos que estão gestual e espacialmente codificados de modo integrado; na direção inversa (PT→Libras), requerem-se precisas habilidades linguístico-corporais-motoras para a codificação integrada de uma série de elementos gestuais e espaciais característicos das línguas de sinais (RODRIGUES, 2018).

Dessa forma, o tempo que a IS apresenta ao intérprete intermodal pode ser considerado também um desafio, ou um fator dificultador, ao limitar o tempo que o TILS terá para lidar com os efeitos de modalidade. Como o próprio participante afirma na entrevista, caso a tarefa fosse uma tradução e não uma interpretação, as estratégias, escolhas tradutórias e resultado final, seriam diferentes. Nesse sentido, além dos efeitos de modalidade, o intérprete precisou lidar com o fator tempo e com as especificidades do gênero textual.

A narrativa da fábula apresenta uma série de características próprias ao gênero, e que quando somadas à pressão do tempo e aos efeitos da modalidade na interpretação simultânea, pode apresentar ao intérprete uma série de desafios. Entre eles, está a escolha tradutória de itens lexicais que se adequem ao público que receberá essa fábula interpretada. No nosso caso, instruímos nosso participante a interpretar a fábula para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, fato que o intérprete afirma ser de vital importância para suas decisões tradutórias e, portanto, seleção de estratégias.

Muito provavelmente, a grande recorrência das menções ao gênero textual feitas pelo participante tem relação com a construção do desenho experimental. Apenas após a finalização da familiarização com os TFs foi que o participante recebeu a informação de qual seria o público-alvo daquela interpretação. Segundo ele, ter tido essa informação antes teria feito diferença em suas escolhas tradutórias, pois ele teria seu primeiro contato com o TF já guiado pelo encargo de tradução com a referência ao público-alvo. Assim, podemos inferir que, no nosso caso, com um gênero tão específico como a fábula, saber o público-alvo, *antes* do contato inicial com o TF, poderia contribuir com a maneira de o intérprete lidar com os efeitos de modalidade, permitindo-o prever, de antemão, algumas possíveis escolhas e estratégias.

Em relação ao gênero textual e sua função, o participante afirma na entrevista que:

Por exemplo, os textos audiovisuais que são os textos que eu estou acostumado a interpretar, eles tem um outro objetivo, que não é esse objetivo narrativo, fabulesco, e por aí vai. (trecho da entrevista do participante piloto).

Portanto, podemos depreender que a função do texto interpretado também influencia a seleção de estratégias e pode guiar como o intérprete vai lidar com os efeitos de modalidade, além, é claro, de se relacionar à experiência, ao conteúdo do texto, à pressão de tempo, às preferências, às questões comportamentais e assim por diante. É possível discutir também, sob um viés mais social e comportamental, se os efeitos de modalidade de língua se relacionam a questões sociais e culturais de ordem formativa ou atitudinal, as quais podem também influenciar como o intérprete intermodal lida com esses efeitos da modalidade gestual-visual em relação ao público-alvo.

Além desse viés social, outro fator que impacta os efeitos de modalidade é a *direcionalidade* do processo, visto que, como já mencionamos acima, são exigidas diferentes habilidades do intérprete para lidar com os classificadores em cada direção: na direta, destacam-se as habilidades visuais-cognitivas de compreensão da língua de sinais, com destaque à simultaneidade, à iconicidade, à sintaxe espacial, dentre outros de seus elementos característicos; e, na inversa, as habilidades de produção da língua, de destrezas corpóreo-motoras-cognitivas indispensáveis para o corpo constituir-se como língua.

Todas essas características impõem desafios para o intérprete. Quando o participante do estudo piloto foi perguntado na entrevista sobre os maiores desafios da IS intermodal em ambas as direções, o participante respondeu:

Trabalhar a riqueza de detalhes que são trabalhadas nas duas formas. Quando o texto está em português, existe uma série de recursos estilísticos que estão empregados neste texto que a gente não consegue levar para a LS numa interpretação simultânea. (trecho da entrevista do participante piloto).

Assim, com relação aos recursos de cada língua, independentemente de sua modalidade, Rodrigues (2013) afirma que “não há dúvidas de que a diferença de modalidade causa efeito na língua de sinais. (RODRIGUES, 2013, p. 43). Dessa forma, vimos que em uma interpretação intermodal, muitas escolhas tradutórias são impactadas pelas características fonéticas e morfológicas das línguas de sinais — de sua articulação e recepção — assim como por sua estrutura sintática, com seus recursos e características. Nesse sentido, mais pesquisas empíricas com um número maior de participantes são necessárias para averiguar o que seriam realmente esses efeitos de modalidade, visto que muito do que discutimos aqui demanda mais evidências.

Essas discussões podem se constituir como um pontapé inicial para elucidar a questão dos efeitos da modalidade de língua sobre processos tradutórios e interpretativos

e, conseqüentemente, para se pensar a intermodalidade na formação de intérpretes de línguas de sinais, de forma a se abordarem os efeitos de modalidade (e como lidar com eles na IS intermodal) na formação de TILS brasileiros. No que diz respeito a algumas habilidades desse profissional, na próxima e última seção, teceremos algumas discussões sobre a CTi.

4.6 Competência tradutória intermodal (CTi)

Nesta seção, relacionamos os resultados decorrentes do questionário e do estudo piloto sobre os três aspectos de análise da direcionalidade, quais sejam, esforço cognitivo, estratégias interpretativas e efeitos de modalidade, com os componentes da CT, como proposto pelo grupo PACTE (2003; 2017). Concomitantemente, indicamos alguns elementos da CTi (RODRIGUES, 2018) que identificamos nas tarefas interpretativas direta e inversa do estudo piloto. Ressaltamos mais uma vez que os resultados discutidos neste estudo são de apenas um participante e que apenas podem apontar certas tendências e favorecer a reformulação de hipóteses — que podem ser testadas e validadas em estudos futuros com mais participantes.

De acordo com o PACTE (2003; 2017), a CT é composta de cinco subcompetências (bilíngüe/comunicativa, extralingüística, conhecimentos sobre tradução, instrumental e estratégica) além dos componentes psicofisiológicos. Rodrigues (2018) propõe o que denomina como subcompetência imagético-cinestésica, que seria requerida apenas de tradutores e intérpretes que atuam de/entre/para línguas de sinais — os tradutores/intérpretes intermodais e intramodais gestuais-visuais — visto que esses profissionais precisam lidar com questões corporais e visuais diretamente ligadas à modalidade gestual-visual. Assim, a CT requerida desses profissionais seria distinta, constituindo-se como uma competência tradutória intermodal.

Podemos indicar, a partir da amostragem de respondentes do questionário, duas tendências sobre o desenvolvimento da CTi em ambas as direções: (i) a sua abordagem nos cursos de formação de TILS no Brasil; e (ii) as considerações sobre os conhecimentos teóricos sobre tradução — subcompetência conhecimentos sobre tradução — dos respondentes. No caso da segunda tendência, incluímos especificamente os resultados do participante do estudo piloto.

Com relação ao desenvolvimento da CTi (em ambas as direções) nos cursos de formação de TILS no Brasil, podemos inferir algumas tendências a partir do fato de os

respondentes indicarem ter maior dificuldade na direção Libras→PT, o que, entre outras questões, pode estar ligada a maior *frequência* de realização da direção inversa (gerada pela demanda social de PT→Libras, por exemplo). Assim, realizar a interpretação intermodal inversa com maior frequência, desde nos cursos de formação até na prática profissional, poderia ser um caminho para desenvolver de forma mais apurada a CTi nessa direção.

Podemos observar esse enfoque na interpretação intermodal inversa (PT→Libras) nos currículos dos cursos de formação desses profissionais, especialmente no curso de bacharelado em Letras-Libras da UFSC, visto que a carga horária do ensino e prática da L2 (no caso, a Libras) acaba sendo priorizada em detrimento da carga horária prática e de técnicas de interpretação para a língua nativa – no caso dos TILS ouvintes que trabalhem com esse par linguístico, o português⁷¹ (ver RODRIGUES, 2019). Este fato poderia acarretar uma menor automatização da interpretação na direção direta, menores oportunidades desses profissionais realizarem e internalizarem a prática nessa direção na formação e, conseqüentemente, apresentarem uma maior dificuldade e/ou não preferência por ela. Entretanto, essas são apenas tendências, visto que pesquisas detalhadas sobre o currículo desses cursos são necessárias para realizar-se generalizações.

Os dados decorrentes do questionário indicam que para os respondentes parece haver maior desenvolvimento da CTi na direção inversa do que na direta, visto que a maioria afirma ter mais dificuldade na direção Libras-português. Entretanto, para apontar tal resultado como passível de generalização, seria necessário cotejá-lo com outros fatores como tempo de atuação e nível/tipo de formação na área; além de um número mais significativo de respondentes.

Em sua pesquisa sobre a direcionalidade em interpretação entre ASL-ínglês, comparando intérpretes novatos e expertos, Nicodemus e Emmorey (2015) afirmam que intérpretes expertos mostraram acurácia e qualidade de articulação igualmente nas duas direções. Tal fato corrobora a ideia de que com o passar dos anos, os TILS podem se desenvolver em ambas as direcionalidades. Todavia, isso não isenta a formação acadêmica de considerar o mercado e suas demandas, bem como a necessidade de a atuação dos TILS contemplarem ambas as direções do processo, bem como suas variações relacionadas ao tipo (de conferência, comunitária, midiática, entre outras e à modalidade de tradução (simultânea, consecutiva, à prima vista e suas variações) etc.

⁷¹ Para mais informações, acessar o website do Departamento de Libras (LSB/CCE) da Universidade Federal de Santa Catarina, em Currículo - Graduação em Letras-Libras presencial: dlsb.paginas.ufsc.br

Partindo agora para os dados de nosso participante piloto, no caso específico do processo de interpretação analisado, observou-se que a subcompetência linguística pode ser verificada a partir da forma como nosso participante lidou com as especificidades da língua em si. Além do que, ele conta com 15 anos de experiência na área de interpretação intermodal. Essa subcompetência também se evidencia nas escolhas lexicais apropriadas para o gênero textual em relação ao público-alvo, demonstrando assim um repertório linguístico nas duas línguas, nas duas direções, e uso dos dispositivos linguísticos da Libras, além de habilidades específicas que não serão necessariamente demandadas em outras línguas vocais.

Como corroborado por Tiselius (2018), em sua pesquisa com intérpretes de SSL⁷²-sueco, experientes e inexperientes, a autora aponta que intérpretes com menor experiência apresentam muito mais dificuldade com terminologia do que intérpretes experientes, nas duas direções. Assim, a subcompetência linguística quando pensada no âmbito da intermodalidade pode ter relação com a habilidade de usar e compreender a datilologia (TISELIUS, 2018) e, também, como vemos em nossos dados, a seleção de sinais condizentes com o gênero textual do TF/TA, público-alvo da interpretação e contexto interpretativo.

No que diz respeito à competência interpretativa como uma forma de lidar com os desafios impostos pelo contexto de interpretação (podendo se estender para o público-alvo), Wang *et al.* afirmam que

[...] os construtos da competência interpretativa foram definidas de acordo com uma abordagem interacionista. Não apenas apresenta as habilidades cognitivas, as estratégias interpretativas, e conhecimentos do assunto, mas também considera a performance em contextos específicos de comunicação⁷³. (WANG *et al.*, 2020, p. 1).

Dessa forma, dado o perfil do participante piloto, observou-se que essa preocupação com o público-alvo de sua interpretação, além de ser embasada por um repertório linguístico de escolhas lexicais adequadas, também é assegurada pela subcompetência extralinguística, dada a mobilização do conhecimento de mundo, por exemplo, seu conhecimento declarativo sobre o gênero narrativo da fábula.

Além disso, vemos na subcompetência extralinguística o conhecimento de mundo

⁷² Língua de Sinais Sueca

⁷³ Nossa tradução de: “the construct of interpreting competence was defined according to an interactionist approach. It not only encompasses cognitive abilities, interpreting strategies, and subject-matter knowledge but also considers performance in typical communicative settings”.

de elementos específicos que surgiram no decorrer da interpretação (nas duas direções): como o uso de palavras como “armadilha”, “caçadores de animais”, “armar uma rede para armadilha”; e o uso de classificadores para animais que, mesmo o participante tendo afirmado ter tido dificuldade, o conhecimento em si de que essa era uma característica importante no texto já demonstra um conhecimento extralinguístico sobre o estilo de narrativas em Libras e em português.

O uso dos classificadores e dos dispositivos linguísticos específicos das línguas de sinais em si já pode ser considerado como uma manifestação da CTi, visto que esses são elementos estreitamente visuais, que dependem das expressões faciais e da linguagem corporal do intérprete intermodal. Com relação a esses dispositivos linguísticos específicos das LS, Rodrigues (2018) afirma que:

o fato de o corpo apresentar-se como língua contribui significativamente para a simultaneidade, para a iconicidade e para o uso estruturado do espaço. A performance corporal-visual permite que os sinalizadores incorporem ou representem ações de seus referentes e que elementos gestuais especifiquem tipo, tamanho e forma de objetos, por exemplo. Em adição, a exploração sistematizada do espaço favorece a localização de referentes, a marcação da concordância e o uso de classificadores, dentre outros. (RODRIGUES, 2018, p. 123).

Dessa forma, baseando-nos em Rodrigues (2018) e nos resultados do estudo piloto, podemos inferir que a habilidade de lidar com os classificadores e com os demais recursos linguísticos específicos das línguas de sinais, seria um indicativo da subcompetência imagético-cinestésica em ação. Essa habilidade serve, então, ao intérprete intermodal como uma forma de lidar com o desempacotamento desses classificadores na direção direta e com a sua construção adequada na direção inversa.

Observamos que o participante indica a necessidade de poder pesquisar alguns sinais previamente à tarefa de interpretação. Tal elemento é abarcado pela subcompetência instrumental, que seria como e se o intérprete lida com recursos de pesquisa e documentação. Nesses casos os recursos da subcompetência instrumental estariam disponíveis em vídeos, dicionários ilustrados/on-line, material de apoio ou até mesmo na consultoria com um consultor surdo, por exemplo. Vemos que quando o participante demonstra dúvida no sinal de lebre, ele resolve combinando dois sinais: “coelho + mulher”.

Essa solução do problema do sinal de lebre também pode indicar uma habilidade estratégica, que lida com a mobilização de todas as outras subcompetências. Além disso,

observamos que o participante seleciona estratégias diferentes para cada direção, as quais correspondem aos efeitos de modalidade e à influência da direcionalidade na interpretação.

Finalmente, com relação aos componentes psicofisiológicos, podemos identificar no perfil do participante a aparente boa relação com às câmeras, visto que ele não apresentou desconforto em ser gravado. Outro fator que pode indicar que o intérprete lida de forma adequada com o estresse, seriam os resultados sobre os indicativos de esforço cognitivo que analisamos.

Observou-se que, no conjunto de pausas, hesitações e repetições de sinais, nossos dados tendem a indicar que o participante lidou melhor com os desafios impostos pela modalidade na direção inversa (português-Libras); apesar de afirmar na entrevista que essa foi a direção que mais teve dificuldade, principalmente, devido aos classificadores para animais. Além disso, ele demonstra, nos protocolos e na entrevista, habilidades de metarreflexão sobre suas escolhas. O participante afirma nos protocolos verbais que:

[...] às vezes, a gente se confunde pelo fato de não ter essa preparação mais apurada, confunde o uso do Classificador. Porque as vezes... isso aqui é um classificador para pessoa (configuração de mão com o indicador apontado para cima, todos os outros dedos fechados em forma de círculo), e no vídeo eu vi que eu usei para pessoa, não para animal, alguma coisa assim, do animal correndo (dedos indicador e médio para baixo, fazendo movimentos para cima e para baixo, outros dedos fechados em forma de círculo), então isso eu confundi. (relatos do protocolo verbal retrospectivo livre do participante piloto).

A própria habilidade de metarreflexão também seria um indicativo de uma integração das subcompetências do modelo de CT do PACTE (2003; 2017). Assim, todas as subcompetências como propostas por PACTE (2003; 2017) foram perpassadas pela modalidade do processo, levando ao estabelecimento de uma CTi e demandando capacidades específicas ligadas à intermodalidade, às habilidades imagético-cinestésicas (RODRIGUES, 2018). Fato este que requer do intérprete intermodal a exploração de destrezas corporais, de expressões faciais e do espaço de sinalização como forma de lidar com os efeitos da modalidade de língua em sua interpretação, tanto direta quanto inversa, visto que “[...] a expertise em tradução/interpretação intermodal está balizada pelas habilidades de se lidar com a modalidade gestual-visual e com seus efeitos sobre a língua” (RODRIGUES, 2018, p. 310). Considerando isso, propomos alguns elementos

específicos que a CTi abarcaria, quando pensada a partir da intermodalidade, como demonstrado no Quadro 20 a seguir.

Quadro 20 – Relação das subcompetências (PACTE, 2003; 2017) com a intermodalidade

Subcompetência	Intermodalidade
Linguística	Conhecimento de sinais – variação de sinais por região
Extralinguística	Conhecimento de mundo – cultura surda
Instrumental	Dicionários em vídeo/ilustrados; consultor surdo
Conhecimentos sobre tradução	Conhecimentos teóricos sobre morfologia dos sinais, datilologia
Imagético-cinestésica	Construção no espaço de sinalização; uso de classificadores; uso de expressão facial; uso da linguagem corporal; exposição e comportamento
Estratégica	Mobilização das outras subcompetências

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos observar, essas características listadas no Quadro 20 são intrínsecas aos processos intermodais, principalmente os interpretativos. Conseguimos identificar muitas dessas características nos resultados do estudo piloto, devido ao perfil do participante, que evidencia possuir uma CTi mais desenvolvida, por exemplo a mobilização de diferentes estratégias para cada direção, o monitoramento do processo, e seus conhecimentos sobre tradução – novamente, dado seu perfil. Entendemos que o Quadro 20 poderia sofrer um processo de reformulação e pretendemos refazê-lo com o desenvolvimento de um estudo experimental futuro com mais participantes.

Nós podemos indicar a tendência, a partir dos resultados da análise de esforço cognitivo na IS intermodal da literatura pertinente, que intérpretes intermodais expertos selecionariam o conjunto lexical a ser proferido previamente, apresentariam maior *lag time* e teriam menor necessidade de voltar o discurso e corrigir (MACLAY; OSGOOD, 1989). Como o participante menciona na entrevista a necessidade de manter um *lag time* adequado do TF, realiza hesitações relativamente curtas na direção Libras→PT e apresenta as repetições de sinais na direção inversa como forma de aguardar o avanço do TF, poderíamos inferir que ele possui essa habilidade de lidar com os efeitos da modalidade na língua a ser interpretada.

O próximo pilar de análise (estratégias interpretativas) mostra que o participante não só mobiliza diferentes estratégias para cada direção, dependendo da necessidade,

mas, também, afirma na entrevista ter consciência de algumas das estratégias que utilizou.

Na entrevista, ele afirma que:

As estratégias em cada direção foram diferentes. De Libras para português eu usei muitas omissões, muitas simplificações, fui juntando as categorias.. ao invés de falar elefante girafa leão, junta tudo em animais. Agora de português pra Libras, tem que usar outras estratégias, explicitação, tive que usar compensação, que é trazer esse estilo narrativo pra dentro da interpretação. As estratégias foram bem diferentes. (participante piloto em resposta a uma pergunta da entrevista).

Com relação aos efeitos de modalidade, que dizem respeito, mais especificamente, à performance corporal-visual do intérprete e ao como ele constrói as informações no espaço de sinalização, podemos observar que o participante arquiteta o cenário da fábula, apresenta alguns animais e utiliza classificadores para contar os momentos clímax da história — como quando a tartaruga rola morro abaixo — e expressões faciais e corporais para narrar momentos específicos — como quando a lebre admite sua derrota e complacente parabeniza a tartaruga. Outro ponto interessante aqui é a incorporação de personagens (estratégia de paráfrase) que, provavelmente, devido aos efeitos da modalidade, aconteceu mais frequentemente na direção inversa do que na direta.

Para entender a concepção do intérprete sobre competência tradutória na interpretação e assim ter uma visão própria dele para contribuir para a modelagem da CTi, perguntamos ao participante piloto quais habilidades um intérprete intermodal competente deveria ter, a resposta foi a seguinte:

Conhecimentos, habilidades... Pode parecer clichê, mas é exatamente isso. A gente tem que conhecer a história, tem que conhecer uma vastidão de sinais diferentes, tem que ter recursos linguísticos como por exemplo os classificadores, as descrições imagéticas também... Então se o intérprete não tem todo esse conhecimento, tanto técnico (como passar de uma língua para outra) também conhecimento de sinais, pode surgir dúvida. Olha só, eu tenho 15 anos de atuação, e eu fiquei com dúvida em qual sinal eu ia usar pra lebre. Então se a gente não tem todo esse know-how: “ok, não sei o que é uma lebre. Mas como eu vou explicar isso? Ah, vai COELHO + FÊMEA”, que é o que mais se aproxima. Então se não tiver essas habilidades de saber levar essa mesma informação de uma língua para outra, não tem como fazer. Tem também a questão da memória, a gente tem que ter um exercício de memória muito grande. Porque o texto tá sempre na nossa frente, e a gente um pouco mais atrasado. Se a gente não compensa isso com a memória, não vai fluir. Acho que é isso: conhecimento do texto, conhecimento de sinais, conhecimento de técnicas de interpretação e memória. (participante piloto em uma resposta da entrevista).

Assim, observamos que nosso participante também realizou uma metarreflexão sobre suas próprias habilidades, apontando inclusive exemplos de solução de problemas que seu conhecimento especializado o auxiliou a resolver. Os elementos que compõem esse conhecimento especializado de intérpretes intermodais estão relacionados ao modo de acesso ao bloco reflexivo no momento da interpretação (que pode ser diferente em cada direção), com a mobilização de estratégias de interpretação, a depender da direcionalidade do processo, e com a habilidade de lidar com os efeitos de modalidade que se apresentam em cada direção.

Concluimos que analisar essas categorias iniciais é um passo importante para criar um modelo componencial da CTi. Para isso, é necessário analisar resultados de um número maior de participantes que tenham executado tarefas de interpretação direta e inversa, ficando nosso estudo como uma amostra inicial de tendências que podem ser levadas em consideração quando da realização de pesquisas futuras sobre essa mesma temática. Encerramos o capítulo da Apresentação e Discussão dos Resultados e, a seguir, apresentamos as Considerações Finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, primeiramente apresentaremos algumas reflexões gerais sobre nossos dados obtidos com a aplicação do questionário on-line e sobre alguns cuidados metodológicos que consideramos na realização da pesquisa. Em seguida, retomaremos os objetivos e as hipóteses, apresentaremos as conclusões das discussões realizadas e por fim indicaremos algumas limitações da pesquisa e apontaremos futuros desdobramentos.

Neste estudo, apresentamos uma proposta de desenho experimental e, por sua vez, de procedimentos metodológicos de uma pesquisa empiricamente orientada visando investigar a influência da direcionalidade no processo de interpretação simultânea intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português, por meio da realização de um estudo piloto. Para tanto, partimos de quatro objetivos específicos, criados a partir da questão de pesquisa e do objetivo geral, e de cinco hipóteses vinculadas às questões de pesquisa. Vale destacar que o estudo piloto também serviu para reformular e refinar as hipóteses, as quais precisam ser investigadas e confirmadas ou refutadas em um experimento futuro com mais participantes.

Além disso, a partir de um questionário on-line aplicado a nível nacional também apresentamos neste trabalho uma breve análise de perfil dos TILS respondentes. Com relação aos dados obtidos com o questionário, foi possível observar um perfil diversificado de TILS respondentes de nosso questionário, sendo um grande número destes, potenciais participantes da configuração inicial da coleta empírico-experimental planejada. Entretanto, como já explicado, em decorrência da pandemia mundial de COVID-19, os dados de nosso questionário foram utilizados neste trabalho como uma forma de indicar algumas tendências sobre o perfil dos TILS brasileiros – levando em conta nossa amostragem de respondentes – e de levantar algumas discussões em comparação com estudos anteriores sobre o levantamento do perfil desses profissionais, dados esses que também podem ser usados para futuras comparações e reflexões utilizando a amostragem que levantamos nesta pesquisa.

Utilizando os dados obtidos com o questionário, indicamos tendências e levantamos algumas conjecturas baseando-nos em nossos dados. Entretanto, dada nossa amostragem, é relevante a aplicação de questionários a um maior número de TILS contemplando todas as regiões brasileiras e um maior número de respondentes, caso o objetivo seja realizar generalizações sobre essa categoria profissional. A seguir retomamos algumas reflexões metodológicas que emergiram de nossa pesquisa.

Considerando o caráter mais qualitativo de nosso estudo, inicialmente partimos de uma pergunta geral para orientar nossas reflexões metodológicas sobre o tipo de pesquisa realizada neste trabalho, que seguia como: “quais aspectos metodológicos o pesquisador precisa levar em consideração numa pesquisa empírica-experimental que visa descrever a interpretação intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português?”. A partir da realização de nosso estudo piloto, pudemos observar que alguns cuidados metodológicos são necessários na coleta de dados em pesquisas empíricas envolvendo língua de sinais.

Podemos ressaltar por exemplo a necessidade de coleta de dados em vídeo (às vezes, de diferentes pontos de vista, com focos diferentes, com mais ou menos detalhes, conforme os objetivos), a dependência da qualidade do vídeo coletado (resolução, enquadramentos, iluminação etc.), além de outras especificidades que dependem dos objetivos do pesquisador, como escolher se o TF estará em português ou em Libras, o tipo da tarefa a ser realizada (tradução ou interpretação), as ferramentas da coleta de dados em vídeo (registro em áudio/vídeo, uso de filmadoras, equipamento de iluminação e som, etc.).

Dessa forma, apresentamos em nossa pesquisa algumas dessas questões metodológicas que surgem nas diferentes etapas da coleta de dados; reiterando assim, que cada etapa da coleta depende de equipamentos, materiais, instruções e configurações espaciais específicas; e que é necessário realizar uma validação dos instrumentos de coleta por meio, por exemplo, da realização de um estudo piloto. E esperamos, assim, que essas reflexões e levantamentos de alguns cuidados metodológicos os quais abordamos no capítulo da Metodologia deste trabalho se constitua como uma contribuição para futuros pesquisadores da área que desejem realizar estudos utilizando a perspectiva empírico-experimental que envolvam línguas de sinais.

Partindo para a apresentação das conclusões de nossas análises ligadas aos dados de natureza qualitativa que obtivemos com a realização de um estudo piloto, retomaremos agora os quatro objetivos específicos da pesquisa. O primeiro objetivo foi investigar os indicadores de esforço cognitivo nas direções inversa e direta da interpretação simultânea intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português. Para isso, partimos da hipótese de que por se tratar de um processo intermodal, na interpretação entre Libras-português alguns dos indicadores de esforço cognitivo nesse processo interpretativo intermodal seriam: pausas, desvio de olhar, repetição de sinais e prolongamento de sinais. No decorrer da análise acrescentamos também o indicador hesitação (ou *false start*) na

direção Libras→PT, baseando-nos em Tiselius (2018).

As pausas apresentaram comportamentos e motivações diferentes em cada direção. Na tarefa direta (Libras→PT) obtivemos um número maior de pausas, correspondendo a 6,1% da interpretação, ao passo que na direção inversa (PT→Libras), observamos um número menor: 1,5% da interpretação foi de pausas. Entretanto, a duração das pausas seguiu o caminho inverso: pausas mais longas foram identificadas na direção PT→Libras e mais breves na direção Libras→PT. Além disso, com relação aos tipos de pausas, observou-se que na direção direta nenhuma pausa foi preenchida com sons preenchedores, ao passo que na direção inversa, três pausas preenchidas ocorreram. Isso provavelmente se deve ao fato de que no discurso oral interpretado em português, a elocução de sons preenchedores como *eh* ou *uh* podem indicar uma quebra no ritmo da narrativa, ao passo que na Libras as pausas preenchidas com sinais prolongados ou com expressões faciais podem ter sido motivadas pela necessidade de monitoramento do TF e como forma de ganhar tempo para o planejamento da continuidade do discurso sinalizado.

As ocorrências das hesitações na tarefa direta (Libras→PT) se deram, principalmente, em trechos específicos da narrativa, com grande concentração de classificadores ou em trechos de clímax da história, e foram, provavelmente, motivadas pela modalidade do TF e utilizadas como forma de acesso a bloco reflexivo para a resolução de problemas desses trechos ou para aguardar o avanço do TF, requerendo do intérprete certo *lag time* maior no *delivery* em português. Já as repetições de sinais, na direção inversa (Libras→PT), apresentam motivações diferentes, que vão desde o objetivo de enfatizar adjetivos de referentes até a necessidade de acompanhar o ritmo e o estilo mais fabulesco e alegórico da fábula; sendo marcadas, em nossos dados, menos como um indicador de esforço cognitivo e mais como uma forma de indicação de ênfase e como estratégia de acompanhamento do ritmo da narrativa.

Analisamos apenas as categorias de pausas, repetições de sinais e acrescentamos as hesitações na direção direta, pois prolongamentos de sinais e desvios de olhar obtiveram ocorrências irrisórias nos dados coletados; e visto que obtivemos dados de apenas um participante, mantemos a primeira hipótese de que em um processo intermodal os indicadores de esforço cognitivo vão além das pausas, sendo marcados por desvios de olhar, hesitações, repetição e prolongamento de sinais, sendo que nossos dados apresentaram essa tendência, e visto que as repetições de sinais apresentaram motivações diferentes das esperadas e por não analisarmos os desvios de olhar e os prolongamentos de sinais, indicamos que esses indicadores precisam ser confirmados em estudos futuros

com mais participantes. Além disso, sugere-se a criação de outros indicativos de esforço cognitivo próprios à interpretação simultânea intermodal, através de estudos que demonstrem como medir ou mensurar esses indicadores.

O segundo objetivo foi relacionar o uso de estratégias interpretativas intermodais com a direção do processo de interpretação intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português. Para isso, partiu-se da hipótese de que a adoção de estratégias interpretativas pode variar de acordo com a direção do processo, sendo estratégias como omissão e condensação são mais usadas na direção direta do que na inversa devido ao que se demanda cognitivamente e fisicamente que o intérprete seja capaz de fazer em um tempo tão curto no que tange à linearização das informações.

Em nossas análises, o uso de estratégias foi diferente em cada direção: na direção Libras→PT foram usadas muitas omissões e adições (motivadas principalmente pelo fator tempo e pelo monitoramento do TF); já na direção PT→Libras, a paráfrase foi a estratégia mais utilizada, (podendo ser motivada pelo gênero da interpretação, pelo uso dos recursos espaço-visuais que a Libras oferece e principalmente pelo monitoramento e pela pressão de tempo). Assim, a segunda hipótese foi validada como passível de replicação, e poderá ser mantida para confirmação ou refutação em um estudo futuro, a partir da sugestão de que cada direção apresenta tipos diferentes de demandas que requerem do intérprete intermodal mobilizações específicas de habilidades e estratégias para lidar com a influência da direcionalidade e dos efeitos de modalidade do processo.

Neste estudo, também se assumiu um terceiro objetivo, que foi o de verificar os efeitos de modalidade nas direções inversa e direta do processo interpretativo simultâneo intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português. Para isso, considerou-se a hipótese de que diferentemente das línguas vocais, as línguas de sinais apresentam especificidades desde a sua produção até a sua recepção. Além dessas especificidades no âmbito da língua de sinais, aparecem outras particularidades da tradução ou interpretação entre duas línguas de modalidades diferentes (QUADROS, 2006; RODRIGUES, 2013; 2018; LOURENÇO, 2015; 2017). Os efeitos de modalidade em consonância com a direção do processo podem incluir: a adoção de diferentes estratégias interpretativas e um maior ou menor esforço cognitivo dispendido pelo intérprete em cada direção.

Observamos em nossos dados que os principais efeitos de modalidade na direção Libras→PT tem relação com a linearização de informação altamente enriquecida em sinais e construções típicas das línguas de sinais, tais como os classificadores, a sintaxe espacial, a simultaneidade etc. Já na direção inversa, as análises indicam que um dos

principais efeitos de modalidade é também com relação aos classificadores, porém acerca de sua produção e organização sintática no espaço de sinalização.

Descobrimos então, que a adoção de diferentes estratégias, em cada direção, e um maior ou menor dispêndio de esforço cognitivo podem se caracterizar como uma influência da *direcionalidade* no processo de interpretação que é perpassada pela intermodalidade, sendo necessária assim uma possível reformulação de nossa terceira hipótese para testagem em um estudo futuro com mais participantes, pois acreditamos que elementos mais intrínsecos à modalidade da língua (como o desempacotamento de informações em Libras→PT e a construção imagética do discurso em PT→Libras) também precisam ser considerados como efeitos de modalidade, pois o lugar que essa modalidade tem na direção do processo, o impacta diretamente. Nesse sentido, há distintas implicações cognitivas e, por sua vez, psicofisiológicas, sensoriais e motoras, para cada direção.

Como quarto objetivo específico, estabeleceu-se identificar os componentes da CTi (RODRIGUES, 2018) a partir da análise da influência da direcionalidade, da verificação dos efeitos da modalidade, da investigação dos indicadores de esforço cognitivo e do uso de estratégias interpretativas no processo de interpretação intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português. Para isso, partiu-se da hipótese de que os componentes da CTi incluem uma capacidade corporal-cinestésica, como cunhado por Rodrigues (2018), a subcompetência imagético-cinestésica, que é dependente da direcionalidade, além das subcompetências listadas pelo grupo PACTE (2003; 2017), quais sejam: linguística, extralinguística, instrumental, conhecimentos sobre tradução, estratégica e os componentes psicofisiológicos.

Observou-se que todas as subcompetências propostas por PACTE (2003; 2017) são perpassadas pela modalidade da língua no caso dos processos interpretativos intermodais. Além disso, constatamos que, especialmente a capacidade corporal e cinestésica e as habilidades ligadas à construção imagética de informações, ou seja, as construções das línguas de sinais a partir de seus dispositivos linguísticos específicos são requeridas exclusivamente de intérpretes intermodais, sendo assim uma competência a ser incluída em uma modelagem específica para a interpretação intermodal, ou seja, a CTi, que faria parte de uma modelagem específica da competência tradutória para a interpretação intermodal, considerando-se a direcionalidade, além das competências listadas por PACTE (2003; 2017), apresentando assim, em nossos dados, a tendência indicada pela quarta hipótese. Percebe-se, então, que a competência intermodal estaria

atrelada a uma determinada capacidade corporal cinestésica diretamente ligada à competência linguística e à competência comunicativa, visto que destacamos as habilidades de lidar com a língua de sinais como um elemento central e de seu impacto sobre as demais subcompetências, inclusive sobre os componentes psicofisiológicos

Assim, neste estudo, averiguou-se que há influência da direcionalidade no processo de interpretação simultânea intermodal no par linguístico Libras-português. Com base em nossos dados é possível indicar a tendência que a direcionalidade influencia o processo de interpretação simultânea intermodal de narrativas ao apresentar diferentes efeitos de modalidade em cada direção (RODRIGUES, 2018), diferentes usos de estratégias (LEESON, 2005; GILE, 2009; LI, 2013; BARBOSA, 2020) e que há diferentes indicadores de esforço cognitivo para cada direção (CHACON E SHULZ, 2000; DRAGSTED, 2004; JENSEN, 2009).

Reiteramos que uma das limitações de nosso trabalho é que nossas análises foram baseadas apenas nos dados de um participante, impossibilitando realizarmos generalizações dos resultados. Entretanto, a partir deste estudo, é possível inferir certas tendências e perspectivas de análise para pesquisas empíricas envolvendo interpretação simultânea intermodal, além da apresentação de um desenho experimental alinhado com a perspectiva empírico-experimental que ainda é incipiente no âmbito dos ETILS, contribuindo assim para futuros pesquisadores da área.

Além disso, este trabalho também pode se desdobrar em uma futura pesquisa empírico-experimental dentro de uma perspectiva experimental de coleta, incluindo as adequações do desenho experimental, propostas aqui, e contando com um número maior de participantes. Esperamos assim que este estudo se constitua como uma contribuição valiosa para a consolidação e crescimento do campo disciplinar dos ETILS e que se desdobre em futuras pesquisas na área.

6 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L.B.V. Conhecimentos, Capacidades e Habilidades requeridas dos intérpretes educacionais em atuação no ensino médio em São Luís – MA: percepções sobre a prática interpretativa educacional. 80 f. *TCC: Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação Bacharelado em Letras Libras*, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- ALBRES, N. de. A; RODRIGUES, C. H. As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais. de Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso*. v. 13, n. 3, 2018.
- ALBRES, N. de A. Implicações político-discursivas do perfil requerido aos intérpretes educacionais (libras-português) em concursos no Brasil. In: ALBRES, N A; RODRIGUES, C. H; NASCIMENTO, V. (Org.). ETILS: pesquisas e reflexões. Florianópolis: *PGET*, 2020 (no prelo).
- ALLEAU, R. La science des symboles. Paris: *Payot*, 1989.
- ALMEIDA, V. B de. Pausas preenchidas e domínios prosódicos: evidências para a validação do descritor fluência em um teste de proficiência oral em língua estrangeira. *Alfa*, São Paulo, 53 (1): 167-193, 2009.
- ALVES, F. A Triangulação como Opção Metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. S. Metodologias de Pesquisa em Tradução. Belo Horizonte: *FALE-UFMG*, p.69-92, 2001.
- ALVES, F. Tradução, cognição e contextualidade: triangulando a interface processo produto no desempenho de tradutores novos. *D.E.L.T.A.*, v. 19 – especial, p. 71-108, 2003
- ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. Competência em Tradução: Cognição e Discurso. Belo Horizonte: *Editora UFMG*, 2005.
- ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: *Contexto*, 2000.
- ANDRADE, W. T. L de.; AGUIAR, M. A de. M.; MADEIRO, F. O Uso da Repetição na Escrita pelos Surdos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 11, n. 2, p. 241-262, 2011.
- ARTL, G. B. Act like a lady: the impact of gender identity on American Sign Language – English interpreters, 2015, 96 f. *Dissertação (Mestrado em Estudos da Interpretação – Letras)*, Western Oregon University, Monmouth, Oregon 2015.
- AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: Teoria e Resultados. *TradTerm*, São Paulo, v. 1, n. 5, p.99-128, 1998.
- BAKER, C. Regulators and turn-taking in American Sign Language. In *On the Other Hand*, Friedman ed. NY: *Academic Press*, 1977.

- BAKER, M.; SALDANHA, G. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: *Routledge*, 2009.
- BANK, R.; CRASBORN, O.; VAN HOUT, R. Bimodal code-mixing: Dutch spoken language elements in NGT discourse. *Bilingualism: Language and Cognition*. doi:10.1017/S1366728916000936. 2016.
- BARBOSA, D. M. Omissões na Interpretação Simultânea de Conferência: Língua Portuguesa - Língua Brasileira de Sinais. 118 f. *Dissertação (Mestrado)* - Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- BARBOSA, D. M. Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – Língua Brasileira de Sinais em contexto de Conferência. Tese (*Doutorado*). 248 f. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.
- BELL, R. T. (1991). *Translation and Translating*. London/New York: *Longman*. 1991.
- BRITO, L. F. Por uma Gramática de Línguas de Sinais. Rio de Janeiro: *Editora Tempo Brasileiro*, 1995.
- CAVALLO, P. Reelaboração de um modelo de competência do intérprete de conferências. 361 f. *Tese (Doutorado)* – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- CARNEIRO, B. G.; NUNES, E. F. Estratégias de Tradução do Português Escrito para a Libras: Uma proposta de Atuação para o Intérprete Educacional. *Editora Arara Azul*. Edição n. 11, 2013.
- CHACON, L.; SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, (39), pp. 51-77, 2000.
- CHAIBUE, K.; AGUIAR, T. C. Dificuldades na Interpretação de Libras para Português. *Revista Virtual de Cultura Surda*. *Editora Arara Azul*. Edição 17. 2016.
- CHESTERMAN, A. *Memes of Translation – The spread of ideas in translation theory*. Amsterdam/Philadelphia: *John Benjamins Publishing Company*, 1997.
- CHESTERMAN, A. O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor. Tradução de Patrícia Rodrigues Costa e Rodrigo D’Avila Braga Silva. *Belas Infiéis*, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014.
- CRANNELL, K. *Voice & Articulation*. Belmont, CA: Wadsworth, 1987.
- COKELY, D. The effects of lag time on interpreter errors. In: *Sign Language Studies*, v. 53, n. 1, p. 341-375, 1986.
- COSTELLO, B. D. N. Language and modality: Effects of the use of space in the agreement system of Lengua de Signos Española (Spanish Sign Language). *Tese (Doutorado)* University of Amsterdam and University of the Basque Country. 2015.

- COVINGTON, V. Juncture in American Sign Language, *Sign Language Studies*, 2, pp.29-38, 1973.
- DE CASTRO, N. P. A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais. 165 f. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2012.
- DRAGSTED, B. Segmentation in translation and translation memory systems: an empirical investigation of cognitive segmentation and effects of integrating a TM system into the translation process. 369 f. *Tese (Doutorado)* – English Institute, Copenhagen Business School, Copenhagen, 2004.
- DÖRNYEI, Z. Research methods in applied linguistics: quantitative, qualitative and mixed methodologies. Oxford: *Oxford University Press*, 2007.
- DOS SANTOS, J. C. Interpretação individual e em equipe: análise de perfil de tradutores e intérpretes de língua de sinais e uma proposta de estudo experimental. 124 f. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, 2020.
- DOS SANTOS, R. F. O processo de interpretação de uma lenda amapaense, em português oral, para a língua brasileira de sinais. 123 f. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.
- ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. Verbal reports as data. *Psychological Review*, v. 87, p. 215-251, 1980.
- FERREIRA, A. A. Direcionalidade em tradução: uma investigação do processamento cognitivo de tradutores profissionais em tradução direta e inversa no par linguístico inglês-português. 137 f. *Dissertação (Mestrado)*. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- FERREIRA *et al.* Esforço cognitivo no desempenho em tradução direta e inversa: uma percepção a partir da tecnologia de rastreamento ocular. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 60-80, 2016.
- FERREIRA, J. G. D. Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngua Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras. 135 f. *Dissertação (Mestrado)*. Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, UFSC, 2019.
- FERREIRA, L. Repetição e reduplicação em língua brasileira de sinais. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, v. 11, n. 1, 2001.
- FITZMAURICE, S.; PURDY, K. A. Disfluent Pausing Effects on Listener Judgments of an ASL-English Interpretation, *Journal of Interpretation*: Vol. 24, Issue 1, Article 3, 2015.
- FONSECA, N. B de L. Pós-edição monolíngua: uma análise de indicadores do dispêndio de esforço temporal, técnico e cognitivo. 231 f. *Tese (Doutorado)*. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

- FREIRE, E. L. Teoria interpretativa da tradução e teoria dos modelos dos esforços na interpretação: proposições fundamentais e inter-relações. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v.2, n. 22, pp. 151-174, 2008.
- GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. *Editora Atlas S.A.* 2002
- GILE, D. Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training. Revised Edition. Amsterdam/Philadelphia: *John Benjamins Publishing Company*, 2009.
- GONÇALVES, J. L. V. R. O desenvolvimento da competência do tradutor: em busca de parâmetros cognitivos. *Competência em tradução: cognição e discurso*, Belo Horizonte: *Editora da UFMG*, p. 59-90, 2005.
- GONÇALVES, J. L. V. R. Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. In: PAGANO, A. S. Metodologias de pesquisa em tradução. Belo Horizonte: *FALE-UFMG*, 2001b. p.13-39.
- HOHENBERGER, A.; HAPP, D.; LEUNINGER, H. Modality-dependent aspects of sign language production: evidence from slips of the hands and their repairs in German Sign Language. In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p.112-142, 2004.
- HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. London and New York: *Routledge*, p. 172-185. 2000.
- HURTADO, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: *Editora UFMG*, 2005, p. 19-58.
- HURTADO ALBIR, A. Researching Translation Competence by PACTE Group. Benjamins Translation Library. Amsterdam: *John Benjamins Publishing Company*, 2017.
- HURTADO ALBIR, A. Enseñar a traducir – metodología em la formación de traductores e intérpretes. Madri, Espanha. *Editora Edelsa*. 1999.
- HURTADO ALBIR, A. Traducción y Traductología: introducción a la Traductología. 8. ed. Madrid: *Ediciones Cátedra*, 2001.
- HURTADO ALBIR, A. Traducción y traductología. *Cátedra*, 8ª Edição, 2016.
- INEP. *Resumo Técnico do Censo de 2007*. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/superior/centso/2007/Resumo_tecnico_2007.pdf>.
- JÄÄSKELÄINEN, R. Investigating Translation Strategies. In: Sonja Tirkkonen- Condit and John Laffling (eds) *Recent Trends in Empirical Translation Research*, Joensuu: University of Joensuu, Faculty of Arts, 99–119. 1993.
- JÄÄSKELÄINEN, R. Think-aloud Protocols. In: BAKER, M. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. New York: *Routledge*, 1998.

- JENSEN, A. The effects of time on cognitive processes and strategies in translation. Frederiksberg: *Copenhagen Working Papers in LSP*, n. 2001-2, 2001.
- JENSEN, K. T. H. Indicators of text complexity. *Copenhagen Studies in Language*, Copenhagen, v. 37, p. 61-80, 2009.
- KELLY, D. Un modelo de competencia traductora: bases para el diseño curricular. *Puentes*, 1, p. 9-20. 2002.
- KOGLIN, A. Efeitos Cognitivos e Esforço de Processamento de Metáforas em Tarefas de Pós-edição e de Tradução Humana: Uma Investigação Processual à Luz da Teoria da Relevância. *Tese (Doutorado)*. 196 f. Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. The Signs of Language. Cambridge: *Harvard University Press*, 1979.
- LACERDA, C. B. F.; GURGEL, T. M. A. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 17, n. 3, p. 481-496, 2011.
- LAWRENCE, S. Expansion and Compression. In: VIEWS. Alexandria, EUA: *RID – Registry of Interpreters for the Deaf*, 2007.
- LEESON, L. Making the Effort in Simultaneous Interpreting. In: Topics in Signed Language Interpreting, Amsterdam; Philadelphia: *John Benjamins*, p. 51-68, 2005.
- LEMOS, A. M. As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do Português para a Libras em discursos de políticos. 177f. *Dissertação (Mestrado em Linguística)* – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- LILLO-MARTIN, D. Where are all the modality effects? In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. Modality and structure in signed and spoken languages. Cambridge: *Cambridge University Press*, p.241-263, 2004.
- LI, X. Are Interpreting Strategies Teachable? Correlating Trainees' Strategy Use with Trainers' Training in the Consecutive Interpreting Classroom. *The Interpreter's Newsletter*, 18, pp. 105-128, 2013.
- LÖRSCHER, W. Translation Performance, Translation Process and Translation Strategies: A Psycholinguistic Investigation, Tübingen: *Gunter Narr*, 1991.
- LOURENÇO, G. A interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfosintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. PUC-Rio, *Tradução em Revista*, 24, 2018.
- LOURENÇO, G. Investigando a produção de construções de interface sintático gestual na interpretação simultânea intermodal. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 319-353, out. 2015.

MACLAY, H.; OSGOOD, C. E. Hesitation Phenomena in Spontaneous English Speech. *WORD*, 15:1, pp. 19-44, 1959.

MAK, J.; TANG, G. Movement types, Repetition, and Feature Organization in Hong Kong Sign Language. In: *Formational Units in Sign Languages* (pp.315-338) Publisher: *Mouton de Gruyter/Ishara* Eds: R, Channon, H.V. Hulst, 2011.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: *Ática*, 94pp, 2000.

MARCUSCHI, L. A. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I.G.V. (Org.) *Gramática do português falado*. 2. ed. vol. 6. Campinas: UNICAMP/ FAPESP, p. 95-129, 1997.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Escrita. *Signótica*, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 119-145, 11 set. 2009. Universidade Federal de Goiás.

MARCUSCHI, L. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, p. 219-254, 2006.

MARTINS, D. A. Trajetórias de Formação e Condições de trabalho do intérprete de Libras em instituições de ensino superior. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. PUC-Campinas, 2009.

MARTINS, P. O. A. interpretação intermodal Libras Português em contexto de saúde 166 f. *Dissertação (Mestrado)* - Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MCBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: Are grammatical categories modality-dependent? In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 329-369, 2004.

MOLINA, L.; HURTADO ALBIR, A. Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach'. *Meta* 47(4): 498–512, 2002.

NASCIMENTO, M. V. B. Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes. *Tese (Doutorado)*. 318f. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, 2016.

NAPIER, J. M.; ROHAN, M.; SLATYER, H. Perceptions of bilingual competence and preferred language direction in Auslan/English interpreters. *Journal of Applied Linguistics*, 2 (2), pp. 185-218, 2005.

NAPIER, J. Sign language interpreting Linguistic coping strategies. Coleford, UK: *Douglas McLean*, 2002.

NAPIER, J. Interpreting omissions: A new perspective. In: *Interpreting*, v. 6, n. 2. p.117-142. 2004.

NAPOLI, D.J.; SUTTON-SPENCE, R. Order of the major constituents in sign languages: implications for all languages. *Frontiers in Psychology/Language Sciences*, vol. 5, 2014.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. *Bilingualism: Language and Cognition*, 16 (3), p. 624-636, 2013.

OZEKI, A. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Produções Didático-Pedagógicas. Versão On-line. Cadernos PDE, volume II. *Governo do Estado do Paraná*. ISBN 978-85-8015-075-9, 2013.

PACTE. Building a translation competence model. In: ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: *John Benjamins*, pp.43-66, 2003.

PADDEN, C. A. Simultaneous Interpreting across modalities. *Interpreting*. n.5, v.2, pp. 169-185, 2000/01.

PAGANO, A. Metodologias de Pesquisa em Tradução. *Série Estudos Linguísticos*: vol. 3. FALE-UFMG, Belo Horizonte, 2001.

PAVAN, G. Mapeamento de estratégias utilizadas nas interpretações de Libras para Língua Portuguesa: as diferentes escolhas interpretativas de uma narrativa surda. 57 f. *TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)* – Graduação Bacharelado em Letras Libras. 2018.

PAVLOVIĆ, N; JENSEN, K.T.H. Eye tracking translation directionality. *Translation Research Projects 2*, eds. Anthony Pym and Alexander Perekrestenko, Tarragona: Intercultural Studies Group, pp. 93-109. ISBN: 978-84-613-1620-5, 2009.

PAVLOVIĆ, T. Exploring Directionality in translation studies. *ExELL – Explorations in English Language and Linguistics*, 1.2, pp. 149-165, 2013.

PAVLOVIĆ, N. Directionality in Collaborative Translation Processes: A Study of Novice Translators. *Unpublished Ph.D. Thesis*. Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, 2007.

PAVLOVIĆ, N. Directionality in translation and interpreting practice. Report on a questionnaire survey in Croatia. In: Pym, Anthony and Perekrestenko, Alexander (eds.) *Translation Research Project 1*. Tarragona: Intercultural Studies Group (79-95). Universitat Rovira i Virgili, 2007.

PEREIRA, L. A fábula, um gênero alegórico de proverbial sabedoria. *Forma Breve*. n. 3. 2005.

PEREIRA, M. C. P. A interpretação interlíngua da Libras para o português brasileiro: um estudo sobre as formas de tratamento. 2014. 225 f. *Tese (Doutorado)* – Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

PEREIRA, M. C. P. Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. In: Ronice Müller de Quadros (org.). Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 2, p. 99-117, 2010.

PIACENTINI, M. Como escrever siglas. 2019. Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/materia/como-escrever-siglas,6664>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

POKORN, N, K. Translation into a non-mother tongue: Challenging the Traditional Axioms. *University of Ljubljana*, 2005.

PÖCHHACKER, F. Introducing interpreting studies. London: *Routledge*, 2004.

PÖCHHACKER, F. Introducing interpreting studies. London and New York, *Routledge* 2016.

PÖCHHACKER, F. Issues in Interpreting Studies. In: MUNDAY, J. The Routledge Companion to Translation Studies. London: *Routledge*, p.128-140. 2009.

PYM, A. Explorando Teorias da Tradução. São Paulo: *Perspectiva*. 2017.

PYM, A. Redefining Translation Competence in an Electronic Age. In Defence of a Minimalist Approach. *Meta: Translators' Journal*, v. 48, n. 4, pp. 481-497, 2003.

QUADROS, R. M. Efeitos de Modalidade de Língua: as Línguas de Sinais. ETD – *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.168-178, jun. 2006.

QUADROS, R. M. *et al.* Bi-national bi-modal bi-lingual corpora of child language. In: . Heliana Mello, Massimo Pettorino, Tommaso Raso (edited by). *Proceedings of the VIIth GSCP International Conference: Speech and Corpora*. Firenze University Press, 2012.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: *ARTMED*, 2004. 221p.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, 2007

QUADROS, R.M. de; SEGALA, R.R. Tradução intermodal, intersemiótica e interlingüística de textos escritos em português para a Libras oral. *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. 2, 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

RODRIGUES, C, H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, 2015.

RODRIGUES, C, H. A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais. 254 f. *Tese (Doutorado)* - Curso de Letras,

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>>.

RODRIGUES, C. H. A interpretação simultânea entre línguas e modalidades. *Veredas Atemática*, v. 7, n. 2, p. 266-286, 2013.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018.

RODRIGUES, C. H. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. *Translatio*. N. 15, pp. 26, 2015.

RODRIGUES, C. H. Reflexões sobre definições de tradução. *Tópico 01 da disciplina Tradução e Língua de Sinais*. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, PGET-UFSC, ago. 2018.

RODRIGUES, C. H. Translation and Signed Language: highlighting the visualgestural modality. *Cadernos de Tradução*, v. 38, p. 294-319, 2018.

RODRIGUES, C. H. O Uso de Protocolos Verbais na investigação do processo de interpretação simultânea do Português para Libras. *Veredas Atemática*. v. 19, n. 2, p. 48-70, 2015.

SANTOS, S. A. DOS. Questões Emergentes sobre a interpretação de Libras-Português na Esfera Jurídica. *Belas Infiéis*, v. 5, n. 1, p. 117-129, 12 jul. 2016.

SANTOS, S, A. Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais nos Programas de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v.1, n. 44, p. 375-394, 2018.

SANTOS, S. A. Tradução/Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010. 313 f. *Tese (Doutorado)* – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SANTOS, W. M. dos. A Tradução Português-Libras em debates políticos televisionados no Brasil: intermodalidade e competência interpretativa. 164f. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SÉGUINOT, C. The Translation Process: An Experimental Study'. In: Séguinot, C. (ed.) *The Translation Process*, Toronto: H.G. Publications, 21–53, 1989.

SILVÉRIO, C. C. P. et al. Reflexões sobre o processo de tradução-interpretação para uma língua de modalidade espaço-visual. *Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Florianópolis: PGET UFSC, 2012. p. 01-07

SIPLE, L. A. Interpreter's Use of Pausing in Voice to Sign Transliteration. *Sign Language Studies*, Volume 79, pp. 147-180, 1993.

- SJØRUP, Annette. Cognitive Effort in Metaphor Translation: An Eye-tracking and Key-logging Study. 2013. 264 f. *Tese* (Doutorado) – Department of International Language Studies and Computational Linguistics, Copenhagen Business School, Copenhagen.
- SHUTTLEWORTH, M.; COWIE, M. Dictionary of translation studies. *Routledge*: London and New York, 2014.
- SUTTON-SPENCE, R. Analysing Sign Language Poetry. *Palgrave Macmillan*, London. 2005.
- TISELIUS, E. Exploring Cognitive Aspects of Competence in Sign Language Interpreting of Dialogues: First Impressions. *Hermes – Journal of Language and Communication in Business*, n. 57, 2018.
- VENUTI, L. Heterogeneidade. Escândalos da Tradução - Por uma ética da diferença. Trad. Laureano Pelegrin et al. *Bauru: Edusc*, p. 53-60, 2002.
- VENUTI, L. (Org.). The Translation Studies Reader. *Routledge*, London, New York, 2000.
- VENUTI, L. The Translator's Invisibility, London & New York: *Routledge*, 1995.
- VENUTI, L. Translation, Authorship, Copyright. *The Translator*. 1(1): 1–24, 1995.
- WANG *et al.* Developing Interpreting Competence Scales in China. *Frontiers in Psychology*, v. 11, 2020.
- WANG, J. & NAPIER, J. Directionality in Signed Language Interpreting. *META*, 60 (3), 518–541. 2015.
- WEHRMEYER, E. A Critical Investigation of Deaf Comprehension of Signed TV News Interpretation. *Tese* (Doutorado) – Doctor of Literature and Philosophy: Subject of Linguistics, University of South Africa, 2013.
- WEHRMEYER, E. Comprehension of Television News Signed Language Interpreters: A South African Perspective. In *Interpreting. A Critical Investigation of Deaf Comprehension of Signed TV News Interpretation*, 17:2, pp: 195-225, 2013.
- WHYATT, B. In Search of Directionality effects in the translation process and in the end product. *Translation, Cognition & Behavior*, Volume 2, Issue 1, p. 79-100, 2019.
- WURM, S. Deconstructing translation and interpreting prototypes: A case of written-to-signed-language translation. *Translation Studies*, [s.l.], v. 7, n. 3, p. 249-266, Informa UK Limited, 2014.
- ZAMPIER, P. Uma análise de perfis de competência tradutória e sua influência sobre o processo de tradução no par linguístico Libras-português. 150 f. *Dissertação* (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

APÊNDICE 1 – Instruções para o participante piloto

Instruções para a tarefa direta

Realize a interpretação da seguinte fábula da Libras para o Português. Você terá o dobro do tempo da extensão total do TF para se familiarizar com ele. Você não poderá usar nenhum apoio ou fonte externa no momento da familiarização. Você interpretará essa história para alunos ouvintes fluentes em Português dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola do município de Florianópolis. Durante o processo de interpretação você não contará com o auxílio de outro intérprete.

Protocolo Verbal Livre:

Nesta parte do experimento, você assistirá ao vídeo da sua interpretação da fábula que você acabou de executar. Você poderá assistir ao vídeo na velocidade que desejar e poderá pausá-lo sempre que precisar. O objetivo é que, à medida que você assiste ao processo de interpretação, você possa descrever, com total liberdade, todos os pensamentos, reflexões e ideias que passaram pela sua cabeça durante a execução dessa tarefa, destacando questões como:

1. Facilidade na interpretação: trechos em que você conseguiu interpretar com considerável facilidade, sem ter de parar para pensar na estória ou nas palavras que deveria falar.

2. Dificuldade na interpretação: trechos em que você precisou relembrar a estória da fábula ou algum sinal ou repensar sobre a escolha de alguma palavra ou sobre o que você estava fazendo.

Lembre-se de que esse relato é espontâneo e você poderá falar o que desejar sobre a tarefa de interpretação. Não se censure. Sinta-se à vontade para falar sobre qualquer aspecto do seu processo de interpretação.

Instruções para a tarefa inversa

Faça a interpretação da seguinte fábula do Português para Libras. Você interpretará essa história para alunos surdos fluentes em Libras dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola do município de Florianópolis. Durante o processo de interpretação você não contará com o auxílio de um intérprete de apoio. Esse vídeo tem 3 minutos e meio de duração. Você terá o dobro do tempo da extensão total do TF para se familiarizar com ele. Você não poderá usar nenhum apoio ou fonte externa. 10 minutos no total.

Protocolo Verbal Livre:

Nesta parte do experimento, você assistirá ao vídeo da sua interpretação da fábula que você acabou de executar. Você poderá assistir ao vídeo na velocidade que desejar e poderá pausá-lo sempre que precisar. O objetivo é que, à medida que você assiste ao processo de interpretação, você possa descrever, com total liberdade, todos os pensamentos, reflexões e ideias que passaram pela sua cabeça durante a execução dessa tarefa, destacando questões como:

1. Facilidade na interpretação: trechos em que você conseguiu interpretar com considerável facilidade, sem ter de parar para pensar na história ou nos sinais que deveria fazer.

2. Dificuldade na interpretação: trechos em que você precisou lembrar a história da fábula ou algum sinal ou repensar sobre a escolha de algum sinal ou sobre o que você estava fazendo.

Lembre-se de que esse relato é espontâneo e você poderá escrever o que desejar sobre a tarefa de interpretação. Não se censure. Sinta-se à vontade para falar sobre qualquer aspecto do seu processo de interpretação.

APÊNDICE 2 – Questionário de perfil linguístico, acadêmico e profissional

Questionário - Interpretação Simultânea Português-Libras
<p>Prezado(a) Tradutor(a) e Intérprete de Língua de Sinais (TILS),</p> <p>Você está sendo convidado(a) a responder a um questionário que visa selecionar participantes para uma pesquisa empírico-experimental que descreverá o processo de interpretação simultânea intermodal, Libras-português, nas direções direta (da Libras para o português) e inversa (do português para Libras) em relação às línguas do intérprete ouvinte.</p> <p>A pesquisa está sendo conduzida pela mestrandia Vitória Tassara, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Rodrigues (UFSC) e sob a coorientação da Profa. Dra. Norma Fonseca (IFSP).</p> <p>Ao clicar na opção abaixo — “Sou TILS e concordo em responder ao questionário” — você declara estar informado(a) sobre a pesquisa, estar ciente de que responderá a um questionário e que poderá ser selecionado(a) para participar de uma pesquisa empírico-experimental. Asseguramos sua privacidade. Caso queira receber mais informações sobre o andamento e os resultados da pesquisa, sinta-se à vontade para nos contatar.</p> <p>Mestranda Vitória Tassara – (13) 99775-4422 (WhatsApp) / vitoria.tassara@posgrad.ufsc.br</p> <p>Professor Doutor Carlos Rodrigues – (48) 99948-5725 (WhatsApp) / carlos.rodrigues@ufsc.br</p> <p>Professora Doutora Norma Fonseca - (31) 98472-4546 (WhatsApp)/ normafonseca@gmail.com</p> <p>Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – (48) 3721-6647 / secpget@gmail.com - Campus Reitor João David Ferreira Lima, CCE – Prédio B, Sala 301. Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88040-900</p>
Endereço de e-mail:
<p>Declaro que:</p> <p><input type="checkbox"/> Sou TILS e CONCORDO em responder ao questionário.</p> <p><input type="checkbox"/> Sou TILS, mas NÃO gostaria de responder ao questionário.</p> <p><input type="checkbox"/> Não sou TILS.</p>
SEÇÃO 1: Perfil do Respondente
1. Nome completo:
2. Sexo biológico:
Feminino
Masculino
Intersexo
Prefiro não informar
3. Faixa etária:
Entre 18 e 22 anos

<p>Entre 23 e 27 anos Entre 28 e 32 anos Entre 33 e 37 anos Entre 38 e 42 anos Entre 43 e 47 anos Entre 48 e 52 anos Mais de 52 anos</p>
<p>4. Estado onde mora: Acre (AC) Alagoas (AL) Amapá (AP) Amazonas (AM) Bahia (BA) Ceará (CE) Distrito Federal (DF) Espírito Santo (ES) Goiás (GO) Maranhão (MA) Mato Grosso (MT) Mato Grosso do Sul (MS) Minas Gerais (MG) Pará (PA) Paraíba (PB) Paraná (PR) Pernambuco (PE) Piauí (PI) Rio de Janeiro (RJ) Rio Grande do Norte (RN) Rio Grande do Sul (RS) Rondônia (RO) Roraima (RR) Santa Catarina (SC) São Paulo (SP) Sergipe (SE) Tocantins (TO)</p>
<p>5. Cidade onde você mora:</p>
<p>6. Atuação profissional (Escolha o que você considera ser a sua principal atuação e fonte de renda como profissional da tradução e/ou interpretação): Tradutor Surdo de línguas de sinais Intérprete Surdo de línguas de sinais Tradutor e Intérprete Surdo de línguas de sinais Tradutor Ouvinte de línguas de sinais Intérprete Ouvinte de línguas de sinais Tradutor e Intérprete Ouvinte de línguas de sinais</p>
<p>7. Você trabalha na mesma cidade em que mora? Sim Não</p>
<p align="center">SEÇÃO 2: Formação e experiências</p>

<p>1. Escolaridade: Ensino Médio completo Curso técnico completo Curso técnico em andamento Superior incompleto Superior completo Especialização em andamento Especialização completa Mestrado em andamento Mestrado completo Doutorado em andamento Doutorado completo</p>
<p>2. Você está matriculado em algum curso atualmente? Sim Não</p>
<p>3. Em qual curso? (Se respondeu <i>sim</i> à questão 2, escreva o nome completo do curso. Se respondeu <i>não</i>, coloque a palavra “Nenhum” abaixo).</p>
<p>4. Em qual(is) contexto(s) você atua ou já atuou como intérprete de Libras-Português? (É possível marcar mais de uma opção)? Contextos educacionais (qualquer nível de ensino) Contextos de saúde Contextos jurídicos Contextos midiáticos Contextos religiosos Contextos familiares Contextos de conferências Contextos de lazer e turismo Contextos empresariais</p>
<p>5. Em relação às línguas que você domina, você considera que: Libras – L1 ou L2 Português – L1 ou L2</p>
<p>6. Há quanto tempo você atua PROFISIONALMENTE como INTÉRPRETE de Libras-Português? Não atuo profissionalmente como intérprete. Menos de 1 ano Entre 1 e 3 anos Entre 4 e 6 anos Entre 7 e 9 anos Entre 10 e 12 anos Entre 13 e 15 anos Entre 16 e 18 anos Mais de 18 anos</p>
<p>7. Em qual das direções você realiza trabalhos de INTERPRETAÇÃO com mais frequência? Da Libras para o Português (vocalização) Do Português para Libras (sinalização) Da Libras para uma língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais (sinalização) De uma língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para a Libras</p>

<p>(sinalização) Raramente realizo atividades de interpretação.</p>
<p>8. Qual porcentagem de interpretação inversa (de sua L1 para sua L2) você realiza profissionalmente? Não atuo profissionalmente como intérprete. Menos de 10% Entre 11% e 20% Entre 21% e 30% Entre 31% e 40% Entre 41% e 50% Entre 51% e 60% Entre 61% e 70% Entre 71% e 80% Entre 81% e 90% Entre 91% e 100% Não sei informar a porcentagem.</p>
<p>9. Qual porcentagem de interpretação direta (de sua L2 para sua L1) você realiza profissionalmente? Não atuo profissionalmente como intérprete. Menos de 10% Entre 11% e 20% Entre 21% e 30% Entre 31% e 40% Entre 41% e 50% Entre 51% e 60% Entre 61% e 70% Entre 71% e 80% Entre 81% e 90% Entre 91% e 100% Não sei informar a porcentagem.</p>
<p>10. Ao interpretar, você tem alguma preferência entre fazer a sinalização (Português para Libras ou entre duas línguas de sinais/Sinais Internacionais) ou a vocalização (Línguas de Sinais ou Sinais Internacionais para Português)? Sim, prefiro a sinalização (do Português para uma língua de sinais ou para SI) Sim, prefiro a sinalização (entre duas línguas de Sinais ou de línguas de sinais para SI) Sim, prefiro a vocalização (de línguas de sinais ou SI para o Português) Não tenho preferência</p>
<p>11. Em qual direcionalidade você sente mais dificuldade para interpretar? Da Libras para o Português (vocalização) Do Português para Libras (sinalização) Da Libras para uma língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais (sinalização) De uma língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para a Libras (sinalização)</p>
<p>12. Há alguma modalidade de interpretação que você se sente MAIS CONFORTÁVEL para realizar? (É possível marcar mais de uma opção). Interpretação Consecutiva curta (intermitente) da Libras para o Português Interpretação Consecutiva curta (intermitente) do Português para Libras</p>

<p>Interpretação Consecutiva longa da Libras para uma língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais</p> <p>Interpretação Consecutiva longa de uma língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para a Libras</p> <p>Interpretação Simultânea da Libras para o Português</p> <p>Interpretação Simultânea do Português para Libras</p> <p>Interpretação Simultânea da Libras para uma língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais</p> <p>Interpretação Simultânea de uma língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para a Libras</p> <p>Em TODAS as modalidades acima me sinto confortável</p> <p>Não me sinto confortável em NENHUMA das modalidades acima</p>
<p>13. Você tem experiência na INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA INTERMODAL DE TEXTOS NARRATIVOS (por exemplo, crônicas, fábulas, contos, poemas, piadas, histórias, notícias de jornal etc.)?</p> <p>Sim</p> <p>Não</p>
<p>14. Em quais contextos você tem mais experiência na INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA INTERMODAL DE NARRATIVAS (por exemplo, crônicas, fábulas, contos, poemas, piadas, histórias, notícias de jornal etc.)?</p> <p>Não tenho experiência de interpretação simultânea desse gênero textual</p> <p>Contextos educacionais (qualquer nível de ensino)</p> <p>Contextos de saúde</p> <p>Contextos jurídico</p> <p>Contextos midiáticos</p> <p>Contextos religiosos</p> <p>Contextos familiares</p> <p>Contextos de conferências</p> <p>Contextos de lazer e turismo</p> <p>Contextos empresariais</p> <p>Contextos artísticos</p>
<p>15. Há algum gênero textual, oral e/ou escrito, que você NÃO SE SENTE PREPARADO/A para traduzir/interpretar?</p> <p>Textos acadêmicos escritos</p> <p>Textos acadêmicos orais (falado)</p> <p>Textos jurídicos escritos</p> <p>Textos jurídicos orais (falado)</p> <p>Textos midiáticos/audiovisuais</p> <p>Textos literários escritos (contos, fábulas, histórias infantis, etc)</p> <p>Textos literários orais (contos, fábulas, histórias infantis, etc)</p> <p>Textos escritos da área da saúde</p> <p>Textos orais da área da saúde</p> <p>Me sinto preparado para TRADUZIR QUALQUER UM desses gêneros textuais</p> <p>Me sinto preparado para INTERPRETAR QUALQUER UM desses gêneros textuais</p> <p>NÃO me sinto preparado para TRADUZIR NENHUM desses gêneros textuais</p>

NÃO me sinto preparado para INTERPRETAR NENHUM desses gêneros textuais

Sinta-se à vontade para deixar qualquer comentário, crítica ou sugestão para nós.

APÊNDICE 3 – TCLE do Estudo PilotoUNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃOTERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(INTÉRPRETES DE PORTUGUÊS-LIBRAS)

Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa *O Processo de Interpretação Simultânea entre Línguas e Modalidades: Competência, Intermodalidade e Direcionalidade*, associada ao Projeto de Mestrado da pesquisadora Vitória Tassara Costa Silva, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues. O objetivo é a investigação e descrição do processo de interpretação simultânea intermodal, Libras-português, em duas direções: inversa e direta. A pesquisa envolve a aplicação de questionários para traçar o perfil dos intérpretes, a coleta de dados por meio das filmagens de uma tarefa de interpretação simultânea realizada por intérpretes de Português-Libras, a coleta de relatos sobre a tarefa realizada e a realização de entrevistas semiestruturadas.

Em consonância com item VII do Artigo 3º da Resolução 510/16, o qual determina a “garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz.”, não haverá divulgação de suas filmagens e imagens em nenhum meio, utilizaremos apenas as transcrições desses dados, ou seja, esses dados coletados não serão usados para outros fins, salvo a produção da Dissertação de Mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à Dissertação.

A pesquisa apresenta o risco da quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional, assim como de eventuais desconfortos que podem ocorrer durante a realização de uma interpretação: desgaste físico e cognitivo. No entanto, caso a sua participação na pesquisa provoque algum tipo de mal-estar, desconforto, constrangimento, sofrimento ou aborrecimento, pedimos que informe imediatamente ao pesquisador. Você pode se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados com o desenvolvimento dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais, com foco na interpretação intermodal direta e inversa. A pesquisa servirá como referência futura para a formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais e, principalmente, para a de intérpretes intermodais que atuem em contextos que exijam interpretação direta e inversa. Vale salientar que essa pesquisa não lhe oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens

materiais) e que você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa, você poderá solicitar a indenização, conforme a legislação vigente.

Este termo de consentimento livre e esclarecido têm duas vias que devem ser rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador. Uma cópia será arquivada pelo pesquisador e a outra ficará com você para que, caso queira, possa consultar os contatos e seus direitos ao participar desta pesquisa.

Após a conclusão do estudo, os pesquisadores se comprometem em garantir que você tenha acesso aos resultados da pesquisa, podendo disponibilizar uma cópia do estudo, se houver interesse.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O CEPSH é um órgão interdisciplinar, deliberativo e educativo, vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, a fim de contribuir no desenvolvimento da pesquisa normatizada pelos padrões éticos.

Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa, Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues e Mestranda Vitória Tassara Costa Silva comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução CNS 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Eu, _____, RG _____, CPF _____, aceito participar da pesquisa *O Processo de Interpretação Simultânea entre Línguas de Diferentes Modalidades: Competência, Intermodalidade e Direcionalidade* dos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Mestranda Vitória Tassara Costa Silva e Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues.

Diante dessas informações dadas pelos pesquisadores, estou ciente do que a pesquisa trata e de como será realizada e, também, de que ela não oferece nenhum risco além daqueles desconfortos comuns que podem ocorrer durante a interpretação: desgaste físico e cognitivo, assim como uma eventual quebra de sigilo.

Os pesquisadores também deixaram claro que tenho assegurada minha privacidade, a manutenção do sigilo dos dados confidenciais fornecidos, a garantia de quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, antes e durante o seu curso, e a liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, bastando comunicar minha decisão a eles. Também estou ciente de que não receberei nenhuma remuneração para participar dessa pesquisa.

Portanto, assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, que serão assinadas também pela pesquisadora Vitória Tassara Costa Silva, sendo que uma cópia se destina a mim, como participante, e a outra aos pesquisadores.

Florianópolis, ____ de _____ de 2019.

 Assinatura do participante

 Pesquisadora Vitória Tassara

Mestranda Vitória Tassara Costa Silva – 13 99775 4422 (*whatsapp*) /

vitória.tassara@posgrad.ufsc.br

Professor Dr. Carlos Henrique Rodrigues – 48 9 9948-5725 (*whatsapp*) /

carlos.rodrigues@ufsc.br

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – 48 3721-6647 /

secpget@gmail.com

Campus Reitor João David Ferreira Lima, CCE – Prédio B, Sala 301. Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88040-900

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CESPH) – 48 3721-6094 /

cep.propesq@contato.ufsc.br Pró-Reitoria de Pesquisa, Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, 222, Sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE FILMAGEM

Participante: _____

Título da pesquisa: O Processo de Interpretação Simultânea entre Línguas e Modalidades: Competência, Intermodalidade e Direcionalidade.

Sua privacidade e seu bem-estar no decorrer da tarefa de interpretação são muito importantes para nós. Visto que filmagem e gravação são elementos sensíveis, elaboramos um Termo de Autorização de Filmagem, que será assinado em duas vias, para fins da filmagem de dois momentos da pesquisa: i) Filmagem da Tarefa de Interpretação Simultânea e ii) A gravação em vídeo do momento das entrevistas.

Assim, ao assinar esse Termo de Autorização de Filmagem, você:

- Autoriza a gravação/filmagem de sua tarefa de interpretação simultânea.
- Além de autorizar a realização da filmagem e a gravação da tarefa de interpretação simultânea, também autoriza a gravação da entrevista semiestruturada.

- Fica ciente que suas filmagens/imagens não serão utilizadas para outros fins salvo a produção da Dissertação de Mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à Dissertação.

Eu, _____, RG _____, CPF _____, li o Termo de Autorização de Filmagem e aceito autorizar a gravação/filmagem de minha tarefa de interpretação simultânea e da entrevista semiestruturada. Estou ciente também que meus dados de filmagem não serão divulgados em nenhum meio de modo algum, salvo a produção da Dissertação de Mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à Dissertação da Mestranda que aqui refere-se.

Portanto, assino este Termo de Autorização de Filmagem em duas vias, que serão assinadas também pela pesquisadora Vitória Tassara Costa Silva, sendo que uma cópia se destina a mim, como participante, e a outra aos pesquisadores.

Florianópolis, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante

Pesquisadora Vitória Tassara

APÊNDICE 4 – TCLE da produção do TF em LibrasUNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃOTERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(GRAVAÇÃO EM LIBRAS DO TEXTO-FONTE)

Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa *O Processo de Interpretação Simultânea entre Línguas e Modalidades: Competência, Intermodalidade e Direcionalidade*, associada ao Projeto de Mestrado da pesquisadora Vitória Tassara Costa Silva, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues. O objetivo é a investigação e descrição do processo de interpretação simultânea intermodal, Libras-português, em duas direções: inversa e direta. A pesquisa envolve a aplicação de questionários para traçar o perfil dos intérpretes, a coleta de dados por meio das filmagens de uma tarefa de interpretação simultânea realizada por intérpretes de Português-Libras, a coleta de relatos sobre a tarefa realizada e a realização de entrevistas semiestruturadas.

Em consonância com item VII do Artigo 3º da Resolução 510/16, o qual determina a “garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz.”, não haverá divulgação de suas filmagens e imagens em nenhum meio, utilizaremos apenas as transcrições desses dados, ou seja, esses dados coletados não serão usados para outros fins, salvo a produção da Dissertação de Mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à Dissertação.

A pesquisa apresenta o risco da quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional, assim como de eventuais desconfortos que podem ocorrer durante a realização de uma interpretação: desgaste físico e cognitivo. No entanto, caso a sua participação na pesquisa provoque algum tipo de mal-estar, desconforto, constrangimento, sofrimento ou aborrecimento, pedimos que informe imediatamente ao pesquisador. Você pode se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados com o desenvolvimento dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais, com foco na interpretação intermodal direta e inversa. A pesquisa servirá como referência futura para a formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais e, principalmente, para a de intérpretes intermodais que atuem em contextos que exijam interpretação direta e inversa. Vale salientar que essa pesquisa não lhe oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens

materiais) e que você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa, você poderá solicitar a indenização, conforme a legislação vigente.

Este termo de consentimento livre e esclarecido têm duas vias que devem ser rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador. Uma cópia será arquivada pelo pesquisador e a outra ficará com você para que, caso queira, possa consultar os contatos e seus direitos ao participar desta pesquisa.

Após a conclusão do estudo, os pesquisadores se comprometem em garantir que você tenha acesso aos resultados da pesquisa, podendo disponibilizar uma cópia do estudo, se houver interesse.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O CEPSH é um órgão interdisciplinar, deliberativo e educativo, vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, a fim de contribuir no desenvolvimento da pesquisa normatizada pelos padrões éticos.

Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa, Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues e Mestranda Vitória Tassara Costa Silva comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução CNS 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Eu, _____, RG

_____,
 CPF _____, aceito participar da pesquisa *O Processo de Interpretação Simultânea entre Línguas de Diferentes Modalidades: Competência, Intermodalidade e Direcionalidade* dos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Mestranda Vitória Tassara Costa Silva e Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues.

Diante dessas informações dadas pelos pesquisadores, estou ciente do que a pesquisa trata e de como será realizada e, também, de que ela não oferece nenhum risco além daqueles desconfortos comuns que podem ocorrer durante a interpretação: desgaste físico e cognitivo, assim como uma eventual quebra de sigilo.

Os pesquisadores também deixaram claro que tenho assegurada minha privacidade, a manutenção do sigilo dos dados confidenciais fornecidos, a garantia de quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, antes e durante o seu curso, e a liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, bastando

comunicar minha decisão a eles. Também estou ciente de que não receberei nenhuma remuneração para participar dessa pesquisa.

Portanto, assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, que serão assinadas também pela pesquisadora Vitória Tassara Costa Silva, sendo que uma cópia se destina a mim, como participante, e a outra aos pesquisadores.

Florianópolis, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante

Pesquisadora Vitória Tassara

Mestranda Vitória Tassara Costa Silva – 13 99775 4422 (*WhatsApp*) /

vitória.tassara@posgrad.ufsc.br

Professor Dr. Carlos Henrique Rodrigues – 48 9 9948-5725 (*WhatsApp*) /

carlos.rodrigues@ufsc.br

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – 48 3721-6647 /
secpget@gmail.com

Campus Reitor João David Ferreira Lima, CCE – Prédio B, Sala 301. Trindade, Florianópolis/SC,
CEP 88040-900

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CESPH) – 48 3721-6094 /
cep.propesq@contato.ufsc.br Pró-Reitoria de Pesquisa, Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima,
222, Sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400

APÊNDICE 5 – TCLE da produção do TF em português

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(GRAVAÇÃO EM PORTUGUÊS DO TEXTO-FONTE)

Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa *O Processo de Interpretação Simultânea entre Línguas e Modalidades: Competência, Intermodalidade e Direcionalidade*, associada ao Projeto de Mestrado da pesquisadora Vitória Tassara Costa Silva, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues. O objetivo é a investigação e descrição do processo de interpretação simultânea intermodal, Libras-português, em duas direções: inversa e direta. A pesquisa envolve a aplicação de questionários para traçar o perfil dos intérpretes, a coleta de dados por meio das filmagens de uma tarefa de interpretação simultânea realizada por intérpretes de Português-Libras, a coleta de relatos sobre a tarefa realizada e a realização de entrevistas semiestruturadas.

Em consonância com item VII do Artigo 3º da Resolução 510/16, o qual determina a “garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz.”, não haverá divulgação de suas filmagens e imagens em nenhum meio, utilizaremos apenas as transcrições desses dados, ou seja, esses dados coletados não serão usados para outros fins, salvo a produção da Dissertação de Mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à Dissertação.

A pesquisa apresenta o risco da quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional, assim como de eventuais desconfortos que podem ocorrer durante a realização de uma interpretação: desgaste físico e cognitivo. No entanto, caso a sua participação na pesquisa provoque algum tipo de mal-estar, desconforto, constrangimento, sofrimento ou aborrecimento, pedimos que informe imediatamente ao pesquisador. Você pode se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados com o desenvolvimento dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais, com foco na interpretação intermodal direta e inversa. A pesquisa servirá como referência futura para a formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais e, principalmente, para a de intérpretes intermodais que atuem em contextos que exijam interpretação direta e inversa. Vale salientar que essa pesquisa não lhe oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens

materiais) e que você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa, você poderá solicitar a indenização, conforme a legislação vigente.

Este termo de consentimento livre e esclarecido têm duas vias que devem ser rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador. Uma cópia será arquivada pelo pesquisador e a outra ficará com você para que, caso queira, possa consultar os contatos e seus direitos ao participar desta pesquisa.

Após a conclusão do estudo, os pesquisadores se comprometem em garantir que você tenha acesso aos resultados da pesquisa, podendo disponibilizar uma cópia do estudo, se houver interesse.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O CEPSH é um órgão interdisciplinar, deliberativo e educativo, vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, a fim de contribuir no desenvolvimento da pesquisa normatizada pelos padrões éticos.

Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa, Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues e Mestranda Vitória Tassara Costa Silva comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução CNS 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Eu, _____, RG _____,

CPF _____, aceito participar da pesquisa *O Processo de Interpretação Simultânea entre Línguas de Diferentes Modalidades: Competência, Intermodalidade e Direcionalidade* dos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Mestranda Vitória Tassara Costa Silva e Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues.

Diante dessas informações dadas pelos pesquisadores, estou ciente do que a pesquisa trata e de como será realizada e, também, de que ela não oferece nenhum risco além daqueles desconfortos comuns que podem ocorrer durante a interpretação: desgaste físico e cognitivo, assim como uma eventual quebra de sigilo.

Os pesquisadores também deixaram claro que tenho assegurada minha privacidade, a manutenção do sigilo dos dados confidenciais fornecidos, a garantia de quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, antes e durante o seu curso, e a liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, bastando

comunicar minha decisão a eles. Também estou ciente de que não receberei nenhuma remuneração para participar dessa pesquisa.

Portanto, assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, que serão assinadas também pela pesquisadora Vitória Tassara Costa Silva, sendo que uma cópia se destina a mim, como participante, e a outra aos pesquisadores.

Florianópolis, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante

Pesquisadora Vitória Tassara

Mestranda Vitória Tassara Costa Silva – 13 99775 4422 (*WhatsApp*) /

vitória.tassara@posgrad.ufsc.br

Professor Dr. Carlos Henrique Rodrigues – 48 9 9948-5725 (*WhatsApp*) /

carlos.rodrigues@ufsc.br

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – 48 3721-6647 /
secpget@gmail.com

Campus Reitor João David Ferreira Lima, CCE – Prédio B, Sala 301. Trindade, Florianópolis/SC,
CEP 88040-900

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CESPH) – 48 3721-6094 /
cep.propesq@contato.ufsc.br Pró-Reitoria de Pesquisa, Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima,
222, Sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400

APÊNDICE 6 – Transcrição do TF em Libras

SinaisD	TEMA	LEAO	RATO	PAUSA	SS(dia)	CL(lugar-floresta)	ARVORE
SinaisD	TER	ANIMAIS	GIRAFRA	ELEFANTE	CL(varios-animais)	PAUSA	
SinaisD	ELEFANTE	ANDAR	GIRAFRA	CL(jeito-girafa-andar)			
SinaisD	CL(varios-animais-lugar)	LEAO	SENTAR	BRINCAR	FILHO		
SinaisD	CL(muito-fihote-leao)	NOITE	DIA	PAUSA	RATO		
SinaisD	CL(rato-andar-olhar-lugar)	OUVIR	LÁ	AGUIA	VOAR	VOCE	
SinaisD	COMER	VOAR	PASSARO	RATO	CL(rato-olhar-aguia)	CORRER	
SinaisD	CL(buraco-madeira)	CL(rato-entrar-buraco-madeira)					
SinaisD	CL(rato-olhar-atras)	CL(rato-alivio)	ANDAR	CL(madeira)			
SinaisD	CL(rato-andar-madeira)	ANDAR	ACONTECER	LEAO	PEGAR		
SinaisD	CL(leao-segurar-rabo-rato)	RATO	POR-FAVOR	MATAR	EU		
SinaisD	POR-FAVOR	NÃO	POR-FAVOR	CL(leao-segurar-rabo-rato)			
SinaisD	CL(leao-deixar-rabo-rato)	OBRIGADO	EU	FILHO	LÁ	CL(medo)	
SinaisD	ANDAR	LEAO	VER	DEIXAR	ANDAR	ACONTECER	HOMEM
SinaisD	CL(chapeu)	CL(roupa-caçador)	ONDE	TRABALHAR	XXX		
SinaisD	CAÇADOR	ANIMAIS	CARRO	CL(carro-andar)	ARVORE	PENSAR	
SinaisD	IDEIA	ARRUMAR	CL(muito-fio)	CL(arrumar-fio-em-arvore)			
SinaisD	CL(muito-fio-deixar-chao)	FOLHA	CL(arrumar-folha-chão)	PAUSA			
SinaisD	LEAO	ANDAR	HOMEM	ESCONDER	AQUI	PAUSA	LEAO

SinaisD ANDAR VER-NAO CL(muito-fio-deixar-chao) VER-NAO ANDAR

SinaisD CL(pe-pisar-fio) CL(muito-fio-prender-leao) LEAO GRITAR-ALTO

SinaisD PAUSA RATO ANDAR GRITAR-ALTO ANDAR PROCURAR

SinaisD FLAGRAR ARVORE CL(muito-fio) PAUSA CL(rato-subir-arvore)

SinaisD CL(rato-subir-arvore) CL(muito-fio) ESPERAR EU ROER PAUSA

SinaisD LEAO VOCE ESPERAR CL(rato-roer-fios) CL(fio-cortar)

SinaisD CL(cortar-varias-fios) CL(fios-cair) LEAO CAIR RATO VIU EU

SinaisD ROER DENTE FORTE LEAO BELEZA OBRIGADO ANDAR

SinaisD SAIR PEGAR FIO CL(rato-levar-fio) ANDAR

SinaisD CL(rato-andar-grama) FILHO CL(muito-filhote-rato) ESSE ELE

SinaisD VOCE ROER RATO FILHO ROER CHEIRO ROER XXX

SinaisD SS(dia) ENCONTRAR FAMILIA RATO FAMILIA LEAO FILHOS

SinaisD INTEGRAR

APÊNDICE 7 – Transcrição do TF em português

A Tartaruga e a Lebre. Certa vez, uma tartaruga *tava* descansando em cima de um tronco de uma árvore quando apareceu correndo uma lebre. *Tava* correndo tão rápido que esbarrou na tartaruga e a tartaruga acordou. Aí a tartaruga acordou e viu que era aquela lebre. Aquela lebre que *tava* sempre se gabando, que ela era mais veloz de todos os bichos e que *tava* sempre zombando da tartaruga que era um bicho muito lento. Pois sabe que naquele dia, a tartaruga resolveu desafiar a lebre para uma corrida. A lebre topou na hora. Inclusive tirou um lenço que ela tinha no pescoço, um lenço todo quadriculado, entregou *pra* raposa e perguntou se a raposa não queria ser a juíza daquela corrida. A raposa topou, todos os bichos se aproximaram e foi dada a largada. A lebre saiu em disparada e a tartaruga devagar e sempre, mas muito determinada, seguiu também seu caminho. E assim foi a corrida: passaram por pedras, por morros, passaram por um lago... A lebre, olhou para trás e nem sinal da tartaruga, realmente era muito veloz, a tartaruga devia *tá* lá no começo ainda. Aí de repente a lebre passou por uma plantação de alface. E nessa hora bateu fome na lebre e ela parou por ali mesmo. Comeu tanto alface, mas tanto alface, que encheu a barriga e precisou descansar um pouquinho. Como ela *tava* muito na frente nem se preocupou, a tartaruga nunca ia alcançar ela. E a lebre ficou lá, descansando, descansando. E a tartaruga devagar e sempre, mas muito determinada, seguiu o seu caminho. De repente, a tartaruga chegou no topo da montanha, olhou lá *pra* baixo e ficou com um pouquinho de medo. Mas nesse medo, junto com esse medo, veio um tropeção e a tartaruga saiu rolando, rolando, rolando chegou lá embaixo... se machucou um pouquinho, mas na verdade isso ajudou a tartaruga a chegar mais rápido, então a tartaruga seguiu: devagar e sempre, mas muito determinada. Passou pela lebre, que *tava* ali, dormindo e roncando. E a tartaruga foi chegando... foi chegando perto da linha de chegada, a bicharada já *tava* toda lá, esperando quem? A lebre. Mas quem que *tava* chegando na frente? A tartaruga! Nisso, a lebre acordou de sobressalto e tentou sair correndo para alcançar a tartaruga, só que sabe... ela tinha comido tanto alface que pesou aquilo no estômago... sabe como é, quando a gente come muito assim... e também ela tinha acabado de acordar, *tava* meio sem fôlego e tentou alcançar a tartaruga mas... uh-uh, não conseguiu. Quem ganhou a corrida foi a tartaruga. E aí não teve jeito, a lebre teve que se render, dar os parabéns para tartaruga e como prêmio entregou aquele lenço *quadriculadinho* xadrez que ela tinha emprestado *pra* raposa e deu de presente *pra* tartaruga, que ficou toda orgulhosa. E os bichos também ficaram muito felizes que quem ganhou a corrida foi a tartaruga. Agora eu fico pensando qual será o próximo bicho que a tartaruga vai desafiar. Mas aí já é outra história.